

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

CÁRITON

QUÉREAS E  
CALÍRROE

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO  
MARIA DE FÁTIMA SILVA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**Apresentação:** Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

#### Breve nota curricular sobre a autora da tradução

Maria de Fátima Sousa e Silva é Professora Catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Como tese de doutoramento, versou um tema de comédia grega antiga (*Crítica do Teatro na Comédia Grega*). Veio a desenvolver a partir daí a mesma temática com a publicação de numerosos artigos. Publicou também traduções comentadas de nove peças de Aristófanes, e um volume com a tradução das peças de Menandro e boa parte dos fragmentos mais bem conservados do mesmo autor.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORAS PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares

Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva

Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte

Universidade de São Paulo

Frederico Lourenço

Universidade de Coimbra

Aurelio Pérez Jiménez

Universidad de Málaga

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira

Graciela Zeccin

Universidade de La Plata

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen

Universidade de Oviedo

Fernanda Brasete

Universidade de Aveiro

Jorge Deserto

Universidade do Porto

Fernando Brandão dos Santos

UNESP, Campus de Araraquara

Maria José García Soler

Universidade do País Basco

Francesc Casadesús Bordoy

Universitat de les Illes Balears

Susana Marques Pereira

Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

CÁRITON

QUÉREAS E  
CALÍRROE

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

MARIA DE FÁTIMA SILVA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

TÍTULO TITLE

Quéreas e Calíroo  
Chaereas and Kallirroo

AUTOR AUTHOR

Cáriton Chariton

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE GREEK, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Maria de Fátima Silva  
ORCID 0000-0001-5356-8386

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume Editora \* Comunicação  
Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

[www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Contacto Contact

[@annablume.com.br](mailto:@annablume.com.br)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Impressões Improváveis, Lda.

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1503-5

ISBN Digital

978-989-26-1504-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1504-2>

Depósito Legal Legal Deposit

443692/18



POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto  
- UID/ELT/00196/2013.

© julho 2018

Annablume Editora \* São Paulo  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis  
<http://classicadigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

CÁRITON, ca 100

Quéreas e Calíroo. – (Autores gregos  
e latinos)

ISBN 978-989-26-1503-5 (ed. impressa)

ISBN 978-989-26-1504-2 (ed. eletrónica)

CDU 821.14'02-31

CÁRITON CHARITON

QUÉREAS E CALÍRROE  
CHAEREAS AND KALLIRROE

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR  
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY  
Maria de Fátima Silva

FILIAÇÃO AFFILIATION  
Universidade de Coimbra University of Coimbra

RESUMO

O romance de Cáriton, *Quéreas e Calírroe*, pertence ao género ‘romance de amor’, um modelo com grande difusão na literatura grega da época helenística. Apesar de todas as dificuldades de datação, há algum consenso sobre a ideia de que se trata do mais antigo dos textos conservados do mesmo género. Além da sobriedade de estilo e da importância de um texto que repercute toda uma tradição literária anterior, o romance de Cáriton tem, como sua particularidade, uma falsa patine histórica, que resulta da menção de alguns acontecimentos e personagens paradigmáticos.

PALAVRAS-CHAVE

Cáriton, *Quéreas e Calírroe*, romance grego

ABSTRACT

The novel of Chariton, *Chaereas and Kallirroë*, belongs to the ‘love novel’, a model of great success in Greek hellenistic literature. Although its date has been largely discussed, there is some consensus about the possibility that Chariton’s is the oldest text preserved of this genre. As the novel texts in general it is marked by an elegant style and the reception of a long literary and cultural tradition. At the same time, the author uses a kind of historical patine, produced by the reference to well known events and figures.

KEYWORDS

Keywords: Chariton, *Chaereas and Kallirroë*, Greek novel

## AUTORA

Maria de Fátima Sousa e Silva é Professora Catedrática do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra. Como tese de doutoramento, versou um tema de comédia grega antiga (*Crítica do Teatro na Comédia Grega*). Veio a desenvolver a partir daí a mesma temática com a publicação de numerosos artigos. Publicou também traduções comentadas de nove peças de Aristófanes, e um volume com a tradução das peças de Menandro e boa parte dos fragmentos mais bem conservados do mesmo autor.

## AUTHOR

Maria de Fátima Sousa e Silva is Full Professor in the Institute of Classical Studies at the University of Coimbra. Her PhD field of research was Ancient Greek Comedy (*Theatre criticism in Ancient Greek Comedy*). She has since then been undertaking research in the same area and has published several articles. She has also published translations, with commentaries, of nine comedies by Aristophanes, and a volume with the translation of Menander's plays and best-preserved fragments.



# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

- |                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| 1. Cáriton, o homem e o seu tempo   | 9  |
| 2. Agentes da ação romanesca        | 18 |
| 3. Um padrão de estrutura narrativa | 46 |

## BIBLIOGRAFIA

62

## QUÉREAS E CALÍRROE

- |            |     |
|------------|-----|
| Livro I    | 67  |
| Livro II   | 93  |
| Livro III  | 112 |
| Livro IV   | 135 |
| Livro V    | 151 |
| Livro VI   | 172 |
| Livro VII  | 190 |
| Livro VIII | 204 |

(Página deixada propositadamente em branco)

# INTRODUÇÃO

## 1. CÁRITON, O HOMEM E O SEU TEMPO

O género romance representa uma última invenção na vitalidade diacrónica da literatura grega antiga; já na época helenística, conhece o seu embrião um modelo literário que veio a impor-se por uma perenidade à partida insuspeitada. Depois das glórias do passado - as poesias épica e lírica, o teatro, a historiografia -, o romance apareceu como uma florescência tardia, que, desde logo, suscitou reservas e críticas. Para estas contribuía a própria essência do novo padrão: histórias de ficção em prosa, de tema ligeiro e sentimental, organizadas num esquema estrutural flexível e expressas em linguagem despreziosa; ou seja, a narrativa de ficção, sempre expressa em verso na literatura helénica, avançava agora pelos modelos da prosa, em geral reservada ao texto de características mais técnicas (historiografia e filosofia) ou científicas. A própria novidade do tema e da forma despertou objeções que, por motivos diversos, persistiram até ao nosso século.

Parece, porém, fora de causa que o género nascente exprimiu a sensibilidade de uma outra época e uma experiência histórica e social diferente. A partir das conquistas de Alexandre, no séc. IV a. C., novos horizontes se abriram ao homem grego. Com o desabar das fronteiras estreitas da *pólis* e com o avanço para um universo de dimensões mais amplas, primeiro sobretudo centrado em volta do Mediterrâneo oriental, rasgava-se para o espírito grego uma nova era: mais do que um cidadão de uma comunidade estreita e fechada sobre si própria, o homem

sentia-se uma partícula neste vasto espaço agora acessível. Depois o nascimento e expansão de um outro império, o romano, consumou o eclipse da antiga supremacia política e social da Hélade.

A brecha aberta nas muralhas da cidade provara, por outro lado, que era falsa a segurança que a organização pública da *pólis* parecia garantir ao cidadão. Atirado para um mundo desconhecido e imprevisível, o homem viu-se entregue a si próprio, acessível às ameaças do destino, peregrino de caminhos e horizontes sem fim, que o deixaram exposto a constantes perigos e tempestades. O novo género dá voz a esse individualismo e à instabilidade pessoal que o caracteriza, privilegiando a experiência, sobretudo sentimental, do ser humano. A substituir a função protetora do Estado, o homem olha com esperança para a família e os amigos, as únicas promessas ativas e confiáveis de solidariedade e filantropia. E acima de tudo o amor motiva-o a uma ação que visa a maior das odisseias, a busca da estabilidade e da ventura.

Convencionalmente a narrativa romanesca centra-se nas aventuras de um par, dominado pelo amor, dado a sentimentos frágeis e a emoções exacerbadas, que procura, entre os tormentos ameaçadores de uma viagem, o caminho do regresso, do reencontro e da felicidade. Perseguidos pelos caprichos da Sorte, os jovens heróis, quando separados, encontram a mais firme razão de resistência na fidelidade mútua. Uma mão benfazeja, estendida por algum deus protetor, lhes assegurará uma ventura eterna e ao público o gozo de um final feliz. Desta regra elementar do romance se faz porta-voz o próprio Cáriton, no momento de entrelaçar o caminho de sofrimentos que faz percorrer aos seus heróis, com a vereda rápida para a felicidade que os deuses enfim facultam, a custos elevados é certo, aos seus protegidos (8. 1. 3-4): “Aquele laço com que, à partida, tinha unido aquelas

duas criaturas perfeitas, que empurrou por terras e mares, quis a deusa reatá-lo. Julgo que este remate da história vai agradar em cheio aos meus leitores, pois vem desanuviar as tristezas dos episódios precedentes. Fim às piratarias, escravidões, processos, combates, tentativas de suicídio, guerras, capturas; voltemo-nos agora para amores legítimos e casamentos legais”. Na sua permanência, este padrão configurou o romance à medida da mentalidade helenística.

Um novo público exigia um outro apelo. À antiga sociedade aristocrática e depois fortemente politizada da democracia grega, como também a uma elite culturalmente preparada, alvos da literatura arcaica e clássica, sucedia-se agora, na mira do romance, uma classe ativa no comércio e nos negócios que, sob a influência da gestão imperial romana, florescia e prosperava. Uma mentalidade diferente, mais universalista, apolítica, sensível a um mundo exterior, curiosa de outras fronteiras, como também interessada em textos mais acessíveis e próximos, acolheu o romance sentimental como um espelho das suas emoções pessoais e a prosa de ficção como um passatempo. Nascia assim a literatura de grande divulgação, vocacionada para um público mais alargado, porque menos exigente ou culturalmente preparado.

Nunca foi, no entanto, por demais repetida a relação inegável entre o romance e a tradição literária grega<sup>1</sup>. Desde a épica, a primeira narrativa extensa a contemplar a viagem aventureira, passando pela historiografia, até ao teatro, sobretudo a tragédia euripídiana e a comédia nova, com a sua tendência para a análise das paixões humanas e para a progressiva definição de tipos

---

<sup>1</sup> Este assunto da herança, por parte do romance, de aspetos concretos dos géneros que o precederam na literatura grega, está amplamente desenvolvido no livro de Schmeling 1974: 42-59, bem como no de Hägg 1983: 109-124.

com os seus traços caracterizadores, sob uma forma dramática e direta, de todos os seus antepassados o romance se tornou um repositório natural. E como narrativa de aventuras e de amor que é, são suas fontes principais a *Odisseia*, Eurípides e a comédia nova.

Importará registar, no entanto, a título de exemplo da capacidade renovadora do romance, a dívida contraída em relação aos modelos, a par do esforço de reformulação e adaptação a um novo objetivo. Das aventuras de Ulisses, Cáriton retira as peripécias do percurso, os erros de porto em porto, de reino em reino, a perseguição divina, o objetivo final do reencontro com a casa e a esposa amada, objetos de uma constante fidelidade. Escasseia, porém, o elemento mitológico que transfere a nova história para um plano mais próximo e real; do lendário mito apenas uma ou outra citação assegura o paralelo, evidente e inegável, entre os dois planos.

Quanto ao amor, fora Eurípides quem lhe dera uma vivência concreta, trazendo-o à cena trágica, desvendando-lhe, nas *rheseis* confessionais das heroínas, as tonalidades difusas e complexas. Mas as conseqüências arrasadoras, que o extremo de paixão provoca, não cabem no universo mais suave do romance. Ainda que sujeito ao sofrimento, o amor passa a ser, nas palavras de García Gual<sup>2</sup>, “o único valor estável num mundo caótico, fortuito e abstruso”.

Por fim, o mesmo autor conhecera também, já por influência euripidiana, um outro tratamento, convencional e estereotipado, na comédia nova: *fabula iucundi nulla est sine amore Menandri*, reconhecera Ovídio (*Tristes* 2. 369). Mas nesse outro contexto doméstico e limitado, confinado ao espaço apertado da casa, dentro da *pólis*, não há paixão nem sentimentalismo emotivo,

---

<sup>2</sup> Introdução à tradução de Mendoza 1979: 20.

sobretudo por parte das heroínas sempre pálidas e discretas. E as barreiras a interpõem-se à felicidade, que se desligam da interferência divina, espantam-se dentro de uma oposição paterna, por simples motivos de mau gênio ou de avarizia. Do drama, Cárton aproveita também a vivacidade e o apelo direto ao público, agora imaginário, de uma forma que o seu próprio testemunho explicita, dentro do romance (5. 8. 2): “Que poeta trouxe alguma vez a cena uma história tão extravagante como aquela? Era como se se estivesse numa representação teatral, em que mil sentimentos diversos se desencadeassem ao mesmo tempo: lágrimas, alegria, espanto, piedade, desconfiança, súplicas”.

Por outro lado, e também no plano formal, a prosa de ficção recebeu um impulso decisivo da chamada Segunda Sofística, um movimento que apostou no apuramento da técnica de expressão, ou seja, da retórica. Sobre o romance influi sobretudo a arte elevada da oratória epidítica, capaz de exercícios de aparato sobre temas tirados da história, do mito ou da imaginação do autor. Configurava-se assim um novo gênero, com uma personalidade própria e distinta, herdeiro direto e assumido de uma tradição, mas conformado pela época que o vê nascer, à qual se adapta e a cujos anseios procura dar resposta.

Divulgado sobretudo a partir do séc. I a. C., tudo indica que o romance, apesar dos seus detratores, conheceu uma grande popularidade, que justificou um número abundante de criações. Desse impulso criativo são para nós testemunho, em forma completa, cinco produções, muito significativas das grandes linhas deste modelo de amor e aventuras. Concebidas em épocas diversas da evolução do gênero, permitem constatar a essência da nova convenção literária, bem como perceber, dentro do romance, um processo evolutivo de conceção. As primeiras produções, anteriores à influência marcante da Segunda Sofística, são mais lineares na sua arquitetura, mais simples e

desanuviadas da decoração barroca que veio a impor-se numa segunda fase da existência do género.

Dentro deste contexto, o romance *Quéreas e Calíroo* de Cáríton apresenta-se como um exemplar expressivo da fase mais antiga do processo. E apesar de toda a controvérsia que envolveu a datação da obra, parece hoje em geral aceite que se trata de um texto do séc. I d. C. e do mais antigo exemplar conservado do género a que pertence. De facto, Cáríton é apenas conhecido pela obra que deixou, pelo que as informações disponíveis para o estabelecimento dos dados externos da produção têm de ser respigadas a partir do próprio texto.

Sobre o autor, a única informação segura é a identificação que, segundo a tradição historiográfica de Heródoto e Tucídides, o próprio adianta na abertura da narrativa (1. 1. 1): “Eu, Cáríton de Afrodísias, secretário do retórico Atenágoras ...”. Uma reflexão mais atenta obrigará a constatar que Afrodísias, situada na Cária, conhece, entre os séc. I-II d. C., sob domínio romano, alguma prosperidade, sem contudo ter desempenhado um papel de particular relevo no destino histórico do Mediterrâneo oriental. Contudo, a arqueologia veio pôr em destaque a riqueza da cidade em termos de produção artística, nomeadamente escultural. Importante é também destacar a relação existente entre o nome da cidade e um culto de Afrodite nela instituído, pela intervenção determinante que à deusa é reconhecida na história e que também o profundo sentido romanesco do assunto justifica. Quanto a Atenágoras, apesar dos esforços desenvolvidos, continua para nós um desconhecido, ainda que a sua atividade de advogado e o convívio que com ela tinha o secretário Cáríton tenham com certeza deixado marcas profundas nos processos legais que se desenvolvem, como um aspeto relevante, no romance.

Ainda no mesmo parágrafo 1. 1. 1, continua o autor: «... proponho-me narrar um caso de amor que se passou em Siracusa».



A este ‘caso de amor’ Cáriton atribui, como protagonista, Calírroe, filha do general Hermócrates, o vencedor dos Atenienses na campanha contra a Sicília. São diversas as interrogações suscitadas quanto à existência de um núcleo, já popularizado, de aventuras à volta da figura paradigmática de Calírroe<sup>3</sup>, a jovem beldade, arrebatadora de corações, a quem a própria formosura torna mais difícil e longo o caminho para a felicidade. Mas sem dúvida que a hipótese de se ter gerado, em torno da vitória e da fama do general Hermócrates, o autor da derrota ateniense em 413 a. C., uma auréola de fantasias, sobretudo na imaginação dos Sicilianos que viam no seu almirante um milagroso salvador, parece, por seu lado, uma proposta viável.

Insinua-se, assim, na ficção romântica, um pressuposto histórico - Calírroe, filha de Hermócrates, depois do casamento com o tirano de Mileto, terá em Artaxerxes II da Pérsia o seu mais ilustre pretendente -, que permitiu classificar de ‘romance histórico’ este tipo de narrativa, como uma última extensão da fabulosa historiografia helenística. São sobretudo os romances da primeira fase a enveredar por este tipo de enquadramento histórico que, sem se referir em pormenor a acontecimentos concretos, dá às peripécias do romance uma moldura histórica. A ação central, aquela que o par protagonista desenvolve, prossegue dentro desses grandes parâmetros, que toca em certos momentos; mas, no essencial, não se envolve diretamente com os factos que fazem parte da experiência concreta dos povos. Resulta, no entanto, para a narrativa de ficção, um distanciamento no tempo que, no caso de Cáriton, transporta os acontecimentos para o início do século IV a. C., quando a campanha ateniense contra a Sicília, e a consequente vitória do general Hermócrates ao comando das forças de Siracusa, se apresentam como uma

---

<sup>3</sup> Esta é uma hipótese já aventada por Perry 1967: 44-65.

referência constante a uma memória gloriosa, cujo efeito de prestígio sobre o seu principal autor e de amargo/doce do risco e do sucesso sobre o povo siciliano provocam ainda vívidas sensações. A esta situação no ocidente, corresponde na Iónia a existência de uma próspera cidade de Mileto, contemporânea da autoridade de Artaxerxes II sobre o vasto império persa.

Cáriton, porém, demarca sempre com clareza os limites que separam da historiografia a sua ficção. Narrativos embora, os dois modelos distinguem-se pelo propósito de verdade que anima um e o de criação imaginativa que define o outro. Da sua opção nos dá conta o romancista a partir da experiência siciliana: de entre os dois episódios - a vitória sobre Atenas e a odisseia de Calírroe -, ambos carregados de emoção, é do último que o povo de Siracusa tira maior regozijo. Assim, aos vagos dados históricos subjacentes à intriga, o autor acrescenta numerosos pormenores de ação e caráter, de modo a colocar em definitivo a narrativa numa dinâmica privada e familiar.

Durante séculos a posteridade parece ter menosprezado ou desaconselhado o romance ou a obra de Cáriton em particular. Das escassas referências que lhe são feitas desde a antiguidade - apesar de todas as condicionantes que podem criar dúvidas sobre a sua autenticidade ou real autoria-, sobressai o tom detrator ou condenatório.

A primeira destas referências é atribuída a Filóstrato (*Epístola* 66), que julgamos ser o autor, contemporâneo e seguidor da Segunda Sofística, de cerca de dois séculos posterior ao nosso romancista, que alude a um Cáriton - possivelmente o autor de *Quéreas e Calírroe* - neste tom depreciativo: “Tu julgas que a Grécia há de recordar as tuas histórias quando morreres. Mas se um homem, em vida, é *nada*, o que poderá ser depois da morte?» Se o visado é o nosso Cáriton, o que não é certo mas provável, é evidente a desaprovação feita, perentoriamente, ao

seu romance por um crítico marcado por gostos literários mais sofisticados, para quem a sobriedade deste primeiro romance é sinónima de modéstia ou de pouca valia. Reardon<sup>4</sup> não deixa, porém, de salientar que tal depreciação só faria sentido, dois séculos mais tarde, se a memória de Cáriton continuasse viva e capaz de demover ainda algum interesse.

Já no século IV, o imperador Juliano avança outro remoque quanto ao romance em geral: «Devemos ler história - relatos de factos autênticos; quanto aos romances históricos, como era costume escrever - histórias de amor ou coisas do género -, mais vale evitá-los». A observação parece pressupor a decadência do género já nesta época. A partir de então, o próprio modo por que a maioria dos textos nos chegou, preservada em escassos e mal conservados manuscritos (o que é particularmente o caso de *Quéreas e Calíroë*), patenteia bem a crise em que o género tinha mergulhado e de que só o nosso século, e não sem dificuldade, o vem recuperando.

---

<sup>4</sup> 1991: 47.

## 2 . AGENTES DA AÇÃO ROMANESCA

Feito de múltiplas aventuras e episódios, dispersos por uma área geográfica difusa, o romance necessita, à partida, de movimentar um número elevado de personagens, que constituem uma galeria abundante e heterogénea. No centro, em lugar de relevo, move-se o par apaixonado, cujos amores articulam e justificam cada momento da aventura. Apesar de repartida por vários horizontes, a história não nos reserva, no entanto, uma possível exploração aprofundada de contrastes de mentalidades ou culturas, embora algumas sugestões ligeiras sejam dadas nesse sentido. Sobretudo em termos coletivos, cada povo é identificado por um traçado psicológico geral, que se torna quase formular pela repetição. Assim os Atenenses são reconhecidos como bisbilhoteiros, fala-baratos, dados a litígios e a delações, para além de pobretanas (1. 11. 6, 4. 5. 4, 5. 3. 2). Neste último aspeto contrastam com os Iónios (1. 11. 6), o povo de uma região para onde conflui a riqueza e abundância da Ásia inteira. Os bárbaros por natureza dobram-se à autoridade do seu rei, numa atitude de subserviência, que repugna ao espírito de liberdade tipicamente helénico; são, além disso, românticos e conquistadores, empolgam-se com a beleza feminina, que se acotovela para admirar de perto. Enfim, os Siracusanos, compatriotas dos protagonistas, são identificados por um carácter humanitário e generoso (3. 4. 9). Ao mesmo tempo que Cárton, sem esquecer que é grego o público a quem se dirige, caracteriza os Helenos com outras qualidades, de modo a colocá-los acima de todos os povos: a bravura no combate (já evidenciada em campanhas famosas como a de Termópilas) faz deles o corpo de elite que garante a Quéreas sucesso em todas as campanhas que comanda; a sensatez e ascendente que se nota no caso paradigmático de Dionísio, homem educado, culto e

superior (*e. g.*, 2. 5. 11), bem como em Calírroe, que Estatira toma, nas agruras do exílio, como a única confidente capaz de entender o seu sofrimento (7. 6. 5); por fim, o reconhecimento dessa mesma superioridade que, até em condições desfavoráveis, iguala os Gregos aos melhores, como o abandonado filho de Calírroe em relação ao próprio tirano de Mileto (8. 7. 11).

Mas para além de poucos traços peculiares, o que de facto caracteriza as personagens do romance é um certo padrão fixo que lhes é comum e as uniformiza como partidários, nas suas reações e preocupações, de um tipo de mentalidade sentimental contemporânea. Esta convenção não abre, em nome do realismo, grandes exceções; consente mesmo, para dar o exemplo mais flagrante, que Artaxerxes, o rei persa, se configure, no dizer expressivo de Schmeling<sup>5</sup>, “num grego da classe média investido no trono da Pérsia”.

Ao dirigir-se a um público determinado de uma nova época, o romance adaptou, às suas próprias condições e objetivos, um velho conceito de herói, a que sobretudo a épica e a tragédia tinham dado uma configuração definida. Norteadas, por ideais aristocráticos e individualistas a época arcaica, por outros coletivos e políticos a época clássica, o conceito de herói que correspondeu às expectativas desses dois momentos da história da Grécia caracterizava-se por uma superioridade excecional, que fazia deles criaturas paradigmáticas e distantes, inatingíveis ou até incompreensíveis para a experiência do homem comum. Tornou-se este herói mais capaz de despertar surpresa, admiração, piedade, medo, do que uma verdadeira empatia por parte do público. Mas agora que os grandes ideais do passado pareciam já ausentes, os super-heróis apresentaram-se, em definitivo, inconciliáveis com a nova ordem dos tempos. O público

---

<sup>5</sup> 1974: 33.

aderiu, sem reservas, a um outro conceito de protagonista, fruto da imaginação do autor, desvinculado das velhas referências do mito tradicional, liberto das fronteiras apertadas da cidade, solto num universo amplo e aberto, cujas vivências dependem unicamente dos caprichos de *tyche* e do talento do seu criador.

Como ser humano, o novo herói deixou de ser trágico para se tornar sentimental. Falta-lhe, sem dúvida, a determinação e força interior dos grandes heróis, perante os azares da Fortuna reage com lentidão, mais empurrado pelas circunstâncias do que senhor da sua vontade sob a tempestade do destino. Não se espera dele, salvo raras exceções, façanhas ou conquistas, ou inabaláveis e extremas decisões; a sua virtude principal é a perseverança, a resistência passiva à adversidade, em nome de um ideal diferente: a recuperação da pessoa amada, o mesmo é dizer de uma tranquila felicidade. Nada o liga também às preocupações da sociedade a que pertence, dentro de uma perspectiva coletiva nada se espera deste herói, que não interfere nem move, como outros dos seus adversários no coração - o rei da Pérsia, Dionísio, Mitridates, ou os tiranos de Régio e Agrigento -, o mundo exterior. Esta personagem, acima de tudo apaixonada, vive em exclusivo para a sua individualidade e sentimentos.

Movido pelo amor, este outro herói não é solitário em cada aventura por que passa; junto de si, em presença ou sobretudo em lembrança, tem a mulher amada, a própria razão de ser da sua existência e trabalhos. O seu antecessor trágico, que Eurípi-des iniciou na experiência das paixões, não conheceu este lado estimulante do amor. Quando confrontado com o poder de Eros, o herói trágico experimenta da paixão o lado destrutivo, o desencontro, a vingança, o ciúme que arrasa. Porém, num género em que o *happy end* se tornou obrigatório, a paixão amorosa passou a funcionar como uma alavanca de salvação, o incentivo à resistência, ao reencontro e à felicidade. Delineada mais como

protagonista de uma aventura do que como um verdadeiro herói, esta personagem romanesca obedece a um outro critério de *arete*, caracterizado pela complexidade psicológica, onde avultam outras qualidades, como a delicadeza, a fragilidade, o amor à paz, a integração num certo exotismo de situação, que lhe conferem, como homem e personagem, aliciantes inovadoras; falham nele, contudo, a determinação e a força, que o deixam desprotegido perante os inimigos, de cuja vontade ou interferência depende, em cada momento, a sua sorte.

A jovem, que justifica cada movimento do seu amado, apresenta com ele um paralelismo evidente no que respeita à idade e estatuto social. Também como ele é sempre detentora de uma beleza ímpar, que lhe conquista inúmeras paixões, razão da sua felicidade, mas principalmente do seu tormento. Por ela encontra o homem da sua alma, por ela o perde, por ela se expõe à investida constante de inúmeros pretendentes, por ela reconquista a felicidade eterna. Caracteriza-a ainda a lealdade ao seu primeiro apaixonado, quaisquer que sejam os imprevistos ou ameaças que o destino lhe coloque diante. E mesmo se, como a heroína de Cáriton, se vir forçada a uma segunda união, o objetivo que a move será sempre o de servir, mesmo se por vias oblíquas, os interesses do amado ausente. Admitem alguns autores que a heroína possa até ter ocupado, em certos romances, o lugar central da história e que o título da narrativa possa ser desse facto testemunha. Ainda que com frágil argumento, o do remate das aventuras de Quéreas e Calíroe - «é esta a história que escrevi sobre Calíroe» -, tem-se procurado defender que esse seria exatamente o caso do romance de Cáriton<sup>6</sup>. Não se espere, no entanto, destas heroínas que atuem como mulheres

---

<sup>6</sup> Cf. García Gual, nas páginas introdutórias à tradução publicada por Mendoza 1979: 20.

fatais e terríveis, para quem lhes ambiciona as graças. Feitas à medida do seu herói, concorrem com ele como vítimas inocentes e desvalidas de um destino<sup>7</sup>. Mais atentas à proteção dos deuses, parecem cativar uma maior benevolência da divindade, que lhes vai respondendo a cada prece, até devolver a frágil donzela à estabilidade e gozo de uma paixão realizada. Numa palavra, como bem sintetiza Reardon<sup>8</sup>, estes jovens, que a sorte rouba aos seus e atira para a aventura, «pertencem a um mundo privado, que está subjacente à história; as perturbações do grande mundo são acima de tudo uma ameaça para a felicidade privada. O universo dos negócios é um sonho mau para os heróis da história. Quando por fim o atravessam, sem bem saberem como, é para se sumirem numa paixão: paixão tranquila, sem história, convencional, respeitável.»

Todos estes traços genéricos, que se tornaram definidores dos protagonistas do romance, estão já estabelecidos naquele que, para nós, é o exemplar mais antigo do género, as aventuras de *Quéreas e Calírroe*. Reconheceu-se, na atuação do herói dentro do plano de desenvolvimento da história, um processo de amadurecimento progressivo que transporta o adolescente imaturo, por imponderação o causador da própria infelicidade, através de um conjunto de experiências difíceis, até uma imagem depurada e redimida do herói, reconhecido e aplaudido por todos como o conquistador de uma excelência e do prémio que lhe é devido, a ventura ao lado da mulher amada. Schmeling<sup>9</sup> fala numa espécie de *ritos de passagem*, etapas de um progresso que reabilitam e amadurecem, à vista de todos, o elemento jovem

---

<sup>7</sup> Fusillo 1990: 203 considera este paralelismo persistente como um efeito desejado de simetria, que faz parte de uma técnica narratológica. Cf. ainda Konstan 1994: 14-59.

<sup>8</sup> 1991: 29.

<sup>9</sup> 1974: 137.



de uma comunidade, que logra sair da imaturidade anónima e impor-se na plenitude do homem adulto, depois de conhecer a separação, o isolamento, a morte do seu antigo eu e, por fim, o renascimento simbólico.

A história de Quéreas progride através de diversos movimentos, que cumprem, nas suas linhas gerais, esta evolução. Detentor dos traços convencionais no herói romanesco, formosura, nome de família a que não falta distinção, aceitação e simpatia entre os camaradas do seu círculo (1. 1. 3), reúne o jovem siracusano as qualidades habituais para cativar, à primeira vista, uma paixão absoluta e definitiva. Uma promessa de casamento, por todos apoiada e deferida, coroa, sem maiores agruras, as aspirações do apaixonado. Este é o ponto de partida para o processo de depuração desta alma jovem, ainda simples crisálida, até abrir, firmes e coloridas, as asas que conduzem aos céus.

Muita imaturidade e o calor imponderado da juventude expõem Quéreas aos riscos da adversidade que se lhe apresenta, antes de mais, sob a forma de inveja de rivais preteridos à mão da sua noiva. O ciúme, que desencadeia a fúria e a violência contra o objeto amado e inocente, funciona como uma espécie de *ate*, o desvario impulsivo que conduz ao erro e à necessidade de punição. Nesta natureza frágil, a agressividade é instinto de fraco, incapaz de se medir com inimigos ou concorrentes à altura, máscula apenas perante uma adversária feminina e indefesa.

A partir de então, Quéreas inicia um processo de maturidade, que começa por um julgamento seguido da busca da mulher perdida. Face ao desafio do infortúnio, o jovem revela uma invariável tendência para reações patéticas, lágrimas de desespero, autoflagelação ou destruição; a propensão para o suicídio, no entanto, não denuncia a grandeza de um sacrifício voluntariamente assumido, mas antes a cobardia de quem procura voltar costas às dificuldades. Esta atitude extrema, característica

de alguns dos mais grandiosos heróis trágicos, de Ajax como exemplo absoluto, redimensiona-se à medida do novo padrão romântico e apaixonado.

Incumbido de conduzir uma embaixada em busca de Calíroo, Quéreas empolga-se face à iminência da ação, ardente sonhador de peripécias impossíveis (3. 3. 7). Deixa-se guiar mais pelo coração do que pela razão, despreza as mais elementares prudências: aguardar tempo favorável está além das suas capacidades (3. 5. 1). Dilacerado pelas súplicas dos pais, na hora da partida, parece a custo despedir-se de uma infância que tem de deixar para trás, agora que defronta uma missão de homem pleno.

A presença, apenas vislumbrada à distância, de uma Calíroo que persiste em escapar-se-lhe das mãos não é alento suficiente para este aventureiro que, em sinal de fracasso ou impotência, se deixa cair, sem reação, como escravo e prisioneiro em mãos inimigas. Derrubado no ponto mais baixo da sua odisséia, Quéreas depende por inteiro de amigos ou aliados de momento: de Policarmo, antes de mais, para sobreviver à dureza da servidão, de Mitridates, para o libertar de uma crucificação iminente. Para o herói romanescos que atingiu a degradação máxima, qualquer mudança terá de ser sempre no sentido da reabilitação e do regresso à normalidade. Conduzem-lhe os primeiros passos na ascensão, que agora se lhe rasga diante, os amigos, em luta firme contra a apatia ou precipitação do enamorado, quando pela primeira vez, no fundo do desespero, vislumbra uma esperança concreta de recuperar essa Calíroo que sabe casada com o longínquo e poderoso senhor de Mileto. Mas é em Babilónia que a transformação milagrosa se opera, depois que a vaga promessa de reencontrar a dona dos seus pensamentos ganha consistência, perante a visão do maior dos troféus, presente e acessível ao seu conquistador, a dama em

carne e osso. A vitória, porém, não é ganha, como tudo levava a crer, por decisão arbitrária de um juiz, mas de armas na mão, no campo de batalha. Uma segunda vez investido no comando de um grupo, Quéreas revela agora as qualidades de um herói autêntico, denodo, coragem, ousadia e espírito de comando. Apaziguadas as iras divinas depois de satisfeita a expiação de um erro de juventude, temperada e moldada uma alma em crescimento, o herói vence enfim. Falta-lhe apenas receber as coroas da vitória. Essas esperam-no em Siracusa, onde todos o acolhem como um vencedor, capaz de se medir com os melhores, com Hermócrates antes dos mais como o celebrado autor de uma façanha naval.

Não menos convencional é a donzela, essa Calíroe de beleza inefável, que motiva os anseios de tantos apaixonados. Senhora de uma perfeição divina, a jovem siracusana assemelha-se à própria Afrodite, a deusa que testemunha todos os percalços para que o destino a fadou, mas que não abandona, apesar das recriminações que lhe são feitas, a sua protegida. É esta a principal *arete* de que é detentora, a formosura que, no entanto, é responsável por todas as contingências que a perseguem: fulminante para todos os que a presenciam, faz desfalecer amantes, arrasta multidões, produz inveja noutras mulheres formosas, perturba consciências e princípios. Dela se lamenta Calíroe como de uma condenação, embora em nome da beleza conquiste e reconquiste também a felicidade. Dedicada do fundo da alma àquele a quem consagrou o primeiro amor, todos os seus gestos e decisões, os mais difíceis e controversos, têm-no sempre como referência. A agressão de que foi vítima já a perdoou e apenas suspira por um Quéreas ausente, umas vezes próximo, mas logo desaparecido ou dado por morto; esperança e desespero são a alternativa inevitável que se coloca ao seu martirizado coração.

Donzela tímida e discreta, como lho exigia a condição e ascendência, Calíroo tem no entanto uma energia insuspeitada, que denuncia a filha do militar (1. 3. 6). Em potência, dado o brilho da família de que provém, Calíroo possui qualidades - orgulho de raça, patriotismo, sensatez e prudência - que as contingências do destino contribuirão para depurar. Arrancada da proteção do lar, vítima de um erro do marido e dos caprichos do acaso, desenvolve em cada experiência dolorosa uma nova maturidade. Prisioneira na mão de raptos perigosos, aceita o destino, finge não compreender, de nada se queixa, para não acicar violências (1. 11. 2). Também ela partilha dos bríos da donzela de bom nascimento que a sorte condenou ao cativo. Como uma outra Macária ou Políxena, Calíroo sacode o jugo e reage à palavra *senhor* (2. 3. 6), incapaz de se submeter à autoridade de um tirano da sua pessoa. Como não reconhecer, nas palavras altivas que pronuncia, o eco distante dos seus modelos euripídicos: “Se não posso viver como uma mulher de condição nobre, prefiro morrer em liberdade” (2. 5. 11)? Apesar de adquirida a dinheiro, as disposições aristocráticas que evidencia impõem-na na casa que a recebe. Desde logo se gera em sua volta o respeito devido a uma senhora ou soberana, que, a uma sensata modéstia, alia a generosidade e compreensão magnânimas para com os sofrimentos que julga entrever nos que a rodeiam.

Como a uma nova Medeia, está-lhe reservado um doloroso debate entre a mulher e a mãe. No cativo, abandonada pelo homem que ama e pai do seu filho, Calíroo tem de decidir a sorte da criança que traz no ventre. Também ela pondera longamente, mas opina ao contrário da sua antecessora e salva a criança. A violência da matricida bárbara não se coaduna com a natureza terna e romântica de Calíroo. Por isso a sircusana cede, aceita um segundo casamento, acolhe a paixão de

Dionísio, não por si, mas por esse filho abandonado e pelo pai ausente que o gerou. Sem dúvida que, na sua devotação a Quéreas, Calíroe entende que esta nova união, de necessidade, não interfere com a fidelidade devida ao primeiro marido. Como heroína de romance, a personagem ganha talvez, por este ato, uma flexibilidade e realismo maiores que as suas companheiras em aventuras idênticas<sup>10</sup>. Verdadeira é também a sua sensibilidade para com esse outro marido, que o acaso a obrigou a aceitar sem amor. Preservando intacta a lealdade a Quéreas, Calíroe não deixa de ser suscetível ao carinho apaixonado de Dionísio, que lhe merece respeito e uma sentida gratidão.

É também em Babilónia que Calíroe atinge a plenitude. Abordada pelo maior e mais dificilmente recusável dos seus pretendentes, o rei da Pérsia, a jovem escapa, num hábil jogo diplomático entre a rejeição decidida e a precaução de não irritar a autoridade real. Por fim, no campo de batalha, tal como Quéreas, a filha de Hermócrates conquista também ela galas de heroína; não de armas na mão, como é natural, mas com o conselho atento e inteligente junto do novo general, o seu Quéreas, que resguarda e alerta para as consequências de cada decisão (8. 2. 4 sqq.). Pela devolução aos Persas de Estatira e das damas suas companheiras, a siracusana triunfa, associando à vitória a generosidade prudente dos verdadeiros vencedores. Por isso ganha, sem mais demoras, um regresso tranquilo à pátria e aos seus e apazigua, em definitivo, a vontade protetora de Afrodite.

Apenas um senão, que o leitor, habituado ao triunfo do amor, tolerará, constitui uma debilidade neste sucesso final:

---

<sup>10</sup> Sobre as interpretações suscitadas por este episódio e a sua relação com a fidelidade convencional da heroína do romance, cf. Wiersma 1990: 117sq.; Konstan 1994: 50-51.

esse filho, cuja vida se preserva, mas que é abandonado ao tirano de Mileto, à espera que o tempo o devolva, um dia, aos seus, macula, de alguma forma, a redenção plena da heroína, sem, no entanto, deixar de lhe conferir uma maior verosimilhança. Apesar de tudo que de formal ou meramente literário possa haver no desenvolvimento da aventura de Calíroe, dela sobressai o modelo de um determinado ideal de mulher, devotada à salvação do casamento e da vida familiar. Mais exposta, por força das novas regras sociais, a percalços diversos, a mulher caminha para a conquista de uma maior independência e maturidade.

Em volta do par central, que condiciona todo o movimento da narrativa, gravita um número elevado de figuras de segundo plano, que, no caso de Cáriton, merecem do autor uma atenção particular. Contrapostas como homens e mulheres, gregos e bárbaros, talvez a forma mais correta de as encarar possa ser definida como amigos e aliados ou inimigos dos heróis. Porque é de facto em relação a Quéreas e Calíroe que eles atuam e manifestam disposições ou propósitos, que são espelho da sua essência ou objetivos.

Entre os que são próximos do par enamorado, destacam-se, antes de mais, os pais, Hermócrates e Aríston. Pretendeu Cáriton dimensioná-los mutuamente e para tal deu a Hermócrates o lugar de distinção, logo seguido do pai de Quéreas. Seguiu assim, de alguma forma, a realidade histórica, ao articular entre si, no plano da ficção, duas personagens ao que parece relacionadas com um mesmo episódio da glória passada de Siracusa. Hermócrates deixou o seu nome ligado ao comando da resistência da Sicília contra a invasão ateniense nos anos de 415-413 a. C., facto que funciona, no romance, como a referência histórica mais relevante, com cujas dores e sucessos cada momento da

vida de Siracusa tende a ser comparado<sup>11</sup>. Aríston, cuja relação com a mesma campanha é, na narrativa, bastante menos explícita, usa o nome de um almirante que nela teve intervenção preponderante<sup>12</sup>.

Hermócrates tem, nos episódios vividos na Sicília, uma atuação destacada, que, de forma curiosa, pretende sempre salvaguardar a faceta do homem público, agora enquadrado em situações de natureza privada e familiar. Na narrativa avultam os traços gerais do homem de estado: a autoridade de que goza na cidade ou mesmo em toda a Sicília, o prestígio que torna sempre respeitada a sua opinião, a defesa intransigente da legalidade. Mas, no pormenor, é visível o esforço feito para se conciliar história e romance. A autorização que dá para o casamento da filha com o jovem filho do seu maior inimigo político é mais do que a cedência de um pai aos anseios amorosos de Calíroo e Quéreas; é, sobretudo, a adesão à vontade do povo, que lhe reclamava, em sessão da assembleia, esse ato de generosidade (1. 1. 12). Perante a violência que levou à morte de Calíroo e a contração do réu, Hermócrates é o primeiro a erguer a voz em defesa de Quéreas. De novo em ambiente público, o velho comandante evidencia uma perspicácia e prudência naturais, denunciando os verdadeiros culpados e orientando o voto do

---

<sup>11</sup> Sem preocupações mais sérias do que as de dar à narrativa de ficção um vago suporte de verosimilhança, pela referência a um ou outro sucesso histórico, Cáríton permite claros anacronismos e discrepâncias. Assim, Hermócrates, falecido cerca de 407 a. C., sobrevive, dentro do romance, ao regresso de Quéreas, o conquistador de Tiro, episódio esse que se deu em 311 a. C., por ação de Alexandre Magno. Este simples confronto remete os acontecimentos para um período amplo, que decorre entre 415 e os finais do séc. IV a. C.

<sup>12</sup> Talvez haja alguma confusão, da parte de Cáríton, entre as personalidades de Aríston de Siracusa, de que não existe registo histórico, e Aríston de Corinto que, segundo Tucídides (7. 39), teve uma intervenção de relevo nesta campanha.

tribunal para as realidades efetivamente incontroversas e urgentes: a absolvição do réu e as exéquias da vítima (1. 5. 6). Não esperemos dele ação contra a falsidade dos pretendentes preteridos, na medida em que as regras da narrativa não consentiriam esta dispersão ou concorrência de intervenção relativamente ao herói central. O aprisionamento de Téron, com as oferendas fúnebres de Calíroo, coloca de novo o chefe ao comando da sua gente: que a investigação que se impõe seja conduzida de acordo com a lei (3. 4. 3), com o voto da assembleia ou dos tribunais; assim como a condenação e execução imediata são obra da sua vontade segura. Confessada a venda de Calíroo, é Hermócrates quem desencadeia a busca, ou seja, a odisseia do herói, à frente de uma embaixada que reclama como a paga devida aos serviços prestados a Siracusa (3. 4. 16). Por fim, cabe-lhe acolher de volta o par reconciliado e glorioso, de que acompanha a chegada com a atenção reservada de um protetor da cidade perante a aproximação de desconhecidos, antes de dar largas à emoção do pai que abraça a filha há tanto perdida (8. 6. 3-8). E se, nesta hora derradeira, se confronta com um sucessor, que ele próprio resguardou e orientou em momentos decisivos, na figura de Quéreas que conduz a Siracusa, vitoriosa, uma nova armada, Hermócrates nada perde da sua superioridade, antes se assume como o modelo pelo qual se avalia o mérito dos que vierem a honrar o nome da cidade. É esse caráter paradigmático a principal característica deste Hermócrates romanceado, do qual a atuação histórica se limita ao prestígio absoluto do vencedor, liberto portanto de quaisquer referências a factos concretos<sup>13</sup>.

A segunda figura de Siracusa, Aríston, o pai de Quéreas, funciona no romance como a rigorosa contrapartida de

---

<sup>13</sup> Sobre os aspetos históricos que se ligam com a personagem de Hermócrates e a sua adaptação ao romance, *vide* Billault 1989: 540-548.



Hermócrates. Este processo de oposição de duas figuras equivalentes, os pais da história, ecoa modelos conhecidos e tradicionais na comédia nova. São traços de Aríston a fraqueza, física e moral. As dificuldades desencorajam-no; a paixão do filho por uma donzela, distinta e requisitada por ilustres pretendentes, deixa-o temeroso da recusa e da humilhação que ela representa para o jovem e seus pais. O papel que lhe cabe é do desincentivador do herói, ao travá-lo na hora do casamento, como na da partida para a redenção. A imagem que o caracteriza é a da dependência física, da velhice extrema e do abandono, que o tornam adverso aos interesses dos jovens, embora por eles alimente a mais profunda e sincera dedicação. Ao lado de Hermócrates, Aríston ajuda a estabelecer os impulsos contraditórios que condicionam o novo herói.

Junto de cada um dos elementos do par atuam também os amigos, que, íntimos ou confidentes das aventuras que vivem, os incentivam e com eles colaboram na busca da felicidade. Neste plano, Cáríton criou uma figura de companheiro e amigo, que colocou junto de Quéreas, como Homero fez com Pátroclo junto de Aquiles (1. 5. 2). Esta amizade resulta, como no exemplo homérico, do companheirismo e da camaradagem. Conhecedor profundo das debilidades interiores do amigo, Policarmo age junto dele como a voz da energia e do incentivo, capaz de encontrar, para cada crise, a palavra certa. A sua presença ao lado do herói é um permanente fator de contraste, entre aqueles que são também, por oposição, os dois jovens da intriga. Ao mesmo tempo substitui a influência da família que ficou distante, durante os tempos difíceis da aventura. É sua missão preservar Quéreas de constantes tendências suicidas (*e. g.*, 1. 6. 1) e socorrê-lo em cada momento, protegendo-o sobretudo de si próprio. A atuação de Policarmo torna-se particularmente efetiva a partir da hora em que o herói se lança, de resto também por

incentivo seu, no mundo distante e desconhecido da procura da amada e de si próprio. Por isso Cáriton reserva, para o início da aventura, um breve episódio que consagra a determinação e delicadeza de alma deste companheiro, que oculta de todos a decisão de apoiar o amigo, para evitar o sofrimento que a sua partida provocará nos que lhe são dedicados (3. 5. 7-8).

Perante todas as adversidades, Policarmo cumpre a sua função de voz do bom-senso desinteressado, que preserva e contrabalança a natureza impulsiva do herói (cf. 3. 6. 5), sem perder aquela humanidade que lhe dita palavras de compreensão e de conforto. É esta harmoniosa fusão do espírito pragmático com a generosidade amiga que enfim salva os dois aventureiros e põe Quéreas no caminho da ressurreição. A força do trabalho, no cativo, garante-lhes a sobrevivência (4. 2. 2), e a adesão à morte, em companhia do amigo, a simpatia e boa-vontade (4. 2. 14) daqueles que podem arrancá-los da iminência da cruz.

Um último conselho seu mostra a Quéreas a verdadeira dimensão da resistência ao principal pretendente da mulher e decide-o, enfim, a pegar em armas e a enveredar sem mais hesitações pelo caminho do sucesso (7. 1. 10-11). A partir deste momento, a intervenção de Policarmo apaga-se, em função da nova proporção que o relaciona com o herói. À medida que Quéreas se impõe como chefe valente e determinado, a atuação do amigo torna-se discreta, sem deixar de ser leal e permanente. Policarmo reduz-se à sombra do chefe, braço direito de um Quéreas vitorioso, que assume alguma autoridade quando o herói se entrega ao prazer do reencontro e da paixão realizada. No final, Quéreas reparte com o amigo uma parcela do sucesso obtido: o comando militar e uma parte do saque que ajudou a conquistar, para além de um casamento com a própria irmã, a que falta o mais pequeno vislumbre de sentimento ou amor.

Em conclusão, Policarmo funciona como o único amigo e companheiro efetivo do herói e, para tal, necessita de uma imunidade total às seduções do amor. Só assim escapa ao maior dos perigos para o seu desempenho, os encantos de Calíroë. Curiosamente Policarmo não apenas não é sensível à beleza da jovem terrânea, como até intimamente a culpa dos sofrimentos de que o amigo e, por reflexo, ele próprio são vítimas. É ele o único que acusa Calíroë na hora da subida à cruz (4. 2. 7), bem como aquele que alimenta a esperança de que um novo amor cure, em Quéreas, a ferida aberta pela filha de Hermócrates (8. 1. 6). Mais do que uma personalidade, Policarmo é o símbolo de um sentimento exclusivo, a amizade, em nome do qual atua, estimula e salva.

Junto da donzela existe também uma aliada, que, em função dos imprevistos da sorte que a conduziram a longínquas paragens, tem de ser encontrada entre estranhos. Cabe esse papel a Plângon, a escrava bárbara da casa de Dionísio, que funciona como uma espécie de ama convencional da tragédia e da comédia nova. O traçado geral da sua personalidade acumula aspetos diversos que, por um lado, documentam a ousadia que dá a dedicação extrema para com outrem, típica da personalidade da ama, e, por outro, a finura manhosa do criado; alguma falta de escrúpulos acrescenta-lhe ainda uma pincelada que, no romance, parece característica dos bárbaros.

Antes de mais, Plângon define-se pelo pragmatismo, a que não falta sensibilidade e comiseração pela jovem abandonada num mundo desconhecido (2. 2. 1). Esta compreensão humana espelha, em certa medida, as regras da casa a que pertence, propriedade de Dionísio e governada pela sua mão compreensiva e séria. Por esse padrão, em que se revê com orgulho, nutre Plângon um profundo sentimento de lealdade e simpatia. À partida abre-se, diante da serva bárbara, um conflito entre os

dois objetos da sua *philia*, o patrão e a escrava recém-comprada, cujos interesses são, naturalmente, contraditórios. A forma de conciliar esta divergência coloca Plângon no papel da tradicional alcoviteira, que, com pequenos truques de quem conhece as regras do coração, empurra, para os braços um do outro, dois candidatos ao casamento. Alguma generosidade torna simpática esta personagem, a quem o patrão dirige o maior dos elogios: «O prêmio em causa, fica a saber, é a tua liberdade, ou um outro que, estou convencido, vale para ti mais que a própria liberdade: a vida de Dionísio” (2. 8. 2). Se, porém, Dionísio lhe reconhece a fidelidade, não lhe sente menos o interesse, que se apressa a estimular com a maior das promessas, a liberdade. Em nome de um propósito, não falta a Plângon algum maquiavelismo: se é preciso insinuar, junto de uma Calíroe infeliz tentada a fazer um aborto, uma solução desonesta, a de atribuir ao filho uma paternidade falsa, se é preciso colocar Dionísio, o amado senhor, na posição de ludibriado, pois que assim seja em nome de uma felicidade, que, para Calíroe, funcionará como estabilidade e proteção, e, como salvação, para o apaixonado tirano de Mileto. Salvaguardadas as boas intenções, escrúpulos não são barreira para esta mulher escrava e bárbara. Por isso lhe é devida a gratidão dos noivos, cujos destinos ela entrelaça, como verdadeiros bonecos nas suas mãos; gratidão a que não é estranha, por parte de Calíroe, a prudência face a uma possível denúncia da sua anterior aliada. Mas a memória de um empenho sério e dedicado justifica que, no momento do regresso à família e à pátria, Calíroe lhe dirija uma saudação de despedida, o aceno saudoso a um rosto amigo que se projeta, como doce lembrança, de um cenário de trevas.

Se o sucesso final do par amoroso depende dos aliados que com ele cooperam, as aventuras por que passam, obra de um destino adverso, têm os seus agentes, concorrentes ou inimigos

dos dois jovens. São, antes de mais, os pretendentes ou enamorados de Calíroo os principais elementos de perturbação. Também eles seduzidos pelos seus encantos, tudo fazem para conquistar a dama dos seus pensamentos. Por oposição aos sucessivos rivais que, no romance de Cáriton, conhecem uma graduação crescente de importância, parece acentuar-se a fraqueza e inépcia do herói para os defrontar. Qualquer deles ultrapassa Quéreas em nobreza e fortuna, o que os torna adversários poderosos, como também todos possuem uma faceta política, que se traduz em autoridade sobre o povo que governam. Mas estas vantagens diluem-se diante da força da paixão, que os aniquila como homens públicos e os torna rivais em inferioridade perante o protagonista, cuja supremacia, imbatível no romance, é a do empenho amoroso. A narrativa conserva-se assim, apesar das credenciais históricas e políticas destas figuras, num plano estritamente privado e pessoal.

São primeiro os concorrentes à mão de Calíroo, soberanos e príncipes, tiranos de grandes cidades, que rivalizam com o modesto Quéreas pela mão da filha de Hermócrates. Ainda que identificados como tiranos de Régio e Agrigento, a atuação destes pretendentes reduz-se ao aspeto que importa à história nesta fase: sobranceiros, convictos do poder que detêm, não toleram a vitória de um adversário desprezível e premeditam planos de vingança. Egoísmo e falta de escrúpulo são atributos suficientes para os fazer desempenhar o seu papel: o de separar noivos felizes. Deles depende, portanto, o afastamento do par, imprescindível à narração.

Muito mais influente é a concorrência do tirano de Mileto, Dionísio. Apesar de mais velho, já viúvo, acabrunhado pelo luto, possui predicados que convêm a um amante apaixonado. Rico e sensível aos encantos femininos (1. 12. 7), é-lhe reconhecida uma certa imponência física (2. 5. 4) ou mesmo algum atrativo,

quando se empenha num jogo de sedução (2. 5. 1). Na qualidade de tirano de Mileto - embora não seja possível identificá-lo com qualquer personagem histórica concreta -, ganha um perfil de dignidade, que o deixa repartido entre as conveniências exigidas a um homem público e as angústias sentimentais de qualquer jovem galá. É este o drama romanesco de Dionísio.

Não lhe faltam galardões de homem de estado: distinção, piedade diante dos deuses, cultura (vemo-lo citar com frequência os poetas, 2. 1. 5, 2. 3. 7, 2. 4. 8), fortuna, bom relacionamento político, até com o grande rei e alguns dos seus sátrapas; a estes predicados, junta apreciáveis qualidades morais, como reconhecem os servidores a quem trata com benevolência e humanidade (2. 1. 8, 2. 2. 1). Mas no perfil de tirano superior insinua-se a fraqueza do enamorado, por aquela brecha deixada em aberto na solidez deste caráter: a sedução pronta à beleza feminina. A dicotomia da sua personalidade divide-o em cada momento: agrada-lhe ouvir anunciar que é proprietário de uma beldade de exceção, assusta-o que seja escrava (2. 1. 5); entusiasmo-o o encontro com a mulher amada, obrigam-no as conveniências a procurar testemunhas para as mais íntimas emoções; atrai-o para Calíroe, ali tão próxima, a força da paixão, retém-no a dignidade do governante. Os grandes momentos da sua vida pessoal - o casamento com Calíroe, o nascimento do filho - procura que tenham uma repercussão pública, para eles deseja a adesão popular. Mas no íntimo, vai-o minando o ciúme, o temor permanente de que o seu pior inimigo, Quéreas, regresse a reivindicar-lhe a mulher, o que talvez o tirano de Mileto possa recusar, mas que o marido não poderá impedir. O facto de se saber não correspondido contribui para uma permanente insegurança, que acaba por derrubar a aparente tranquilidade da sua casa. Incapaz de a suportar, Dionísio arrisca uma solução radical, o aniquilamento, por via jurídica, dos rivais que o

perseguem. Aí se desmorona o frágil castelo da sua felicidade. O juízo, que aceitara enfrentar, resulta-lhe adverso; em vez de conseguir a condenação de Mitridates, dá-lhe oportunidade de provar a inocência e ganhar a absolvição; mas, mais do que a derrota face a um concorrente de pouca valia, vê-se confrontado com o rival verdadeiro, Quéreas, aquele que tinha querido sepultar em Mileto ... e no coração da sua amada e fugidia Calíroo.

Também para ele a sorte se disputa em campo de batalha, a que se entrega com não menos determinação do que Quéreas. De facto, à *aristeia* cometida pelo jovem siciliano em Tiro, que consagra a vitória no mar das forças egípcias, corresponde a sua própria *aristeia* em terra, com a perseguição e morte do rei egípcio, que consolida a vitória terrestre das forças persas. Os dois apaixonados de Calíroo equivalem-se, portanto, em valentia. Por isso terá de ser o destino a arbitrar, em última análise, esta questão e, nesse plano, a sorte estava definida pela própria convenção literária: reencontro obrigatório do par e, para Dionísio, a perda decisiva da mulher que amava. Valeu ao derrotado, nesta prova final, a sua sempre reconhecida sensatez e superioridade. De prémio ganhou autoridade sobre outras cidades da Iónia e o regresso à sua Mileto, onde reencontrou segurança e a consideração do povo; compensado foi, portanto, o tirano Dionísio. Vencido foi apenas o amante e o marido, privado da esposa, de que nada mais conservou do que um retrato e um filho que, no entanto, não era seu; e ainda uma última mensagem de Calíroo, que afirmava respeito e gratidão ao seu libertador; galardão modesto para a fidelidade e calor deste coração apaixonado.

Também este amante dispõe, na ficção, de fiéis aliados que, no caso de um tirano, são seus escravos e servidores. Se é discreto o papel de Focas, que se limita a adiar a reclamação de Quéreas junto de Dionísio, ao aniquilar a missão que ele dirigia com o incêndio da trirreme siracusana e com o assassínio ou captura da

tripulação, pelo contrário Leone define-se como uma personagem de interesse. Não fica claro se veste a pele de um escravo ou de um homem livre, mas é indiscutível a aceitação e confiança de que goza junto do senhor. Alguma ingenuidade caracteriza a atuação deste administrador, que se deixa envolver nas vigarices de um pirata e iludir na regularização de um contrato, quando se esperava dele a prudência de um técnico. O vexame do fracasso, procura curá-lo com a qualidade da mercadoria adquirida; com ela está certo de obter um duplo efeito positivo: retirar Dionísio da depressão em que se encontra e justificar a precipitação do negócio que o envergonha. Como qualquer escravo de comédia está atento às reações do senhor, percebe-lhe a paixão, finge nada ver, provoca-lhe as confidências. E, como Plângon, na intenção de sanar sofrimentos, desconhece princípios de rigor e seriedade, para, de modo pragmático, optar pelo remédio mais simples: a satisfação do amor.

Mitridates, o sátrapa, vem na sequência dos apaixonados de Calíroo, mas a sua intervenção torna-se mais funcional do que pessoal. Em relação a Quéreas, situa-se numa posição de compromisso entre o rival e o amigo, daquele que salva por interesse, como forma de conquistar a gratidão e benevolência de uma mulher. É ele o único que, para conseguir a realização de um capricho amoroso, não procura afastar um rival, antes servir-se dele para impressionar e seduzir. Para além deste aspeto peculiar, Mitridates conforma-se a um padrão vulgar em Cáriton: o do homem público e poderoso, de vida faustosa e requintada como um típico oriental (4. 3. 7 sqq.), que experimenta os sintomas de uma paixão convencional, palidez, inércia, abulia, obsessão pela imagem de um rosto feminino (4. 2. 4). Mas, acima da figura em si, importa registar o papel de Mitridates na estrutura da ação: será ele que, enganado pelo destino na execução do plano que forjara para conquistar a mulher do tirano de Mileto, acaba por provocar, em última análise, o duelo final pela mão



de Calírroe, aquele que se trava entre Quéreas e Dionísio na presença do rei da Pérsia.

O par real Artaxerxes II e Estatira da Pérsia ocupou efetivamente o trono de Babilónia na primeira metade do século IV a. C.; mas os factos vividos em Babilónia poderiam ser também relacionados com a figura histórica de Artaxerxes III, seu sucessor. Depois de várias tentativas no sentido de precisar a campanha contra a rebelião egípcia que no romance é narrada, chegou-se à conclusão da imprecisão insuperável, que resulta do constante estado de insubordinação vivido pelo Egito em relação à ocupação persa<sup>14</sup>. É conferido a este soberano o papel de um outro pretendente de Calírroe, como uma espécie de clímax na consagração dos encantos da heroína do romance. Abstraído o ascendente natural do monarca persa, o homem mais poderoso do oriente mediterrânico, o desempenho de Artaxerxes na narrativa retoma um sentido idêntico ao de Dionísio de Mileto; ou seja, traduz-se no conflito permanente entre a dignidade do homem de estado e o equilíbrio precário das suas emoções. Aquele soberano a quem, pelo saber e prudência, os mais dignos senhores recorrem como um garante de justiça e rigor, fraqueja desta vez em nome do sentimento. É verdade que a reação do monarca ao amor reveste um ritmo desusado; não se trata agora de ceder à força de um primeiro olhar, mas, decerto em função da dignidade da figura, de retardar o golpe que fende a alma de quem se reparte entre as responsabilidades de juiz e uma outra espécie de tendência suicida, que o incentiva a um adultério contrário às próprias leis que executa. O silêncio é a sua arma, o refúgio que lhe resta para ocultar de todos a fragilidade de adolescente que se lhe apoderou da alma. Redobra de ostentação,

---

<sup>14</sup> Uma informação mais precisa sobre estes factos encontra-se em Schmeling 1974: 79. Igualmente útil é o artigo de Bompaire 1977: 55-68.

exibe-se na majestade de um soberano oriental, para seduzir, pela riqueza, os olhos da jovem grega. Mas desta atitude, que usa como uma espécie de sublimação da sua condição real, desaba, de forma tanto mais grosseira, inerte aos pés do deus tirano. Manifesta, por outro lado, reserva e justiça, pretendendo julgar com equidade interesses que não são os seus, em nome de um código que desejaria impor no império sob sua jurisdição, como do reconhecimento devido a Hermócrates, um aliado contra o seu inimigo. Uma certa simulação, que não deixa de utilizar em público, torna-se-lhe também apanágio no círculo privado. Declara Calíroe, durante o juízo, sob proteção do tribunal e entrega-a à custódia de Estatira, sua esposa, para calar ciúmes ou recriminações. Mas esta capa de reserva é ténue e não resiste ao veneno de Eros. Os princípios que invoca e simula servir quebram-se nas mãos do bárbaro, cuja imagem globalmente se inferioriza por comparação com os modelos gregos. Face a Hermócrates, por exemplo, cujo ascendente Artaxerxes invoca, quanta distância a separar o general sensato e perseverante na defesa dos interesses do seu povo! Também diante de Dionísio, o poderoso senhor da Pérsia sai amesquinhado. É certo que ambos diligenciam, por intermediários, demover a vontade de Calíroe. Mas Dionísio ama deveras essa jovem siracusana que comprou, que lhe pertence, mas que o coração o obriga a respeitar; antes a morte do que forçar Calíroe pela violência. Por outro lado, Dionísio preserva, pelo casamento, a dignidade e legalidade da sua condição pública. Enquanto Artaxerxes maquina na sombra, põe-se na mão do eunuco Artaxates, apoia-lhe os planos, disposto a levar por diante um capricho através das prerrogativas que cabem a um grande senhor. Do escravo espera que dê a face e aja no sentido de lhe conseguir, com discrição, os favores de uma mulher. Para si o monarca reserva o simples gozo da conquista, sem se envolver nos métodos menos airosos

do servo. Esta degradação progressiva da personalidade régia destrona Artaxerxes da dignidade da sua função e justifica a sua substituição, neste papel, pelo rei egípcio, um anónimo para quem confluem as virtudes de um soberano autêntico.

A guerra vem interromper o assalto que preparava à resistência de Calírroe e repor, como supremo juiz, a ordem no espírito do senhor de Babilónia. Nos imprevistos do combate Artaxerxes perde a jurisdição de Calírroe, mas ganha a cabeça do rei inimigo e, de volta, depois de capturada, Estatira, como oferta generosa dos vencedores. Tudo regressa à normalidade na corte persa, após a revolução operada: tranquilidade no poder restabelecido depois de dominados os revoltosos, repouso no coração do rei, que se liberta de um fator de perturbação com o afastamento de Calírroe e recupera um motivo de estabilidade com o regresso de Estatira, sua mulher.

Junto do rei, como de cada apaixonado, atuam colaboradores, desta vez um ativo, o eunuco Artaxates, outro passivo, Estatira, a soberana. Artaxates age em pé de igualdade com Plângon ou Leone, como uma espécie de servo leal e atento na defesa dos interesses do patrão, sem deixar, porém, de cuidar dos seus próprios. Mas nele se definem com mais clareza os traços do bárbaro, para quem os desejos do senhor da Pérsia têm a força de uma exigência quase divina. Ser objeto das preferências ou caprichos reais é para ele honra tão elevada e tão promissora de benefícios, que se sobre põe a quaisquer escrúpulos ou pergaminhos. No seu diálogo com Calírroe, cuja resistência procura demover, o eunuco usa todas as armas, da persuasão à ameaça, sem resultado, de modo que, do conjunto da cena, predomina um conflito de mentalidades que opõe o bárbaro ao grego, o escravo ao aristocrata. Sintetiza Cáriton: «No seu entender de eunuco, de escravo, de bárbaro, a questão não punha dificuldades. Era-lhe estranha a nobreza

de sentimentos de um grego, sobretudo a de Calírroe, mulher virtuosa e fiel ao marido» (6. 4. 10).

Estatira, por seu lado, consagra um tipo de mulher capaz de contrastar com Calírroe. Aproxima-as a beleza, embora as exigências do romance dêem à protagonista uma vantagem indiscutível neste ponto. Mas afasta-as a atitude e o comportamento. Estatira, a preferida do rei, é submissa à vontade do senhor, aguarda-lhe com discrição as visitas raras aos aposentos femininos, recebe a incumbência de guardar Calírroe sem azedumes nem recriminações. Sustenta, em silêncio, os olhares expressivos que Artaxerxes crava na nova moradora do gineceu, que agora visita com redobrada frequência. No entanto, no dizer de Schmeling<sup>15</sup>, mais do que representar um modelo persa, cujas regras mal conhecemos para a época, Estatira atua como uma aristocrata grega, a quem é imposta alguma subserviência em relação ao marido e funções muito estritas em relação à família.

Também a Estatira a guerra reserva uma lição. Do vencedor não sofre a escravidão e o vexame, como temera, antes recebe a gratidão e o respeito devidos à sua anterior generosidade e dignidade de soberana. Por isso, as duas mulheres, a babilónia e a siracusana, se aproximam num derradeiro encontro, em nome de uma norma sagrada que se chama «respeito pelos perseguidos e vencidos». Essa a razão de um mútuo triunfo que lhes permite o regresso, em plenitude, ao convívio tranquilo dos seus.

O ambiente feminino da corte persa define-se com a participação de outras figuras, entre as quais avulta a de Rodoguna. É ela a representante escolhida pelas suas iguais para fazer valer, junto da concorrência da grega, a superioridade do atrativo oriental. E se, como todos esperaríamos, também ela sai vencida, o seu comportamento é o de uma verdadeira aristocrata.

---

<sup>15</sup> 1974: 148.

Consciente da superioridade da rival, dobra-se-lhe aos encantos e alinha, com elegância, no seu séquito. Se tem de perder para uma mulher de formosura superior, fá-lo com elevação. Modera emoções, não exhibe sentimentos, apenas racionaliza atitudes e cumpre a discrição exigida a uma mulher de corte.

Reservámos para último lugar a personagem elaborada de Térion, o pirata, decerto o representante, na ficção, de um tipo que a realidade da época tinha tornado familiar ao homem mediterrânico. Ele é, na história, o vilão puro, o génio do mal, que atua sempre em nome do lucro, da ambição, do egoísmo, sem contemplanções para com as suas vítimas, nem para com os seus subordinados. Também ele é senhor ou soberano de um outro universo, o da marginalidade e do crime, que governa sem sentimentalismos, com mão firme e espírito de autoridade. É sua missão conduzir um grupo de bandidos, que conhece e escolhe, para cada missão concreta, como Quéreas fará também na hora de se assumir como chefe autêntico. Debate com eles a estratégia, compromete-os pelas vantagens, que não por ideais; tem-nos, por isso, na mão. Não hesita perante qualquer campanha, mesmo a mais ousada, como o assalto ao túmulo da recém-sepultada filha de Hermócrates, homenageada na morte com honras nacionais e oferendas preciosas. Não o assusta a distinção da morta a duplicar o risco da empresa, ofuscado pelo brilho dos tesouros que a cercam.

Do plano passa à ação, onde não desdiz os seus méritos. Dispõe as forças, dá instruções, avança na dianteira e, se houver perigos imprevistos, assume-os por inteiro. A surpresa de encontrar viva a ocupante do túmulo, que atemoriza as mentes supersticiosas dos ladrões, não o perturba, porque, mais frio do que qualquer um dos companheiros, não se deixa iludir pelas aparências, percebe a realidade da situação, reflete rapidamente sobre a atitude a tomar, que mais vantagens lhe possa garantir.

Assim coroa de êxito a primeira etapa da empresa que desempenha: o saque do túmulo.

O suplemento com que não contava, a própria morta, desafia a sua capacidade inesgotável de adaptação às circunstâncias. A ganância dita-lhe atenções e amabilidades para com a cativa, para manter em forma e aparência perfeitas a jóia principal do seu tesouro. Completa as credenciais de assaltante com as de homem de negócios. Procura o mercado e o comprador certos, fareja um bom negócio; o comprador, sedu-lo pela bonomia e demonstrações de confiança, de modo a desaparecer no último momento com uma boa maquia no bolso, sem dar tempo à outra parte de descobrir o logro.

Mesmo a adversidade não o derrota facilmente. Os perigos do mar encontram nele um resistente, que sobrevive às condições mais rigorosas. O sol, a sede, a falta de água, põem à prova um vigor único, que ultrapassa a capacidade dos mais experientes nos riscos da profissão. Mortos todos os seus homens, que ele tem a lucidez de enganar até ao fim, só Téron resiste, capaz de inventar ainda todas as mentiras, quando confrontado com a ameaça do castigo. Não fosse existir uma justiça divina a regular o mundo e a exigir a punição dos culpados, não fosse a própria natureza humana impor as suas regras e limites, e este bandido teria escapado imune, quem sabe até se contemplado com uma ajuda humanitária do povo de Siracusa, persuadido com as suas mentiras. Por isso o castigo é exemplar - a morte junto ao túmulo objeto do seu crime e frente àquele mar onde fora, sob a bandeira do mal, comandante vitorioso.

É esta uma galeria de personagens, que recolhe um número elevado de figuras dominantes, acrescidas de outras de intervenção modesta que as deixa praticamente sem rosto. Temos de reconhecer que a pintura de caracteres não é uma prioridade para Cárton, apesar dos traços curiosos e expressivos que

individualizam alguns dos intervenientes na história. Mais sensível é, no entanto, a convenção, que os harmoniza, como peças moldadas à medida de um gosto e de uma conceção literária, para darem voz à experiência e interesses de uma certa mentalidade.

### 3. UM PADRÃO DE ESTRUTURA NARRATIVA

Abre a narrativa, como já antes foi referido, com a identificação do autor/narrador, que, embora se apresente na primeira pessoa, se mantém, omnisciente, fora da história. Dentro do plano estabelecido pelo próprio Cáriton, a narrativa reparte-se em oito livros, separados por momentos de relevo e *suspense* na evolução do tema. Cria-se assim um ritmo de desafio à atenção e interesse do público/leitor, semelhante ao que se procura conseguir, nos nossos dias, com a série novelesca de auditório alargado e diário. Por outro lado, o que talvez espelhe o uso do texto em leituras públicas, Cáriton tem uma preocupação evidente em manter o leitor/ouvinte permanentemente atento e orientado, dentro da extensão e variedade de episódios que lhe é proposta. Com esse fim, multiplica as recapitulações, sintéticas na forma por que se estabelecem, que funcionam de sumários das peripécias que constituem o fulcro da ação. Ocupam essas recapitulações, por vezes, lugares estratégicos, como acontece com a fase precedente do julgamento em Babilónia (5. 1. 1), em que, terminado o processo de busca, está iminente o primeiro reencontro entre os protagonistas; ou ainda o caso paradigmático do Livro VIII (8. 1. 1-5), que antevê ou profetiza o reencontro definitivo, a salvação e o regresso. Ora é o narrador omnisciente que se encarrega destas sínteses, assumindo, na primeira pessoa, um papel técnico de indispensável articulação (cf. 5. 1. 2, «(...) são estes os assuntos de que tratei no relato anterior. O que se seguiu passo a contá-lo agora»; cf. também 8. 1. 1-5); mas, com frequência, a estratégia das recapitulações é conferida a uma personagem, em particular a Calíroe<sup>16</sup>, sob

---

<sup>16</sup> Cf. 1. 1. 3, em que Leone relata a Dionísio cada trâmite do negócio de compra de uma mulher que fizera: 1. 14. 6, 3. 8. 9, 5. 1. 4, 6. 6. 4, em que Calíroe recapitula a lista crescente das suas experiências dolorosas.



a forma de solilóquio emotivo, denunciador de um estado de alma que se concilia, com toda a naturalidade, com a psicologia da heroína e com a tonalidade geral do romance. É enfim ao herói vitorioso que cabe fazer, no termo da narrativa, o relato final perante o povo de Siracusa, como a reconstituição geral dos tópicos da ação, quando sobre a tela se adivinha já a palavra FIM. É este, portanto, um artifício hábil para enquadrar no relato, de forma psicológica e dramaticamente convincente, uma informação sobretudo técnica. Algumas fórmulas de incentivo complementam este diálogo entre o narrador e o público, que se deseja constantemente mobilizado: «Vale a pena ouvir como é que foi» (2. 8. 3), adverte aquele antes de avançar para o episódio seguinte.

Preocuparam-se os estudiosos do romancista em definir, antes de mais, os travejamentos básicos da estrutura que suporta o plano geral da narrativa, e, em consequência, vários esquemas foram sugeridos. Um dos que mais adesão<sup>17</sup> colheu divide-se nos parâmetros que passo a enunciar:

1. Encontro entre os protagonistas, casamento, separação, aventuras de Calíroe (livros I-II).
2. Aventuras de Quéreas em busca da amada (livros III-IV).
3. Primeiro reencontro do par em Babilónia (livros V-VI).
4. Aventuras bélicas de Quéreas (livro VII).
5. Reencontro definitivo e regresso à pátria (livro VIII).

Organiza-se este esquema segundo um movimento, tripartido na intriga, do encontro para a separação e desta, através de peripécias múltiplas, para o reencontro de um par apaixonado. No entanto, a sucessão interna deste processo conhece ritmos variados e desvios imprevistos, com que Cáríton anima um

---

<sup>17</sup> Cf. García Gual, na introdução à tradução de Mendoza 1979: 16. Divergente em vários aspetos é o modelo proposto por Reardon 1981: 8.

bloco genericamente consecutivo. Antes de mais, o progresso da ação passa por uma sucessão de factos, que desencadeiam nos protagonistas reações emotivas; há portanto uma alternância ação/reação, de que cada um dos heróis é o centro e o objeto. Há mesmo um primeiro desequilíbrio nesta dinâmica, que resulta da circunstância de a carga emotiva pesar mais para o lado de Calírroe, que centraliza por inteiro a força feminina da história. É ela que invariavelmente capta sobre si as paixões e portanto se mantém como foco catalizador de todos os movimentos da ação. Em contrapartida, a componente sentimental do lado masculino conhece uma ampla variação, em que o protagonista se verá confrontado com diversos concorrentes com os quais terá de travar sucessivos *agônes*, para ganhar enfim o direito a impor-se como herói vencedor.

Desta dinâmica de base, parece dever concluir-se que à heroína compete uma maior emoção, enquanto, do lado masculino, a própria disputa, justificada por uma sequência de pretendentes, exige maior ação. Repartida de modo assimétrico a intervenção masculina e feminina, outra discrepância se torna evidente. Para que a história prossiga o seu movimento elementar - do encontro, para a separação e reencontro -, torna-se necessário que mais atuantes do que os próprios elementos do par sejam aqueles outros agentes, inimigos e aliados, que condicionam, em última análise, as contingências do progresso estrutural. Basta recordar palavras de Calírroe, que recapitula as grandes fases da sua experiência, de que a beleza é a principal responsável - *e. g.*, 6. 6. 4, “Por tua causa fui roubada, vendida, por tua causa voltei a casar, por tua causa me trouxeram para Babilónia, por tua causa compareci em tribunal” -, para sentirmos o confronto entre a passividade da heroína, vítima inerte da própria formosura, sobre a qual desabam sucessivas desgraças, e a dinâmica imposta à ação por Téron, Leone, Plângon, Dionísio, Mitridates e Artaxerxes.

A este conjunto de situações, que têm por polo a figura passiva e emocionalmente patética de Calírroe, corresponde, para Quéreas, a necessidade, a cada passo renovada, de lutar contra os sucessivos agentes das contingências que o afastam da mulher amada. Se outros tantos sofrimentos desabam sobre a sua cabeça, eles assumem a forma de um desafio a exigir, de caso para caso, maior energia; com cada um dos seus opositores, progressivamente mais poderosos, a quem cabe sempre a iniciativa de criar novas situações ou dificuldades, Quéreas é levado a travar sucessivas disputas, numa tentativa de reconquista permanente de Calírroe. E o mesmo crescendo que se verifica do lado dos adversários impõe igualmente um aumento de agressividade da parte do herói, que, por fim, atingirá um ponto de maturidade e audácia que lhe garante a vitória. Mas, basicamente, todos estes *agônes* assentam em linhas simétricas: ocorrem depois da separação inicial do par e tendem a criar entre ambos barreiras mais profundas; o motivo que os desencadeia - os efeitos devastadores da beleza de Calírroe - repete-se; o fim a que conduzem - o confronto de cada um dos rivais com Quéreas - nunca é decisivo, pelo que promove a continuação simétrica do esquema, até ao momento, sempre retardado, em que Quéreas reconquista Calírroe. A solução vai encontrar-se na força, é a guerra o supremo árbitro destes dois destinos. A resolução de uma questão de estado, que opõe dois potentados - o persa e o egípcio - e, com eles, o rei persa e Dionísio contra Quéreas, trará também a solução de um conflito pessoal. Mais uma vez, de acordo com o espírito geral do romance, história e ficção tocam-se, na solução definitiva de uma polémica de autoridade e sentimentos.

Para além desta dinâmica de base que resulta da articulação de duas forças de natureza diversa, os factos e as reacções emotivas a que dão lugar, o enriquecimento do esquema narrativo advém em boa medida da variedade e imprevisto de toda uma série

de episódios, mais ou menos convencionais dentro do género. À frente de todos os acontecimentos, como seus determinantes superiores, estão a Fortuna e Eros, que Cáríton qualifica de *philókainoi* «amigos do imprevisto», sempre prontos a alterar planos e a surpreender cálculos e desfechos. Juntamente com Afrodite, a deusa cujas generosidades, iras, castigos e apaziguamento final resultam em felicidades e desastres para os mortais sob sua mira, são eles, em fim de contas, as máquinas da ação e os patrocinadores, no plano narrativo, de uma ironia abundante, que deixa nas suas mãos os agentes humanos da história. E o público, que desfruta de um grau de conhecimentos superior ao das personagens, poderá saborear a cada momento a fragilidade e surpresas a que estão sujeitas. Desta convivência entre o narrador e o seu auditório são testemunha certas fórmulas anunciadoras dos desvios mais expressivos: «Pois o que parecia ser uma homenagem à morta veio a desencadear grandes acontecimentos» (1. 6. 5); ou «Quem sabe os imprevistos que a guerra traria, ou as alterações que, para os infelizes, só podem ser para melhor!» (6. 9. 8); ou ainda, mais expressiva na sua frontalidade elementar: «Só que a Sorte decidiu-se por um desfecho diferente do que ele previra e desencadeou maiores complicações» (4. 5. 3). Outro processo de preanunciar o curso da ação, de modo, agora, a alertar o público e a personagem, é o recurso ao sonho, de longa data consagrado na literatura grega como um processo de antecipação narrativa ou dramática. Também o sonho permite efeitos de natureza irónica, pelas interpretações dúbias que sugere. Cada personagem, de acordo com os anseios do seu coração, fará desses sinais a sua leitura, resultando de cada informação percepções por vezes contraditórias, que não deixam de estimular o interesse do público, em situação de conhecimento privilegiada. Com frequência, porém, em Cáríton, a visão noturna não passa de uma mera antecipação da realidade. Esta

simplicidade no uso do sonho, que não exige da personagem um grande aprofundamento de interpretação, coincide com a opinião que, no romance, Plângon exprime sobre as visões noturnas: «O que viste em sonho, existirá também na realidade» (5. 5. 5)<sup>18</sup>. A diversidade de aspetos formais que dá expressão ao tema do romance reparte-se entre a narrativa e o discurso direto, com preferência aliás muito marcada por um modelo de características dramáticas. Em consequência da tradição herdada da épica e do teatro, o romance dinamiza formas diversas de discurso, com preponderância para o discurso direto, o processo mais adequado à expressão da carga emotiva e sentimental, sua componente dominante. Dois esquemas se impõem pela adequação às circunstâncias. Antes de mais o solilóquio, que precede a ação ou a substitui quando a personagem é, por natureza, mais emotiva do que atuante. Téron é decerto uma figura expressiva do primeiro processo, ele a quem cabe sobretudo agir e de quem depende o assalto ao túmulo e a venda, que resultam no afastamento de Calíroe da pátria e da família. Cada um dos seus atos decisivos é precedido de um solilóquio sobre a atitude a tomar: O que fazer com a morta? Matá-la? Fazê-la render um bom lucro? (1. 9. 6). Ou, já em Mileto, perturbado pela dificuldade de arranjar um comprador à altura de tão valiosa mercadoria: «Por agora dorme, que bem precisas. Mas quando o dia nascer, dá uma saltada ao barco, lança ao mar essa mulher

---

<sup>18</sup> Outros sonhos acompanham diversos momentos fulcrais da história: cf. *e. g.*, 1. 12. 5, o sonho de Téron, já desesperado de vender Calíroe, que o leva a aguardar o aparecimento iminente de um comprador; 1. 1. 1, em que Dionísio, quando se prepara o encontro com Calíroe, sonha com a primeira mulher; 1. 3. 5, enquanto, do lado da jovem, também o sonho em que viu Afrodite a impulsiona a visitar o templo da deusa, onde se dará o primeiro encontro com o senhor de Mileto; por fim, 5. 5. 5, antes de encontrar Quéreas no tribunal de Babilónia, Calíroe revê em sonhos o dia das suas primeiras bodas.

importuna, que só atrapalha ...» (1. 12. 4)<sup>19</sup>. Calíroo, por seu lado, é muitas vezes retratada nos solilóquios múltiplos que pronuncia e que são a imagem da sua reação a um processo a cuja execução é alheia, mas que, em fim de contas, a penaliza. Assim a vemos questionar-se sobre o que fazer, quando retoma a consciência dentro do túmulo, onde, por lapso, a sepultaram viva (1. 8. 4); depois, com redobrada perplexidade, quando prisioneira do sepulcro, se angustia com o barulho confuso e ameaçador da aproximação dos salteadores (1. 9. 3); por fim, quando já abandonada aos seus raptos, geme pela desproteção de que é vítima, longe do pai e do marido (1. 11. 2-3).

Não menos influente é também o diálogo, que muitas vezes inclui processos exemplificativos da retórica deliberativa. Numa narrativa que progride em função de sucessivos *agônes*, o papel da retórica, mais ou menos desenvolvida, é obviamente fundamental. Trata-se, por vezes, de completar a decisão de alguém com uma consulta aos seus subordinados ou aliados. Assim, por exemplo, o mesmo Téron que vimos monologar antes de passar à ação, ouve os seus homens, como um complemento de reflexão ou como uma forma de motivar a sua adesão a um plano. De modo que, quando chega o momento de agir, a descrição dos factos se abrevia, por já ter sido explorada a respetiva preparação (cf. 1. 7. 1 sqq., 1. 10. 1). Este comportamento torna-se característico daqueles que se assumem como chefes ou responsáveis pela execução de um plano, como os pretendentes que maquinam um assalto ao casamento de Quéreas (1. 2. 2), como Quéreas, quando se prepara para desmobilizar as tropas sob seu comando e para regressar a Siracusa (8. 2. 9-14); original é o debate que Calíroo trava com os seus dois amores, Quéreas ausente e quem

---

<sup>19</sup> Cf. caso semelhante de Quéreas, que se interroga sobre a atitude a tomar perante o desaparecimento do cadáver de Calíroo (3. 3. 4).

sabe se morto, e o filho que traz no ventre, sobre o destino a dar a essa criança (2.11. 1). Com uma amplitude progressivamente mais alargada, o debate consagra-se em duas cenas públicas, que são os julgamentos, de Quéreas em Siracusa (1. 5. 3sq.) e o grande diferendo entre os apaixonados de Calírroe em Babilónia.

A teatralidade que o uso do discurso direto confere à narrativa é complementada por outros fatores, nomeadamente de cenário, que podem enquadrar estados de espírito ou produzir efeitos de certo exotismo. Os sucessivos cenários do romance - Siracusa, Iónia e Babilónia - criam contextos vários com clara influência sobre os factos e as emoções que dominam o conjunto.

Consideremos agora, de forma sucinta, o processo pelo qual se executa cada uma das componentes do esquema acima transcrito.

1. Depois da apresentação introdutória do autor e do objetivo da obra, Cáriton entra de imediato na narrativa, que se faz de embrião, pela apresentação individualizada de cada protagonista e respetivo enquadramento social e familiar. Dado que o tema da história é, para o público, desconhecido, como produto da imaginação criativa do autor, impõe-se começar a sua descrição *ab initio*. Definido o cenário, que é Siracusa, dá-se um primeiro movimento de aproximação do par, ocasional, ainda que sob o patrocínio de Afrodite. Desde a origem o amor abrange uma componente religiosa bem marcada, que lhe advém do patrocínio da deusa, sempre presente nos momentos cruciais da história. O momento - o dia da festa da deusa -, o local - um qualquer canto de rua -, as circunstâncias - uma troca de olhares que, num só relance, fulmina os dois jovens - correspondem ao padrão convencional do amor à primeira vista. Uma abordagem em separado acompanha a reação paralela de Quéreas e Calírroe, que se exprime com todos os pormenores de exaltação emotiva próprios do romance.

Superados os primeiros obstáculos ao casamento - a resistência familiar, numa antecipação do motivo conhecido de Romeu e Julieta -, consuma-se a união pelo matrimónio. A possível descrição da cerimónia é substituída pelo símbolo mitológico das bodas de Tétis e Peleu, que, para além da beleza divina do festejo, salienta a ameaça de fatalidade a pairar sobre os nubentes sob a forma da Discórdia ou Inveja (1. 1. 16). Representa esta referência mitológica um processo narrativo de anunciar um desvio no desenvolvimento da ação.

Já um primeiro *agôn* se apresenta a Quéreas, aquele que terá de travar com os rivais preteridos à mão de Calírroe, adversários ainda pouco poderosos, que maquinam na sombra, mas que precisam de duplicar a tentativa de sabotagem para terem algum êxito. A rutura entre o par, de que provém a separação, tem por base um ato de violência ditado pelo ciúme, que representa o erro ou culpa do herói e irrita a generosidade mal reconhecida dos deuses; concretiza-se pelas formas convencionais da morte aparente, ressurreição, rapto pelos piratas, viagem para longínquas paragens e venda de Calírroe. No seu contexto geral, domina, neste primeiro livro, a ação, controlada em momentos sucessivos de intensidade dramática, seguida de algum relaxamento: à angústia do primeiro encontro e à vaga resistência paterna, sucede-se a situação relaxante do casamento consentido; logo após, ocorre a morte e a separação, que traz, para Quéreas, a aflição do julgamento e a posterior absolvição, e para Calírroe todas as peripécias que a lançam num destino desconhecido, que são apelativas de emoção, até que o acolhimento em Mileto lhe traz à alma algum repouso.

Este conjunto de aventuras de separação, que gravitam sobretudo em torno de Calírroe, conhecem no Livro II maior intensidade emotiva do que movimento. Tudo se prepara para um novo encontro, agora em Mileto, entre um par, que conduzirá a



um segundo matrimónio. Afrodite patrocina também este outro consórcio, o amor à primeira vista mais uma vez funciona, agora porém numa perspectiva unilateral, deixando imune Calíroo, fiel ao marido distante. A reabilitação da heroína, que, sob o estatuto de escrava, revela o perfil da soberana, os encontros românticos entre Calíroo e Dionísio no templo de Afrodite, a revelação da identidade do par, o despertar fulgurante da paixão no senhor de Mileto, funcionam como um jogo emocional, sem outros percalços nem peripécias senão sentimentais. A coroar este processo romanesco, situa-se a opção colocada a Calíroo entre os seus deveres de mulher e de mãe: o que salvar dos destroços da sua vida? A memória de um marido, decerto perdido para sempre, ou o filho que gera desse primeiro amor? A solução penosamente tomada conduz a um desfecho de certo modo feliz e tranquilizador: as bodas com Dionísio.

2. O foco da narrativa desvia-se de Calíroo, cumprido este primeiro ciclo dos seus erros, para visar o herói, de forma a repor o paralelismo da atuação dos dois protagonistas da história. Inicia-se a aventura de salvação, que segue uma curva descendente até um *bathos*, após o que Quéreas envereda pelo caminho seguro da vitória. O regresso do herói ao túmulo, agora vazio, de Calíroo, repõe a ação no seu ponto de partida. A reação desencadeada por essa evidência - uma primeira busca que leva ao encontro e aprisionamento de Téron e das oferendas fúnebres -, entrelaça os dois fios da ação. O julgamento e castigo do pirata encerram, com o justo prémio devido aos maus, a aventura de Calíroo. Informado do destino da jovem, pode agora Quéreas lançar-se-lhe, em definitivo, no encaicho. Este Livro III é portanto um ponto de passagem entre as experiências dos dois protagonistas, com um só episódio - o da punição de Téron - rematando a odisseia de Calíroo, para desencadear a de Quéreas.

Uma viagem se renova, com o mesmo itinerário da primeira, de Siracusa para Mileto, desta vez conduzida por Quéreas. Como muito bem registra Reardon<sup>20</sup>, a separação física dos heróis é mais aparente do que real, porque eles se mantêm perto, de forma a que o romancista possa estabelecer entre ambos vários contactos, de grande efeito na textura da intriga. Essa proximidade de que se suspeita - evidente no mesmo templo de Afrodite que ambos visitam e onde um retrato é a prova material da sua passagem, no episódio do incêndio da trirreme de Quéreas, cuja notícia, intencionalmente deturpada, chega a Calírroe -, além de um estímulo à fidelidade mútua, é sobretudo um fator de permanente ironia, por levar cada um dos protagonistas a dúvidas ou a conclusões opostas à realidade (confusão permanente entre provas de vida ou de morte), que entretêm um auditório bem posicionado para lhes saborear o efeito. O afastamento não significa, no romance de Cáriton, aventuras vividas em separado, mas apenas a solidão emocional de Quéreas e Calírroe. Um fator de transcendente se torna recurso vulgar neste processo de contactos à distância: o sonho, que prossegue no romance o seu efeito de mensageiro profético, pelas interpretações díspares que por vezes proporciona, ao serviço da ironia. O sonho, em que Calírroe vê o aprisionamento de Quéreas (3. 7. 4), produz dois resultados opostos: convencer Dionísio da ameaça de um rival, e Calírroe da morte efetiva do seu amado. Mas logo um segundo sonho inverte as posições, como uma espécie de quiasma dramático: Calírroe, de novo com Quéreas diante dos olhos adormecidos, sonha que o salva (4. 1. 1), enquanto Dionísio pretende ver nesse sinal a exigência de um morto para que lhe sejam prestadas honras fúnebres e promove o segundo funeral do romance.

---

<sup>20</sup> 1982: 21.

Como outrora em Siracusa, agora em Mileto, um enterro parece colocar uma pedra sobre um amor apaixonadamente vivido; apenas, agora como então, o túmulo que se encerra está vazio e vivo o seu habitante imaginário. A ausência que cada uma das sepulturas interpõe entre os dois amantes é simplesmente a do espaço geográfico. É como se, da estreiteza do túmulo, se irradiasse para um horizonte sem fronteiras: de Calíroo para Mileto, de Quéreas para a Cária. Porque é no domínio de Mitridates, nessa outra região da Iónia, que Quéreas se encontra, de novo afastado da mulher de luto que o chora, como outrora, também ele de luto, a lamentara.

Depois desta fase dominada pela iminência gorada de um encontro, a ação prossegue centrada em Quéreas. Já um novo concorrente se delinea neste outro cenário, Mitridates o sátrapa, que entreviu Calíroo no falso funeral de Quéreas - pormenor por demais significativo - e sofre, tocado por um sentimento já antes experimentado por Quéreas e Dionísio: o fascínio condenador da siracusana. É nas mãos de Mitridates que a sorte de Quéreas se decide: escravo ao seu serviço, condenado à pena máxima da crucificação, o marido de Calíroo é salvo *in extremis*, por um efeito paradoxal do amor. O senhor da Cária liberta o seu prisioneiro, acolhe-o como um amigo, põe-no no caminho da recuperação da primeira dama de Mileto, sem deixar de ser um rival; porque o incentivo que o determina não é generosidade ou *philia*, mas alguma falsidade e a ambição de conquistar Calíroo pelo reconhecimento. Intervir no seu reencontro com Quéreas é, para Mitridates, uma forma de comprar os sentimentos de uma mulher que não cede ao atrativo da fortuna, dos presentes ou dos galanteios. Importa, neste momento, consignar uma palavra à intervenção de Policarmo, o amigo fiel que salva, por sentimentos elevados, o companheiro. O que significa que uma amizade sincera e leal se une a uma amizade falsa e interesseira,

para colocar Quéreas no início de um novo caminho. É simbólica esta concorrência de amigos e rivais, que condicionam o destino feito de agruras e fortunas do ser humano.

Uma nova tentativa de contacto se estabelece entre os amantes separados, agora sob a forma de uma carta, que não chega, porém, ao seu destino. Ou seja, o esperado desfecho sofre mais uma delonga, sem, no entanto, que o recurso ensaiado deixe de produzir um efeito decisivo. Em vez de encontrar a verdadeira destinatária, a missiva vai parar às mãos de Dionísio e desencadeia a luta final pela posse de Calíroo. Convencido da concorrência de Mitridates junto da sua mulher, o tirano de Mileto diligencia por uma resolução, em tribunal, deste atentado contra a sua segurança familiar. Está, portanto, iminente o debate final entre os pretendentes da heroína. De novo uma ação paralela se desencadeia, sob a forma de uma nova viagem a caminho de Babilónia. Cada comitiva, no seu íntimo, ganha consciência da luta decisiva que a espera no fim de tão longo trajeto.

3. Tudo aponta no sentido de um clímax, que terá lugar em Babilónia, sob a presidência do poderoso rei da Pérsia. Aqui culmina uma série de *agônes* que exprimem as etapas sucessivas da perda e recuperação da heroína. Não se trata, portanto, de criar uma situação nova, mas de repetir um processo; sem mudar o rumo da história, o episódio de Babilónia apenas eleva o tom dos fios condutores da intriga: a formosura de Calíroo conhece aí a sua consagração, primeiro numa disputa com as beldades orientais, que desfecha na vitória incontestada da grega; depois com o reconhecimento, para a laureada amargo, da sua superioridade: a investida do último dos seus pretendentes, o maior dos senhores do mundo, o todo-poderoso monarca da Pérsia.

Mas se Calíroo tem de enfrentar o julgamento definitivo da sua *arete*, a beleza, também a Quéreas espera desafio idêntico, o de conquistar, depois de defrontar em julgado os rivais, a sua

dama. Todos os pretendentes se digladiam neste juízo supremo, que a todos reserva irônicas surpresas. Dionísio, que julgava poder eliminar o rival Mitridates, acusado de adultério, só lhe consegue a absolvição plena. Sobretudo porque o seu verdadeiro rival não era um vivo, mas aquele que, com todas as galas, tentara sepultar em Mileto.

A cena ilumina-se para a “ressurreição” do morto, esse Quéreas que, por artes de Mitridates, faz a sua entrada em tribunal como se de uma verdadeira epifania se tratasse. Esta é a primeira vitória que alcança sobre a morte, aparente claro, e sobre a separação, também ela de certa forma fictícia. Porque ali bem na sua frente está Calírroe, incrédula, que o fita, atônita. Este encontro inesperado, que se salda em olhares, sem a espontaneidade do abraço ou do encontro físico que selasse a plena conciliação, é um sintoma de que o desfecho final será ainda adiado. De facto, o grande *agôn* entre Quéreas e Dionísio, bem como a investida do rei persa, um concorrente imprevisível, terminam de forma inconclusiva.

Quéreas, que se julgava simplesmente relegado ao mero papel de testemunha de Mitridates, é, sem o esperar, atirado para um combate supremo. Também Artaxerxes é surpreendido, quando a causa que se preparava para julgar se revela inconsistente e um outro juízo se impõe, onde o próprio juiz aparece como parte interessada. Ferida pela surpresa é, também, Calírroe, levada a Babilónia na ignorância dos verdadeiros motivos, para assistir, impotente e passiva, à luta final pelo destino da sua pessoa e do seu coração.

Enquadrado pelas cenas movimentadas que as viagens exigem, o episódio de Babilónia é sobretudo um confronto de sentimentos e palavras. Para além dos aspetos emocionais e patéticos que o fator surpresa justifica, o *agôn* dos pretendentes de Calírroe é uma prova de dialética e de retórica, de que o

público, sensível por tradição à técnica da palavra, não deixaria de tirar grande prazer. É este também o momento climático para a destreza formal do secretário do retórico Atenágoras, Cáriton de Afrodísias.

No entanto, a força dos argumentos não consagra um vencedor. Por iniciativa real, o desfecho do litígio entre Dionísio e Quéreas é adiado. O próprio Artaxerxes trava a sua luta por Calírroe, não no palco legal que lhe estava interdito devido à sua qualidade de juiz, mas nos bastidores, onde o soberano condena, pela atuação dúbia que adota, a sua supremacia. Os argumentos que usa são o do exibicionismo da opulência oriental, durante uma caçada, para impressionar os olhos da amada; depois a abordagem, feita de promessas e ameaças, com que, por empenho do seu eunuco, tenta suggestionar os ouvidos da beldade. Só que Calírroe tem um coração firme e sofrido demais para ceder à pressão dos sentidos. Por isso, a tentativa régia está condenada ao fracasso. Mais uma vez de surpresa, a guerra interrompe este combate, em Babilónia, e atira para um novo cenário a decisão do litígio.

4. Onde falharam os argumentos, será a guerra a decidir a sorte final dos litigantes. Uma revolta do Egito, que se insubordina contra a autoridade persa, desencadeia uma guerra onde todos se encontram presentes: do lado persa, Artaxerxes e Dionísio, do lado egípcio, Quéreas. Mais isolada e temerosa do que nunca, Calírroe segue também, com as aristocratas persas, para o campo de luta. De novo a ação se desenrola em paralelo. Ao comando das forças navais egípcias, Quéreas conquista Tiro e impõe-se como um chefe perspicaz e bem sucedido. Em terra, Dionísio vence os Egípcios e mata-lhes o comandante, o soberano do Nilo. Cada um colhe, portanto, da luta em que se empenha, louros equivalentes. Mas a Sorte reserva-se a última palavra no meio dos destroços de guerra, conduzindo Quéreas

vitorioso a Arados, a ilha onde os troféus de guerra, do maior quilate, o esperam: o tesouro da corte persa e, como jóia mais valiosa, a sua Calírroe.

5. Resta o remate final, que culmina, no último livro, com o reencontro dos dois apaixonados, o comandante vitorioso e a cativa velada e destruída, que voluntariamente se entrega à morte. A piedade que empurra Quéreas para um destroço humano derrubado a seus pés fará erguer o véu, a única distância que ainda separa os dois amantes em tão protelado reconhecimento e encontro derradeiro. Bem à maneira euripidiana, um abraço exaltado sela um processo tantas vezes diferido e envolve numa justificada euforia os dois protagonistas. Policarmo assume-se como a voz da razão, que traz à realidade dois seres que, diante dos seus olhos, gravitam nas alturas róseas da felicidade.

Como em qualquer drama com um final feliz, resta solucionar os tópicos da ação ainda em aberto e premiar os vencedores. A devolução generosa das mulheres persas aos maridos dá a Quéreas e a Calírroe um último sucesso moral, sobre Artaxerxes. Duas cartas, uma dirigida ao rei outra a Dionísio, apaziguam os derrotados e marcam para Quéreas a última das suas vitórias: depois de derrotar os Persas de armas na mão, o herói acabava agora de liquidar todos os concorrentes ao seu amor. Para os heróis abre-se enfim o caminho do regresso a Siracusa, onde os esperam o carinho dos familiares, o aplauso popular e o acolhimento benfazejo de Afrodite. Conquistam enfim o anonimato, que é apanágio dos venturosos. Sentenciosamente diz o povo “os felizes não têm história”.

## BIBLIOGRAFIA

## EDIÇÕES E TRADUÇÕES

- Blake, W. E. (1938), *Charitonis Aphrodisiensis De Chaerea et Callirhoe amatoriarum Narrationum libri octo*. Oxford: University Press.
- Goold, G. P. (1995), *Chariton, Callirhoe*. Harvard: University Press.
- Mendoza, J. (1979), *Cáriton de Afrodísias. Quéreas y Calírooe*, Madrid: Ediciones Clásicas.
- Molinié, G. (1979), *Chariton. Le roman de Chairéas et Callirhoé*. Paris: Les Belles Lettres [Esta foi, por motivos de acessibilidade imediata, a edição do texto grego utilizada para a tradução].
- Reardon, B. P. (1989), *Collected ancient Greek novels*. Berkeley: University of California Press.

## ESTUDOS

- Anderson, G. (1984), *Ancient fiction. The novel in the Graeco-Roman world*. London and Sydney: Croom Helm.
- Auger, D. (1983), “Rêve, image et récit dans le roman de Chariton”, *Ktéma* 8: 39-52.
- Billault, A. (1989), “De l’histoire au roman: Hermocrate de Syracuse”, *Revue des Études Grecques* 102: 540-548.
- Bompaire, J. (1977), “Le décor sicilien dans le roman grec et dans la littérature contemporaine”, *Revue des Études Grecques* 90: 55-68.
- Ferreira, J. R. (1990), *A democracia na Grécia antiga*. Coimbra: Minerva.
- Fusillo, M. (1990), “Le conflit des émotions: un topos du roman grec érotique”, *Museum Helveticum* 47: 201-221.
- Fusillo, M. (1988), “Textual patterns and narrative situations in the Greek novel”, *Groningen Colloquia on the novel*. I: 17-31.



- Graves, R. (reimpr. 1977), *The Greek myths*. I. Middlesex: Penguin.
- Hägg, Th. (1983), *The novel in Antiquity*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Konstan, D. (1994), *Sexual symmetry*. Princeton: University Press.
- Perry, B. E. (1967), *The ancient romances. A literary-historical account of their origins*. Berkeley: University of California Press.
- Piccolo Mondo Antico* (1989), a cura di P. L. Furiani e A. M. Scarcella. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane.
- Pulquério Futre, M. (1989), “Aspectos formais do romance grego”, *Actas do Primeiro Congresso da APLC*: 223-232.
- Reardon, B. P. (1982), “Theme, structure and narrative in Chariton”, *Yale Classical Studies* 27: 1-27.
- Reardon, B. P. (1991), *The form of Greek romance*. Princeton: University Press.
- Schmeling, G. L. (1974), *Chariton*. New York: Twayne Publishers.
- Swain, S. (1999), *Oxford readings in the Greek novel*. Oxford: University Press.
- Tatum, J. (1994), *The search for the ancient novel*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- Tilg, S. (2010), *Chariton of Aphrodisias and the invention of the Greek love novel*. Oxford: University Press.
- Vatin, C. (1970), *Recherches sur le mariage et la condition de la femme mariée à l'époque hellénistique*. Paris: E. de Boccard.
- Wiersma, S. (1990), “The ancient Greek novel and its heroines: a female paradox”, *Mnemosyne* 43: 109-123.
- Whitmarsh, T. (2008), *The Cambridge companion to the Greek and Roman novel*. Cambridge: University Press.

(Página deixada propositadamente em branco)

# QUÉREAS E CALÍRROE

CÁRITON

(Página deixada propositadamente em branco)

## LIVRO I

**I. 1.** Eu, Cáriton de Afrodísias, secretário do retórico Ate-nágoras, proponho-me narrar um caso de amor que se passou em Siracusa.

Hermócrates, o general de Siracusa - aquele mesmo que derrotou os Atenenses-, tinha uma filha, Calíroe de seu nome, uma perfeição de moça, a jóia por excelência da Sicília inteira.

**2.** De facto, a beleza que possuía não era humana, era divina; e nem mesmo a de uma Nereide ou de uma Ninfa das montanhas, mas a da própria Afrodite *Parthenos*<sup>21</sup>. À medida que a fama deste prodígio extraordinário se foi espalhando por toda a parte, acorriam a Siracusa os pretendentes, príncipes e filhos de soberanos; e não apenas da Sicília, mas também da Itália, do Epiro e até dos povos do continente<sup>22</sup>. **3.** Eros, porém, decidiu realizar um enlace original. Existia então um tal Quéreas, um jovem de grande formosura, superior a todos os outros, uma espécie de Aquiles, de Nireu, de Hipólito, ou de Alcibíades, tal como os representam escultores e pintores<sup>23</sup>. Era seu pai

---

<sup>21</sup> *Parthenos*, no sentido de “virgem”, aparece como epíteto da deusa e talvez seja preferível conservá-lo na tradução, com toda a carga sagrada que tem, como transcrição.

<sup>22</sup> Certamente de outras regiões da Europa Centro e Sul.

<sup>23</sup> Estas quatro personagens, do mito e da história, são tomadas como paradigma de beleza capaz de inspirar os artistas. É antes de mais Aquiles, o primeiro dos heróis gregos invasores de Troia, que é recordado. Logo Nireu, filho da ninfa Aglaia, cujo nome figura entre os dos pretendentes de Helena e que, por ela, veio a experimentar as agruras do cerco da cidade de Príamo (cf. *Iliada* 2. 671-675). O próprio Homero lhe louva a beleza, considerando-o o segundo nesse predicado, depois de Aquiles. Hipólito, o filho de Teseu de Atenas e da Amazona, logrou despertar a

Aríston, a segunda figura de Siracusa, depois de Hermócrates. Ora havia entre estes dois homens uma certa inimizade política, pelo que prefeririam estabelecer uma aliança fosse com quem fosse, a fazerem-no um com o outro. 4. Só que Eros é louco por disputas e pela-se por sucessos imprevistos: aguardava apenas o momento oportuno e este proporcionou-se.

Chegou o dia da festa oficial de Afrodite e praticamente todas as mulheres se dirigiram ao templo. 5. Calíroe, que até então nunca nela tinha participado, para lá foi também, levada pela mãe; satisfazia assim a ordem paterna de prestar culto à deusa. Nessa altura, Quéreas, vindo do ginásio, regressava a casa, radiante como uma estrela. No brilho do rosto resplandecia-lhe o rubor da palestra, como ouro sobre prata.

6. Então, por mero acaso, numa esquina bem apertada, os dois toparam um com o outro e ficaram frente a frente; foi o deus que determinou este encontro, para que se vissem um ao outro. E logo mutuamente se desencadeou uma paixão, entre dois seres que uniam formosura e nobreza.

7. Para Quéreas, depois deste choque, foi difícil voltar para casa; mais parecia um herói ferido de morte num combate, envergonhado de cair, mas incapaz de se manter de pé. A moça, por seu lado, lançou-se aos pés de Afrodite e, por entre beijos, suplicou: “Senhora, concede-me aquele homem que me mostraste”.

---

paixão desmedida da madrasta, Fedra. Da sua história faz parte uma morte violenta, causada pela calúnia de uma amante desprezada, de que a versão do *Hipólito* de Eurípides é a mais famosa. Finalmente Alcibíades ficou conhecido como um político em quem os Atenenses, próximo da derrota final da Guerra do Peloponeso, depositaram algumas esperanças. Tornavam-no popular a nobreza de sangue, a fortuna, a beleza e a inteligência. Ficou imortalizado, sobretudo através de Platão, por essa perfeição sedutora de que era dotado; *vide*, e.g., Platão, *Banquete*. Curiosamente o declínio político de Alcibíades deveu-se à sua participação na mal sucedida campanha ateniense contra a Sicília, a que este romance faz constantes alusões.

**8.** Chegou a noite, terrível para ambos; era como se um fogo os queimasse. Mais penoso era ainda o sofrimento da jovem, em silêncio, envergonhada à ideia de se ver descoberta. Quanto a Quéreas, um rapaz animoso e enérgico, já as forças lhe faltavam; pelo que ousou dizer aos pais que estava apaixonado e que não sobreviveria se não conseguisse casar com Calírroe. **9.** Ao ouvi-lo, o pai desatou a lamentar-se: “Para mim, estás perdido, meu filho” dizia ele; “é evidente que não é a ti que Hermócrates vai dar a filha, com todos aqueles pretendentes ricos que tem, monarcas até. É que nem vale a pena tentares sequer, para nos poupares a um vexame público». O pai lá procurava consolar o filho, mas o mal dele ia aumentando sempre, a ponto que nem para as ocupações habituais ele saía. **10.** Já o ginásio, votado ao abandono, lamentava a ausência de Quéreas; é que amigos lhe não faltavam entre a gente nova. Depois de se informarem e de conhecerem o motivo daquela doença, de todos se apoderou um sentimento de pena por aquele moço, bonito, prestes a arruinar-se por causa de uma paixão, que lhe roía a alma enérgica.

**11.** Houve uma sessão ordinária da assembleia<sup>24</sup>. Uma vez reunido, o povo apostou-se neste apelo, prioritário e único: “Hermócrates, homem ilustre e grande general que és, salva Quéreas; esse passará a ser o teu primeiro título de glória. A cidade reivindica, aqui e agora, o casamento desses jovens, que são dignos um do outro”. **12.** Quem poderia contradizer aquela assembleia, de que o próprio Eros era o condutor? Como homem devotado à pátria, Hermócrates não foi capaz de obstar

---

<sup>24</sup> A assembleia do povo funcionava, dentro do sistema democrático, como o organismo deliberativo por excelência. Tinha um calendário de reuniões anuais determinado, que decerto terá tido de ser alargado com o tempo e a complexidade progressiva das questões da cidade. Já no século IV a. C., no caso ateniense, se realizavam 40 sessões ordinárias por ano, além de se convocarem eventuais sessões extraordinárias, em situação de crise.

à pretensão da cidade. A um sinal de assentimento seu, o povo inteiro abalou do teatro: a rapaziada em demanda de Quéreas, o conselho e os magistrados a escoltarem Hermócrates<sup>25</sup>. **13.** Reuniram-se também as mulheres de Siracusa, para organizarem, até à casa do noivo, o cortejo nupcial. Cantava-se o himeneu pela cidade inteira, as ruas encheram-se de coroas e de tochas, os portais inundaram-se de vinho e perfumes. Com maior alegria se celebrou em Siracusa aquele dia do que o dia da vitória.

**14.** A moça, entretanto, nada sabia destes preparativos; prostrada no leito, com o rosto escondido, chorava em silêncio. Aproximou-se dela a ama, que lhe disse: “Minha filha, vamos a levantar, que se aproxima o dia por que todos nós mais suspirávamos. A cidade prepara-te o cortejo nupcial”.

“De pronto se lhe soltaram os joelhos e o coração”<sup>26</sup>; é que não fazia ideia de quem era o noivo que lhe destinavam. Logo ali ficou sem voz, um véu de trevas cobriu-lhe os olhos e pouco faltou para desmaiar. A quem a presenciava, esta reação parecia de pudor.

**15.** Mal que as servas a arranjaram, logo a multidão se concentrou à porta; foi então que os pais lhe apresentaram o noivo. Quéreas correu para ela e cobriu-a de beijos; Calírroe, ao reconhecer nele o homem que amava, como a chama da lamparina

---

<sup>25</sup> Para mais pormenores relativos ao funcionamento da assembleia, *vide* Ferreira 1990: 90-98. O conselho, por seu lado, era um órgão em quem a assembleia, por falta de capacidade de resolver todas as questões por um sistema direto, delegava uma parte dos seus poderes. Embora sendo constituído de forma diversa em cada cidade, o conselho obedecia a um processo de recrutamento alargado e diversificado. Aqui vemo-lo a agir de acordo com as suas atribuições administrativas, como agente executor das decisões da assembleia. Os arcontes, por seu lado, atuavam como uma comissão de funcionários, com competências essencialmente executivas também. Mais pormenores sobre estes aspetos da administração pública podem ver-se em Ferreira 1990: 98-112.

<sup>26</sup> Citação da *Iliada* 21. 114.



prestes a apagar-se que recebeu mais azeite, refulgiu, com luz maior e mais forte. **16.** Assim, quando a jovem fez a sua aparição em público, o assombro apoderou-se da multidão, como quando Ártemis, em lugar solitário, aparece aos caçadores. Muitos houve até, entre os presentes, que chegaram a prosternar-se. Não faltou quem admirasse Quéreas e louvasse a felicidade de Calírrroe. Mais pareciam as núpcias de Tétis, no Pélion, como as celebram os poetas. De resto, nem mesmo aqui faltou um génio malfazejo, como dizem que lá esteve também: a Discórdia<sup>27</sup>.

**II. 1.** Os pretendentes preteridos, perante esta união, alimentaram uma amargura a que se misturou o ressentimento. Eles, que até então se disputavam uns aos outros, puseram-se de acordo e, em função dessa mesma concórdia, consideraram-se ofendidos e reuniram-se para uma deliberação conjunta; foi a Inveja quem recrutou esse exército disposto a avançar contra Quéreas. **2.** O primeiro a erguer-se foi um jovem italiano, filho do tirano de Régio<sup>28</sup>, cujas palavras foram: “Se tivesse sido um de nós o contemplado com este casamento, eu não ficaria ressentido; seria como nas provas desportivas, onde tem de haver, entre os concorrentes, um vencedor único. Mas que nos tenham preferido um sujeito que nada fez para o conseguir, esse é um ultraje que eu não tolero. **3.** Nós sim, postámo-nos de vigília ao portão, bajulámos governantas e escravas, presenteámos as

---

<sup>27</sup> Filha de Nereu, o deus do mar, Tétis casou, por decisão divina, com um mortal, Peleu; desta união nasceu Aquiles, o herói troiano, que, de acordo com uma profecia, deveria suplantiar, em qualidades, o seu progenitor. Para o casamento, que decorreu no monte Pélion, foram convocados todos os deuses, numa festa de beleza inesquecível, que serviu de motivo a muitos quadros poéticos: cf., e. g., Eurípides, *Ifigénia em Áulide* 703 sqq., 1036 sqq.; Apolónio de Rodes 4. 790; Catulo 44. 305 sqq. Mas a deusa Éris, a Discórdia, por não ter sido convidada, lançou para o recinto da festa o seu pomo, que veio a germinar como causa de dissensão e violência. *Vide* Graves 1977: 268-274.

<sup>28</sup> Cidade do Sul da Itália, fronteira à Sicília.

amas. Quanto tempo durou esta nossa servidão? Pior ainda - e isso foi o mais desagradável de tudo! -, como concorrentes, passámos a odiar-nos uns aos outros. Enquanto o sujeito, um devasso, um pelintra, que não valia nenhum dos monarcas em litígio, com uma perna às costas, arrebanhou a coroa<sup>29</sup>. **4.** Pois que esse prémio lhe seja baldado; que para esse noivo o casamento se converta, por nossas mãos, em morte”. Aplauso geral; só o tirano de Agrigento<sup>30</sup> objetou: “Não é por simpatia para com Quéreas que me oponho a essa vossa cabala, mas em nome de uma solução mais calculista. Lembrem-se de que Hermócrates não é sujeito sobre quem se possa passar por cima. Logo não nos é possível entrar em luta aberta com ele; é preferível usar de astúcia. **5.** A verdade é que o poder se consegue mais pela habilidade do que pela força. É só elegerem-me general para a guerra contra Quéreas, que eu comprometo-me a desfazer esse casamento. Lanço ao ataque o Ciúme, que, aliado ao Amor, há de produzir uma razia medonha. **6.** Calíroe é uma alma sã, isenta de desconfianças malévolas. Quéreas, no entanto, criado nos ginásios como foi, e não de todo estranho aos erros de juventude, é muito capaz de, sob o efeito de uma suspeita, entrar num ciúme de adolescente. Aliás é muito simples abordá-lo e falar com ele”. Ainda mal tais palavras eram ditas e já todos apoiavam a proposta; foi-lhe confiada a missão como a alguém com aptidões suficientes para armar qualquer cilada. Foi então que o tal fulano pôs em marcha o plano que forjara.

**III. 1.** Um dia à noite, veio alguém avisar que Aríston, o pai de Quéreas, tinha caído de uma escada, no campo, e que as

---

<sup>29</sup> A metáfora usada por Cáriton é inspirada nas provas atléticas; a versão literal diz: “Enquanto o sujeito (...), sem se sujar no pó da palestra, arrebatou a coroa”.

<sup>30</sup> Importante cidade da Sicília, situada na costa SO e fundada, em princípios do século VI a. C., por colonos gregos.

esperanças de sobrevivência eram poucas. Perante esta notícia, Quéreas, apesar de ser dedicado ao pai, não deixou de se sentir incomodado à ideia de ter de viajar sozinho; é que não lhe era ainda possível fazer-se acompanhar da mulher<sup>31</sup>. **2.** Nessa noite, às escâncaras, ninguém se atreveu a vir fazer uma farra. Mas houve quem viesse, às escondidas e sem dar nas vistas, deixar ali marcados os sinais da festa. Puseram coroas à entrada da porta, regaram-na de perfumes, entornaram vinho até fazer uma poça e atiraram ao chão as tochas meio ardidadas. **3.** O dia nasceu, e não havia quem passasse que não parasse, movido por um sentimento geral de curiosidade. Quéreas, mal que o pai se restabeleceu, apressou-se a vir ter com a mulher. Perante a multidão que se aglomerava à entrada, primeiro ficou admirado; mas quando soube o motivo, avançou porta dentro que nem um possesso. **4.** Encontrou o quarto ainda fechado, e pôs-se a bater com fúria. Quando a criada veio abrir e deparou com Calírroe, a cólera transformou-se-lhe em sofrimento e, a rasgar as roupas, desfez-se em pranto. Ela quis saber o que tinha acontecido, mas Quéreas perdeu a fala, incapaz de duvidar do que tinha diante dos olhos, como também de acreditar no que ia contra os seus desejos. **5.** Ficou paralisado e trémulo; e a mulher, que não fazia ideia do que se passava, suplicava-lhe que lhe dissesse o motivo daquela irritação. De olhos raiados e com voz rouca, Quéreas disse enfim: “Choro a sorte que me coube, pois que bem depressa me esqueceste”; e censurou-a pela farra. **6.** Como filha de militar que era, com o orgulho no sangue, Calírroe ferveu face à injustiça da acusação que lhe era feita: “Nunca, em casa de meu pai, se fizeram farras”, retorquiu; “se calhar é na tua

---

<sup>31</sup> Casada ainda de fresca data, à jovem era aconselhável alguma discrição, pelo que devia evitar expor-se em público. Sobre as habituais restrições impostas à mulher, como também sobre os principais motivos que podiam justificar a sua aparição em público, cf. Vatin 1970: 263-265.

que se usam borgas dessas, e quem sabe o casamento deixa os teus amantes desolados”. Dito isto, voltou-lhe as costas, cobriu o rosto e desfez-se em lágrimas. **7.** É fácil, entre os que se amam, fazerem-se as pazes e todas as desculpas, de parte a parte, de bom grado se aceitam. Assim Quéreas, já desanuviado, pôs-se a conquistá-la, e logo a mulher, diante do arrependimento dele, lhe retribuiu as carícias. Esta briga veio até atingar mais o amor, de modo que os pais de ambos se sentiam radiantes ao presenciarem a harmonia dos filhos.

**IV. 1.** Entretanto o Agrigentino, derrotado neste seu primeiro estratagema, adotou uma tática mais eficaz, que foi a seguinte: tinha ele um parasita, um fulano cheio de lábia, com todo o tipo de encantos para o convívio social, que encarregou de fazer o papel de galá. Foi à favorita de Calírroe, de entre as suas servas a predileta, que o sujeito começou a fazer a corte. **2.** Não foi sem custo que conseguiu seduzi-la, à força de grandes presentes e de ameaças de que se enforcava se não realizasse os seus sonhos. Ora a mulher é presa fácil quando se julga amada. Consumada esta abordagem, o produtor da peça arranjou um segundo ator, que longe de ser um D.Juan, era um tipo sabido, com um paleio irresistível. **3.** Começou por o industriar sobre o que fazer e dizer, e depois infiltrou-o junto de Quéreas, que não o conhecia. O fulano abordou-o quando circulava pelas palestras: “Já tive um filho da tua idade, Quéreas, que te admirava muito e era teu amigo do coração, enquanto estava vivo. E agora que ele morreu, é como se tu fosses o meu próprio filho; de resto essa tua felicidade faz de ti um património comum da Sicília inteira. **4.** Dá-me uns minutos de atenção, uma vez que estás com tempo, e ouve umas informações do maior interesse, que bolem com toda a tua vida”. Com este palavreado, o malvado do sujeito abalou o espírito do rapaz, que se encheu de esperança, de temor e de curiosidade. Quéreas insistia para que ele falasse,

mas o fulano hesitava, desculpava-se com a ocasião que lhe não parecia adequada, que era preciso dar tempo ao tempo, tratar do caso com mais vagar. **5.** Tanto mais Quéreas se empolgava, à espera de qualquer coisa cada vez mais grave; por fim, o tipo pegou-lhe pelo braço, levou-o para um lugar retirado, pôs cara de caso e, com ares de grande pesar - até meia dúzia de lágrimas ele verteu! -, confidenciou-lhe: “Não me dá prazer nenhum, Quéreas, ser eu a revelar-te esta triste situação; há muito que queria falar, mas hesitava. Mas como a tua desonra já é pública e a tua vergonha corre nas bocas do mundo, não posso continuar calado. Está-me na massa do sangue a aversão à maldade, além de que sou teu amigo sincero. **6.** Pois fica a saber que a tua mulher te engana; e para te dar a prova do que te digo, estou pronto a mostrar-te o galá em flagrante”.

Assim falou. “E já o outro, coberto por uma nuvem negra de sofrimento, com ambas as mãos tomou as cinzas fumegantes que derramou sobre a cabeça. O rosto gracioso desfigurou-se-lhe”<sup>32</sup>.

**7.** Durante longo tempo o moço ficou siderado, de lábios e olhos fixos. Quando enfim se recompôs, em voz fraca que nem parecia a dele, murmurou: “Triste favor este que te peço, o de me fazeres testemunha ocular da minha própria desgraça. Apesar de tudo mostra-ma, para que, com maioria de razão, eu acabe comigo. Porque Calírroe, mesmo culpada, vou poupá-la”. **8.** “Finge que partes para o campo”, sugeriu o outro, “e, de madrugada, põe-te de vigia à casa. Vais ver o amante entrar”.

Assim combinado, Quéreas mandou um recado (nem força teve para lá ir pessoalmente): “Parto para o campo”. Entretanto o malvado do caluniador preparava a cena. **9.** Quando se fez noite, um pôs-se à espreita; o outro, o sedutor da favorita de

---

<sup>32</sup> Citação da *Iliada* 18. 22-24, a propósito da reação dolorosa de Aquiles à notícia da morte de Pátroclo.

Calírroe, enfiou pela viela, no papel de quem se prepara para tramar qualquer coisa às escondidas, mas faz tudo que pode para dar nas vistas. Tinha um cabelo lustroso, aos caracóis, muito perfumado, olhos sombreados, um fato de bom corte, sapatos elegantes. Os dedos cintilavam-lhe de anéis. Depois de olhadelas insistentes em volta, avançou para a porta, bateu de leve para dar o sinal combinado. **10.** A criada, também ela assustada, entreabriu discretamente a porta, agarrou-lhe pela mão e puxou-o para dentro. Perante esta cena Quéreas não se conteve; correu para casa, para apanhar o rival em flagrante. **11.** Este porém, oculto junto à porta da entrada, escapou-se logo. Quanto a Calírroe, sentada na cama, suspirava por Quéreas; tanto era o seu pesar, que nem a lamparina tinha acendido. Ouvia-se um ruído de passos; logo ela reconheceu, pela respiração, o marido e correu, radiante, ao seu encontro. **12.** Ele nem voz teve para a censurar, mas, dominado pela cólera, deu-lhe um pontapé na altura em que ela se aproximava. A pancada atingiu-a em cheio no estômago. E a pobre da moça, de respiração suspensa, caiu estendida no chão. As servas ergueram-na e depositaram-na no leito.

**V. 1.** Calírroe jazia sem voz e sem respiração, dando a todos a imagem de uma morta, enquanto a Fama, mensageira da desgraça, corria pela cidade inteira e despertava um coro de lamentos, de ruela em ruela, até ao mar. Por toda a parte se ouvia um canto fúnebre, nem que a cidade tivesse sido conquistada. Quéreas, ainda com o sangue a ferver, fechou-se no quarto durante toda a noite, a interrogar a criadagem, a começar e a acabar pela favorita da mulher. **2.** À força de a torturar a ferro e fogo, arrancou-lhe a verdade. Então apoderou-se dele uma onda de compaixão para com a morta; queria pôr fim à vida, do que o impediu Policarmo, um amigo de eleição, tal como, de Aquiles, Homero diz ter sido Pátroclo.

Quando o dia nasceu, os arcontes constituíram um júri para o crime; em atenção ao prestígio de Hermócrates, queriam apressar o julgamento. **3.** O povo em massa acorreu à ágora, cada um a dar o seu palpite, numa gritaria. A tentarem cativar a populaça lá estavam os pretendentes preteridos e sobretudo o Agrigentino, muito senhor de si e cheio de empáfia, com o à-vontade de quem cometeu um ato que não passa pela cabeça de ninguém. **4.** Produziu-se no entanto uma situação extraordinária, como nunca acontecera num tribunal. Depois do discurso da acusação, o criminoso, no uso da palavra<sup>33</sup>, em vez de se defender, acusou-se de forma ainda mais perentória e, antes de qualquer outro, foi o primeiro a pronunciar-se pela condenação; nem mesmo referiu, em sua defesa, qualquer argumento dos que era legítimo invocar, nem calúnia, nem ciúme, nem o caráter involuntário do crime; pelo contrário, era nestes termos que apelava à assembleia: “Condenem-me à lapidação pública, que eu tirei ao povo a sua coroa. **5.** É um favor que me fazem se me entregarem ao carrasco. Deveria ser esse o meu castigo, se, por exemplo, tivesse morto a criada de Hermócrates. Pois tratem de me arranjar uma pena ainda mais drástica. O crime que eu cometi ultrapassa sacrilégios e parricídios. Não me enterrem, para não mancharem a terra, atirem antes ao mar este corpo ímpio”. **6.** Perante tais palavras, irromperam as lamentações, e não houve quem não esquecesse a morta para passar a lastimar o vivo. Foi Hermócrates quem primeiro assumiu a defesa de Quéreas: “Eu”, afirmou, “estou certo de que o que aconteceu foi involuntário. Tenho na minha frente os autores da conspiração tramada contra nós. Mas não se hão de regalar com dois cadáveres, que eu não vou dar esse desgosto à memória da minha

---

<sup>33</sup> Literalmente: “enquanto lhe era medida a água”, ou seja, no tempo de resposta que lhe estava atribuído e que era marcado por uma clepsidra.

filha. 7. Muitas vezes a ouvi dizer que punha a vida de Quéreas à frente da sua própria. Portanto acabemos com este julgamento inútil e vamos ao que importa, o funeral. Não abandonemos a morta ao tempo, não desfiguremos, com a nossa demora, aquele corpo. Sepultemos Calíroe ainda no fulgor da sua beleza”.

**VI. 1.** Os juízes pronunciaram-se então pela absolvição; Quéreas é que se não dava por absolvido, queria a morte e engendrava todas as formas de a conseguir. Policarmo, ao ver que não havia outro processo de o salvar, insinuou-lhe: “Com que então traidor da falecida! Nem pelo enterro de Calíroe tu esperas? A mãos estranhas lhe confias o corpo? É altura de te preocupares com um funeral de gala e de lhe preparares um enterro digno de uma rainha”. **2.** Só este argumento o convenceu, por despertar nele o sentido da honra e do dever.

Quem poderia descrever com o justo realce aquele funeral? Calíroe jazia em traje de noiva, tão bela e majestosa, sobre o leito recamado de ouro, que todos a comparavam a Ariadne adormecida<sup>34</sup>. **3.** Diante do leito desfilarão, em primeiro lugar, os cavaleiros de Siracusa, em traje de gala, com os seus cavalos; depois deles vinham os hoplitas, com as insígnias dos troféus obtidos por Hermócrates. Por fim o Conselho e, no meio, o povo, todos a escoltarem Hermócrates. Aríston, ainda doente, fazia-se transportar, chamando por Calíroe, sua filha e senhora. Atrás deles, seguiam as esposas dos cidadãos, em traje de luto; a seguir, a pompa, verdadeiramente régia, das oferendas fúnebres. **4.** Primeiro o ouro e a prata que faziam parte do dote,

---

<sup>34</sup> O nome de Ariadne está ligado à aventura do ateniense Teseu em Creta; apaixonada pelo jovem, a filha do rei Minos facultou-lhe um novelo com que possa orientar a fuga do labirinto, depois de matar o monstro Minotauro. Tanto amor não conquistou, porém, a gratidão do ateniense. Na viagem de regresso, Ariadne foi abandonada, durante o sono, na ilha de Naxos, onde Dioniso a encontrou, desposou e de onde a conduziu ao reino dos Olímpicos.



a beleza e o luxo dos tecidos (Hermócrates juntou-lhes muitas ofertas, provenientes de saques) e os presentes de parentes e amigos. Atrás seguia a fortuna de Quéreas: era seu desejo, se fosse possível, fazer arder, juntamente com a mulher, tudo o que possuía. **5.** Transportavam o esquife os efebos de Siracusa, seguidos da multidão. Entre todos os lamentos, eram os de Quéreas os que mais se ouviam. Hermócrates possuía um jazigo magnífico, perto do mar, de modo que, mesmo de longe, quem chegava de navio o podia ver. Túmulo que se encheu, como um verdadeiro tesouro, com o luxo das oferendas. Pois o que parecia ser uma homenagem à morta, veio a desencadear grandes acontecimentos.

**VII. 1.** Havia então um tal Téron, um escroque, que, com propósitos desonestos, percorria os mares; tinha com ele um grupo de salteadores que se acobertavam nos portos, a pretexto de fazerem transportes marítimos, mas que não passavam de um bando de piratas. Pois aconteceu que o tal fulano presenciou o funeral, ficou de olho no ouro e, de noite, na cama, não havia forma de dormir, a repetir com os seus botões: “Ando eu a arriscar-me a combater no mar, a matar gente viva por lucros de miséria, quando posso enriquecer à custa de uma simples defunta? Seja o que Deus quiser! Não vou perder esta oportunidade. **2.** Que cúmplices hei de eu recrutar para esta operação? Ora deixa ver, Téron, de entre os teus conhecidos quem estará mais à altura? Zenófanes de Túrios? Esperto é ele, mas cobarde. Ménon de Messina? Esse é ousado, mas falso”. **3.** Lá os foi, em pensamento, passando em revista um por um, que nem um avaliador; depois de pôr vários de lado, encontrou outros que lhe pareceram capazes. Manhãzinha cedo correu ao porto e pôs-se à procura de cada um deles. Uns encontrou-os nos bordéis, outros nas tabernas; tal general, tal exército. **4.** Disse-lhes então que tinha um assunto que precisava de discutir com eles; levou-os

para trás do porto e começou assim: “Descobri um tesouro e foram vocês, de entre todos, os escolhidos para o partilharem comigo. É negócio para interessar a mais do que um, e nem sequer exige muito trabalho. Uma só noite pode tornar-nos milionários. 5. Experiência não nos falta neste tipo de operações, que, se provocam a censura dos tansos, só trazem vantagens a quem tem dois dedos de testa”. Eles perceberam logo que era um assalto, a violação de um túmulo ou uma profanação que o chefe lhes estava a propor, e disseram: “Deixa-te de converter os convertidos! Trata mas é de nos informar do negócio, que não vamos deixar fugir a oportunidade”. 6. Téron então prosseguiu: “Vocês viram o ouro e a prata da defunta. Fazia mais sentido que nos pertencessem a nós, que estamos vivos. Eis o meu plano: de noite abre-se o túmulo, depois metemo-nos no barco, navega-se até onde o vento nos levar e vamos vender a carga no estrangeiro”. Aprovação geral. “Por agora”, continuou ele, “voltem às vossas ocupações habituais. Mas logo, quando for noite fechada, que cada um se apresente no barco, munido de uma ferramenta de pedreiro”.

**VIII. 1.** Eis o que ficou combinado entre eles. Entretanto, com respeito a Calíroe, preparava-se uma ressurreição carregada de perigos: a falta de alimento produziu uma certa desobstrução da respiração, que lhe tinha faltado; e então, com dificuldade, a pouco e pouco, ela voltou a respirar; depois começou a mexer o corpo, membro a membro, e, quando abriu os olhos, recuperou a consciência, como se despertasse de um sono; chamou por Quéreas, convencida de que ele dormia a seu lado. 2. Mas como nem o marido nem as servas a ouviam e tudo em volta era solidão e trevas, a rapariga deixou-se tomar de calafrios e tremores, incapaz de raciocinar para compreender a verdade. Quando, a custo, conseguiu levantar-se, tocou nas coroas e nas fitas, fez soar o ouro e a prata. Tudo se impregnava

do cheiro das essências. **3.** Por fim, recordou-se do pontapé e da queda que se lhe seguiu e, aos poucos, saindo daquela inconsciência, reconheceu o túmulo. Então ergueu a voz e, com quanta força tinha, gritou: “Estou viva! Socorro!” Como, depois de ter gritado várias vezes, nada aconteceu, fugiu-lhe a esperança de salvação e, com a cabeça escondida nos joelhos, pôs-se a chorar: “Que desgraça a minha! Fui enterrada viva, sem ter feito nada de mal, e vejo-me condenada a uma morte lenta. Eu aqui sã e salva e eles a prantearem-me. **4.** Quem me há de enviar um mensageiro? E qual? Quéreas malvado, não é da minha morte que te acuso, mas da precipitação com que me repudiaste. Não devias ter sepultado Calírroe assim tão depressa, que de resto nem morta está. Quem sabe se não terás já algum projeto de casamento!” **IX. 1.** E lá se perdia ela em toda a casta de lamentos.

Téron, entretanto, pôs-se à espera da meia noite em ponto para se aproximar, sem ruído, do túmulo; os remos mal afloravam o mar. Foi ele o primeiro a desembarcar e deu aos seus homens as instruções **2.** seguintes: quatro mandou-os em exploração, para verem se alguém se aproximava do lugar, com ordem de o matarem se pudessem; se tal não fosse possível, de lhe denunciarem a chegada por um sinal combinado. Ele próprio, com outros quatro, avançou para o túmulo. Aos restantes (eram, ao todo, dezasseis) mandou-os ficar no barco, com os remos a postos, preparados para, perante qualquer emergência, recolherem rapidamente os homens de terra e se porem ao largo. **3.** Enquanto eles metiam mão às alavancas e davam pancadas fortes para abrirem o túmulo, Calírroe foi tomada de toda a espécie de sensações, medo, alegria, preocupação, espanto, esperança, incredulidade. “De onde virá este barulho? Será que um deus, de acordo com as regras dos mortos, vem ao meu encontro, nesta aflição? Ou não será propriamente um barulho, mas a voz dos que vivem no além a chamar-me para

ir ter com eles? Se calhar são mas é ladrões de sepulturas, o que seria para mim uma desgraça maior ainda. Ah, fortuna inútil para um cadáver!”. **4.** Estava ela nestas cogitações, quando um salteador meteu a cabeça e aos poucos foi entrando. Calíroe lançou-se para ele, na intenção de lhe fazer uma súplica. Mas o sujeito, aterrado, saltou lá para fora, e, a tremer da cabeça aos pés, bradou aos companheiros: “Fujamos daqui! Há um deus de guarda lá dentro que nos não deixa entrar”. **5.** Téron pôs-se a rir, a chamar-lhe cobarde e mais morto que a defunta. Depois mandou lá outro. Mas como ninguém se dispusesse, entrou ele mesmo de espada em riste. O brilho do ferro fez temer a Calíroe que alguém viesse matá-la; por isso afastou-se para um canto de onde se pôs a suplicar; com voz fraca dizia: “Tem piedade de mim, sejas tu quem fores, de uma mulher de quem nem o marido nem os parentes se apiedaram. Não mates quem acabas de salvar”. **6.** Téron recobrou ânimo e, sujeito sabido como era, percebeu toda a verdade. Parou para pensar: primeiro decidiu matar a mulher, por lhe parecer que ela seria um empecilho para toda a empresa. Mas a ganância depressa o fez mudar de opinião, porque pensou lá consigo: “Façamos de conta que ela faz parte das oferendas fúnebres. Há aqui muita prata e muito ouro, mas mais valor do que todas essas riquezas tem a beleza da mulher”. **7.** Pegou-lhe então na mão e trouxe-a cá para fora. Depois chamou o cúmplice e disse-lhe: “Aqui tens o deus que te pregou o susto. Que rico salteador tu me saístes, que até de uma mulher tem medo! Anda lá, toma conta dela, que eu quero devolvê-la aos parentes. E vós, toca a trazer os tesouros acumulados lá dentro, que já nem a morta lá está a guardá-los”.

**X. 1.** Depois de encherem o barco com o saque, Téron ordenou ao guarda que se afastasse um pouco com a mulher. Pôde então abrir um debate sobre o destino a dar-lhe. Fizeram-se sugestões diversas, até contraditórias entre si. **2.** O primeiro a falar

declarou: “Foram outros os objetivos que aqui nos trouxeram, companheiros, mas as vantagens que a Fortuna nos reservava bateram as nossas expectativas. Toca a aproveitá-las. Podemos levar a cabo a nossa missão sem riscos. Parece-me melhor deixar as oferendas no seu lugar e entregar Calírroe ao marido e ao pai. Dizemos-lhes que tínhamos ancorado perto do túmulo para a nossa faina habitual; como ouvimos uma voz, que abrimos o sepulcro na melhor das intenções, para salvarmos a mulher fechada lá dentro. **3.** Obriguemo-la a jurar que confirma a nossa versão. Coisa que ela há de fazer de bom grado, por gratidão para com os benfeitores que a salvaram. Imaginam vocês de quanta alegria vamos encher a Sicília inteira? Que recompensas havemos de receber? E, ao mesmo tempo, praticamos um ato justo aos olhos dos homens e piedoso aos dos deuses”. **4.** Ainda nem acabara de falar, já outro lhe contrapunha: “Que despropósito e falta de senso! Estás-nos a mandar armar ao sério? Será que arrombar túmulos fez de nós gente honesta? Vamos ter piedade de uma mulher de quem se não apiedou nem o próprio marido, que, bem pelo contrário, a quis matar? É certo que ela não nos fez mal nenhum. Mas há de fazer, e enorme. **5.** Para começar, se a devolvermos aos parentes, é imprevisível a ideia que eles vão fazer do sucedido e é impossível que não desconfiem do motivo que nos trouxe ao túmulo. E mesmo se os que são próximos da mulher nos concederem o seu perdão, os magistrados e o próprio povo não vão soltar arrombadores de túmulos, ainda por cima de posse do produto do saque. **6.** Talvez alguém venha com o argumento de que é preferível vender a mulher; que a beleza dela lhe garantirá um bom preço. Também esta solução tem o seu perigo. É certo que o ouro não tem voz, nem a prata vai dizer onde a arranjámos. Quanto a estes produtos é até possível inventar uma história. **7.** Mas um roubo que tem olhos, ouvidos e língua, quem é que o poderá esconder? Nem mesmo a

beleza dela é deste mundo, para a fazermos passar despercebida. Vamos dizer que é uma escrava? Quem, ao vê-la, acredita numa coisa dessas? Tratemos mas é de a matar aqui mesmo, em vez de trazermos connosco a nossa própria denúncia”. **8.** Muitos foram os que apoiaram estas propostas, mas Téron não aprovou nenhuma delas: “Tu”, disse ele, “pões-nos em perigo, e tu cortas-nos nos lucros. Por minha parte, prefiro vender a mulher a matá-la. Ao ser vendida, o medo fá-la calar-se e, depois de comprada, que nos acuse, quando já não estivermos presentes. De resto, a vida que levamos tem os seus riscos. Toca a embarcar. Façamo-nos ao largo, que o dia já lá vem”.

**XI. 1.** Uma vez no mar, o navio avançava com ligeireza. Nem mesmo precisavam de lutar com vagas ou com ventos, já que não tinham uma rota de navegação definida. Por isso qualquer brisa lhes parecia favorável e lhes soprava de popa. Téron consolava Calíroe, tentando iludi-la com as histórias mais diversas. **2.** Ela, porém, bem compreendia a situação em que se encontrava e que tinha sido salva por interesses que não eram os seus. Fazia de conta que não percebia, que estava confiante, com receio de que, se se mostrasse irritada, a matassem. Foi dizendo que não suportava o mar, cobriu o rosto e, por entre lágrimas, suspirou: “Tu, meu pai, que neste mesmo mar venceste trezentos navios atenienses, agora que um simples barquinho raptou a tua filha nada fazes para me socorrer. **3.** Levam-me para o estrangeiro e é o cativoiro que me está reservado, a mim, uma moça de família. Talvez que a filha de Hermócrates venha a ser comprada por algum senhor ateniense. Quanto mais não valia que eu jazesse no meu túmulo, morta. Pelo menos Quéreas lá havia de ser sepultado ao meu lado. Assim vamos ficar separados, quer em vida quer na morte”.

**4.** Enquanto ela se entregava a estes lamentos, os salteadores por seu lado iam passando ao largo de ilhas e cidades sem

importância. Não era para pobres o saque que transportavam; por isso procuravam gente de posses. Ancoraram justamente diante da Ática, ao abrigo de um promontório. Havia ali uma fonte de água abundante e límpida e um prado magnífico. **5.** Para lá conduziram Calírroe, decididos a deixá-la tomar um banho e repousar da viagem. Importava preservar-lhe a beleza. Quando ficaram sós, ponderaram sobre a melhor rota a seguir. Houve um que disse: “Atenas, que é uma cidade grande e próspera, fica perto. Lá havemos de encontrar montes de negociantes e riquezas sem conta. Como quem vê homens numa praça, em Atenas se vêem cidades”. **6.** Todos estavam de acordo em fazer rumo para Atenas, só a Téron não agradava a curiosidade dessa gente: “Serão vocês os únicos que nunca ouviram falar da bisbilhotice dos Atenienses? É uma gente palradora e amiga de questões; logo no porto sicofantas aos milhares vão querer saber quem somos e de onde trazemos estas mercadorias. E vão-se encher de suspeitas terríveis, esses malvados. **7.** Ali mesmo entra em cena o Areópago e os magistrados, piores que tiranos<sup>35</sup>. Devemos temer mais os Atenienses do que os Siracusanos. O lugar mais conveniente para nós é a lónia, pois lá desagua, vinda do interior da Ásia imensa, uma opulência régia e abunda gente dada ao luxo e ao lazer. Tenho esperança de encontrar até alguns conhecidos”.

---

<sup>35</sup> Como quem conhece bem o ambiente ateniense, Téron teme-lhe os perigos: primeiro os sicofantas, denunciadores de negócios ilícitos, agentes de uma atividade que, em nome dos lucros e percentagens que recebiam, executavam com presteza e falta de rigor, o que os tornou a breve prazo detestados. Depois o entusiasmo dos Atenienses pelos tribunais e pelos litígios, de que o Areópago, como o mais antigo tribunal de Atenas, se tornou o paradigma. Apesar de há muito ter perdido boa parte da sua autoridade inicial, em função das reformas de Efialtes produzidas já no século V a. C., e se ter praticamente confinado ao juízo de crimes de sangue, o Areópago continuava, no dizer de Ferreira 1990: 117, “um órgão com prestígio e mantinha aos olhos de muitos a aura de tribunal supremo e sobretudo de garante da constituição”.

**8.** Fizeram então provisão de água, abasteceram-se de víveres nos barcos por ali estacionados e partiram direitos a Mileto<sup>36</sup>. Dois dias depois atracaram a um porto a oitenta estádios da cidade, um sítio ideal para abrigo. **XII. 1.** Aí Téron deu ordem de recolher os remos e deixar Calírroe sozinha, rodeada de todo o conforto. Não o fazia por delicadeza, mas por ganância; agia mais como negociante do que como salteador. Ele próprio deu uma saltada à cidade, acompanhado de dois camaradas.

Não era sua intenção procurar, abertamente, um comprador, nem fazer propaganda do negócio; pretendia, isso sim, apressar uma transação, em segredo e de dinheiro na mão. Tornou-se claro que a mercadoria era difícil de colocar. Não se tratava de um produto que interessasse ao grande público nem ao primeiro que aparecesse; era coisa para um milionário, ou até mesmo para um rei, e esses ele tinha medo de os abordar. **2.** Este impasse durava já há algum tempo e ele não se sentia capaz de tolerar mais a demora. Chegada a noite, não conseguia dormir e dizia com os seus botões: “Téron, és um asno. Faz já um bom par de dias que deixaste a prata e o ouro em lugar solitário, como se o único salteador deste mundo fosses tu. **3.** Não sabes que o mar está cheio de outros piratas? Receio bem que até os nossos nos abandonem e se ponham ao largo. É óbvio que não recrutaste homens de grandes escrúpulos, capazes de assumirem um compromisso, mas os maiores valdevinos que conhecias. **4.** Seja como for, por agora dorme, que bem precisas. Mas quando o dia nascer, dá uma saltada ao barco, lança ao mar essa mulher

---

<sup>36</sup> Mileto era a cidade mais importante da Iónia, a costa da Ásia Menor ocupada por Gregos, cuja história, condicionada pelos conflitos de que toda a região foi palco, com sucessivas incursões e conquistas por parte dos grandes reinos orientais (nomeadamente lídio e persa), viveu alternadamente períodos de prosperidade e de crise. Durante o século VI a. C., para além do seu poderio como potência marítima e comercial, é o progresso científico e filosófico que faz a principal glória de Mileto.



importuna, que só atrapalha, e nunca mais te encarregues de uma mercadoria tão difícil de colocar”. **5.** Mas quando mergulhou no sono, viu em sonhos as portas fechadas. Decidiu por isso ficar ainda aquele dia.

Perturbado como estava, ficou ali sentado junto a uma loja, com a cabeça completamente arrasada. **6.** Eis senão quando viu passar uma multidão de homens, livres e escravos, que rodeavam um sujeito já de idade, vestido de preto e com ar abatido. Téron levantou-se (o ser humano é, por natureza, curioso) e procurou informar-se junto de um dos membros do grupo: “Quem é o fulano?” Ao que o outro respondeu: “Deves ser estrangeiro ou então tens andado por muito longe, para não conheceres Dionísio, que, em fortuna, linhagem e educação, suplanta todos os Iónios, além de ser amigo do Grande Rei”. **7.** “E porque é que está de luto?” “Morreu-lhe a mulher, de quem ele gostava muito”. Aquele encontro atraía cada vez mais Téron, que acabava de descobrir um homem rico e que se interessava por mulheres. Já não largou mais o fulano, a quem foi interrogando: “Qual é a tua posição junto dele?” **8.** Ao que o outro retorquiu: “Sou eu que lhe administro todos os bens e me encarrego também da filha, uma criança ainda pequena, que a morte da pobre mãe deixou orfã antes do tempo”. E logo Téron: “Como é que tu te chamas?” “Leone”. “Foi uma sorte, Leone, ter-te encontrado. Sou comerciante e acabo de regressar da Itália, onde me não chegou nenhuma notícia da Iónia. Uma mulher de Síbaris<sup>37</sup>, a mais rica de quantas lá existem, tinha uma favorita, uma perfeita beldade, que, por ciúmes, pôs à venda;

---

<sup>37</sup> Síbaris é uma conhecida cidade do Sul da Itália, famosa pelos hábitos de vida, luxuosa e requintada, dos seus cidadãos. Também ela fundada por colonos gregos, em anos remotos do século VIII a. C., beneficiou da localização numa planície extraordinariamente fértil, razão principal da sua prosperidade e riqueza.

e eu comprei-a. **9.** Pois trata de tirar partido dela, se a quiseres utilizar como ama da criança (que ela tem educação que baste), ou até se a achares capaz de agradar ao teu senhor. Aliás só te traz vantagem que ele disponha de uma escrava comprada a dinheiro, antes que arranje uma madrastra para a tua pupila”.

**10.** Estas palavras ouviu-as Leone com agrado e, por fim, disse: “Foi um deus que te mandou trazer-me a salvação. Vens tornar realidade um sonho que tive. Vem comigo até lá a casa. Dá-me a honra de seres meu amigo e meu hóspede. Quanto à compra da mulher, eu vejo e decido se é coisa capaz para o meu patrão ou se fica antes para mim”. **XIII. 1.** Quando chegaram a casa, Téron ficou pasmado com todo aquele tamanho e luxo (é que a tinham preparado para receber o rei da Pérsia). Leone pediu-lhe que esperasse, enquanto ele prestava primeiro os seus serviços ao patrão. **2.** Depois veio buscá-lo e conduziu-o aos seus aposentos particulares, de resto um espaço adequado a um homem livre, onde mandou pôr a mesa. Téron, um charlatão consumado, sujeito capaz de se adaptar a todas as situações, tratou de comer e de ir manifestando, com brindes, a sua amizade a Leone, por um lado numa atitude natural; mas sobretudo para marcar intimidade.

**3.** Entretanto, na conversa, a questão da mulher veio muitas vezes à baila e Téron fartou-se de a louvar, mais pelo carácter do que pela beleza. Bem sabia ele que é o que não está à vista que precisa de defesa, porque o que se vê impõe-se por si. “Vamos lá então”, concluiu Leone, “vem-ma mostrar”. **4.** “Não a tenho cá”, contrapôs o outro. “Por causa da alfândega, contornámos a cidade e temos o navio atracado a oitenta estádios daqui”. E indicou-lhe o lugar. “Então foi em propriedade nossa que vocês ancoraram. E é melhor assim. Já foi a sorte que vos encaminhou para Dionísio. **5.** Vamos para o campo, para que também vocês se recuperem da viagem. A casa, que fica lá próxima, está

arranjada com todo o conforto”. **6.** Téron ficou muito satisfeito, por achar que, em vez de fazer o negócio no centro, seria mais conveniente fazê-lo num sítio isolado; assim, sugeriu: “Partimos logo de manhã, tu para casa e eu para o navio, que eu depois levo-te a mulher”. Ficou assim combinado: apertaram a mão e despediram-se. A ambos a noite pareceu enorme, um com urgência de comprar, o outro de vender.

**7.** No dia seguinte, Leone navegou até à casa, tendo o cuidado de levar dinheiro para fechar negócio com o traficante. Quanto a Téron, dirigiu-se ao promontório, ao encontro dos seus homens, já muito impacientes, a quem explicou o negócio; pôs-se então a namorar Calírroe: **8.** “Eu tinha intenção, minha filha”, dizia ele, “de te devolver, sem demora, aos teus. Mas veio um vento contrário e o mar desviou-me desse projeto. Bem sabes quanto cuidado tenho tido contigo. Acima de tudo, respeitámos a tua pureza. É intacta que Quéreas te há de recuperar, depois de salva, por nosso intermédio, do túmulo, como se do teu próprio quarto se tratasse. **9.** Pelo que nos toca, temos de prosseguir viagem para a Lícia<sup>38</sup>, mas não há necessidade de tu passares outra vez por esse incómodo, já que enjoas tanto no mar. Vou-te deixar aqui à guarda de uns amigos de confiança; no regresso venho-te apanhar, para te levar, com todo o cuidado, de volta a Siracusa. Podes tirar, do que te pertence, tudo o que quiseres; o resto, fica à nossa guarda”. **10.** Perante tal cinismo,

---

<sup>38</sup> A Lícia é uma região da costa sul da Ásia Menor, atualmente território turco, montanhosa e de difícil acesso, a que registos hititas se referem já desde o séc. XIV a. C. Este povo, por Homero incluído, na *Iliada*, entre os aliados de Troia, gozava da fama de uma comunidade extremamente independente e aguerrida. Depois de séculos de uma história atribulada, que a pôs sob o domínio de diversos senhores, a Lícia ganhou, com a inclusão no império romano no século II a. C., uma nova dinâmica, que fez das suas cidades conhecidos e ricos empórios comerciais.

Calírroe sorriu-se intimamente, apesar da profunda amargura que sentia (bem percebia a patetice completa do fulano). Sabia que tinha sido vendida e pareceu-lhe até melhor esta situação do que o seu anterior estatuto de nobreza. Queria, acima de tudo, desembaraçar-se dos salteadores. “Estou-te muito agradecida, meu pai”, respondeu, “pela tua compreensão para comigo. Que os deuses vos dêem, a todos vós, a recompensa que merecem!

**11.** Quanto a servir-me de oferendas fúnebres, parece-me de muito mau agouro. Portanto guardem-me tudo com cuidado. A mim basta-me este anelzito, que usava mesmo quando morta”. Cobriu então a cabeça e pediu: “Leva-me, Téron, para onde quiseres. Qualquer lugar é preferível ao mar ou a um túmulo”.

**XIV. 1.** Quando chegou perto da casa, Téron forjou o estratagemas seguinte: tirou o véu a Calírroe, soltou-lhe os cabelos, abriu a porta e mandou-a entrar primeiro. Leone e todos os que se encontravam lá dentro foram colhidos de surpresa por esta aparição, convencidos de estarem a ver uma deusa. É que corria lá no campo que Afrodite costumava aparecer. **2.** No meio da estupefação geral, Téron entrou atrás dela e dirigiu-se a Leone: “Levanta-te para receberes a tal mulher. É esta a que tu queres comprar”. Em todos se produziu uma alegria misturada de assombro. **3.** Instalaram Calírroe no quarto mais bonito e deixaram-na descansar. Bem necessário lhe era esse repouso, depois de tanta amargura, fadiga e medo. Téron apertou a mão direita de Leone e declarou: “A minha parte do nosso contrato está rigorosamente cumprida. Fica já com a mulher (porque te tenho na conta de um amigo); entretanto põe-te a caminho da cidade, trata do contrato e depois pagas-me o preço que entenderes”. **4.** Leone, no desejo de retribuir, disse: “De maneira nenhuma. Entrego-te já o dinheiro, mesmo antes do contrato”. Queria também assegurar desde logo a compra, antes que o outro mudasse de ideias. Não faltaria, na cidade, quem a

quisesse comprar. O talento de prata que tinha trazido obrigou-o a aceitá-lo, ao que Téron só aceitou depois de se fazer rogado. Leone queria retê-lo para o jantar (já era tarde, aliás), mas ele desculpou-se: «Quero, já esta noite, levar o barco para a cidade. Amanhã encontramos-nos no porto». Assim combinado, lá se despediram.

De regresso ao navio, Téron mandou levantar ferro e partir o mais rapidamente possível, antes que fossem descobertos. E enquanto eles se escapavam ao sabor do vento, Calírrroe sozinha podia enfim chorar à vontade o seu destino. “Aqui está um outro túmulo, em que Téron me fechou, bem mais isolado que o primeiro. De facto, lá, ainda o meu pai e a minha mãe poderiam ir; até Quéreas me ofereceria libações, por entre lágrimas. Mesmo morta, eu lhes teria sentido a presença. Mas aqui? Terei sequer um conhecido por quem chamar? Sorte malvada, nem os males que sofri em terra e no mar conseguiram saciar-te! Primeiro fizeste do homem que eu amava o meu assassino. Quéreas, que nem num escravo nunca tinha batido, deu-me um pontapé mortal, a mim que o amava. Depois entregaste-me nas mãos de arrombadores de túmulos e, do sepulcro, arrancaste-me para o mar, entregue a piratas mais perigosos que as próprias ondas. E eis para o que serviu a minha tão apregoada beleza: para Téron, o salteador, tirar de mim um lucro imenso. Num ermo fui vendida, sem mesmo me levarem para a cidade, como acontece com uma qualquer escrava comprada a dinheiro. Receaste, ó Sorte, que alguém, ao ver-me, suspeitasse da minha origem. Por isso me entregaram como um objeto não sei a quem, se a Gregos, se a bárbaros, se de novo a ladrões”. Ao bater com a mão no peito, viu no anel a efígie de Quéreas. Beijou-o e disse: «Agora sim, morreste, Quéreas, afastado de mim por tão grande sofrimento. Sem dúvida que sofres e te arrependes, que te sentas sobre o túmulo vazio, que, depois da minha morte, acreditas na minha

honradez. Mas eu, a filha de Hermócrates, a tua mulher, fui hoje vendida a um senhor». Eram estes os lamentos que soltava quando o sono, a custo, a venceu.

## LIVRO II

**I. 1.** Leone, depois de recomendar a Focas, o administrador, que dispensasse à mulher todos os cuidados, partiu - era ainda de noite - para Mileto, com pressa de informar o senhor sobre a nova aquisição. Julgava que esta lhe seria de grande conforto no luto. Encontrou Dionísio ainda deitado. Abatido pela dor, a maior parte das vezes nem saía de casa, apesar da saudade que o seu povo tinha de o ver. Deixava-se ficar pelo quarto, como se a mulher ainda lá estivesse a seu lado.

**2.** Ao ver Leone, falou-lhe assim: “Foi esta a única noite, depois da morte da minha pobre mulher, em que consegui dormir bem. Vi-a, com nitidez, até mais alta e mais bela, como se aqui estivesse, em carne e osso. Era como no primeiro dia das nossas núpcias: traziam-na em cortejo, das propriedades que tenho à beira-mar, e tu mesmo cantavas-me o himeneu”. **3.** Ainda ele estava a contar esta história e já Leone gritava: “É a felicidade que te bate à porta, senhor, no sonho e na vida real. Prepara-te para ouvir um facto que bate certo com essa visão”. E começou a relatar-lhe o sucedido: “Fui abordado por um negociante que tinha à venda uma mulher belíssima; por causa da alfândega, tinha atracado o barco fora da cidade, junto às tuas propriedades. Fiz um acordo com ele e parti para o campo. **4.** Lá, reunimo-nos outra vez e fechámos negócio; eu até já lhe dei um talento; só falta agora aqui formalizar-se a escritura”. **5.** Dionísio registou, com agrado, o pormenor da beleza da mulher (realmente era um apreciador de mulheres), mas desagradou-lhe que fosse escrava. Como homem de estirpe régia, que se impunha pelo prestígio e pela educação sobre a Ásia inteira, não

considerava digno da sua condição o romance com uma escrava. Por isso rebateu: “É impossível, Leone, que tenha beleza um corpo que não seja livre. Não tens ouvido dizer - são os poetas que o afirmam - que é dos deuses que os belos são filhos, muito mais que de homens de primeira linhagem? Ela agradou-te lá no isolamento do campo, em comparação com as aldeãs. **6.** Mas enfim, já que a compraste, vai ao centro da cidade. Adrasto, que é o melhor especialista em leis, pode encarregar-se do contrato”. Divertiu Leone ver a desconfiança que produzia. A surpresa teria tanto mais efeito sobre o patrão.

Percorreu todos os portos de Mileto, os bancos, a cidade inteira, sem encontrar Téron em lado nenhum. Interrogou comerciantes e marinheiros, ninguém o conhecia. Viu-se no maior embaraço. **7.** Meteu-se num barco a remos e seguiu até ao promontório e, de lá, até à propriedade; não podia encontrar o sujeito, que então já se tinha feito ao mar. Muito enfiado e sem pressas, voltou ao patrão, que, **8.** ao vê-lo assim abatido, lhe perguntou o que se tinha passado. E recebeu esta resposta: “Fiz-te perder um talento, senhor”. “Que o que aconteceu te sirva de lição daqui por diante”, disse Dionísio. “Bom, mas afinal o que é que aconteceu? Será que a escrava recém-comprada se escapou?” “Não, ela não, foi o vendedor”. “O tipo não passava de um traficante de escravos, que, por isso mesmo, para te vender uma escrava que lhe não pertencia, preferiu um lugar isolado. De onde é que ele te disse que era a mulher?” **9.** “De Síbaris, na Itália; que tinha sido vendida pela senhora, por ciúmes”. “Investiga se há Sibaritas a residirem cá. Por enquanto, deixa a mulher onde está”. Leone saiu de alma negra, com o desfecho pouco feliz da sua empresa. Aguardava, porém, o momento de convencer o patrão a ir à sua propriedade, porque uma última esperança lhe restava: pôr-lhe a mulher diante dos olhos.



**II. 1.** Entretanto as mulheres da aldeia vieram ver Calírroe e logo começaram a respeitá-la como se fosse uma senhora. Foi então que Plângon, a mulher do administrador, uma criatura a quem não faltava sentido prático, lhe foi dizendo: “Estás apostada, minha filha, a todo o custo, em procurares os teus. Mas não deixes de ponderar que teus são também os daqui. Dionísio, o nosso amo, é um homem bom e compreensivo. Sorte tiveste tu que um deus te tenha trazido para uma casa séria. Podes aqui viver como na tua pátria. **2.** Depois de uma viagem tão grande, trata de lavar essa sujeira com um bom banho. Tens servas à tua disposição”. A custo, contrariada, lá a foi levando para a banheira. Depois de entrarem, esfregaram-na com óleo e prepararam-na com todo o cuidado. Ao vê-la despida, ficaram ainda mais impressionadas, já que, mesmo vestida, tinham julgado reconhecer-lhe nas feições - tal a admiração que as possuía!- o rosto de uma deusa. A brancura da pele resplandeceu, num lampejo cintilante. A carne era delicada, a ponto de fazer temer que um simples toque de dedos a dilacerasse. **3.** Murmuravam umas para as outras: “A formosura da nossa senhora era famosa, mas nem para criada desta”. Elogios que magoavam Calírroe, por não lhe deixarem dúvidas sobre o futuro. Depois de lavada e penteada, trouxeram-lhe roupas limpas que, segundo ela, não eram próprias de quem acabava de ser comprada. **4.** “Dêem-me antes uma roupa de escrava, que até vocês valem mais do que eu”. E tratou de vestir a primeira roupa que apareceu. Mas mesmo essa lhe ficava bem e parecia até luxuosa, graças ao esplendor da sua beleza. **5.** Depois do almoço, Plângon disse a Calírroe: “Vai ao templo de Afrodite e faz-lhe uma súplica. A deusa costuma aparecer aqui e não só os vizinhos lhe fazem sacrifícios, como até gente da cidade. Tem sido uma protetora atenta de Dionísio, que nunca passa por ela sem parar”. **6.** Puseram-se então a contar-lhe as aparições da deusa e

uma das aldeãs avisou-a: “Quando contemplares Afrodite, vais ter a impressão de estar a olhar para a tua própria imagem”. Ao ouvir estas palavras, Calíroe desfez-se em lágrimas e disse consigo própria: “Que desgraça a minha! Também aqui reside Afrodite, a deusa culpada de todos os meus males. Mesmo assim vou lá, que vontade não me falta de a cobrir de censuras”. **7.** O templo ficava perto da casa, mesmo à beira do caminho. Calíroe ajoelhou-se, abraçou os pés de Afrodite e falou assim: “Foste tu a primeira a mostrar-me Quéreas, mas não protegeste esse nó que tu própria tinhas dado, embora nunca te faltássemos com a nossa devoção. **8.** Já que assim quiseste, há só uma graça que te peço: faz com que, depois de Quéreas, eu não agrade a nenhum outro”. Voto que Afrodite recusou. Como mãe do Amor, preparava-lhe já um novo casamento, que também não ia proteger. Livre dos salteadores e do mar, Calíroe recuperava a sua beleza, de tal forma que deslumbrava os camponeses ao verem-na cada dia mais formosa.

**III. 1.** Leone, quando achou o momento oportuno, dirigiu-se a Dionísio nestes termos: “Já há muito que não visitas a tua propriedade à beira-mar, senhor, e todos desejam a tua presença. Tens de ir ver os gados e as safras, agora que as colheitas estão próximas. **2.** Faz uso do conforto da casa que se construiu sob as tuas ordens. Até esse teu luto se vai tornar lá mais fácil de suportar, se te distraíres com a paz do campo e a administração da quinta. E se quiseres recompensar algum boieiro ou pastor, podes-lhe dar de presente a tal mulher comprada há pouco”. A ideia agradou a Dionísio, que marcou a partida para um determinado dia. **3.** Mal que a ordem foi dada, iniciaram-se os preparativos: cocheiros ocupados com os carros, os palafreiros com os cavalos, os marinheiros com os barcos. Convidava-se os amigos a tomarem parte na viagem e uma multidão de libertos. De seu natural Dionísio era generoso. **4.** Quando tudo ficou

pronto, foi dada ordem para que as bagagens e a maior parte da comitiva fossem por mar, enquanto os carros deviam seguir após a sua partida - por se entender que a um homem de luto não ficam bem grandes escoltas. Logo de manhã, antes que a população se desse conta, Dionísio montou a cavalo, em companhia de mais quatro cavaleiros; entre eles estava Leone.

5. Enquanto Dionísio cavalgava para o campo, Calírroe, que tinha visto Afrodite em sonhos naquela noite, decidiu fazer à deusa novas orações. Estava ela em pé, numa prece, quando Dionísio saltou do cavalo e entrou no templo, à frente dos companheiros. Ao ruído de passos, Calírroe voltou-se para ele. Ao vê-la, o recém-chegado bradou: **6.** “Sê-me propícia, Afrodite, que a tua aparição me seja benfazeja!” E preparava-se para se prostrar, quando Leone, agarrando-o, avisou: “É ela, senhor, a mulher que comprámos. Não te deixes perturbar. E tu, mulher, vem cá ao teu senhor». Calírroe, à palavra «senhor», baixou a cabeça e largou-se em pranto, porque era já tarde demais para desaprender a liberdade. Dionísio deu um toque a Leone e admoestou: **7.** “Blasfemo! Falas aos deuses como se fossem homens? Dizes tu que compraste a dinheiro esta mulher? É claro que não podias encontrar o vendedor. Nunca ouviste o que Homero nos ensina:

“Os deuses, sob forma de estrangeiros vindos de longe,  
vigiam a insolência e a justiça humanas!”<sup>39</sup>.

Só então Calírroe ergueu a voz: “Pára de troçares de mim, a chamares deusa a quem nem a felicidade humana possui”. **8.** Quando ela falou, a voz pareceu a Dionísio divina. Era música o som que produzia, soava como uma cítara. Muito perturbado, envergonhado de tardar ali por mais tempo, Dionísio dirigiu-se para casa, já fulminado pela paixão. Não muito

<sup>39</sup> *Odisseia* 17. 485-487.

depois chegou da cidade a comitiva e depressa a novidade se espalhou. **9.** Todos ansiavam por ver a mulher, sob pretexto de adorarem Afrodite. Acanhada diante da multidão, Calíroe não sabia o que fazer. Tudo lhe era estranho, não via nem sequer a amiga Plângon, ocupada a receber o patrão. **10.** O tempo foi passando e ninguém seguia para casa; deixavam-se todos ficar ali, fascinados. Leone, que percebeu o que se passava, dirigiu-se ao templo e trouxe Calíroe de volta. Ficou bem claro que é a natureza que faz os reis, como nos enxames de abelhas; pois todos a seguiam, automaticamente, como se, por mérito da beleza que possuía, a tivessem proclamado sua senhora.

**IV. 1.** Dirigiu-se ela para o quarto que habitualmente ocupava. Dionísio, por seu lado, continuava perturbado, mas procurava dissimular o golpe, como homem bem educado e de princípios que era. Com a intenção de não parecer aos escravos um miserável qualquer, nem um garoto aos amigos, aguentou firme todo o serão; julgava ele que disfarçava, mas o silêncio ainda o denunciava mais. Pegou num prato do jantar e ordenou: **2.** “Levem este prato à estrangeira. Não lhe digam ‘vem da parte do senhor’, mas ‘vem da parte de Dionísio’”. Foi arrastando as bebidas o mais que podia. Tinha a certeza de que não ia pregar olho. Preferia portanto ficar a pé, na companhia dos amigos. **3.** Já a noite ia alta, separaram-se, sem que ele conseguisse conciliar o sono. Todo o seu ser se voltava para o templo de Afrodite, recordando cada pormenor, o rosto, o cabelo, como ela se voltou, como olhou, a voz, o porte, as palavras. As lágrimas, então, queimavam-no. **4.** Era o combate entre a razão e a paixão que se travava. Embora inundado de desejo, como homem distinto que era, tentava dominar-se. Como quem resiste a uma vaga, levantava a cabeça e dizia para si: “Não tens vergonha, Dionísio, tu o mais distinto dos Iónios pelo valor e reputação que tens,

que sátrapas<sup>40</sup>, reis e cidades respeitam, de te comportares como um garoto? Um simples olhar e ficas apaixonado, quando ainda estás de luto, antes mesmo de deixares repousar a alma da tua infeliz esposa? **5.** Foi isso que te fez vir ao campo, celebrares um casamento vestido de negro, e um casamento com uma escrava, que se calhar até nem te pertence? Nem o contrato de venda tu tens!” Mas o Amor adorava lutar contra a sensatez destas reflexões; orgulho era o que lhe pareciam aqueles escrúpulos. Por isso, tanto mais incendiava aquele coração, todo entregue à filosofia do amor.

**6.** Incapaz de continuar um diálogo consigo próprio, Dionísio mandou chamar Leone. Quando o chamaram, este compreendeu logo a razão, mas fingiu que não percebia e a fazer-se surpreendido: “Porque é que ainda estás acordado, senhor? Será que é a saudade da tua falecida mulher que te faz de novo sofrer?” “De uma mulher, sim”, confessou Dionísio, “mas não da falecida. Para ti não tenho segredos, pela simpatia e confiança que me inspiras. Sou um homem perdido, Leone. E a culpa é tua. **7.** Introduziste uma fogueira nesta casa, e sobretudo no meu coração. E mais, perturba-me profundamente o mistério que envolve esta mulher. Tu vens-me com a história de um traficante com asas, que não sabes nem de onde veio, nem para onde foi. Mas quem é que, possuidor de uma tal beldade, a iria vender num local isolado, e por um talento, quando ela vale os tesouros do Rei? Terá sido um deus que te pregou uma partida? **8.** Pensa bem e procura recordares-te do que se passou. Quem foi que tu viste? Com quem

---

<sup>40</sup> Os sátrapas funcionavam, dentro do império persa, como governadores de província. Apesar de gozarem de uma grande autoridade local, estavam na dependência do Grande Rei, a quem tinham de prestar contas da sua administração. Mais informação sobre a organização do império persa em satrapias pode obter-se em *The Cambridge Ancient History*, IV, 1988: 87-91.

é que falaste? Diz-me a verdade. O barco, não o viste?” “Ver não vi, patrão, mas ouvi falar”. “Pronto, já sei. Foi uma das Ninfas ou das Nereides que saiu das águas do mar. De facto acontece que, em certas alturas determinadas pelo Destino, até os deuses são forçados a viverem entre os homens. É isto que nos contam poetas e prosadores». **9.** Dionísio deixava-se levar pelo prazer de exaltar a mulher e de a colocar num pedestal acima do comum dos mortais. Leone, desejoso de agradar ao patrão, ia dizendo: “Quem ela é, senhor, é coisa que nem nos deve preocupar. Vou-ta levar, se quiseres, e não te tortures como se te fosse proibido o amor”. **10.** “Não posso aceitar uma coisa dessas”, contrapôs Dionísio, “antes de saber quem a mulher é e de onde veio. Logo de manhã vamos procurar saber por ela a verdade. Não a vou chamar aqui, para não levantarmos suspeitas de qualquer violência; que o encontro seja no sítio onde a vi pela primeira vez. Que a nossa conversa decorra sob o patrocínio de Afrodite!”

**V. 1.** Ficou assim acordado e, no dia seguinte, Dionísio, acompanhado dos amigos, dos libertos e dos mais fiéis dos seus criados - para ter testemunhas -, dirigiu-se ao templo; e longe de se apresentar com um ar descuidado, arranjou-se a preceito, como quem vai visitar a amada. **2.** De seu natural era belo, alto, e sobretudo tinha um ar imponente. Leone, seguido de Plângon e das criadas que habitualmente serviam Calíroo, veio ter com ela e confidenciou-lhe: **3.** “Dionísio é um homem muito correto e respeitador da lei. Vem, portanto, ao templo, mulher, e conta-lhe a verdade sobre a tua origem. Dentro dos limites do razoável, ninguém te vai recusar ajuda. Mas fala-lhe com franqueza, não escondas a verdade. Essa atitude vai reforçar a compreensão dele para contigo». Pouco à-vontade, Calíroo pôs-se a caminho, apesar de tudo confiante por o encontro se fazer no templo. **4.** Quando chegou, provocou em todos um espanto ainda maior. Impressionado, Dionísio ficou sem fala.

Foi longo o silêncio que se fez, só tarde e a custo Dionísio ergueu a voz: “Tudo o que me diz respeito, mulher, é claro para ti. Sou Dionísio, o primeiro cidadão de Mileto e por assim dizer de toda a Iónia, conhecido pela piedade e compreensão humana que pratico. 5. É portanto justo que também tu nos contes a verdade no que te toca. Quem te vendeu disse que eras de Síbaris e que terias sido vendida, numa crise de ciúmes, pela tua senhora». Calírroe fez-se vermelha, baixou a cabeça e disse em voz branda: «É esta a primeira vez que me venderam. E Síbaris, nunca lá estive». 6. “Eu não te dizia”, exclamou Dionísio voltando-se para Leone, “que ela não é escrava? Calculo mesmo que seja de origem nobre. Conta-me então todos os pormenores, mulher, a começar pelo teu nome”. “Calírroe”, respondeu ela (e até o nome agradou a Dionísio), e a seguir calou-se. Mas perante a insistência dele, a jovem suplicou: “Por favor, senhor, permite-me que guarde segredo sobre o meu destino. 7. Sonho e lenda, é o que é o meu passado; agora sou aquilo em que me tornei, escrava e estrangeira”. Ao dizer estas palavras bem procurava disfarçar, mas as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Também Dionísio não pôde impedir-se de chorar, bem como todos os que presenciavam a cena. Mesmo Afrodite parecia ter assumido uma expressão mais triste. Dionísio, cada vez mais curioso, insistia: “É este o primeiro favor que te peço. 8. Conta-me a tua história, Calírroe. Não é a um estranho que vais falar. Existe entre nós uma afinidade de carácter. Não tenhas receio, nem mesmo que tenhas cometido qualquer crime”. Perante esta suspeita, Calírroe sentiu-se beliscada: “Não me insultes, não tenho nada de reprovável a pesar-me na consciência. 9. Mas como há mais distinção na minha origem do que na situação em que me encontro, não quero dar-me ares de presumida, nem pôr-me a contar histórias fantásticas a um auditório desprevenido. O testemunho do meu passado contradiz a minha existência atual”. Dionísio estava

maravilhado com o bom-senso da jovem: “Já estou a perceber”, disse ele, “nem que não fales. Mas fala, mesmo assim. Nada do que possas dizer a teu respeito será mais espantoso do que o que nos salta à vista. **10.** Qualquer história, por fantástica que seja, ficará aquém da tua pessoa”. Finalmente Calírroe, não sem custo, lá começou o seu relato: “Sou filha de Hermócrates, o general de Siracusa. Quando perdi a fala em consequência de uma queda inesperada, os meus pais sepultaram-me com toda a pompa. Os arrombadores de sepulturas abriram o túmulo e encontraram-me a voltar à vida. Trouxeram-me para cá e Téron, num lugar isolado, entregou-me a Leone aqui presente”. **11.** Contou tudo, omitindo apenas qualquer referência a Quéreas. “Mas peço-te, Dionísio (tu que és grego, de uma cidade com princípios humanísticos e educado), que não procedas como os violadores de túmulos: não me mantendas afastada da pátria e da família. Para um homem rico como tu, pouca importância tem libertar um escravo. Nem o valor que pagaste por mim vais perder, se me entregares ao meu pai. Hermócrates não é homem para ficar a dever favores. Todos admiramos Alcínoo<sup>41</sup> e sentimos simpatia por ele, que conduziu, de regresso à pátria, o seu suplicante. Também eu te suplico. Salva uma cativa, que é orfã. **12.** Se não posso viver como uma mulher de condição nobre, prefiro morrer em liberdade”. Perante estas palavras, Dionísio chorava, na aparência por Calírroe, em realidade por si próprio. Bem sabia que a paixão que o dominava se lhe quebrava nas mãos. “Tem calma, Calírroe, anima-te. Não vais ver

---

<sup>41</sup> Alcínoo, o rei dos Feaces, cuja hospitalidade e receção a Ulisses náufrago ocupam os cantos VII-XIII da *Odisseia*, tornou-se paradigma da simpatia e generosidade para com um suplicante em perigo. Depois de receber Ulisses no seu palácio, de o mimosear com acolhimento e presentes generosos e de se comover com o relato das suas aventuras, concedeu-lhe um barco e uma equipagem, que o conduziram de regresso a Ítaca.



recusado o teu pedido - que Afrodite seja minha testemunha. Entretanto terás, entre nós, um tratamento mais de senhora do que de escrava”. **VI. 1.** Ela saiu dali convencida de que nada lhe aconteceria contra sua vontade, enquanto Dionísio regressava, amargurado, aos seus aposentos.

Chamou então Leone, em particular, e comunicou-lhe: “Tenho todos os motivos para me considerar um infeliz e perseguido pelo Amor. A minha mulher enterrei-a e escapa-se-me esta, acabada de comprar, que eu tinha esperança que fosse uma graça de Afrodite. Uma mulher que me prometia uma vida mais feliz do que a de Menelau, o marido da espartana. Pois nem Helena, imagino eu, era tão formosa<sup>42</sup>. Além da sedução das palavras que profere. **2.** Sou um homem liquidado. No dia em que Calírore deixar esta terra, eu deixo a vida”. Leone reagiu logo: “Isso não, senhor, nada de maldições contra ti próprio. O amo és tu, tens a existência dela na mão, de modo que, com vontade ou sem ela, terá de fazer o que tu decidires. De resto paguei por ela um talento”. **3.** “Compraste-a, desgraçado? Uma mulher de condição nobre? Não ouves falar de Hermócrates, general de toda a Sicília, uma figura por demais conhecida, que o rei dos Persas admira e estima e a quem manda, todos os anos, presentes, por ter vencido, em batalha naval, os Atenenses, inimigos dos Persas? E vou eu exercer tirania sobre uma criatura livre, eu Dionísio, elogiado pela moderação, vou violentar, contra sua vontade, uma mulher, que nem Téron, o salteador, ousaria violentar?!” **4.** Foram estas observações que fez a Leone, sem, no entanto, desanimar de convencer Calírore. O Amor é, por natureza, otimista, confia nas atenções para obter o que pretende.

---

<sup>42</sup> Dionísio retoma os exemplos da tradição épica, agora Helena e Menelau, como símbolo do casal a quem a beleza sedutora da mulher não garantiu, apesar das aparências, a esperada felicidade.

Mandou chamar Plângon e disse-lhe: “Tens-me dado sobejas provas da tua dedicação. Por isso te vou encarregar do maior e mais precioso dos meus bens, a estrangeira. Quero que lhe não falte nada, que seja mesmo rodeada de luxo. **5.** Considera-a a tua senhora, cuida dela, trata de a arranjar, conquista-lhe, para nós, o afeto. Vai fazendo, diante dela, o meu elogio sempre que puderes, conta-lhe aquelas histórias que sabes contar. Toma cuidado para não dizeres ‘o patrão’”. Plângon percebeu as instruções que lhe davam, mulher de seu natural diligente como era. Sem dar nas vistas, tomou a peito o assunto, com um empenho constante. Pôs-se à disposição de Calíroe, sem lhe dar a perceber que a atendia para cumprir ordens, antes lhe mostrando uma dedicação de amiga. Pretendia, com os seus conselhos, ganhar-lhe a confiança.

**VII. 1.** Entretanto eis o que aconteceu. Dionísio permanecia na sua propriedade, com um pretexto ou outro, mas na realidade por não conseguir afastar-se de Calíroe, nem querer levá-la consigo. A simples aparição bastaria para a tornar célebre, a beleza que possuía ia subjugar a Iónia inteira, o eco da sua fama havia de chegar até mesmo ao Grande Rei. **2.** Durante a estadia, ia-se informando com grande minúcia do estado dos seus assuntos e chegou até a censurar a gestão de Focas, seu procurador. Censura que, de resto, não foi muito longe, porque não passou de palavras. Plângon encontrou aí, porém, o pretexto de que precisava: correu espavorida ao encontro de Calíroe, de cabelos desgrenhados, abraçou-lhe os joelhos e bradou: “Por favor, senhora, salva-nos. Dionísio está furioso com o meu marido. Por feitio é tão violento, quanto sabe ser compreensivo. **3.** Ninguém nos pode salvar, a não seres tu. Mas a ti Dionísio vai conceder com gosto esse favor, que é o primeiro que lhe pedes”. Calíroe hesitava em dirigir-se a Dionísio; mas perante a insistência do pedido, não pôde recusar, tanto mais que se sentia

amarrada pelas atenções de que fora objeto. Para não parecer ingrata prometeu: “Também sou escrava e nem direito de falar eu tenho, mas se achas que posso ter alguma influência, estou disposta a ir lá contigo pedir. Que a sorte nos acompanhe!” **4.** Quando chegaram, Plângon disse ao porteiro para anunciar ao senhor a presença de Calírroe. Aconteceu que Dionísio estava acabrunhado de tristeza e até o corpo se lhe definhava. Ao ouvir dizer que Calírroe estava ali, ficou sem fala e a custo se recom pôs. “Ela que entre”, ordenou. **5.** Calírroe parou junto dele, de cabeça baixa, e começou por corar até à raiz dos cabelos. Com dificuldade, porém lá conseguiu dizer: “Tenho uma dívida de gratidão para com Plângon, que me trata como uma filha. Peço-te por isso, senhor, que desistas dessa irritação contra o marido dela. Por favor, concede-lhe o perdão”. Queria dizer mais qualquer coisa, mas não foi capaz. **6.** Dionísio, que percebeu a artimanha de Plângon, respondeu: “Estou bem irritado com ele e ninguém me demoveu de matar Focas e Plângon pelo que fizeram. Mas por ti, concedo-lhes de bom grado o perdão. Fiquem vocês a saber que foi graças a Calírroe que se salvaram”. Plângon abraçou-se-lhe aos joelhos, mas Dionísio aconselhou: “São os joelhos de Calírroe que devem abraçar, foi ela que vos salvou”. **7.** Quando Plângon viu a alegria de Calírroe e o prazer pelo favor recebido, comentou: “Então és tu quem deve agradecer a Dionísio em nosso nome”; e, ao mesmo tempo, empurrou-a para ele. A jovem desequilibrou-se, de modo que foi esbarrar na mão de Dionísio; e ele, como se não fosse cortês estender-lhe apenas a mão, puxou-a para si e beijou-a; de seguida, largou-a logo, para evitar qualquer suspeita de uma armadilha.

**VIII. 1.** Depois da partida das duas mulheres, o calor do beijo penetrou as entranhas de Dionísio como um veneno; nem conseguia ver nem ouvir, estava totalmente bloqueado, sem qualquer defesa contra o Amor. Prendas, eram inúteis, ele bem

via a grandeza de alma da mulher; inúteis também ameaças e violências, convencido como estava de que ela preferiria a morte a sujeitar-se a um ultraje. Só um recurso lhe restava: Plângon. Por isso a mandou chamar: “A tua primeira investida foi um sucesso. Estou-te agradecido pelo beijo. Mas esse beijo foi a minha salvação ou a minha morte. **2.** Como mulher, vê como há de dobrar outra mulher, para o que podes contar com o meu apoio. O prémio em causa, fica a saber, é a tua liberdade ou um outro que, estou convencido, vale para ti mais que a própria liberdade: a vida de Dionísio”.

Com estas instruções, Plângon desencadeou todo o tipo de estratégias e artifícios. Calírroe, porém, permanecia inabalável, numa fidelidade exclusiva ao seu Quéreas. **3.** Mas acabou vencida pelo Destino, contra quem nada pode a razão humana. É um deus que gosta de desafios e dele nunca se sabe o que se pode esperar. Pois nesta ocasião montou uma trama extraordinária, melhor ainda, incrível. Vale a pena ouvir como é que foi.

**4.** O destino preparou um assalto à virtude daquela mulher. Depois da primeira relação amorosa de Quéreas e Calírroe, no tempo do seu casamento, ambos punham um ardor semelhante no prazer que davam um ao outro. E esse desejo, de parte a parte, não deixou sem fruto a sua união. **5.** Pouco antes da queda que sofreu, Calírroe tinha engravidado. Mas os perigos e as desgraças que sobrevieram não a deixaram perceber logo o estado em que estava. No início do terceiro mês, o ventre começou a crescer-lhe. No banho, Plângon reparou nisso, com toda a sua experiência em questões femininas. **6.** Na ocasião não disse nada, por causa das servas todas que lá estavam. Mas depois à noite, com mais vagar, sentou-se na beira da cama de Calírroe e disse-lhe: “Sabes, minha filha, estás grávida”. Calírroe desatou a chorar, a lastimar-se, a arrancar os cabelos: “Só me faltava mais essa desgraça, ó sorte, a acrescentar às outras todas,

que eu dê à luz um escravo”. 7. A bater no ventre queixava-se: “Infeliz, antes mesmo de nasceres, já estiveste num túmulo, já passaste por mãos de ladrões. Que vida te está reservada? Que esperanças posso eu, que te trago no ventre, alimentar, órfão, sem pátria e escravo? Antes de nasceres, mais te vale morrer”. Plângon pegou-lhe nas mãos, propondo-se preparar-lhe, para o dia seguinte, um aborto sem mais complicações.

**IX. 1.** Mas, uma vez sozinhas, cada uma das duas mulheres se entregou aos próprios pensamentos. Plângon pensava: “Cá está a ocasião ideal para realizares a paixão do teu senhor. Tens um bom aliado no ser que Calírroe traz no ventre. Está encontrado um motivo convincente. Nada como o amor da mãe para vencer o pudor da mulher”. E alinhavava uma estratégia persuasiva. **2.** Calírroe, entretanto, tinha momentos em que se dispunha a matar o filho, dizendo consigo: “Vou dar à luz, para um senhor, o neto de Hermócrates e gerar uma criança de que nem o pai se conhece? Quem for mal intencionado pode até dizer: “Foi enquanto estive com os salteadores que Calírroe ficou grávida”. **3.** Para sofrer basto eu. Não te vale a pena, meu filho, vires ao mundo para seres um infeliz, e nasceres, para teres de fugir da miséria. Parte livre, sem passares pelo sofrimento. Nem queiras ouvir o que se conta sobre a tua mãe”. Depois mudava de ideias, tomada de piedade pela criança que trazia no ventre: “Estás decidida a matar o teu filho? És a pior das criminosas, tu que segues as pisadas de Medeia<sup>43</sup>. **4.** Mas a tua atitude é, mesmo

---

<sup>43</sup> Ao espírito de Calírroe, que se debate entre motivos que a levam a matar ou a poupar a vida do filho, avulta a lembrança de Medeia, a filha do rei da Cólquida, também ela símbolo mítico de um dilema semelhante. Abandonada pelo marido, o homem que amava e pai dos seus filhos, Medeia planeia, por suprema vingança, matar os frutos dessa união. De resto, ambas se encontram em terra estranha, o que as faz partilhar um sentimento parecido de abandono e fragilidade. Mas, para além da situação, a própria fala, em que diversas razões são pesadas, lembra a famosa

assim, mais selvagem que a da cita. Ela ainda tinha no marido um inimigo, mas tu é o filho de Quéreas que queres liquidar, para apagares qualquer memória desse tão badalado casamento. E se for um rapaz parecido com o pai? E se for mais feliz do que eu? Há-de ser a própria mãe a matar um filho salvo do túmulo e dos ladrões? **5.** Quantos filhos de deuses e reis, segundo a lenda, não nasceram na escravidão e vieram a recuperar o prestígio dos pais? Veja-se Zeto, Anfíon ou Ciro<sup>44</sup>. Quem sabe navegará, para minha salvação, meu filho, para a Sicília. Hás-de procurar o teu pai e o teu avô e contar-lhes a história da tua mãe. Será de lá enviada uma frota em meu socorro. Serás tu, meu filho, a devolver os teus pais um ao outro”. **6.** Com estes pensamentos levou a noite inteira, mas o sono acabou por a vencer por instantes. Apareceu-lhe então a imagem de Quéreas, em tudo semelhante à real,

“era a sua estatura, a beleza dos olhos,  
a voz e, a envolver-lhe o corpo, as mesmas vestes”<sup>45</sup>.

---

*rhexis* da Medeia euripidiana. Apenas o desfecho será oposto, porque o tom próprio do romance não comportaria a violência de um filicídio.

<sup>44</sup>Zeto, Anfíon e Ciro são, todos eles, protagonistas da história tradicional do nascimento de um soberano, exposto e perseguido pelos seus, que virá a ocupar um trono e assim chamar a si, de forma violenta, o poder do reino que legitimamente lhe pertence. Logo após o nascimento, qualquer deles foi abandonado nas montanhas e miraculosamente salvo por um pastor, que o criou, para vir a cumprir o seu destino. Zeto e Anfíon, nascidos de uma união entre Zeus e a tebana Antíope, virão a ocupar o trono da sua cidade materna, depois de expulso o tirano que o detinha e vingada sua mãe pelas perseguições de que fora vítima por parte de familiares seus. Sobre a história de Zeto e Anfíon, *vide* Graves 1977: 256 sqq. Ciro, na versão consagrada por Heródoto (*Histórias* 1. 107-22), cumpria destino semelhante: perseguido por seu avô Astíages, rei dos Medos, que temia nele o usurpador do seu poder, Ciro viria mais tarde, quando já monarca da Pérsia, a dominar a Média e a exigir o trono de que era herdeiro, com que alargou o seu império então ainda embrionário.

<sup>45</sup>*Ilíada* 23. 66-67, onde o fantasma de Pátroclo aparece a Aquiles adormecido.

Perfilada na sua frente, a aparição falou assim: “Confio-te, mulher, o nosso filho”. E preparava-se para continuar a falar, quando Calírroe, de um salto, fez menção de a abraçar. Por pensar que essa era a vontade do marido, a jovem decidiu então criar o filho.

**X. 1.** No dia seguinte, submeteu a Plângon, quando ela apareceu, a sua decisão. Esta não deixou de lhe frisar os inconvenientes da opção tomada: “É-te impossível, mulher, criares um filho entre nós. O nosso amo, que está apaixonado por ti, pode até não te forçar, contra tua vontade, por respeito e sentido da dignidade; mas, por ciúme, não vai consentir que cries um filho. Vai-se sentir insultado, ao ver o teu empenho por um ausente, face ao desprezo que manifestas por ele, aqui presente. **2.** Acho melhor, no teu próprio interesse, que essa criança morra antes de nascer do que depois de nascida. Só tens a lucrar dores de parto inúteis e uma gravidez em vão. É como amiga que te dou estes conselhos, que são a pura verdade”. Foi com pesar que Calírroe ouviu estas palavras; atirou-se aos pés da serva e pediu-lhe que encontrasse uma forma de ela poder criar o filho. **3.** Plângon enumerou-lhe todos os contras e adiou a resposta dois ou três dias. Tanto mais Calírroe reforçava o ardor das súplicas e redobrava de confiança. Fez-lhe então jurar que não contava a ninguém o estratagema; depois, franziu os sobrolhos, esfregou as mãos e começou: “Amiga, para grandes males, grandes remédios. Pois eu, por dedicação para contigo, vou atraiçoar o meu patrão. **4.** Pensa bem, das duas uma: ou se mata a criança e pronto, ou ela vai nascer para se tornar o mais rico dos Iónios, herdeiro da casa mais ilustre que cá existe. E assim te há de fazer feliz, a ti, a mãe. Escolhe lá, o que preferes”. “Quem seria tão estúpido”, foi a resposta, “que preferisse à felicidade a morte de um filho? No entanto, o que dizes parece-me impossível, inacreditável; tens

de me explicar tudo com mais pormenor”. **5.** Ao que Plângon perguntou: “Quanto tempo de gravidez achas que tens?” “Dois meses”. “Sendo assim, o tempo está do nosso lado. Podes bem fazer crer que dás à luz, de sete meses, um filho de Dionísio”. Perante tal proposta, Calírooe bradou: “Antes a morte!” **6.** Mas Plângon com ironia respondeu-lhe: “Estás cheia de razão, se é o aborto que preferes. Vamos fazê-lo então. É menos arriscado do que enganar o senhor. Põe de lado qualquer lembrança da tua nobreza, acaba com a esperança de voltar à pátria. **7.** Contenta-te com a sorte atual e torna-te uma escrava a sério”. Estes conselhos de Plângon não despertaram suspeitas em Calírooe, uma moça de família, sem experiência das manhas dos escravos. Mas quanto mais pressionada se sentia ao aborto, tanto mais se apiedava do filho que trazia no ventre. “Dá-me tempo para pensar”, pediu por fim. “Trata-se de uma escolha de muita responsabilidade: a minha virtude ou o meu filho”. **8.** Plângon voltou a aprovar esta preocupação de não fazer uma escolha leviana: “Há razões de peso para cada uma das hipóteses. Numa pesa a lealdade da esposa, na outra o amor de mãe. Mas o momento não é para grandes demoras; amanhã, impreterivelmente, é preciso tomar uma decisão, antes que a tua gravidez se perceba”. Assim combinado, lá se separaram.

**XI. 1.** Calírooe subiu ao andar de cima, fechou a porta, pôs a efigie de Quéreas sobre a barriga e disse: “Pois bem, agora passámos a ser três, marido, mulher e filho. Vamos decidir sobre os nossos interesses em comum. Para começar, vou eu dar a minha opinião. É como mulher de Quéreas, e só dele, que quero acabar os meus dias. Porque mais importante para mim do que pais, pátria ou o meu filho, é não conhecer outro homem. **2.** E tu, meu filho, o que preferes, no que te toca a ti? Um veneno que te mate antes de veres a luz do dia, seres lançado fora com a tua mãe e até mesmo privado do direito a um túmulo, ou viveres



filho de dois pais, um da Sicília, e o outro, o mais distinto da Iónia? Quando fores homem, facilmente serás reconhecido pelos teus progenitores. Pois estou convencida de que te vou gerar à imagem e semelhança do teu pai. Hás de regressar a casa em glória, a bordo de uma trirreme de Mileto; Hermócrates vai receber com júbilo o seu neto, já capaz de comandar uma expedição. **3.** O teu voto é portanto contrário ao meu, meu filho; não me permites que morra. Vamos ouvir também a opinião do teu pai. Ou melhor, ele até já falou, quando me apareceu em sonhos: “Confio-te o nosso filho”. Sê minha testemunha, Quéreas, és tu que me empurras para um casamento com Dionísio”. **4.** Durante este dia e a noite que se seguiu, Calírroe absorveu-se nestes pensamentos; e não por si mesma, mas pelo filho, decidiu-se a viver. No dia seguinte Plângon voltou. Primeiro sentou-se, com rosto sombrio, mostrando um ar compungido. Ambas permaneciam caladas. **5.** Largo tempo depois, Plângon perguntou: “O que é que decidiste? Que fazemos? Não há tempo para hesitações”. Calírroe em lágrimas, tomada de desespero, não foi capaz de lhe responder de imediato; mas por fim lá disse: “É o meu filho que me entrega, mesmo contra minha vontade. Tu, toma as providências necessárias. Receio bem que, mesmo se me sujeitar a este vexame, Dionísio acabe por sentir desprezo pela minha situação e, por me considerar mais sua concubina do que esposa, não vá criar o filho de um outro homem; nesse caso é em vão que sacrifico a minha honra». **6.** Ainda estas palavras não eram ditas e já Plângon contrapunha: “Também eu ponderei esse aspeto antes de ti. Pois sinto-me agora mais ligada a ti do que ao meu senhor. Confio no carácter de Dionísio, que é um homem de bem. Mas ainda assim vou forçá-lo a um juramento, mesmo sendo o patrão. Temos de agir com toda a segurança. E tu, minha filha, podes confiar na palavra dele. Vou eu mesma levar-lhe o teu recado”.

## LIVRO III

**1.** Dionísio, frustrado na paixão que sentia por Calíroe, incapaz de resistir, decidiu deixar-se morrer: pôs-se a escrever as suas últimas vontades (dando instruções para o funeral). No texto, suplicava a Calíroe que viesse ter com ele, mesmo que já não passasse de um cadáver. Plângon queria ser recebida pelo patrão, mas o criado opôs-se, por lhe ter sido ordenado que não deixasse entrar ninguém. **2.** Travaram-se de razões à porta. Dionísio ouviu e perguntou quem era o causador daquela confusão, ao que o servo respondeu que era Plângon. Dionísio conformou-se: “Vem em má hora” - é que não queria ver nada que lhe recordasse a sua paixão - “mas enfim, manda-a entrar”. **3.** Ela própria abriu a porta e disse: “Porque é que hás de mergulhar nessa agonia, meu senhor, que nem um derrotado? Calíroe propõe-te casamento. Veste um traje de gala, faz sacrifícios, recebe a noiva que amas”. Dionísio foi colhido por aquela notícia inesperada, uma nuvem baixou-lhe sobre os olhos, e, completamente sem forças, parecia um fantasma da morte. Plângon pôs-se a gritar, o que fez acorrer uma multidão; pela casa inteira se ouviam lamentos pelo patrão, como se ele tivesse morrido. **4.** Nem mesmo Calíroe ouviu esta notícia sem lágrimas. Dadas as circunstâncias, chorava Dionísio como se seu marido fosse. Passado tempo, o senhor lá foi pouco a pouco recuperando e com voz fraca articulou: “Quem é o deus que se diverte à minha custa, a querer fazer-me arrepiar caminho? Foram realidade ou sonho as palavras que ouvi? Quer casar comigo, Calíroe, que nem mesmo queria que eu a visse?” **5.** Plângon aproximou-se e respondeu: “Deixa-te de sofrimentos inúteis e de desconfianças

sobre a tua felicidade. Longe de mim enganar o meu senhor; foi de facto Calírroe que me mandou cá com uma proposta de casamento”. “Então faz lá a proposta”, aconselhou Dionísio, “com as palavras exatas que ela proferiu. **6.** Nem retires, nem acrescentes nada. Faz-me um relato rigoroso”. “Eu - foi o que ela disse - que pertença à mais ilustre das casas da Sicília, apesar de todos os sofrimentos por que passei, conservo no entanto o meu orgulho. Vejo-me privada de pátria e de família; a nobreza é a única coisa que me resta. Se é como concubina que Dionísio me pretende, para lhe satisfazer os desejos, prefiro enforcar-me a entregar o meu corpo à humilhação da escravatura. Mas se me quiser como sua esposa legítima, eu aceito, por meu lado, ser mãe, para assegurar um sucessor à família de Hermócrates. **7.** Que Dionísio reflita sobre a minha proposta, mas que o não faça a sós nem à pressa, antes procure fazê-lo na companhia de amigos e parentes, para que, mais tarde, ninguém lhe possa dizer “Vais criar filhos de uma escrava e assim desonrar a tua casa?” **8.** Se não quiser ser pai, que não seja também marido”. Estas palavras inflamaram mais ainda Dionísio, que se deixou embalar por uma vaga esperança de ser correspondido. Ergueu as mãos ao céu e bradou: “Quem me dera ver, ó Zeus, ó Sol, um filho de Calírroe! Nesse dia vou sentir-me mais feliz que o Grande Rei. Vamos ter com ela. Leva-me lá, minha querida Plângon, tão amiga que és do teu senhor».

**II. 1.** Correu ao andar de cima e, num primeiro impulso, fez menção de se lançar aos joelhos de Calírroe. Depois susteve-se, sentou-se com toda a compostura e disse: “Vim aqui, mulher, agradecer-te por me teres salvo. Contra tua vontade nunca eu havia de forçar-te, e, como nada conseguia, estava disposto a morrer. **2.** Mas tu fizeste-me regressar à vida. Apesar do enorme reconhecimento que te tenho, não deixo de te fazer uma censura. Duvidaste que eu te quisesse como esposa legítima, para

que me desses filhos, segundo as leis dos Gregos. Se eu não te amasse, não teria rezado tanto para conseguir este casamento. Tu, porém, ao que parece, julgavas-me um louco, capaz de tratar como escrava uma donzela nobre e de considerar como filho indigno da minha qualidade um herdeiro de Hermócrates. “Que eu reflita”, é o teu conselho. **3.** Pois muito tenho refletido. Tens medo dos meus amigos, tu a quem todos tanto amam? Quem se atreverá a dizer que é indigno de mim o filho que eu gerei, que tem um avô superior ao próprio pai?” Enquanto assim falava, por entre lágrimas, foi-se aproximando de Calíroeo. E ela, corada, beijou-o docemente e disse: “Confio em ti, Dionísio, é da minha sorte que desconfio, que já um dia me derrubou da posição elevada que eu tinha. **4.** Receio que ela não tenha feito ainda as pazes comigo. Por isso, embora sejas bom e justo, toma os deuses por testemunhas (não é por ti, é pelos teus concidadãos e parentes), para que ninguém, por saber que juraste, possa alimentar contra mim algum mau pensamento. É vítima fácil do desprezo uma mulher solitária e estrangeira”. **5.** “Que juramentos queres tu que eu faça pelos deuses? Pois estou disposto a jurar, se fosse possível, indo ao céu e implorando Zeus em pessoa”. “Jura-me pelo mar que me trouxe até ti, por Afrodite que me pôs diante dos teus olhos, e por Eros, que conduz as noivas”. O pedido agradou a Dionísio, que o satisfez de imediato.

**6.** O fogo da paixão dava-lhe pressa e tornava-lhe insuportável a espera pelo casamento. É difícil pôr restrições à liberdade de amar. Dionísio, como homem bem educado, ainda que dominado pela borrasca e com o coração submerso, esforçava-se por manter a cabeça erguida naquela torrente de emoção. **7.** Deteve-se então nestas reflexões: É num lugar isolado que me hei de casar, como se realmente a noiva fosse uma escrava? Não sou tão ingrato que não festeje o meu casamento com Calíroeo!

É esta a primeira homenagem que devo prestar à minha mulher. Para mim é até uma segurança para o futuro, porque não há coisa mais ladina do que a Fama: é pelos ares que se desloca, onde tem passagem livre; graças a ela, nada que seja extraordinário pode ficar oculto. Ei-la já a caminho da Sicília com esta história em primeira mão: “Calírrroe está viva; uns salteadores violaram-lhe o túmulo, roubaram-na e foram vendê-la em Mileto”. **8.** Logo as trirremes de Siracusa se metem ao mar e, com elas, o general Hermócrates a exigir a filha. E o que é que eu posso dizer? “Foi Téron que ma vendeu?” Téron? Onde é que ele está? E mesmo que ele acredite em mim, posso-lhe dizer a verdade: que dei acolhimento a um ladrão? Dionísio, prepara-te para um processo, que se calhar ainda vais ter de te defender perante o Grande Rei. Nesse caso, o melhor será dizer: «Ouvi dizer, nem sei em que circunstâncias, que uma mulher livre se encontrava entre nós. Foi com o consentimento dela que a desposi, na cidade, em público, de forma inteiramente legal». **9.** Com estas razões, posso convencer melhor o meu sogro de que não sou indigno deste casamento. Toca a aguentar, coração, este compasso de espera, que é pequeno, para depois gozares, para sempre, um prazer sem sobressaltos. Estarei mais protegido, em caso de processo, se me puser na posição de um marido, do que na de um amo e senhor”.

**10.** Tomada esta decisão, mandou chamar Leone e disse-lhe: “Vai à cidade e prepara-me umas bodas com aparato. Que se mandem vir rebanhos, que se transportem alimentos e vinho por terra e mar; tenciono oferecer um banquete aos meus concidadãos”. **11.** Depois de assentar cuidadosamente todos os pormenores, ele próprio fez, no dia seguinte, o trajeto de carro; quanto a Calírrroe (como não queria exibi-la em público), mandou-a vir, à tardinha, de barco, até à casa que possuía em pleno porto chamado Dócimo. Plângon ficou encarregada de se

ocupar da jovem. **12.** No momento de deixar o campo, Calírooe dirigiu, em primeiro lugar, uma prece a Afrodite; entrou no templo, fez sair todos os que lá se encontravam e falou à deusa com estas palavras: “Afrodite soberana, hei de censurar-te com justa causa ou dar-te graças? Tu que, quando eu era uma donzela, me uniste a Quéreas, fazes-me agora, depois desse casamento, noiva de outro. **13.** Eu não teria concordado em comprometer a minha palavra, por ti e pelo teu filho, se a criança que aqui trago me não entregasse nas vossas mãos” - e apontava para o ventre. “Por isso, suplico-te”, continuou, “e não é por mim que o faço, mas pela criança, faz com que o ardil que eu tramei não seja descoberto. Uma vez que o meu filho não tem o seu pai verdadeiro, que passe por filho de Dionísio. Depois de crescido, ele próprio há de encontrar o autêntico”. **14.** Saiu do templo e dirigiu-se ao mar; os marinheiros, ao vê-la, tomaram-se de pavor, como se Afrodite em pessoa se aproximasse para embarcar. Lançaram-se-lhe, em massa, aos pés, para a adorarem. Tal era o entusiasmo dos remadores, que o navio chegou ao porto em menos tempo do que custa a dizê-lo.

Desde a aurora que a cidade inteira se cobriu de grinaldas. **15.** Toda a gente fazia sacrifícios diante da própria casa, e não apenas nos templos. Especulava-se sobre a identidade da noiva. A população convenceu-se, por causa da beleza e do mistério que envolvia esta mulher, que se tratava de uma Nereide saída do mar, ou de uma deusa vinda da propriedade de Dionísio. Eram de facto estes os comentários dos marinheiros. **16.** Um único desejo se apoderava de todos - ver Calírooe. A multidão acumulava-se em redor do templo da Concórdia, onde tradicionalmente as noivas eram entregues aos maridos. Nesse dia Calírooe enfeitou-se pela primeira vez, depois da aventura do túmulo. Decidida, de uma vez por todas, a casar-se, considerou a beleza sua pátria e família. Depois de enfiar um vestido milésio

e de pôr uma coroa nupcial, enfrentou a multidão. **17.** Todos gritaram: “É Afrodite que se casa». Juncavam-lhe o caminho de púrpura, rosas e violetas, à sua passagem aspergiam-na de perfume, ninguém ficou em casa, mesmo crianças ou velhos; os portos ficaram desertos. Até nos telhados a multidão se empoleirou, apinhada. E no entanto, neste dia feliz, o ciúme do deus de novo se espicçou. O que aconteceu, vou dizê-lo mais adiante. Antes, porém, prefiro relatar o que, entretanto, se passou em Siracusa.

**III. 1.** Os arrombadores de túmulos tinham fechado o jazigo sem qualquer cuidado, com pressa de aproveitarem a noite. Quéreas, atento ao nascer do dia, veio até à sepultura, com o pretexto de trazer coroas e libações; na realidade era a intenção de se matar que o animava. Não suportava viver sem Calírroe e via na morte o único remédio para o seu sofrimento. Ao chegar lá, encontrou as pedras mexidas e a entrada franqueada. **2.** Perante este espetáculo, ficou siderado e uma terrível angústia se apoderou dele pelo que pudesse ter acontecido. A Fama, que é mensageira veloz, depressa deu a conhecer aos Siracusanos esta notícia extraordinária. Todos acorreram ao túmulo, mas ninguém se atreveu a entrar sem ordem de Hermócrates. **3.** Por fim, o homem que lá foi enviado relatou tudo, tim-tim por tim-tim. Incrível sobretudo lhes parecia o facto de a morta ter desaparecido. Quéreas então lançou-se lá para dentro, no desejo de rever Calírroe, mesmo morta. Mas, por mais que inspecionasse o túmulo, nada conseguiu encontrar. **4.** Muitos foram os que entraram atrás de Quéreas, incrédulos. O pasmo era geral; houve um dos curiosos que, estarecido, disse: “Roubaram as oferendas, é coisa de arrombadores de túmulos; mas o cadáver, onde poderá estar?” Múltiplas e diversas conjeturas se espalharam entre a multidão. Quéreas fitou o céu e, de mãos erguidas, bradou: “Qual dos deuses, meu rival no amor, terá

levado Calírroe e a possui agora contra sua vontade, por força de um destino todo poderoso? **5.** Foi por isso que teve uma morte repentina, para não sofrer. Assim também Dioniso raptou, a Teseu, Ariadne e Zeus, Sémele<sup>46</sup>. Não sabia eu que tinha uma deusa por esposa, uma criatura superior à nossa condição. Mas não devia ter partido do convívio dos homens tão depressa e com tal pretexto. **6.** Também Tétis era deusa, mas ficou com Peleu e deu-lhe um filho<sup>47</sup>. Só a mim foi roubado o meu amor, e no auge da paixão. Que hei de fazer? Que futuro é o meu, nesta agonia? Mato-me? E com quem vou ser sepultado? Esta ainda era a esperança que me restava, no meio da desgraça. Se partilhei o leito com Calírroe, com ela deveria partilhar também o túmulo. **7.** Senhora do meu coração, perante ti faço a minha defesa. És tu que me forças a viver. Hei de procurar-te por terra e por mar, ou até subir ao céu, se for capaz. Há só um pedido que te faço, minha querida, não me fujas”. Perante estas palavras, a multidão largou-se em lamentações e todos iniciaram um canto fúnebre como se Calírroe tivesse acabado de morrer.

**8.** Logo se puseram trirremes no mar e se determinou um plano de buscas. Hermócrates encarregou-se de investigar na Sicília, Quéreas na Líbia. Outros foram enviados para a Itália e finalmente outros ainda receberam ordem de partir para o Íonio. O socorro humano, porém, de nada valeu. Quem de facto

---

<sup>46</sup> Sobre Ariadne, *vide supra* 78, nota 34. Sémele, por seu lado, figura entre as mulheres amadas por Zeus. Conta a lenda que Zeus, disfarçado de mortal, manteve com a tebana Sémele uma aventura amorosa; ao ter conhecimento de mais esta traição conjugal, a divina Hera, também ela sob disfarce, convenceu a rival, então grávida de um filho do deus, a requerer do amante que se lhe revelasse na sua verdadeira forma e identidade. Perante o esplendor divino, Sémele caiu, fulminada; foi então na coxa de Zeus que a criança completou a gestação, até vir à luz do dia como Dioniso, “o filho de duas mães”. Sobre este assunto, *vide* Graves 1977: I, 56.

<sup>47</sup> Cf. *supra* p. 71, nota 27.



revelou a verdade foi a Fortuna, sem a qual nenhuma empresa pode ser levada a bom termo. É o que se pode constatar do que se passou.

**9.** Depois de terem vendido aquela mercadoria tão difícil de colocar, a mulher, os arrombadores de túmulos deixaram Mileto e navegaram rumo a Creta, que tinham ouvido referir como uma ilha opulenta e grande; contavam por isso colocar lá as suas mercadorias sem problemas de maior. **10.** Mas foram apanhados por um vento forte, que os arrastou para as águas do Iónio, onde andaram à deriva, num mar solitário. Trovões, relâmpagos e uma noite interminável caíram sobre aqueles ímpios; era a Providência a mostrar que a navegação calma que tinham feito até então a deviam a Calírroe. A cada momento sentiam a morte por perto, sem que o deus se apressasse a libertá-los do medo; pelo contrário, tornava-lhes o naufrágio numa tortura sem fim. **11.** Não houve terra que acolhesse aqueles homens impuros, que, por terem ficado no mar tempo demasiado, começaram a ter falta do necessário, sobretudo de água. De nada lhes servia aquela riqueza mal ganha, pois morriam de sede no meio do ouro. Tarde demais se arrependiam da ousadia cometida, invetivando-se mutuamente com esta censura: “De nada nos serviu”. **12.** Assim todos os outros morriam de sede, só Téron, mesmo naquela situação, mantinha a safadeza do costume; roubava a bebida, ou seja, até os seus salteadores ele assaltava. E ficava convencido de que se tinha saído com muita esperteza, quando na realidade tudo não passava de obra da Providência, que destinava aquele sujeito à tortura e à crucificação.

**13.** A trirreme que transportava Quéreas topou com o barco, que andava à deriva; primeiro mantiveram-se ao largo, por pensarem que era uma embarcação de piratas. Mas quando perceberam que navegava sem piloto, levada ao acaso pelo embate das ondas, alguém gritou da trirreme: “Não tem tripulação. Não precisamos

de ter medo. Aproximemo-nos para investigarmos este caso estranho”. **14.** O piloto concordou. Quéreas, no fundo do navio, de rosto velado chorava. Quando se aproximaram, chamaram primeiro pelos ocupantes. Mas como ninguém respondesse, um homem saltou da trirreme para o barco, onde nada mais viu senão ouro e cadáveres. Fez o seu relato aos marinheiros. A notícia deixou-os felizes, por julgarem que tinham encontrado um tesouro no mar. **15.** Perante o alarido, Quéreas tratou de averiguar-lhe a causa. Depois de o informarem, quis ver com os próprios olhos o achado. Ao reconhecer as oferendas fúnebres, rasgou as vestes e com voz forte, que ressoou ao longe, gritou: “Ai de mim, Calíroel! Estas são as tuas oferendas; a coroa, que eu próprio te pus na cabeça, este aqui, um presente do teu pai, aquele outro da tua mãe; e aqui está o vestido de noiva. O teu sepulcro foi afinal este navio. **16.** O que te pertence estou a vê-lo, mas tu, onde estás? Das oferendas só falta a morta”. Téron, que ouvia estas lamentações, jazia como se fosse também cadáver, e de facto estava semimorto. Por largo tempo decidiu não soltar um único som nem se mexer. Pois o que lhe aconteceria não era difícil de adivinhar. Só que o ser humano tem o instinto natural da sobrevivência e, nem nas piores circunstâncias, perde a esperança numa mudança para melhor. O deus que nos criou implantou, em todos, esta ilusão, para que o homem não escape à desgraça. **17.** Enfim, sob o domínio da sede, lá soltou primeiro esta palavra: “Água”. Depois de lha trazerem e de o rodearem de todos os cuidados, Quéreas veio sentar-se junto dele e perguntou-lhe: “Quem são vocês? Para onde se dirigem? Onde arranjaram esta carga? Que fizeram vocês da dona dela?” Téron não se esqueceu da sua malícia natural e respondeu: «Sou cretense, em viagem para a Iónia. Procuo o meu irmão que anda em campanha. **18.** Fui abandonado pela tripulação do barco em Cefalénia, de onde rapidamente se fizeram ao largo. Embarquei então neste navio que, por feliz acaso, navegava por ali. Mas a

força dos ventos desviou-nos para este mar. Depois fez-se uma tal calma, que todos morreram de sede; só eu me salvei graças à minha piedade”. Ao ouvir esta história, Quéreas mandou amarrar o barco à trirreme, até atingirem os portos de Siracusa.

**IV. 1.** Precedeu-os a Fama, que é por natureza veloz, apressada em comunicar todas estas novidades extraordinárias. Todos acorreram por isso à beira-mar; assistia-se à manifestação dos sentimentos mais variados: lágrimas, espanto, curiosidade, desconfiança. O inesperado da história deixara-os abalados. **2.** Depois de ver as oferendas, a mãe de Calírroe largou-se em lamentações: “Reconheço tudo. Só faltas tu, minha filha. Que comportamento estranho o destes violadores de túmulos! Guardaram as vestes e o ouro e só roubaram a minha filha”. A costa e os portos ressoavam com os golpes que as mulheres se infligiam, inundando terra e mar de gemidos. **3.** Hermócrates declarou, com todo o seu poder de comando e experiência: “Não é aqui que se deve investigar. Convém fazer uma indagação mais de acordo com a lei. Vamos à assembleia. Quem sabe se não haverá até necessidade de juízes?”

**4.** Mal tais palavras eram ditas e já o teatro estava repleto. Naquela reunião participaram até as mulheres. Os ânimos populares estavam exaltados; Quéreas foi o primeiro que avançou para falar, vestido de negro, pálido, enxovalhado, como no dia em que levou a mulher a sepultar. Não quis subir à tribuna, mas, de pé cá em baixo, chorou primeiro durante longo tempo, incapaz de pronunciar uma palavra, mau grado os esforços que fazia. A multidão gritava: “Vamos, coragem! Fala!” **5.** Por fim, com dificuldade, lá levantou os olhos e disse: “Este não é momento para discursos, mas para luto. No entanto, o mesmo dever me obriga a falar e a viver, até que desvende o desaparecimento de Calírroe. Foi esse o motivo por que parti daqui e realizei uma viagem que não sei se foi feliz ou infeliz. **6.** Vimos um barco

à deriva em águas calmas, cheio de uma tempestade interior e submerso em calma. Surpreendidos, aproximámo-nos. Julguei que estava a ver o túmulo da minha pobre mulher, com tudo que lhe pertencia, menos ela. Cadáveres havia-os ali aos montes, mas todos de gente estranha. Este indivíduo encontrámo-lo no meio deles, semimorto. À força de cuidados, reanimei-o para o trazer à vossa presença”. **7.** Entretanto, funcionários do estado conduziam Téron para o teatro, amarrado, seguido de uma escolta muito adequada a ele. Acompanhavam-no de facto uma roda, um cavalete, o fogo e os chicotes; era a Providência que lhe retribuía o prémio das suas façanhas. **8.** Logo que chegou à presença dos magistrados, um deles interrogou-o: “Quem és tu?” “Demétrio”. “De onde vens?” “De Creta”. “O que tens a dizer?” “Navegava eu para a Iónia, ao encontro do meu irmão, quando fui abandonado pelo barco em que seguia; depois vim a embarcar num navio que passava por ali. Na altura depreendi que se tratava de comerciantes, mas agora vejo que eram violadores de túmulos. **9.** Andámos no mar tempos sem fim, todos os outros morreram por falta de água, só eu me salvei porque nunca na vida fiz mal a ninguém. E vocês, Siracusanos, um povo que tem fama de ser humanitário, não se mostrem para mim mais ferozes do que a sede e o mar”. **10.** Com estas palavras doloridas, despertou a compaixão na população, e talvez até a convencesse a dar-lhe um contributo para a viagem, se um deus vingador de Calíroo se não tivesse indignado com a falsidade daquele paleio. Pois era o cúmulo da injustiça que estava iminente: que os Siracusanos se convencessem de que tinha sido a piedade a salvar um único homem, a quem afinal só a impiedade tinha salvo ... para que o castigo lhe fosse ainda mais pesado.

**11.** Sentado entre a multidão estava um pescador que o reconheceu e que, em voz baixa, soprou aos que estavam ao seu lado: “Este tipo já o vi antes a rondar o nosso porto”. Rapidamente

esta informação se espalhou e alguém denunciou em voz alta: “Ele está a mentir”. **12.** Toda a gente se voltou e os magistrados mandaram aproximar-se o primeiro que tinha falado. Apesar das negativas de Téron, o pescador pareceu mais digno de crédito. Chamaram-se logo os carrascos, que aplicaram uma carga de chicote ao malfeitor. Sujeito à tortura a fogo e ferro, ia resistindo sempre. Pouco faltou para vencer as sevícias. **13.** Mas é forte, em cada um de nós, a voz da consciência e poderosa a verdade. A custo elas foram acordando em Téron, que, por fim, lá confessou. E começou assim a sua história: «Quando vi enterrar toda aquela riqueza, reuni os salteadores. **14.** Abrimos o túmulo e encontrámos viva a defunta. Retirámos tudo e carregámos o barco. Navegámos para Mileto, onde vendemos apenas a mulher; o resto transportávamo-lo para Creta, quando fomos arrastados para o Iónio pelos ventos, que nos deixaram no estado que vocês mesmos viram”. Houve só um pormenor que ele não mencionou, o nome do comprador. **15.** Perante este relato, a alegria e a dor apoderaram-se de todos. Alegria porque Calírroe estava viva, dor por ter sido vendida. Téron foi condenado à morte. Mas Quéreas suplicava que o não matassem ainda, e argumentava: “É preciso que ele venha comigo identificar os compradores. Vejam o ponto a que cheguei, de defender o homem que vendeu a minha mulher». **16.** Hermócrates, porém, opôs-se a esta proposta: “Mais vale empreender uma busca, com todas as dificuldades, do que infringir a lei. Peço-vos, cidadãos de Siracusa, que, em atenção à minha atuação como estrategista e aos troféus obtidos, me compensem, no caso da minha filha. Enviem uma embaixada em seu socorro. Vamos recuperá-la, que é uma mulher livre”. **17.** Mal acabava de falar e já o povo bradava: “Todos aos barcos!” e mesmo os membros do Conselho, na sua maioria, se apresentaram como voluntários. Hermócrates proclamou então: “Estou-vos grato a todos pela honra que me

concedem, mas bastam, como embaixadores, dois homens do povo e dois do Conselho. Mais Quéreas, que vai também”. **18.** A sugestão foi aceite e aprovada, e, de seguida, dissolveu-se a assembleia. Téron foi levado para a morte, escoltado por grande parte da multidão. Crucificaram-no diante do túmulo de Calírroe. Do alto da cruz podia ver aquele mar por onde levara, como uma cativa, a filha de Hermócrates; mar a que nem os Atenienses puderam chamar seu.

**V. 1.** Era opinião geral que mais valia esperar a época propícia à navegação e partir aos primeiros sinais de primavera. De facto era ainda inverno e parecia de todo impossível fazer a travessia do Iónio. Quéreas, porém, tinha pressa; pressionado pela paixão, estava disposto a fazer-se ao mar numa jangada e a deixar-se levar pelos ventos. **2.** Nem tão pouco os embaixadores pretendiam adiar a partida, por deferência para com o jovem, mas sobretudo para com Hermócrates. Por isso empreenderam-se os preparativos para a viagem. Os Siracusanos enviaram então uma missão a expensas públicas, o que dava maior peso à embaixada. **3.** Puseram a navegar a famosa trirreme do almirantado, ainda com as insígnias da vitória. Quando chegou o dia marcado para a partida, a multidão acorreu ao porto, não apenas os homens, mas mulheres e crianças também; houve, ao mesmo tempo, preces, lágrimas, soluços, exortações, temores, coragem, desespero, esperança. **4.** Aríston, o pai de Quéreas, que a velhice extrema e a doença obrigavam a ser transportado, lançou-se ao pescoço do filho e, suspenso dele, repetia-lhe entre lágrimas: “A quem me confias, meu filho, velho como sou e com a morte por perto? É claro que não te voltarei a ver. **5.** Espera, nem que seja meia dúzia de dias, que eu morra nos teus braços. Faz-me o funeral e depois vai”. A mãe, por seu lado, lançou-se-lhe aos joelhos e suplicou: “Peço-te, meu filho, não me deixes aqui sozinha. Embarca na trirreme esta carga que é leve. E se

eu me tornar um peso ou um empecilho, atira-me ao mar por onde navegares”. **6.** Ao dizer estas palavras, rasgou o vestido e, mostrando-lhe os seios, insistia: “Filho, respeita estes seios e tem piedade também de mim, que um dia te dei o peito que liberta de cuidados”<sup>48</sup>.

Quéreas, dilacerado com as súplicas dos pais, atirou-se do navio à água, para se matar. Assim escapava àquela alternativa: ou não procurar Calírroe ou fazer sofrer os pais. Sem perdas de tempo, os marinheiros saltaram também, mas só com dificuldade o retiraram da água. **7.** Então Hermócrates fez dispersar a multidão e ordenou ao piloto que partisse. Deu-se também, nesse momento, outra cena de amizade, a que não faltou elevação. Policarmo, o companheiro de Quéreas, durante todo este tempo não foi visto entre os presentes; de resto, tinha até declarado aos pais: “Sou amigo de Quéreas, um amigo de verdade, mas não a ponto de correr tamanhos riscos com ele. Por isso, até ele partir, vou-me manter afastado”. **8.** Mas quando o barco se distanciou de terra, acenou-lhes um adeus da popa, para que já o não pudessem reter.

**9.** Ao sair do porto, Quéreas fitou a superfície marinha e disse: “Conduz-me, ó mar, pela mesma rota por onde conduziste Calírroe. Suplico-te, Posídon, que ou ela volte connosco ou que eu não volte aqui sem ela. Se não conseguir recuperar a minha mulher, então prefiro partilhar a escravatura com ela”. **VI. 1.** Um vento favorável impelia a trirreme, que corria, como se seguisse o sulco do barco. Em igual número de dias chegaram à lónia e atracaram no mesmo promontório, na propriedade de Dionísio. **2.** Enquanto os outros, estafados da viagem, desceram a terra para tratarem da sua acomodação, montarem as tendas e prepararem uma refeição, Quéreas, em companhia

---

<sup>48</sup> *Iliada* 22. 82-83.

de Policarmo, foi dar uma volta de reconhecimento. “E agora”, disse ele, “como havemos de encontrar Calírroe? O meu maior receio é que Téron nos tenha mentido e que a coitada esteja morta. Mas se realmente foi vendida, quem é que pode saber onde? A Ásia é tão grande!” **3.** Nas suas andanças, acabaram por ir ter ao templo de Afrodite. Decidiram então prestar honras à deusa; Quéreas rojou-se-lhe aos pés e orou: “Tu, senhora, foste a primeira a mostrar-me Calírroe, na tua festa. Pois cabe-te também agora devolver-me, essa mulher que recebi como uma graça tua”. E naquele momento, ao erguer a cabeça, viu junto da deusa a efígie de Calírroe, em ouro, prenda de Dionísio.

“Fraquejaram-lhe os joelhos e o coração”<sup>49</sup>.

**4.** E caiu, tomado de uma vertigem. A sacerdotisa do templo, que tinha estado a apreciá-lo, trouxe-lhe água e, a tentar reanimá-lo, disse: “Coragem, meu filho. Já a muitos outros a deusa atingiu também. Ela costuma fazer aparições e revelar-se sem rebuços. Esse é o sinal de uma grande felicidade. Estás a ver essa efígie em ouro? Pois essa mulher não passava de uma escrava e Afrodite fez dela a senhora de todos nós”. **5.** “Quem é ela?”, perguntou Quéreas. “É a dona destas terras, meu filho, a mulher de Dionísio, o primeiro dos Iónios». Policarmo, ao ouvir aquela informação, com o seu bom senso habitual, não permitiu que Quéreas adiantasse mais conversa; agarrou-lhe num braço e levou-o lá para fora: não queria que a sua identidade fosse conhecida, antes que pudessem planear tudo em pormenor e tomar uma decisão conjunta. Na presença da sacerdotisa, **6.** Quéreas não avançou mais nada, obrigou-se a manter silêncio, sem no entanto evitar que algumas lágrimas brotassem espontaneamente. Mas quando se viu longe, sozinho, atirou-se ao chão e bradou: “Ó mar compassivo, porque me deixaste chegar

<sup>49</sup> *Iliada* 21. 114.



são e salvo? Para, depois de uma boa viagem, eu ver Calírroe casada com outro? Não podia admitir que tal acontecesse nunca, nem mesmo depois da minha morte. **7.** E agora que hei de fazer, coitado de mim? Esperava libertar-te das mãos de um senhor, confiava em que, com um resgate, convenceria quem te comprou. Mas acabo agora de descobrir que és rica, até talvez rainha. Quanto mais feliz não ficaria se te encontrasse mendiga! Como hei de dirigir-me a Dionísio para lhe dizer: “Devolve-me a minha mulher”? Quem pode dizer tal coisa a um marido? **8.** Nem que dê de caras contigo posso abordar-te, ou até mesmo saudar-te, como é o mais normal entre compatriotas. Arrisco-me, quem sabe, a correr perigo de vida, por ser amante da minha mulher”. Perante estes lamentos, Policarmo procurava confortá-lo.

**VII. 1.** Entretanto Focas, o administrador de Dionísio, reparou na presença de uma trirreme de guerra, o que o deixou inquieto. Conquistou a simpatia de um marinheiro e por ele soube a verdade, quem eram, de onde e ao que vinham. Apercebeu-se assim da enorme consumição que aquela trirreme representava para Dionísio, que não sobreviveria separado de Calírroe. **2.** Dedicado ao senhor como era, quis afastar o perigo e evitar uma guerra que não seria, com certeza, muito grande nem de interesse geral, mas apenas respeitante à casa de Dionísio. Por isso correu a cavalo ao encontro de uma guarnição de bárbaros<sup>50</sup>, comunicou-lhes que se encontrava lá oculta uma trirreme inimiga, se calhar para fazer espionagem ou então pirataria, e que era do interesse do rei que ela fosse tomada antes que causasse danos. **3.** Convenceu os bárbaros, que guiou já em formação de combate. O ataque deu-se no

---

<sup>50</sup> Naturalmente uma guarnição de Persas, que cabem sob a designação geral de “bárbaros”, equivalente a “não Gregos”.

meio da noite: lançou-se fogo à trirreme, que se incendiou, e os homens aprisionados com vida foram amarrados e levados para o quartelamento. Quando se fez a repartição dos prisioneiros, Quéreas e Policarmo suplicaram que os vendessem a um só senhor. Quem os adquiriu vendeu-os na Cária, onde, carregados de grossas cadeias, trabalharam nas terras de Mitridates.

4. Calírroe viu em sonhos Quéreas amarrado; ele bem queria aproximar-se dela, mas não podia. Soltou então, durante o sono, um grito agudo, estridente: “Quéreas, vem cá!” Foi esta a primeira vez que Dionísio ouviu o nome de Quéreas e, perante a perturbação da mulher, quis saber: “Quem é esse homem por quem chamavas?” As lágrimas traíram-na e, sem poder ocultar a dor, deu largas ao sofrimento: 5. “Um homem infeliz, meu marido nos tempos da juventude, que nem em sonhos consegue a felicidade. Acabo de o ver amarrado. Tu, coitado, foi à minha procura que encontraste a morte (é evidente que as cadeias que te prendem significam morte); enquanto eu estou viva, no meio do luxo, e me deito em cama incrustada em ouro, ao lado de outro homem. Mas não há de faltar muito para que te reencontre. 6. E se em vida nos vimos afastados um do outro, é na morte que havemos de pertencer um ao outro”. Ao ouvir tais palavras, Dionísio sentiu-se tomado de emoções diversas: assaltava-o o ciúme, porque Calírroe amava Quéreas mesmo para além da morte, mas assaltava-o também o temor de que ela se matasse. Animava-o, no entanto, que a mulher estivesse convencida de que o primeiro marido tinha morrido: não iria assim abandonar Dionísio, se Quéreas já não era deste mundo. 7. Reconfortou como podia a mulher e, durante muitos dias, ficou de atalaia, não fosse ela atentar contra si própria. Calírroe, entretanto, foi-se libertando da dor graças à esperança de que talvez o marido ainda estivesse vivo e que o sonho não passasse de uma ilusão. Acima de tudo havia o seu ventre. Sete meses

depois do casamento, deu à luz um filho, na aparência de Dionísio, mas na realidade de Quéreas. A cidade organizou grandes festejos, vieram embaixadas de toda a parte para comemorarem com os Milésios este aumento na família de Dionísio. Eufórico, o senhor de Mileto passou tudo para as mãos da mulher, que declarou senhora da casa. Encheu de oferendas os templos e convidou para banquetes de sacrifícios a cidade inteira.

**VIII. 1.** Calírroe, receosa de que o seu segredo fosse traído, entendeu dar a liberdade a Plângon, a única pessoa, para além da própria, que sabia que ela tinha casado com Dionísio já grávida. Pretendia assim ganhar-lhe a fidelidade, não apenas por uma questão de sentimentos, como também pela situação. “É com prazer que a recompenso», anuiu Dionísio, «porque foi uma aliada do meu amor. **2.** Mas seria injusto da nossa parte se distinguíssemos apenas a nossa serva e não agradecêssemos também a Afrodite, pois foi junto dela que nos vimos pela primeira vez”. “O meu empenho é ainda maior que o teu”, concordou Calírroe, “porque lhe devo mais favores. Mas neste momento ainda estou de parto recente. É mais prudente aguardar alguns dias para irmos então ao campo”. **3.** Depressa se restabeleceu do parto, ficou mesmo mais forte e mais formosa do que dantes; tinha atingido o esplendor já não de uma mocinha, mas de uma mulher. Quando chegaram ao campo, Focas preparou sacrifícios magníficos. Houve até uma multidão que os acompanhou desde a cidade. Ao iniciar a hecatombe, Dionísio proclamou: “Afrodite soberana, és tu a autora de toda a minha felicidade. **4.** Foi de ti que recebi Calírroe, de ti que recebi o meu filho, graças a ti sou marido e pai. Ter Calírroe era já muito para mim, porque me é mais querida do que pátria e família. Mas amo também o meu filho, que veio reforçar os laços entre mim e a mãe. Considero-o um penhor do meu afeto por ela. Suplico-te, senhora, guarda Calírroe para mim, e para Calírroe o

filho dela”. **5.** A multidão em volta aplaudiu em altos brados, cobrindo-os de rosas, de violetas, ou até de grinaldas, de modo que o templo se encheu de flores. Dionísio fez a sua prece diante de todos; Calírroe, porém, preferiu falar a sós com Afrodite. **6.** O seu primeiro gesto foi pegar no filho nos braços; era uma cena maravilhosa, como pintor algum jamais pintou, como escultor algum jamais esculpiu, nem poeta algum jamais cantou até hoje. Nenhum deles jamais produziu Ártemis ou Atena com um filho nos braços. Perante aquele quadro, Dionísio chorou de prazer e, em silêncio, fez uma prece à Vingança.

Plângon foi a única que recebeu ordem de ficar, os restantes mandou-os ir indo para casa. **7.** Quando todos partiram, Calírroe de pé junto de Afrodite, ergueu o filho nos braços e suplicou: “Por ele, senhora, estou-te reconhecida. Por mim, não sei se o posso estar. Também, por mim, te estaria agradecida, se me tivesses concedido Quéreas. Pelo menos deste-me o retrato do homem que amo e assim não perdi Quéreas por completo. **8.** Concede-me que o meu filho seja mais feliz do que os pais, como o avô. Que também ele navegue numa trirreme de almirante e que se comente, quando tomar parte numa batalha naval: “Suplanta o avô, o neto de Hermócrates”. Que alegria não será para o avô ter um herdeiro de valor, e que alegria não será também para nós, os pais, mesmo se estivermos mortos. **9.** Suplico-te, pois, senhora, reconcilia-te comigo daqui para o futuro. Já tive a minha parte de sofrimentos. Já morri, ressuscitei, fui roubada, andei fugida, fui vendida, tornei-me escrava. E há que acrescentar também este segundo casamento, um mal mais penoso do que todos os outros. Em troca de todos estes sofrimentos, há só uma graça que te peço, e, por teu intermédio, aos outros deuses. Protege o meu filho, que não tem pai”. Queria dizer mais alguma coisa, mas não lho permitiram as lágrimas.

**IX. 1.** Ao fim de alguns instantes chamou a sacerdotisa; a velha mulher acudiu ao chamamento e disse: “Porque choras, minha filha, se é tanta a tua felicidade? Até já os estrangeiros te veneram como a uma deusa! Ainda anteontem estiveram aqui dois belos moços, chegados de fora. Um deles, ao ver a tua efigie, por pouco não deu o último suspiro. Afrodite fez de ti uma verdadeira aparição”. **2.** Sobressaltou-se o coração de Calírroe perante tal notícia; ficou como louca, e, de olhos fixos, gritou: “Quem eram esses estrangeiros? De onde vinham? O que te contaram?” Receosa, a sacerdotisa primeiro ficou sem fala; depois, com dificuldade, balbuciou: “Eu só os vi, não os ouvi dizer nada”. **3.** “E como é que eles eram, esses moços que viste? Faz por te lembrares do aspeto deles”. A velha não soube explicar-se muito bem, mas mesmo assim Calírroe suspeitou da verdade. Facilmente se acredita naquilo que se deseja. Fitou Plângon e disse: “É bem possível que o pobre do Quéreas ande por aí perdido. O que terá acontecido? Vamos procurá-lo, mas nem uma palavra sobre o assunto».

**4.** Quando chegou junto de Dionísio, limitou-se a relatar-lhe o que tinha ouvido à sacerdotisa. Bem sabia ela que o Amor é por natureza curioso e que o marido tomaria a iniciativa de averiguar o que tinha acontecido. E assim foi. Mal que tal ouviu, Dionísio sentiu-se desde logo invadido pelo ciúme; estava longe de desconfiar de Quéreas, simplesmente receava que alguém, lá no campo, preparasse alguma tentativa secreta de sedução. A beleza da mulher incentivava-lhe as suspeitas e os temores. **5.** E não eram só as maquinações dos homens que temia; punha mesmo a hipótese de um deus baixar do céu para rivalizar com o seu amor. Chamou Focas e inquiriu: “Quem são os tais moços e de onde vêm? Eram gente rica, com bom aspeto? Porque vieram adorar a minha Afrodite? Quem lha indicou? Quem lhes deu autorização?” **6.** Focas calou a verdade, não por receio de

Dionísio, mas por saber que Calíroo o mandaria matar, a ele e à família, se soubesse o que se tinha passado. Quando o viu negar que lá tivesse estado alguém, Dionísio, que lhe não conhecia os motivos, suspeitou de que se estivesse a tramar contra ele uma conspiração ainda mais grave. **7.** Profundamente irritado, mandou vir os chicotes e a roda para torturar Focas; e não só a ele, pois convocou todos os seus homens lá do campo, convencido de que ia desvendar um caso de adultério. Focas percebeu a gravidade da situação, quer falasse quer ficasse calado: «A ti, senhor», disse por fim, «eu digo a verdade, mas em particular».

**8.** Dionísio mandou sair todos os outros, mas recomendou: “Pronto, agora estamos sós. Mas não mintas mais, trata de dizer a verdade, por mais desagradável que ela seja”. “Não se trata de nada desagradável, patrão, são até boas notícias as que tenho para te contar. A primeira parte é que é um pouco difícil, mas não te aborreças nem te aflijas, espera até ouvires o resto. Que o fim só te é vantajoso”. **9.** Já excitado com aquela promessa e suspenso da história, Dionísio ordenou: “Não percas tempo, vamos ao assunto”.

Focas começou então a contar: “Aportou aqui uma trirreme vinda da Sicília, com uma embaixada de Siracusanos a bordo, encarregados de te reclamarem Calíroo”. **10.** Dionísio quase morreu ao ouvir esta introdução; cobriram-se-lhe os olhos de trevas. Viu na sua frente o fantasma de Quéreas, que lhe arrebatava Calíroo. Caiu redondo, com o aspeto e a cor de um defunto. Focas estava na maior atrapalhão, porque não queria chamar ninguém para não haver testemunhas daquela conversa confidencial. A custo, a pouco e pouco, lá foi reanimando o patrão. “Coragem”, dizia ele, “Quéreas está morto e o barco destruído. Não há razão para receios”. **11.** Estas palavras insuflaram ânimo a Dionísio, que, depois de se restabelecer lentamente, se informou de tudo em pormenor. Focas lá foi relatando: o marinheiro que

lhe tinha dito de onde vinha a trirreme, a pessoa que motivava a viagem e quem fazia parte da embaixada; o estratagema que ele próprio tinha usado para com os bárbaros, a noite, o incêndio, o assalto ao barco, as mortes, as prisões. Foi como se uma nuvem ou uma sombra se dissipassem na alma de Dionísio, que abraçou Focas e lhe disse: “És o meu salvador, o meu verdadeiro anjo da guarda, o mais fiel confidente dos meus segredos. **12.** Graças a ti conservo comigo Calírroe e o meu filho. Eu não te teria mandado matar Quéreas, mas se o fizeste não to censuro. É um crime praticado por dedicação ao teu senhor. Houve só um descuido que cometeste: não te teres preocupado em saber se Quéreas estava entre os mortos ou entre os prisioneiros. Devias ter procurado o cadáver. Nesse caso ele recebia um túmulo e eu teria razões para estar mais tranquilo. Assim não posso ser feliz sem inquietações, por causa dos tais prisioneiros. Nem mesmo sabemos onde qualquer deles foi vendido”. **X. 1.** Incentivou Focas a contar abertamente tudo o que tinha acontecido, à exceção de dois pormenores: a estratégia que ele próprio tinha montado e a existência de sobreviventes da trirreme. Foi então ao encontro de Calírroe, com cara de caso; convocou em seguida as gentes do campo, já industriadas do assunto, para que a mulher, ao inteirar-se do ocorrido, desesperasse de uma vez por todas de reencontrar Quéreas. **2.** Depois de reunidos, todos contaram o que sabiam: “Uns salteadores bárbaros, durante a noite, atacaram e pegaram fogo a uma trirreme grega, que, desde a véspera, tinha ancorado junto ao promontório. Quando se fez dia, vimos a água manchada de sangue e os cadáveres levados pelas ondas”. **3.** Ao ouvir esta história, a jovem rasgou as roupas, e, a bater nos olhos e nas faces, correu para o quarto, onde se tinha instalado pela primeira vez quando foi vendida.

Dionísio deixou-a dar desafogo à sua dor, temendo ser desagradável, se aparecesse na hora imprópria. Mandou toda a

gente embora, reteve apenas Plângon para lhe fazer companhia, com medo de que Calírroe atentasse contra a própria vida. **4.** Esta, quando ficou sozinha, sentou-se no chão, derramou pó sobre a cabeça, arrepelou os cabelos e começou a lamentar-se: “Pedi aos deuses para morrer antes de ti, ou pelo menos contigo, Quéreas. Mas é de todo imperioso que afinal morra depois. Que esperança ainda me resta que me prenda à vida? **5.** No meio das minhas infelicidades, até agora eu podia dizer: “Ainda hei de rever Quéreas e de lhe contar o que sofri por causa dele. Essa história há de valorizar-me a seus olhos. Que alegria não há de sentir quando vir o filho!» Tudo isto agora perdeu o sentido para mim, até o meu filho se tornou um empecilho. A acrescentar a todas as minhas desgraças, ainda há esse órfão. **6.** Injusta que és, Afrodite! Só tu viste Quéreas, a mim não mo mostraste, quando cá estive. Entregaste na mão de ladrões aquele corpo maravilhoso, sem compaixão por um homem que andou errante por tua causa. A uma deusa assim quem pode invocar, pronta a matar os seus suplicantes? **7.** Não socorreste, naquela noite medonha, esse moço gentil, apaixonado, que viste assassinar perto do teu santuário. Privaste-me do meu companheiro, do meu concidadão, do meu amante, do meu amado, do meu marido. **8.** Devolve-me ao menos o corpo dele. Admito que ambos nascemos para o pior dos destinos. Mas que mal fez essa trirreme, para os bárbaros a incendiarem (se nem os Atenienses a conseguiram dominar)? A esta hora, estão os pais de ambos sentados frente ao mar, a aguardar o nosso regresso. A cada barco que avistem ao longe, hão de dizer: “Lá vem Quéreas de volta com Calírroe”. E vá de nos arranjar o leito nupcial, de nos prepararem a alcova; a nós que nem o nosso túmulo temos. Mar maldito, que conduziste a Mileto Quéreas para morrer e a mim para ser vendida!”



## LIVRO IV

**1.** Calíroe passou aquela noite em gemidos, a chorar Quéreas que afinal estava vivo. Quando por fim sossegou um pouco, viu em sonhos uma quadrilha de bárbaros a lançarem fogo, uma trirreme incendiada e ela própria a socorrer Quéreas.

**2.** Dionísio estava ralado de ver a mulher naquela inquietação. Preocupava-o pensar, apaixonado como estava, que a beleza dela murchasse, não sem que visse a vantagem de a mulher desesperar, de uma vez por todas, do primeiro marido.

**3.** No desejo de lhe mostrar afeto e generosidade, disse: “Tem ânimo, mulher, e trata da construção de um túmulo para esse infeliz. Porque corres atrás do impossível e te descuidas do que é necessário fazer? Pensa que ele te apareceu para te recomendar: “Faz-me o funeral quanto antes, para que eu atravessasse os portões do Hades”<sup>51</sup>. Mesmo que se não encontre o corpo do desgraçado, esse é pelo menos um velho costume dos Gregos, de prestar honras fúnebres mesmo aos desaparecidos”.

**4.** Depressa a convenceu, já que a sugestão vinha ao encontro dos seus desejos. Entregue a esta nova preocupação, acalmou-se-lhe o sofrimento. Levantou-se da cama e pôs-se à procura do local onde construir o túmulo. Decidiu-se por um nas proximidades do templo de Afrodite, de modo a que até as gentes de lá o considerassem memória de um amor.

**5.** Dionísio não tolerou a ideia de ceder a Quéreas esta vizinhança, um lugar que de resto reservava para si próprio. E como lhe interessava fazer render aquele entretenimento, disse: “Vamos para a cidade, mulher, e lá, em frente

---

<sup>51</sup> *Iliada* 23. 71.

da urbe, mandamos construir um túmulo em sítio elevado e de destaque. Que seja bem visível a quem chega por mar<sup>52</sup>. Mileto tem portos magníficos, aonde atracam muitas vezes navios também de Siracusa. Assim não vai passar despercebida aos teus concidadãos essa generosidade”. **6.** A sugestão agradou a Calírroe, que entretanto retardou a pressa. Mas mal voltou para a cidade, começou a construir, sobre um promontório junto ao mar, um túmulo, em tudo semelhante ao seu próprio jazigo em Siracusa, na forma, no tamanho, na magnificência - e também este, como o outro, para um vivo. A troco de enormes gastos e de uma mão-de-obra numerosa, depressa a obra ficou pronta. Nessa altura, simulou até o próprio funeral.

**7.** Anunciou-se um determinado dia e reuniu-se então uma multidão, não só gente de Mileto como de quase toda a Iónia. Estiveram também presentes dois sátrapas, que nem de propósito estavam de visita à cidade, Mitridates da Cária e Fárnaces da Lídia<sup>53</sup>. **8.** Tinham o pretexto de homenagear Dionísio, mas a verdade é que pretendiam ver Calírroe; enorme era a fama daquela mulher por toda a Ásia, até ao Grande Rei chegava já o nome de Calírroe, nem que fosse o de Ariadne ou o de Leda<sup>54</sup>. Acharam-na, porém, na ocasião, ainda mais bela do que se dizia. Apareceu vestida de preto, cabelos soltos, rosto brilhante

---

<sup>52</sup> *Odisseia* 24. 83.

<sup>53</sup> A Cária e a Lídia são duas regiões vizinhas de Mileto, no ocidente sul e centro da Anatólia, na geografia hodierna regiões incluídas na Turquia e, na altura, parte do grande império persa.

<sup>54</sup> Sobre Ariadne, cf. *supra* p. 78, nota 34. Leda, por seu lado, conta-se entre as mortais que, graças aos seus encantos, despertaram a paixão do deus supremo, Zeus. De entre as muitas variantes que este mito conheceu, avulta aquela que retrata os apaixonados a consumarem, sob a forma de cisnes, os seus anseios amorosos. Desta união nasceu a própria Helena, a beldade por quem tantos Gregos e bárbaros não hesitaram em dar a vida. Sobre os pormenores que este mito famoso conheceu, *vide* Graves 1977: I, 106 sq.

e braços descobertos - a suplantar “A deusa de alvos braços” ou “A de belos artelhos” de Homero<sup>55</sup>. **9.** Não houve ninguém, mas ninguém mesmo, que conseguisse encarar o esplendor daquela beleza; uns desviaram a vista, como se tivesse sido ferida por um raio de sol, e rojaram-se-lhe aos pés. Nem mesmo as crianças ficaram indiferentes. Mitridates, o governador da Cária, ficou atônito, incapaz de pronunciar palavra, como se, sem contar, tivesse sido atingido por uma fígada; só a custo os guarda-costas conseguiram retirá-lo dali em braços. **10.** Desfilou uma representação de Quéreas, esculpida a partir da efígie do anel. Mas apesar de a imagem ser perfeita, passou a todos despercebida, face à presença de Calírroe, que, só para si, atraía todos os olhares. **11.** Quem poderá descrever a preceito o final deste cortejo? Quando chegaram junto do túmulo, os homens que transportavam o ataúde pousaram-no. Calírroe pôs-se-lhe em cima, abraçou Quéreas, cobriu de beijos a imagem e disse: “Primeiro foste tu a sepultar-me em Siracusa, agora sou eu que te sepulto em Mileto. **12.** Os sofrimentos por que passámos não são só enormes, mas extraordinários. Fizemo-nos mutuamente o enterro, sem que nenhum de nós tenha o cadáver do outro. Sorte maldita, até na morte nos impediste, por inveja, de partilharmos o mesmo palmo de terra! Até os nossos cadáveres condenaste ao exílio!” A multidão irrompeu num canto fúnebre; todos lamentavam Quéreas, não porque tivesse morrido, mas por ter sido privado de uma tal mulher.

**II. 1.** Enquanto Calírroe sepultava Quéreas em Mileto, Quéreas, feito prisioneiro, trabalhava na Cária. À força de cavar, depressa deu conta do físico. Muitos motivos o traziam

---

<sup>55</sup> “A deusa de alvos braços” é, na *Iliada*, epíteto com frequência aplicado a Hera; “a de belos artelhos” é, por sua vez, epíteto generalizado a personagens femininas.

acabrunhado: a fadiga, a falta de cuidados, as cadeias, mas, acima de tudo, a paixão. Dominava-o o desejo de morrer, mas não lho consentia uma leve esperança de ainda um dia rever Calírroe. **2.** Policarmo, o amigo que com ele partilhava o cativeiro, ao ver que Quéreas estava incapaz de trabalhar, o que lhe valia vergastadas e os piores ultrajes, disse ao capataz: “Distribui-nos uma área de trabalho definida, para não termos de arcar com a preguiça dos outros prisioneiros. E cada dia nós prestamos-te contas da tarefa que nos está atribuída”. Ele aceitou e estabeleceu-lhes o local. **3.** Policarmo, que era um jovem de natureza viril e a quem não escravizava o Amor - déspota intratável que o deus é -, fazia praticamente sozinho a tarefa dos dois; chamava a si, com gosto, a maior parte do trabalho, para proteger o amigo. **4.** Em tais sofrimentos viviam, a desaprenderem já tarde a liberdade. O sátrapa Mitridates regressou à Cária diferente do que era à partida para Mileto, pálido, emagrecido, como quem traz no coração uma chaga ardente e viva. **5.** Consumido pela paixão por Calírroe, bem teria morrido, se não tivesse encontrado uma consolação.

Foi o seguinte: Alguns dos trabalhadores presos juntamente com Quéreas (eram dezasseis ao todo a laborarem num buraco escuro) uma noite cortaram as cadeias, esganaram o guarda e tentaram a fuga. **6.** Mas não conseguiram escapar, porque os cães de guarda os denunciaram. Capturados naquela mesma noite, amarraram-nos todos à canga, com vigilância redobrada. De manhã, o administrador avisou o senhor do sucedido, e ele, sem mesmo ver os presos nem ouvir o que tinham a dizer em sua defesa, mandou imediatamente crucificar os dezasseis homens da mesma tenda. **7.** Fizeram-nos sair, ligados uns aos outros pelos pés e pelo pescoço, cada um com a sua cruz às costas. Ao castigo necessário, acrescentavam os executores toda aquela encenação macabra, que, pelo medo, serviria de exemplo aos

outros. Quéreas seguia juntamente com os companheiros, em silêncio; Policarmo, também ele com a cruz às costas, murmurou: “É por tua causa, Calírore, que passamos por esta prova. És tu a culpada de todos os nossos males». **8.** Ao ouvir aquelas palavras, o administrador pensou que a tal mulher era cúmplice dos revoltosos. Para que também ela fosse punida, depois de averiguada a conspiração, mandou de imediato soltar Policarmo da cadeia comum e levou-o à presença de Mitridates. Este repousava, sozinho, num parque, perturbado, a imaginar Calírore, como a tinha visto, de luto. Todo entregue a este pensamento, ficou contrariado ao ver o servo. **9.** “Porque me vens aborrecer?” Ao que o outro respondeu: “É um assunto urgente, senhor. Descobri a origem dessa conspiração terrível. Este malvado conhece o raio da mulher que participou no golpe». Quando tal ouviu, Mitridates franziu o sobrolho e, com um olhar fulminante, ameaçou: «Que cúmplice é essa que colaborou no crime que vocês cometeram? Fala!» **10.** Policarmo dizia que não sabia de nada, que nem sequer tinha participado no caso. Mandou-se vir os chicotes, trouxe-se o fogo e preparou-se tudo para a tortura. Um dos carrascos, já a avançar para Policarmo, ainda lhe disse: “Diz lá o nome da mulher, que afirmavas ser a culpada de toda a vossa desgraça”. «É Calírore», respondeu Policarmo.

**11.** Aquela palavra atingiu Mitridates, que pensou tratar-se de uma infeliz coincidência entre mulheres com o mesmo nome. Já nem queria fazer mais investigações, com medo de se ver na necessidade de insultar aquele nome querido. Mas como os amigos e os servos insistiam para que fizesse uma averiguação mais aprofundada, acabou por ordenar: “Tragam-me Calírore”. **12.** Os seus homens puseram-se a bater em Policarmo e a perguntarem-lhe quem ela era e onde podiam ir buscá-la. O desgraçado, naquela aflição, nem se atreveu a inventar uma mentira. Optou por dizer: “De que vale toda essa vossa agitação inútil, se quem

vocês procuram não está aqui? A Calírroe a quem me referi é de Siracusa, a filha do general Hermócrates”. **13.** Assim que tal ouviu, Mitridates fez-se rubro, cobriu-se de suor e até, contra sua vontade, as lágrimas lhe correram. A ponto que Policarmo se calou e os presentes ficaram no maior embaraço. Só mais tarde e a custo, Mitridates se recompôs e disse: “Que tens tu a ver com a tal Calírroe? Porque é que, na hora da morte, te lembraste dela?” Ao que ele respondeu: “Isso é uma história longa, senhor, que já de nada me vale. **14.** Nem te vou aborrecer, numa hora destas, com os meus delírios; aliás receio que esta demora toda faça com que o meu amigo se me antecipe. E eu quero morrer juntamente com ele”. Desta forma abrandou-se a cólera dos que o ouviam, um sentimento de piedade penetrou-lhes o espírito. Mitridates, de entre todos o mais comovido, tranqüilizou-o: “Nada receies, que não me vais aborrecer com a tua história. Tenho um feitio compreensivo. **15.** Fala com confiança, não omitas nada. Quem és tu? De onde vens? Como vieste parar à Cária? Porque é que trabalhas a terra como prisioneiro?”

**III. 1.** Policarpo começou a contar: “Nós, os dois cativos, somos siracusanos de origem. Ele é um moço que tinha na Sicília uma posição distinta, pela fortuna e pela beleza; eu, embora um homem vulgar, era seu companheiro e amigo. **2.** Deixámos os nossos pais e partimos da pátria, eu por causa dele, e ele por uma mulher de nome Calírroe, a quem, por a ter julgado morta, tinha enterrado com toda a pompa. Mas uns arrombadores de túmulos encontraram-na viva e foram vendê-la na Iónia. Foi pelo menos esta a versão que nos contou Téron, o salteador, quando supliciado em público. **3.** A cidade de Siracusa enviou então uma trirreme com embaixadores a bordo, em busca da mulher. Mas durante a noite, quando estava ancorada, a tal trirreme foi incendiada por bárbaros e a maior parte dos ocupantes degolados; foi nessa altura que eu e o meu amigo fomos

aprisionados e vendidos aqui. No que nos diz respeito, lá íamos suportando a situação com ânimo. Mas outros, entre os nossos companheiros de cativo, que nem nossos conhecidos são, quebraram as cadeias e cometeram o crime; foi então que, por tua ordem, fomos todos levados para a cruz. **4.** O meu amigo, nem perante a morte denunciava a mulher, mas eu fui tentado a recordá-la e a acusá-la como culpada dos nossos males, já que foi por causa dela que empreendemos a viagem”. Ainda não tinha acabado de falar e já Mitridates clamava: “É a Quéreas que te referes?” **5.** “Sim, é ele o meu amigo”, replicou Policarmo. “Mas peço-te, senhor, ordena ao carrasco que nos crucifique lado a lado”. Lágrimas e gemidos sucederam-se à narrativa; Mitridates mandou toda a gente ao encontro de Quéreas, antes que se antecipasse a morrer. Foram encontrar todos os outros já executados e Quéreas a começar a subir à cruz. **6.** Ainda de longe, cada um se pôs a bradar a sua ordem: “Alto! - Tira-o daí! - Não o mates! - Deixa-o!” O carrasco suspendeu a execução. Foi com angústia que Quéreas desceu da cruz, porque lhe era agradável libertar-se de uma vida infame e de uma paixão infeliz.

Levaram-no à presença de Mitridates, que lhe veio ao encontro, o abraçou e disse: «Meu irmão e amigo, por pouco me não fizeste cometer um sacrilégio, com esse teu silêncio corajoso, mas inoportuno». **7.** E logo ordenou aos criados que os levassem para o banho, que cuidassem deles, e que, depois de lavados, os vestissem com túnicas gregas sumptuosas. Mitridates, entretanto, convidou os notáveis da cidade para um banquete e fez sacrifícios em ação de graças pela salvação de Quéreas. Bebeu-se com abundância, o convívio foi agradável, nada faltou para haver alegria. **8.** No auge do banquete, Mitridates, esquentado pelo vinho e pela paixão, foi dizendo: “Não são as cadeias nem a cruz que me fazem ter pena de ti, mas ver-te afastado de uma mulher daquelas”. Estupefacto, Quéreas bradou: “Mas

onde viste tu a minha Calírroe?” “Tua já ela não é”, emendou Mitridates, “agora que, à face da lei, está casada com Dionísio de Mileto. Até já têm um filho». **9.** Quéreas perdeu o controlo perante o que ouvia. Caiu aos pés de Mitridates e disse-lhe: “Suplico-te, senhor, devolve-me à cruz. Mais cruel é esta tortura que me infliges, obrigando-me a viver depois do que me contaste. **10.** Calírroe infiel, mulher entre todas culpada. Fui vendido por tua causa, trabalhei na terra, carreguei com uma cruz, fui entregue nas mãos do carrasco, enquanto tu vivias no luxo e celebravas o teu casamento, comigo preso. Não te bastou teres-te tornado a mulher de outro, em vida do teu Quéreas, tornaste-te mãe também”. **11.** Começaram todos a chorar e o banquete transformou-se numa cena de drama. Só Mitridates tinha motivos para estar contente e esperançado no seu amor, porque podia agora falar e tomar alguma atitude em relação a Calírroe, sob a aparência de estar a ajudar um amigo. **12.** “Por agora, uma vez que é de noite, vamo-nos deitar. Amanhã, com a cabeça mais fresca, havemos de pensar no assunto. É caso para se refletir com mais tempo”. Nesta altura levantou-se, encerrou o banquete e foi-se deitar como era seu hábito. Aos jovens de Siracusa destinou serviçais e aposentos reservados para eles.

**IV. 1.** Aquela foi, para todos, uma noite cheia de preocupações e ninguém conseguiu dormir. Quéreas sentia-se irritado, Policarmo procurava acalmá-lo, Mitridates rejubilava com a esperança de - como acontece nas competições desportivas - ficar de suplente entre Quéreas e Dionísio, para no fim arrebatá-lo, sem dar o corpo ao manifesto, o troféu: Calírroe.

**2.** No dia seguinte, debateu-se a questão. Quéreas achava melhor seguir logo para Mileto, para reclamar a Dionísio a mulher. Calírroe não poderia continuar lá, depois de o ver. Mas Mitridates observou: “Por mim, podes ir, que não te quero separado da tua mulher nem mais um único dia. Oxalá vocês



não tivessem deixado a Sicília, nem passado ambos por tamanho sofrimento! Mas uma vez que a Sorte, dada aos imprevistos como ela é, vos impôs um tão triste destino, é preciso deliberar com certo cuidado sobre o futuro. Neste momento, estás mais sensível ao sentimento do que à razão e incapaz de prever qualquer eventualidade. **3.** Vais partir sozinho, um estrangeiro, para uma cidade enorme, com a intenção de reclamares, a um homem rico e todo-poderoso na Iónia, a mulher, com quem se encontra legalmente casado? Em que forças confias? Bem longe estarão Hermócrates e Mitridates, teus únicos aliados, que terão mais condições para te lamentar do que para te valer. **4.** Receio também pelo teu destino no que se refere à própria terra. Já lá passaste por sofrimentos que cheguem, que ainda te hão de parecer delícias. Nessa altura Mileto foi para ti um paraíso dourado. É certo que foste preso, mas sobreviveste. Foste vendido, mas a mim. Desta vez, porém, se Dionísio perceber que lhe estás a conspirar contra o casamento, qual dos deuses te poderá salvar? Ficas nas mãos de um rival poderoso; talvez até ele nem acredite que tu és Quéreas e mais arriscado será ainda se ele pensar que o és realmente. **5.** Serás tu o único a desconhecer a natureza do Amor, o tal deus que se diverte com enganos e ciladas? Na minha opinião, é bom primeiro abordares a mulher por carta, a ver se ela ainda se lembra de ti e se quer deixar Dionísio ou

“se prefere fazer prosperar a casa de quem a tiver desposado”<sup>56</sup>.

Escreve-lhe uma carta. Ela que sofra, que se alegre, que te procure, que te chame. Quanto ao envio da carta, deixa comigo. Vai lá escrevê-la”.

**6.** Quéreas acedeu e sozinho, no sossego do quarto, quis escrever, mas não conseguia: as lágrimas corriam e tremia-lhe a mão. Depois de lamentar as suas tristezas, lá começou, a custo,

<sup>56</sup> *Odisseia* 15. 21.

a carta que se segue: **7.** “Para Calíroe, de Quéreas. Estou vivo e devo a vida a Mitridates, o meu salvador, e espero que também o teu. Fui vendido para a Cária pelos bárbaros, aqueles mesmos que incendiaram a nossa bela trirreme, a do almirantado, que pertencia ao teu pai. Nela tinha Siracusa enviado uma embaixada, à tua procura. Quanto aos outros companheiros, não sei o que lhes aconteceu, mas a mim e ao meu amigo Policarmo, no momento de nos executarem, a piedade do senhor salvou-nos. **8.** Mitridates cobriu-nos de gentilezas, mas em compensação mergulhou-me outra vez na dor, quando me contou do teu casamento. A morte, como mortal que sou, já contava com ela, mas o teu casamento não me tinha passado pela cabeça. Por favor, muda de ideias. Esta carta vai banhada de lágrimas e beijos. **9.** Sou Quéreas, o teu Quéreas, aquele que tu, ainda menina, viste no templo de Afrodite e por quem perdeste o sono. Lembra-te do nosso quarto e daquela noite sublime, em que pela primeira vez tu tiveste a experiência de um homem e eu de uma mulher. Senti ciúmes. Esse é o sinal inconfundível da paixão. Já cumpri a minha pena. Fui vendido, escravizado, preso. **10.** Não me guardes rancor pelo pontapé brutal que te dei. Até à cruz já subi por tua causa, sem te dirigir uma censura. Se pelo menos ainda te lembrasses de mim, nada importaria o meu sofrimento. Mas se a tua disposição é outra, estás a condenar-me à morte». **V. 1.** Mitridates entregou a carta a Higino, seu homem de confiança, que era também o administrador de todos os seus bens na Cária, a quem tinha até confidenciado o seu amor. Escreveu, por outro lado, ele próprio a Calíroe, a manifestar-lhe simpatia e solicitude e a comunicar-lhe que tinha sido em honra dela que salvara Quéreas. Aconselhava-a a não condenar o primeiro marido, prontificava-se a preparar o caminho para os restituir um ao outro, se ela lhe manifestasse esse desejo. **2.** Enviou, juntamente com Higino, três dos seus serviçais, com presentes

magníficos e ouro em abundância. Aos outros criados disse que era a Dionísio que enviava as ofertas, para não levantar suspeitas. Mas a Higino ordenou que, uma vez chegado a Priene<sup>57</sup>, lá deixasse os outros e que ele sozinho, fazendo-se passar por iónio (porque falava grego), se dirigisse a Mileto, como observador. Só depois, quando soubesse como desempenhar-se da missão, fizesse vir os outros de Priene a Mileto.

3. Higino partiu e tratou de cumprir as ordens recebidas, só que a Sorte decidiu-se por um desfecho diferente do que ele previra e desencadeou maiores complicações. Quando Higino partiu para Mileto, os escravos que ele deixou para trás viram-se sem chefe e entregaram-se a uma vida airada, com a fartura de ouro que tinham à disposição. 4. Numa cidade pequena e marcada por uma mexeriqueice bem grega, um tal esbanjamento da parte de estranhos atraiu todas as atenções. Tipos como aqueles, desconhecidos, a fazerem vida de rico, passaram, aos olhos de todos, por salteadores, ou pelo menos por escravos em fuga. 5. Veio por isso à pensão o comandante da cidade, e, ao passar uma revista, encontrou o ouro e uma bagagem sumptuosa. Convencido de que se tratava de roubo, inquiriu dos criados quem eram e de onde traziam aquelas preciosidades. Com medo da tortura, eles confessaram a verdade: que Mitridates, governador da Cária, enviava aqueles presentes a Dionísio; e mostraram-lhe as cartas. 6. O comandante não as abriu, por estarem seladas, antes entregou tudo a uns funcionários, para o levarem a Dionísio, juntamente com os escravos, convencido de que lhe prestava um grande serviço.

---

<sup>57</sup> Priene, cidade da Cária, participou da instabilidade tradicional das cidades gregas da Ásia Menor. Pausânias (7. 2. 10) refere-se à sua fundação; no século VI a. C., Priene viu-se anexada ao império persa e, apesar de reações contra esse ocupante, como a chamada “revolta iónica”, a tentativa resultou infrutífera (cf. Heródoto 6. 25).

7. Este encontrava-se à mesa com os notáveis da cidade, num banquete magnífico. Já soavam até as flautas e se ouvia a melodia dos cantos. Foi então que alguém lhe veio entregar esta carta: “Bias, comandante de Priene, apresenta ao seu protetor Dionísio os melhores cumprimentos. Junto seguem os presentes e a carta que Mitridates, governador da Cária, te destinava. Estes tesouros estavam a ser delapidados por uns escravos desonestos, que eu capturei e te mando juntamente”. 8. Dionísio leu a carta, em pleno banquete, desvanecido com todas aquelas ofertas dignas de um rei. Mandou então quebrar os selos e dispôs-se a conhecer o conteúdo das cartas. E logo estas palavras lhe saltaram aos olhos: “Para Calíroee, de Quéreas. Estou vivo”.

9. “Soltaram-se-lhe os joelhos e o coração”<sup>58</sup>, e uma cortina de trevas baixou-lhe sobre os olhos. Mas apesar de desmaiado, manteve-se agarrado à carta, com receio de que alguém lhe desvendasse o conteúdo. Gerou-se a confusão, todos acorreram e ele voltou a si. Ao dar-se conta do ocorrido, mandou que os criados o levassem para outro compartimento, porque naturalmente queria repousar. 10. O banquete terminou em tristeza (pareciam todos tomados de uma crise de apoplexia); quanto a Dionísio, quando ficou só, releu as cartas vezes sem conta. Invadiam-no sentimentos diversos: fúria, desânimo, medo, incredulidade. Não podia acreditar que Quéreas estivesse vivo (essa era uma hipótese que para ele nem se punha); pressentia pelo contrário, da parte de Mitridates, uma tentativa de adultério, que consistia em seduzir Calíroee com falsas esperanças em relação a Quéreas. VI. 1. A partir do dia seguinte, redobrou a vigilância sobre a mulher, para que ninguém se aproximasse dela, nem lhe viesse com histórias da Cária. Por seu lado, arquitetou um mecanismo de defesa que foi o seguinte:

---

<sup>58</sup> *Iliada* 21. 114.

Encontrava-se a propósito na cidade o governador da Lídia e da Iónia, Fárnaces, considerado como o mais importante dos delegados do rei na região costeira. Dionísio dirigiu-se a ele, que era seu amigo, e pediu-lhe uma entrevista particular: “Por favor, senhor, apoia-me, no meu interesse e no teu próprio. O que se passa é que Mitridates, um sujeito perfeitamente desonesto e que tem de ti uma grande inveja, apesar de meu hóspede, anda a conspirar contra o meu casamento. Acaba de mandar à minha mulher, para a conquistar, uma carta acompanhada de ouro”.

**2.** Depois desta introdução, leu-lhe as cartas e explicou-lhe o esquema. Fárnaces ouviu com agrado aquela história: por um lado talvez por Mitridates (é que existiam entre eles não poucos atritos de vizinhança), mas sobretudo devido à paixão que sentia. É que também ele ardia por Calírroe e era por causa dela que parava tanto por Mileto, cumulando de convites Dionísio e a mulher para os banquetes que dava. **3.** O certo é que prometeu ajudar Dionísio na medida do possível, e escreveu, em segredo, uma carta: “Ao rei dos reis, Artaxerxes, seu senhor, o sátrapa da Lídia e da Iónia, Fárnaces, apresenta os melhores cumprimentos. **4.** Dionísio de Mileto é, por tradição de família, teu servo, fiel e dedicado à tua corte. Pois este homem queixou-se-me de que Mitridates, o governador da Cária, que é seu hóspede, lhe quer seduzir a mulher. Este é um caso que representa um grande descrédito para o teu governo, mais ainda, provoca perturbação. Qualquer infração à lei, da parte de um sátrapa, é condenável, mas esta então em especial. De facto Dionísio é o homem mais poderoso da Iónia e a beleza da mulher dele famosa, de modo que a ofensa não poderia passar despercebida».

**5.** Depois de receber esta carta, o rei leu-a aos amigos e consultou-os sobre o que se devia fazer. As opiniões divergiram: uns, com inveja de Mitridates ou por pretenderem a sua satrapia, achavam que não se podia permitir um tal atentado contra

o casamento de um homem ilustre; outros, por natureza mais tolerantes ou por consideração para com Mitridates (de facto ele tinha do seu lado a maioria dos poderosos), entendiam que não se devia liquidar um homem distinto por causa de uma calúnia.

**6.** Como as posições se equilibravam, o rei nada deliberou naquele dia, preferiu adiar a decisão. Mas de noite, um duplo sentimento se apoderou dele: a repulsa pela ilegalidade, em nome do prestígio do seu poder, e a prudência em relação ao futuro. Esta poderia ser a oportunidade de Mitridates se insubordinar contra ele. **7.** Pensou então convocá-lo para julgamento; mas um outro sentimento o estimulava a chamar também a tal beldade. Tinha por conselheiros, na solidão, a noite e as trevas, que traziam à memória do rei aquela passagem da carta, encarecida ainda mais pela fama de que uma tal Calíroe gozava de ser a mulher mais bonita da Iónia. Só lamentava o monarca que Fárnaces não tivesse escrito na carta o nome da dama. **8.** E assim, na dúvida de encontrar outra mais bela do que a que lhe tinham referido, decidiu convocar também a mulher. Escreveu então a Fárnaces: “Dionísio, o meu servo de Mileto, manda-mo cá”. E a Mitridates: “Vem defender-te da acusação de teres conspirado contra o casamento de Dionísio”.

**VII. 1.** Mitridates foi apanhado de surpresa, incapaz de perceber a origem daquela acusação. Foi então que Higinio, de regresso, o pôs ao corrente do que se tinha passado com os criados. Traído pelas cartas que enviara, decidiu-se a não comparecer no interior da Ásia, com receio das acusações e da ira do rei. Planeou antes tomar Mileto, matar Dionísio, o responsável por aquela situação, raptar Calíroe e revoltar-se contra o rei. **2.** “Para que hei de eu correr a entregar nas mãos do meu senhor a liberdade? Decerto que só tens a ganhar em ficares aqui sossegado. O rei está longe e os generais que tem não prestam. E mesmo se arranjasse outra forma de te desqualificar, não ficarias

pior do que estás. Por isso, não dês de barato os teus dois galardões: a paixão e o poder. A autoridade é uma mortalha insigne e com Calírroe até a morte é um paraíso”. **3.** Estava ele ainda a congeminar estes pensamentos e a preparar-se para a revolta, quando chegou um mensageiro com a notícia de que Dionísio tinha partido de Mileto em companhia de Calírroe. Esta informação deixou Mitridates mais incomodado do que a ordem de comparência em tribunal. Pôs-se a lamentar a sua desgraça: “Que posso eu esperar se me deixo ficar aqui? A sorte pregame partidas de todo o género. **4.** Talvez o rei se compadeça da minha inocência. Mas se tiver de morrer, pelo menos hei de ver outra vez Calírroe. No processo vou ter Quéreas e Policarmo do meu lado, não apenas como meus defensores, mas mesmo como minhas testemunhas”. Mandou então que todos os seus subordinados o acompanhassem e partiu da Cária, de modo a causar, com o bom ânimo que evidenciava, uma impressão de inocência. Assim não foi com lágrimas que lhe assinalaram a partida, mas com sacrifícios e um cortejo.

**5.** Uma só caravana, esta, enviava Eros da Cária; e da Iónia uma outra, ainda mais solene, porque a formosura lhe dava mais realce e majestade. Abria caminho àquela mulher a Fama, anunciando a todos a presença de Calírroe, um nome conhecido em toda a parte, uma obra de arte da natureza,

“semelhante a Ártemis ou a Afrodite de ouro”<sup>59</sup>.

**6.** A história do processo tornava-a ainda mais famosa. Cidades inteiras vinham ao seu encontro e as estradas engarrafavam-se de gente que acorria a vê-la. Era opinião unânime que a pessoa excedia a fama que tinha. Os parabéns que recebia deixavam Dionísio amargurado, com receios acrescidos pela própria grandeza da sua felicidade. Como homem instruído que

---

<sup>59</sup> *Odisseia* 17. 37.

era, bem sabia que o Amor é adepto da mudança. É por isso que poetas e escultores lhe atribuíram o arco e o fogo, armas muito leves e que não gostam de estar paradas. **7.** À memória vinham-lhe velhas histórias, e quanta inconstância de bonitas mulheres não registam elas! Tudo eram medos para Dionísio, em todos via um rival, não apenas no adversário em tribunal, mas até no próprio juiz; de modo que chegava a lamentar ter-se precipitado a revelar o assunto a Fárnaces, «em vez de dormir descansado de posse da mulher dos seus sonhos»<sup>60</sup>.

Não era a mesma coisa acautelar Calíroe em Mileto ou perante a Ásia inteira. **8.** Guardou no entanto segredo até ao fim, sem revelar à mulher o motivo daquela viagem. O pretexto era que o rei o tinha mandado chamar para tratar com ele assuntos da Iónia. Calíroe sentia-se perturbada ao ver-se levada para tão longe do mar grego. Enquanto via os portos de Mileto, sentia-se perto de Siracusa; e, além do mais, era para ela um grande conforto ter ali o túmulo de Quéreas.

---

<sup>60</sup> Este é um verso de comediógrafo desconhecido. Vem citado, com o número 181, na coleção de J. M. Edmonds (1957-1961), *The Fragments of Attic Comedy*, III, Leyde: 398.



## LIVRO V

**1.** Que Calíroe casou com Quéreas, a mais bela das mulheres com o homem mais belo, e que Afrodite foi quem promoveu o casamento. Que, por ciúmes, Quéreas lhe deu um pontapé que a deixou como morta; fez-se-lhe então um funeral com toda a pompa, mas logo ela recuperou a consciência, dentro da sepultura, e foi levada, durante a noite, da Sicília, por uns violadores de túmulos. Navegaram para a Iónia e venderam-na a Dionísio. Depois o amor de Dionísio, a fidelidade de Calíroe a Quéreas, o casamento forçado pela gravidez, a confissão de Téron, a viagem de Quéreas à procura da mulher e a captura de que foi vítima, a venda na Cária juntamente com o amigo Policarmo. **2.** Que Mitridates reconheceu Quéreas prestes a morrer e se empenhou em devolver os amantes um ao outro; que Dionísio descobriu todo o plano através das cartas e o denunciou a Fárnaces, e este ao rei; que o rei os convocou a ambos para julgamento - são estes os assuntos de que tratei no relato anterior. O que se seguiu passo a contá-lo agora.

**3.** Calíroe, até à Síria e à Cilícia, suportou a viagem sem dificuldades de maior; ouvia falar grego e via o mar que leva a Siracusa. Mas quando chegou ao rio Eufrates, a partir do qual se inicia um continente imenso, ponto de partida para o extenso império persa, logo a invadiu a saudade da pátria e dos seus e o desespero de poder de novo regressar. **4.** De pé junto à margem do rio, mandou que todos se afastassem à exceção de Plângon, sua única confidente, e pôs-se a falar assim: “Maldito destino, que voltas toda a tua animosidade contra uma só mulher! Foste tu que me encerraste viva num túmulo e que, se de lá me tiraste,

não foi por pena que o fizeste, mas para me entregares aos ladrões. **5.** No meu exílio, o mar e Téron tiveram cada um a sua parte de culpa. Eu, a filha de Hermócrates, fui vendida, e, pior para mim do que a falta de amigos, foi ser amada, o que, com Quéreas vivo, me forçou a um novo casamento. Mas até uma tal situação tu me invejas, pois nem mesmo à Iónia limitas o meu exílio. Apesar de estrangeira, era ao menos grega a terra que me tinhas concedido, onde um grande consolo me restava, por ter o mar ali ao lado. Mas agora lanças-me para longe dos céus que me são familiares e vejo-me separada da minha pátria pelo mundo inteiro. **6.** Desta vez foi de Mileto que me afastaste, como antes de Siracusa. Levam-me para além do Eufrates, enfiam-me, a mim que sou das ilhas, nos confins do mundo bárbaro, onde não há mar. Que esperança posso ter ainda de ver chegar da Sicília um navio? Até do teu túmulo, Quéreas, me arrancam. **7.** Quem te levará as libações, meu querido? Bactra e Susa<sup>61</sup> serão, daqui para o futuro, a minha casa e o meu sepulcro. Será esta a única vez, Eufrates, que te atravesso. Porque não é tanto a extensão da viagem que eu receio, como voltar a impressionar lá alguém com a minha beleza”. Enquanto assim falava, beijou a terra; depois entrou no barco e fez a travessia. **8.** Tinha Dionísio uma enorme comitiva. Aos olhos da mulher exibia, com todo o fausto, a sua equipagem, a que davam aparato real as manifestações de simpatia dos habitantes das regiões que iam atravessando. Cada povo os escoltava até ao povo vizinho, cada sátrapa os entregava ao sátrapa seguinte, não havia coração que a beleza não arrastasse. Mas outro fito movia também os bárbaros: de

---

<sup>61</sup> As cidades de Bactra e Susa pertenciam ao império persa: Bactra, na província da Bactriana, havia sido anexada já no tempo de Ciro, no séc. VI a. C.; por razões geográficas, por se colocar numa posição muito central no império, Susa era o verdadeiro centro administrativo do território subordinado ao Grande Rei.

que aquela mulher viesse a ter um grande poder, e por isso cada um se empenhava em oferecer-lhes hospitalidade, ou em obter junto dela, fosse como fosse, um penhor de gratidão.

**II. 1.** Eis o que se passava com esta caravana. Mitridates entretanto fazia uma marcha forçada através da Arménia, sobretudo por temer ver agravada a sua culpa junto do rei, se seguisse o rasto da mulher. Fazia tudo também para se antecipar e acautelar os pormenores do processo. **2.** Quando chegou a Babilónia (onde ficava a residência real), passou aquele dia a repousar em casa. É uma prerrogativa dos sátrapas terem alojamentos reservados. No dia seguinte, dirigiu-se ao palácio do rei e apresentou saudações aos pares da corte. Começou por apresentar Artaxates, o eunuco, que gozava de um grande prestígio e poder junto do soberano; depois pediu-lhe: “Anuncia-me ao rei nestes termos: ‘Mitridates, como teu servo que é, está aí para se defender da calúnia que lhe foi lançada por um grego e para se prosternar a teus pés’”. **3.** Não muito depois o eunuco voltou com a resposta: “O rei faz votos de que Mitridates esteja inocente. Far-se-á o julgamento quando Dionísio tiver também chegado”. Mitridates prosternou-se e saiu. Quando ficou sozinho, chamou Quéreas e disse-lhe: “Estou aflito. Por te querer devolver Calírroe, fui chamado a tribunal. Aquela carta que escreveste à tua mulher, Dionísio diz que fui eu que a escrevi e apresenta-a como prova de adultério. É que está convencido de que tu morreste; e deixemo-lo nessa convicção até ao julgamento, para que a tua aparição tenha um efeito de surpresa. **4.** É esta a retribuição que te peço pelo favor que te prestei. Mantém-te escondido. Faz o esforço de não veres Calírroe, nem te informares sobre ela». Contra vontade, Quéreas lá aceitou e, apesar de não querer que as notassem, as lágrimas corriam-lhe pelas faces. Mas garantiu: «Vou cumprir, senhor, as tuas ordens», e dirigiu-se para o quarto onde se encontrava instalado com o amigo, Policarmo; atirou-se

para o chão, rasgou as roupas e, com ambas as mãos, apanhou «as cinzas fumegantes, que derramou sobre a cabeça. Assim desfeou o rosto gracioso»<sup>62</sup>.

No meio do choro, murmurou: “Estamos perto, Calírroe, sem nos vermos um ao outro. **5.** Tu estás livre de qualquer culpa, porque nem pela cabeça te passa que Quéreas esteja vivo. Eu é que sou o pior dos miseráveis, porque recebi ordem de não te ver e, por um cobarde amor à vida, cedo a uma tal prepotência. Se fosse a ti que alguém desse semelhante ordem, nem terias sobrevivido”.

**6.** Policarmo procurava consolá-lo; e já Dionísio se aproximava de Babilónia, precedido na cidade pela Fama, que a todos anunciava a chegada de uma mulher, de uma beleza não humana, mas divina, como nem o sol vê outra à face da terra. Por natureza os bárbaros são galanteadores, de modo que não houve casa nem rua onde este rumor não penetrasse. Até aos ouvidos do rei o eco soou, a ponto de ele perguntar a Artaxates, o eunuco, se a Milésia tinha chegado. **7.** Dionísio de há muito sofria com a celebridade da mulher (que lhe minava por completo a segurança); mas no momento de entrar em Babilónia ficou ainda mais consumido; por entre suspiros dizia com os seus botões: “Isto aqui não é Mileto, Dionísio, a tua cidade. E mesmo lá tinhas de tomar cautela com os que conspiravam à tua volta. **8.** Que imprudência a tua, que incapacidade de preveres o futuro! Trazes Calírroe para Babilónia onde os Mitridates não faltam? Menelau, numa cidade recatada como Esparta, não conseguiu guardar Helena, foi até preterido, apesar de ser rei, por um pastor bárbaro.<sup>63</sup> Páris, entre os Persas, é o que mais há.

<sup>62</sup> *Iliada* 18. 23-24.

<sup>63</sup> Cf. *supra* p. 103, nota 42. Servindo-se uma vez mais do paradigma Helena/Menelau, Dionísio compara a tradicional reserva lacónica de Esparta com o cosmopolitismo de Babilónia e presente, pelo exemplo,

Não te apercebes dos perigos? Não lhes sentes já a ameaça? As cidades vêm ao nosso encontro, os sátrapas adulam-nos. **9.** Ela vai-se enchendo de convencimento e ainda o rei a não viu! Só me resta uma esperança de salvação, a de ocultar a minha mulher de todos os olhares. Ficará mais protegida, se não der nas vistas”. Feito este raciocínio montou a cavalo e deixou Calírroe no carro, com as cortinas corridas. Talvez tudo decorresse como ele pretendia, se se não tivesse passado o seguinte:

**III. 1.** Apresentaram-se a Estatira, a esposa do monarca, as mulheres dos Persas de maior distinção e uma delas disse: “Senhora, vem aí uma sujeitinha grega ao ataque dos nossos lares; é uma mulher que de há muito deixa toda a gente surpreendida pela beleza; para além das nossas pessoas, é o prestígio da mulher persa que corre perigo de colapso. Pois bem, ponderemos a melhor forma de não sermos batidas por essa estrangeira”. **2.** A soberana riu-se, incrédula dos rumores que corriam, e respondeu: “São sempre uns fanfarrões, esses Gregos, e uns pobretanas. É por isso que ficam banzados com a mais pequena coisa. Fartam-se de gabar a beleza de Calírroe, da mesma maneira que a riqueza de Dionísio. Pois que uma só, de entre nós, quando ela entrar na cidade, se lhe ponha ao lado, e era de uma vez a pelintra da escrava”. **3.** Todas se prostraram aos pés da rainha e lhe admiraram a sugestão. A uma só voz gritaram: “Quem dera que tu própria pudesses ser vista ao lado dela, senhora!” Depois multiplicaram-se as opiniões e citaram-se nomes das que se distinguiram pela beleza. **4.** Fez-se uma votação de braço no ar, como no teatro, e foi eleita Rodoguna, filha de Zópiro e mulher de Megabizo, uma beldade por demais

---

que a sua categoria social e fortuna o não imunizam de um rival, como outrora Páris, o pastor, seduziu Helena e a roubou do marido e soberano, Menelau.

conhecida. Como Calíroo na Iónia, assim Rodoguna na Ásia. As mulheres trataram de a preparar, cada uma lhe cedeu, para a enfeitar, um dos seus adereços. A própria soberana lhe deu um bracelete e um colar.

5. Quando ficou pronta a rigor para o concurso, a persa partiu ao encontro de Calíroo. Tinha, de facto, um pretexto pessoal, por ser irmã de Fárnaces, o mesmo que escrevera ao rei sobre o caso de Dionísio. 6. Babilónia em peso acorreu para assistir ao espetáculo, uma enorme multidão se comprimia contra as portas. Em destaque, escoltada com aparato régio, Rodoguna aguardava. Assumiu uma pose afetada, altiva ou mesmo desafiadora; todos a miravam e comentavam uns com os outros: “A vitória é nossa. A persa vai liquidar a estrangeira. 7. Que ela concorra com a nossa, se for capaz! É para os Gregos aprenderem a não ser gabarolas!” Foi nessa altura que Dionísio chegou e o informaram de que a irmã de Fárnaces se encontrava ali. Saltou do cavalo e dirigiu-se a ela para a cumprimentar. 8. A dama corou e disse: “Quero dar um abraço à minha irmã” e, ao mesmo tempo, avançou para o carro. Era impossível manter a jovem escondida. Contrariado, suspiroso, mas forçado pela deferência, Dionísio achou melhor fazer descer Calíroo. Todos os olhos e corações se concentraram nela e por pouco não se atropelaram uns aos outros, cada um a procurar vê-la antes do outro e aproximar-se o mais possível. 9. O rosto de Calíroo surgiu, resplandecente, e um raio cegou os olhos de todos, como se, em plena noite, uma luz forte brilhasse de repente. Fulminados, os bárbaros prostraram-se e ninguém mais se lembrou da presença de Rodoguna, que compreendeu a derrota sofrida. Na impossibilidade de se afastar, mas desejosa de escapar aos olhares, meteu-se por trás das cortinas, em companhia de Calíroo. Com esta atitude, entregava os pontos à rival. 10. O carro avançou, de cortinas corridas, mas os homens, impedidos de verem Calíroo, beijavam a carruagem.

Quando o rei foi informado da chegada de Dionísio, mandou Artaxates, o eunuco, comunicar-lhe: “Uma vez que fizeste uma acusação contra um homem investido num alto cargo, não devias ter demorado tanto tempo. Mas ponhamos de lado essa questão, já que fizeste a viagem em companhia da tua mulher. **11.** Neste momento, estou ocupado com uma festa e a realizar sacrifícios. Dentro de um mês, presidirei ao julgamento”. Dionísio prostrou-se e saiu.

**IV. 1.** Desde esse dia, começaram os preparativos do processo, que cada parte sentia como um combate supremo. A multidão dos bárbaros dividiu-se: tudo quanto era sátrapa apoiava Mitridates, que tinha estado primeiro em Bactra, antes de se transferir para a Cária. Dionísio tinha do seu lado a simpatia popular, que o julgava vítima de uma tentativa ilegal de sedução da mulher e o que mais era, de uma tal mulher. **2.** O mulhiero persa não era também indiferente à questão, pois mesmo aí se eriçavam os debates: havia aquelas que, orgulhosas da sua beleza, invejavam Calírroe e queriam vê-la passar um vexame no julgamento. Mas a maioria, que era hostil às suas compatriotas, torcia por que a estrangeira saísse prestigiada. **3.** Cada um dos litigantes pensava que tinha a vitória na mão. Dionísio confiava nas cartas que Mitridates tinha escrito a Calírroe sob o nome de Quéreas (nem pela cabeça lhe passava que Quéreas estivesse vivo); Mitridates, com a possibilidade de apresentar Quéreas em tribunal, estava convencido de que não poderia ser condenado. No entanto, simulava receio e recorria aos advogados, para, pelo efeito de surpresa, conseguir uma defesa ainda mais retumbante. **4.** Durante estes trinta dias, entre os Persas, homens e mulheres, não se falava de outra coisa senão do processo, de maneira que, para dizer a verdade, a Babilónia inteira se transformou num tribunal. Todos concordavam em que o prazo fixado era longo e não eram só os outros a senti-lo, como até o próprio rei. Que

concurso olímpico ou que vigílias em Elêusis despertaram tal expectativa em quem os espera?

5. Quando chegou o dia marcado, o monarca ocupou o seu lugar. Existe, no palácio, uma sala especial destinada a funcionar como tribunal, diferente em tamanho e em aparato. No meio dela está instalado o trono real e, de um e outro lado, lugares para os amigos, cuja linhagem e mérito os definem como senhores dos senhores. 6. De pé à roda do trono, distribuem-se os chefes da guarda e comandantes do exército, além dos mais distintos de entre os libertos do soberano. De modo que, perante tal assembleia, era legítimo comentar:

“Os deuses, sentados ao lado de Zeus, reuniam-se em assembleia”<sup>64</sup>.

7. São conduzidos os litigantes, no meio de um silêncio a que não falta apreensão. Logo de manhã Mitridates foi o primeiro a chegar, escoltado por amigos e parentes, sem pompa ou circunstância, mas com um ar abatido, de quem vai prestar contas. Seguiu-se-lhe Dionísio, vestido à maneira grega, com uma túnica milésia, e com as cartas na mão. 8. Quando entraram, prostraram-se diante do rei. Logo este ordenou ao escrivão que lesse as cartas, a de Fárnaces e a que ele mesmo escreveu em resposta, para informar o tribunal da instrução do processo. Lida a última carta, um grande coro de elogios se fez ouvir, a marcar o apreço pela prudência e equidade do rei. 9. Fez-se de novo silêncio e coube a Dionísio, como acusador, usar da palavra em primeiro lugar; todos os olhares se voltaram para ele. Mas Mitridates interrompeu: “Não estou a antecipar a minha defesa, senhor, porque conheço as regras. Mas é conveniente que, antes das intervenções, compareçam todas as pessoas indispensáveis ao processo. Por exemplo, onde está a mulher que

---

<sup>64</sup> *Iliada* 4. 1.



constitui o objeto deste litígio? Tu próprio reconheceste, na tua carta, que ela era imprescindível e lhe escreveste a mandá-la vir. E por isso ela está aí. **10.** Que portanto Dionísio não esconda a essência e a causa de toda a questão”. A esta intervenção Dionísio respondeu: “Mesmo esse pedido é típico de um amante, que a mulher de outrem seja trazida a público contra a vontade do marido, sem ser acusação ou acusada. **11.** Se ela tivesse sido seduzida, teria de comparecer para prestar contas. Mas o que realmente se passou foi que tu atentaste contra uma criatura inocente, pelo que não me vou servir da minha mulher nem como testemunha, nem como defesa. Porque é então necessário que compareça quem nada tem a ver com o processo?” Apesar de justa, a argumentação de Dionísio não convenceu ninguém. Todos queriam ver Calírroe. **12.** E como o rei sentia pejo em dar aquela ordem, os amigos serviram-se da carta por ele escrita como pretexto: a verdade é que Calírroe tinha sido convocada como pessoa indispensável ao processo. “Que sentido faz”, disse um deles, “ter vindo da Iónia e, uma vez em Babilónia, não comparecer em tribunal?” **13.** Decidiu-se portanto fazer vir também Calírroe; só que Dionísio não a tinha prevenido de nada, antes lhe tinha escondido até ao fim o motivo da viagem a Babilónia. Receoso de a ver, assim de repente, levada a tribunal sem estar ao corrente da questão (era natural que ela ficasse profundamente ofendida por se ver enganada), fez adiar o processo para o dia seguinte.

**V. 1.** Interrompeu-se então a sessão. Chegado a casa, Dionísio, que era um homem sensato e polido, dirigiu-se à mulher nos termos mais convincentes que arranjou e expôs-lhe todos os pormenores da questão com elegância e delicadeza. Não foi sem lágrimas que Calírroe o ouviu; ao nome de Quéreas desfez-se em pranto e acolheu muito mal a ideia do processo. **2.** “Só me faltava mais essa desgraça”, lastimou-se ela, “ter de ir a tribunal.

Já morri, fui enterrada, assaltaram-me o túmulo e fui vendida como escrava. E aqui tens, ó Sorte, agora sou julgada. Não te bastou acusar-me injustamente a Quéreas, ainda foste criar em Dionísio a desconfiança de que eu o enganava. **3.** Por uma calúnia, outrora levaste-me ao sepulcro e, desta vez, ao tribunal do rei. Tornei-me numa lenda, da Ásia e da Europa. Com que cara irei enfrentar o juiz? Que palavras terei de ouvir? Beleza maldita, que com um único fim me foste dada pela natureza, para me cobrires de calúnias! **4.** A filha de Hermócrates vai ser julgada e não tem o pai para a defender. Toda a gente que vai a tribunal procura ganhar simpatia e favor; só eu tremo de agradar ao juiz”. **5.** Abatida, passou o dia inteiro com estas lamentações e, mais do que ela, Dionísio. Chegada a noite, teve um sonho, em que se viu, ainda donzela, em Siracusa, a dirigir-se ao templo de Afrodite; à saída, via Quéreas. Era o dia do casamento: a cidade inteira coberta de grinaldas e ela levada em cortejo, pelo pai e pela mãe, para a casa do noivo. **6.** Ia dar um beijo a Quéreas, quando acordou do sonho. Chamou Plângon (Dionísio já se tinha levantado antes para tratar do processo) e contou-lhe o sonho. Plângon aconselhou: “Coragem, senhora, anima-te! Tiveste um belo sonho. Vais-te ver livre de todas as preocupações. Como no sonho, assim será na realidade. **7.** Dirige-te ao tribunal do rei como se fosse o templo de Afrodite. Lembra-te do que eras dantes e retoma a tua beleza de noiva”. Enquanto falava, ia vestindo e arranjando Calíroe, que sentia uma alegria espontânea invadir-lhe o coração, como se adivinhasse o que estava para acontecer.

**8.** Logo de manhã era uma afluência enorme em volta do palácio, as entradas, até cá fora, atravancavam-se de gente. Todos acorriam, na aparência para assistirem ao processo, mas na realidade para verem Calíroe. Parecia-lhes que agora se superava a si própria, como antes superara as outras mulheres.

9. Ela entrou no tribunal qual Helena, como diz o divino poeta, perante os anciãos, “Príamo, Pântoo e Timeto”<sup>65</sup>; ao verem-na foi o espanto e o silêncio. “Por todos foi formulado um único voto: o de se reclinar no seu leito”<sup>66</sup>.

Se Mitridates tivesse de ser o primeiro a usar da palavra, não teria tido nem voz. Como se estivesse perante uma relíquia de amor, voltou a sentir, com mais violência, a chicotada de uma velha paixão. **VI. 1.** Dionísio começou assim a sua intervenção: “Dou-te graças, senhor, pela honra que me dispensas, a mim, à honestidade e ao casamento em geral. Pois não admitiste que um simples particular fosse vítima das ciladas de um senhor poderoso. Pelo contrário, chamaste-o à tua presença, para o punires do ultraje e da insolência exercidos contra mim, de modo a prevenir casos futuros. **2.** A própria qualidade de quem o cometeu exige, para este ato, um castigo exemplar. Mitridates, que não era para mim um inimigo, mas um hóspede e um amigo, armou-me uma conspiração. E não era um qualquer dos meus bens que ambicionava, mas aquele que me é mais caro do que corpo e alma: a minha mulher. **3.** Um homem que, em caso de qualquer agressão de que eu fosse vítima, devia acorrer em minha defesa, se não por mim, como seu amigo, ao menos por ti, como seu soberano, porque o investiste do poder supremo! Mas ao mostrar-se indigno desse poder, causou desonra e atraçou quem lhe tinha confiado a autoridade. **4.** As súplicas de Mitridates, a influência que tem, as manobras de que se tem servido neste litígio - de onde resulta não nos encontrarmos em pé de igualdade -, nem a mim sequer passam despercebidas. Mas eu confio, senhor, na tua justiça, no matrimónio e nas leis, que tu aplicas, a todos, com equidade. **5.** De facto se o vais

<sup>65</sup> *Iliada* 3. 146.

<sup>66</sup> *Odisseia* 1. 366, sobre o apreço dos pretendentes por Penélope.

absolver, melhor fora não o teres convocado. Até agora todos temiam, por saberem que qualquer ultraje seria punido, se fosse a tribunal. Daqui para o futuro será o desprezo pela lei, se quem for julgado na tua presença não receber castigo.

O que tenho a dizer é claro e breve. Sou o marido de Calírooe aqui presente e mesmo o pai de um filho seu. Já a não despossei donzela, porque tinha tido um primeiro marido, de nome Quéreas, há muito falecido, cujo túmulo fica até na nossa cidade. **6.** Mitridates esteve em Mileto e viu a minha mulher, devido ao cumprimento da hospitalidade. Após o que não agiu nem como amigo, nem como homem de senso e de equilíbrio, como devem ser, segundo o teu desejo, aqueles que encarregas do governo das cidades. Bem pelo contrário, mostrou-se insolente e violento. **7.** Por conhecer o bom senso e a dedicação conjugal da minha mulher, sabia que era impossível convencê-la com palavras ou com riquezas. Usou então, para tramar o seu golpe, de uma técnica que julgava irresistível. Fingiu que o primeiro marido dela, Quéreas, estava vivo, forjou uma carta em nome dele e mandou-a a Calírooe por uns escravos. **8.** Mas a tua Sorte, senhor, pôs-se do lado de quem o merecia e a providência dos outros deuses deu a conhecer a carta. É que os tais escravos, juntamente com a mensagem, foram-me enviados por Bias, o comandante de Priene; eu, depois de descobrir a trama, confidenciei-a a Fárnaces, sátrapa da Lídia e da Iónia, e ele a ti. **9.** Fiz-te o relato dos factos, sobre que terás de julgar. As provas são irrefutáveis: das duas uma, ou Quéreas está vivo, ou Mitridates é culpado de adultério. E nem sequer pode alegar que desconhecia a morte de Quéreas, porque foi durante a estadia dele em Mileto que lhe fizemos o funeral; e Mitridates participou do nosso luto. **10.** Mas quando quer cometer adultério até os mortos ele ressuscita. Termino com a leitura da carta, que ele, através dos seus escravos particulares, mandou, da Cária, para Mileto. Começa

assim: “Quéreas está vivo”. Que Mitridates prove o que diz e será absolvido. Mas pensa bem, senhor, que descaramento o de um adúltero, que até sobre um morto inventa mentiras!”

**11.** Com tais palavras Dionísio inflamou o auditório e conquistou, de imediato, os votos. Irritado, o rei lançou sobre Mitridates um olhar duro e sombrio. **VII. 1.** Mas este, sem se intimidar, começou:

“Peço-te, senhor, que possuis o sentido da justiça e da compreensão humana, não me condenes antes de ouvires as razões das duas partes. Que um grego, que cometeu a maldade de forjar contra mim acusações falsas, se não torne, a teus olhos, mais convincente do que a própria verdade. **2.** Percebo que a beleza desta mulher só vem aumentar as suspeitas de que sou vítima. Todos julgam natural que alguém pretenda seduzir Calíroeo. No que me diz respeito, sempre levei uma vida séria e é esta a primeira acusação que se levanta contra mim. Se se desse o caso de eu ter cometido um ultraje ou um atentado ao pudor, estaria a abusar da confiança que te levou a encarregar-me de tantas cidades. **3.** Quem seria assim tão louco, que preferisse perder semelhantes vantagens por um só prazer, pior ainda, por um prazer condenável? E mesmo se tivesse um delito a pesar-me na consciência, poderia até fazer cancelar o processo. Porque Dionísio não pôs a demanda por uma mulher com quem esteja legalmente casado, mas por alguém que estava à venda e que ele comprou. Ora a lei do adultério não se aplica a escravos. **4.** Ele que te leia primeiro o registo de libertação e só depois te fale de casamento.

Tens o descaramento de chamar tua mulher a uma pessoa que Téron, o salteador, te vendeu por um talento e que ele próprio arrebatou do túmulo? Pode até vir com o argumento: “Mas foi uma mulher livre que eu comprei”. Nesse caso és um traficante de escravos e não um marido. Pois é diante do pretense

marido que agora vou apresentar a minha defesa. **5.** Entenda-se por compra casamento e por preço dote. Que a siracusana passe hoje por milésia. Fica certo deste facto, senhor, eu não lesei Dionísio nem como marido nem como patrão. Antes de mais, não é de um adultério consumado, mas meramente hipotético, que ele me acusa e, como não tem factos para relatar, limita-se a ler cartas sem valor. **6.** Mas as sanções legais visam só atos. Apresentas a carta, mas eu posso contrapor: “Não fui eu que a escrevi, essa não é a minha letra. É Quéreas quem procura Calírroe. Que responda ele então num processo de adultério”. “Sim”, poderá ele objetar, “só que Quéreas está morto e foste tu que, servindo-te do nome de um defunto, procuraste seduzir a minha mulher”. **7.** Desafias-me, Dionísio, para uma questão de onde não tens nada a ganhar. Apelo mesmo ao teu testemunho. Sou teu amigo e hóspede. Retira a acusação. Só terás vantagens em fazê-lo. Pede ao rei que suspenda o processo. Retrata-te da acusação que me fazes: “Mitridates não praticou nenhuma irregularidade. Foi sem fundamento que o acusei”. Se persistires, vais-te arrepender. Vai ser-te desfavorável o resultado da votação. Perdes Calírroe, já te aviso. O rei há de verificar que o adúltero não sou eu, mas tu”.

**8.** Depois de pronunciar estas palavras, calou-se. Todos os olhares se voltaram para Dionísio na ânsia de saber, face à alternativa que lhe era colocada, se ele retirava a acusação ou persistia nela. Qual o sentido das insinuações feitas por Mitridates, não o conheciam, mas acreditavam que era claro para Dionísio. Este, por seu lado, não entendia bem a intenção, por nunca pela cabeça lhe passar que Quéreas pudesse estar vivo. **9.** Por fim, declarou: “Podes dizer o que quiseres, que não é com sofismas nem com ameaças convincentes que me enganas. Dionísio não será apanhado em falsas delações”. **10.** Pegando-lhe logo na palavra, Mitridates ergueu a voz e, como inspirado, proclamou:

“Deuses soberanos, dos céus e dos infernos, vinde em socorro de um homem honesto, que vezes sem conta vos dirigiu as devidas preces e vos homenageou com sacrifícios opulentos. Concedei-me a recompensa da piedade que sempre pratiquei perante as falsas acusações que me são dirigidas. Dispensai-me Quéreas, nem que seja só para o processo. Aparece, ó espírito benfazejo! É a tua Calírroe que te chama. Põe-te entre nós dois, eu e Dionísio, e diz ao rei qual de nós é o adúltero”.

**VIII. 1.** Ainda tais palavras não eram ditas (tudo tinha sido previamente preparado), Quéreas em pessoa apareceu. Ao vê-lo, Calírroe gritou: “Quéreas, estás vivo?” e fez menção de correr para ele. Mas Dionísio reteve-a, interpondo-se para evitar que caíssem nos braços um do outro. **2.** Quem poderia descrever com rigor o aspeto daquele tribunal? Que poeta trouxe alguma vez a cena uma história tão extravagante como aquela? Era como se se estivesse numa representação teatral, em que mil sentimentos diversos se desencadeassem ao mesmo tempo: lágrimas, alegria, espanto, piedade, desconfiança, súplicas. **3.** Felicitavam Quéreas, alegravam-se por Mitridates, angustiavam-se com Dionísio; em relação a Calírroe, era perplexidade o que sentiam. Ela era a imagem da perturbação, imóvel, sem dizer palavra, somente cravando em Quéreas uns olhos que voavam para ele. Pareceu-me bem que até o soberano queria estar na pele de Quéreas naquele momento. **4.** A guerra é fatal e iminente quando há rivalidades de amor. Mas neste caso, a visão do troféu em carne e osso abrasava mais ainda a emulação entre eles, a ponto que, não fosse o respeito imposto pela presença do rei, teriam acabado à pancada. **5.** Ficaram-se, portanto, pelas palavras e Quéreas avançou: “O primeiro marido dela sou eu”. E logo Dionísio: “Mas eu sou-lhe mais fiel”. “Essa agora! Será que eu pedi o divórcio da minha mulher?!” “Mas sepultaste-a!” “Mostra-me o documento da dissolução do casamento». «Basta que olhes para

o túmulo». «Foi o pai dela que ma deu por esposa». «E a mim foi ela própria». «Tu não mereces a filha de Hermócrates». «E ainda menos tu, que foste prisioneiro de Mitridates». «Exijo Calíroo». «E eu guardo-a para mim». «Estás-te a arrogar direitos sobre a mulher alheia». «E tu mataste a tua». «Adúltero!» «Assassino!»

**6.** E nestes termos iam-se disputando, para gáudio de quantos os ouviam.

Calíroo mantinha-se imóvel, de olhos baixos e chorosa, cheia de paixão por Quéreas e de respeito por Dionísio. Entretanto o rei, depois de ter feito sair todos os presentes, deliberou com os amigos, já não o caso de Mitridates (cuja ilibação tinha ficado clara), mas se devia fazer-se um julgamento a respeito da mulher. **7.** Uns entendiam que aquela não era questão para o tribunal régio: “A acusação contra Mitridates estava bem que a ouvisses, por ele ser um sátrapa; mas agora não se trata senão de simples particulares”. A maioria, porém, era da opinião contrária: apelavam por um lado aos serviços prestados pelo pai da moça à casa real, por outro ao facto de esta questão não ser estranha ao processo anterior, mas como que uma parte do que estava a ser julgado. O verdadeiro motivo da sua posição não queriam eles reconhecê-lo: quanto a beleza de Calíroo era difícil de arrancar dos olhos que a fitavam. **8.** Por isso o soberano mandou chamar de novo os que se tinham retirado e declarou: “Mitridates está absolvido; pode partir amanhã para a satrapia que ocupa, com os presentes que lhe vou dar. Quanto a Quéreas e a Dionísio, que cada um deles declare os direitos legais que tem sobre a mulher. Devo ocupar-me da filha de Hermócrates, o vencedor dos Atenienses, que são os nossos piores inimigos, meus e da Pérsia”. **9.** Pronunciada a sentença, Mitridates prosternou-se, mas os outros dois ficaram embaraçados. O rei, ao vê-los naquela aflição, declarou: “Não vos estou a pressionar. Pelo contrário, dispenso-vos até estarem preparados



para o julgamento. Dou-vos um prazo de cinco dias. Neste espaço, Estatira, a minha mulher, se encarregará de Calírroe. Pois não é justo, se se vai deliberar sobre quem é o marido dela, que compareça em tribunal com um marido». **10.** Saíram todos do tribunal com cara de caso, menos Mitridates que ia radiante. Recebeu os presentes, passou a noite na cidade e, de manhã, partiu para a Cária, com mais prestígio do que antes.

**IX. 1.** Quanto a Calírroe, uns eunucos encarregaram-se de a levar à presença da rainha, sem que ninguém a tivesse prevenido. É que os enviados do rei não se fazem anunciar. Face a esta aparição inesperada, Estatira saltou do leito convencida de que tinha Afrodite na sua frente. A verdade é que votava à deusa uma veneração especial e, por isso, prosternou-se. **2.** O eunuco percebeu o engano e esclareceu: “Esta é Calírroe. Foi o rei que a mandou, para que fique à tua guarda até ao julgamento”. Estatira ouviu esta mensagem com prazer; pôs de lado qualquer ressentimento feminino e mostrou-se simpática para com Calírroe, pela honra que tal incumbência representava. Sentia-se homenageada pela custódia que lhe era confiada. **3.** Pegou-lhe na mão e disse: “Ânimo, amiga, não chores mais. O rei é honesto. Hás de ter o marido que desejas. Depois do julgamento, o teu casamento vai fazer-se com mais dignidade. Vai descansar agora, que estás esgotada, nota-se bem, e o teu coração está perturbado”. Foi com prazer que Calírroe ouviu a sugestão, desejosa que estava de isolamento.

**4.** Já deitada, quando enfim relaxou, pousou as mãos nos olhos e perguntou: “Será que vocês realmente viram Quéreas? Aquele era o meu Quéreas, ou apenas mais uma ilusão? Pode bem ter acontecido que Mitridates, forçado pelo processo, lhe tenha evocado o fantasma. Dizem que na Pérsia feiticeiros não faltam. **5.** Mas ele falou e tudo o que disse era de quem estava informado. Como conseguiu ele evitar lançar-se nos meus

braços? Acabámos por nos separar sem mesmo termos trocado um beijo». Estava ela nestas cogitações, quando ouviu o barulho de passos e vozes de mulheres. Acorriam em bando à presença da rainha, convencidas de que teriam todas as possibilidades de ver Calíroo. Mas Estatira opôs-se: «Deixemo-la sossegada, que ela não está bem. **6.** Ainda temos quatro dias para a ver, para a ouvir e falar com ela”. Lá se foram embora pesarosas, mas voltaram logo no dia seguinte pela manhã. E todos os dias, rigorosamente, repetiu-se a cena, de modo que o palácio real estava sempre a abarrotar de gente. **7.** O próprio rei vinha aos aposentos das mulheres com mais frequência, aparentemente para ver Estatira. Mandavam a Calíroo presentes magníficos, que ela não aceitava, vindos de quem quer que fosse. Mantinha uma atitude de mulher infeliz, vestida de preto, sem qualquer enfeite, prostrada. O que a tornava ainda mais fulgurante. Quando a rainha lhe perguntou qual era o marido que preferia, Calíroo não respondeu, limitou-se a chorar.

**8.** Tal era a situação de Calíroo. Por seu lado Dionísio procurava suportar as novas circunstâncias com dignidade, apoiado no seu equilíbrio natural e na educação cuidada que tivera. A estranheza daquela infelicidade tinha todas as condições para lhe derrubar o ânimo. **9.** Sentia-se ainda mais inflamado do que em Mileto. Nos primeiros tempos da sua paixão, era apenas a beleza que o subjugava; mas entretanto muitas outras coisas vieram atear o amor que sentia, a convivência, a benção dos filhos, a ingratidão, o ciúme, mas sobretudo o imprevisto. **X. 1.** De repente pôs-se a gritar repetindo vezes sem conta: Quem é esse Protesilau<sup>67</sup> que ressuscitou para se pôr contra mim? Que

---

<sup>67</sup> Protesilau, um tessálio, foi o primeiro dos Aqueus a pisar solo troiano e a arremeter contra o inimigo na invasão da cidade de Príamo; mas também lhe coube ser o primeiro a tombar às mãos dos defensores da cidadela. A esposa de Protesilau, Laodamia, sofreu tanto com o seu

mal fiz eu a qualquer dos deuses do inferno para me ver confrontado, como meu rival no amor, com um morto? E eu que tenho o túmulo dele! Afrodite soberana, tramaste uma cilada contra mim, tu que eu instalei na minha propriedade e a quem me não canso de fazer sacrifícios. Porque me mostraste Calírroe, se não a ias conservar em meu poder? Porque me fizeste pai, se nem marido chego a ser? **2.** Ao mesmo tempo abraçava o filho e dizia-lhe, em pranto: “Pobre filho, a felicidade que eu senti pelo teu nascimento e como o acho agora inoportuno! Vejo em ti a herança da tua mãe e a recordação de um amor desgraçado. **3.** És uma criança, mas não de todo alheia ao sofrimento do teu pai. Que triste viagem viemos fazer! Quanto melhor não fora ficar em Mileto! A Babilónia foi a nossa desgraça. Deste, que foi o meu primeiro julgamento, saí derrotado e foi Mitridates que me pôs na pele do acusado. Quanto ao segundo, maior é a minha apreensão. Não que o risco seja maior, mas os antecedentes da questão deixam-me desesperançado. **4.** Mesmo sem ter havido ainda julgamento, vejo-me separado da minha mulher e obrigado a lutar por ela contra um outro homem. E pior do que tudo o mais, não sei qual Calírroe prefere. Mas tu, meu filho, podes sabê-lo porque ela é tua mãe. Vai lá já e suplica-lhe

---

afastamento, que, após a partida, mandou fazer, em cera, uma estátua do marido, com quem passou a partilhar o leito. Com a saudade agravada pela notícia da morte do esposo, a viúva suplicou dos deuses a graça de um último encontro, mesmo se por escassas horas. Reencarnado na estátua, Protesilau rogou a Laodamia que não tardasse em segui-lo, pelo que, terminado o encontro, ela acedeu, pelo suicídio, a esta súplica de apaixonado. Outra tradição dizia que o pai de Laodamia pretendia forçá-la a novo casamento, contra sua vontade; a jovem viúva passava as noites com a estátua de Protesilau, até ser descoberta por um escravo que a entreviu pela porta, em companhia do que pensou ser um amante. Descoberta a verdade, o pai mandou queimar a estátua; mas Laodamia apaixonada atirou-se às chamas e, no mesmo braseiro em que a imagem do saudoso marido se apagava, pereceu. Para mais pormenores, *vide* Graves 1977: I, 195 sq.

em favor do teu pai. **5.** Chora, beija-a e diz-lhe: “Mãe, o meu pai ama-te”; mas sem lhe dirigires a menor censura, isso nunca. O que achas, preceptor? Será que não nos vão deixar entrar nos aposentos reais? Ó insuportável tirania! Fecham a porta ao filho que o pai envia, como seu emissário, à mãe”.

**6.** Até ao julgamento, Dionísio levou o tempo a travar um combate entre paixão e razão. Quanto a Quéreas, uma inquietação angustiante o afligia. Fingindo-se doente, pediu a Policarmo que acompanhasse Mitridates, como benfeitor de ambos que era. Quando ficou sozinho, fez um nó numa corda e, no momento de se pendurar, disse: “Feliz era eu se tivesse morrido, depois de subir à cruz que uma falsa acusação me preparou, no tempo em que era prisioneiro na Cária. Teria então partido desta vida com a ilusão de ser amado por Calíroee; enquanto agora perdi não só a vida, como aquilo que me tornava doce a morte.

**7.** Calíroee viu-me sem correr ao meu encontro, nem um beijo me deu. Eu, ali ao lado, e ela cheia de respeito por outro. Mas escusa de se preocupar, que eu vou-me antecipar a esse julgamento. Recuso-me a esperar um desfecho que me traga desonra. Reconheço que sou um triste opositor de Dionísio, estrangeiro, pobre e já um estranho. Sê feliz, mulher. Ainda te considero minha mulher, embora ames outro. Quanto a mim retiro-me, não quero perturbar o teu casamento. Que vivas na riqueza, no luxo e na opulência da Iónia. **8.** Fica com o homem que preferes. Mas agora, que Quéreas vai estar morto de verdade, peço-te, Calíroee, um último favor. Quando eu morrer, aproxima-te do meu cadáver e, se fores capaz, verte algumas lágrimas. Esse gesto valerá para mim mais que a própria imortalidade. Depois inclina-te sobre a pedra do meu túmulo e diz, ainda que o teu marido e filho estejam a assistir: “Desta vez, Quéreas, partiste de verdade. Agora estás morto mesmo. E eu que, no tribunal do rei, era a ti que escolheria!” **9.** E eu hei de ouvir-te, mulher.

Talvez até acredite em ti. E assim me darás mais prestígio aos olhos dos deuses infernais.

Ainda que, no Hades, se esquecessem os mortos,  
eu, mesmo lá, me hei-de recordar, minha amada, de ti<sup>68</sup>.

Com estes lamentos cobria de beijos a corda. “És o meu conforto, o meu defensor. Graças a ti, a vitória é minha. Fosteste-me mais devotada do que Calírroe». **10.** E já se erguia, passava a corda em volta do pescoço, quando surgiu Policarmo, o amigo. Dominou Quéreas, como se fosse um louco, sem encontrar palavras para o consolar. Chegava já o dia marcado para o julgamento.

---

<sup>68</sup> *Iliada* 22. 389-390.

## LIVRO VI

**1.** Na véspera do dia em que o rei ia decidir se Calíroo havia de ser a mulher de Quéreas ou de Dionísio, a Babilónia inteira estava suspensa. Nas casas, em família, e nas ruas, quando se cruzava com alguém, só se ouvia dizer: “Amanhã são as bodas de Calíroo. Quem será o felizardo?” **2.** A cidade dividia-se; os que apoiavam Quéreas argumentavam: “Foi ele o primeiro marido dela, desposou-a ainda donzela, porque a amava e era correspondido. Foi o pai que lha deu em casamento, na pátria a sepultou. Ele nunca a repudiou, nem foi abandonado por ela. Dionísio nem a comprou nem casou com ela. Foram uns ladrões que a venderam, mas não é lícito negociar uma mulher livre”. **3.** Os partidários de Dionísio, por sua vez, comentavam: “Foi ele que a salvou da morte que os piratas lhe preparavam. Pagou um talento pela salvação dela. Primeiro libertou-a, depois casou com ela. Ao contrário de Quéreas, que a desposou, mas a matou a seguir. Calíroo deve lembrar-se deste casamento. E há ainda um argumento de peso em favor de Dionísio: é que eles têm um filho em comum”. **4.** Esta era a posição dos homens. Quanto às mulheres, não se contentavam em discutir o assunto; davam conselhos a Calíroo, como se ela as escutasse: “Não desistas do noivo da tua juventude. Escolhe o primeiro homem da tua vida, que é da cidade, para poderes reencontrar também o teu pai. Se não, hás de viver como uma estrangeira no exílio”. **5.** E outras ainda: “Escolhe o teu benfeitor, o homem que te salvou, não aquele que te quis matar. E se Quéreas tiver outro ataque de fúria? O túmulo, outra vez? Não abandones o teu filho. Honra o pai dessa criança”. Eram estes os comentários que

se ouviam, de modo que podia afirmar-se que Babilónia inteira se transformara num tribunal.

**6.** A noite anterior ao processo chegou. No leito, o casal real congeminava pensamentos totalmente diferentes. A rainha pedia que o dia chegasse depressa, para se livrar da custódia de que estava incumbida, como de um fardo. Pesava-lhe ver, ali ao lado, a beleza daquela mulher em confronto com a sua própria. Desconfiava também das visitas constantes do rei e das atenções a despropósito que tinha. **7.** Dantes, poucas vezes vinha aos aposentos das mulheres. Mas desde que Calírroe lá se instalou, eram visitas e mais visitas. A soberana observava-o, no meio da conversa, a lançar longos olhares furtivos a Calírroe. Os olhos bem queriam escapar àquela visão, mas para lá se deixavam arrastar, mesmo sem querer. **8.** Estatira aguardava, portanto, aquele dia com alívio; enquanto para o rei a sensação era outra. Durante a noite inteira não pregou olho “ora virado de lado, ora deitado de costas, ora voltado de bruços”<sup>69</sup>, a cismar consigo mesmo: “O dia do julgamento está aí. Precipitei-me ao estabelecer um prazo tão curto. O que vamos fazer amanhã de manhã? Calírroe irá então partir ou para Mileto ou para Siracusa. **9.** Pobres olhos meus, que não têm mais que um momento para se regalarem com esta visão de sonho. E a partir daí, qualquer um dos meus escravos será mais feliz do que eu. Vê bem o que há a fazer, meu caro amigo. Medita contigo próprio, que não tens mais ninguém com quem te aconselhar. Porque em casos de amor o único conselheiro é o próprio Eros. **10.** Primeiro responde a ti mesmo: “Quem és tu para Calírroe? Um amante ou um juiz? Não procures iludir-te. Podes não te dar conta, mas estás apaixonado. Mais consciência terás disso, quando deixares de a ver. Para que te hás de massacrar? O Sol, teu antepassado,

---

<sup>69</sup> *Iliada* 24. 10-11.

reservou-te esta criatura, a mais bela de quantas ele contempla. E tu vais rejeitar o presente do deus? **11.** É dar importância demais a Quéreas e Dionísio, que não passam de meros escravos do meu poder, que eu julgue o contencioso matrimonial que os separa. É pôr-me a mim, o grande rei, no papel de uma velha alcoviteira. Mas fui eu que me propus arbitrar esta questão e toda a gente sabe disso. **12.** Sobretudo há o respeito que Estatira me merece. Não divulgues a paixão que te domina, não dêes despacho a esse julgamento. Poderes ver Calíroe é quanto te basta. Adia o processo. Qualquer vulgar juiz pode fazê-lo”.

**II. 1.** Quando rompeu o dia, os funcionários trataram de preparar o tribunal régio. A multidão acorreu ao palácio, a Babilónia inteira se agitava. Como nos jogos olímpicos é de regra que os atletas se exibam a caminho do estádio com os seus acompanhantes, assim também com estes dois concorrentes. A nata da sociedade persa, em grande número, acompanhava Dionísio, a população Quéreas. **2.** Votos e gritos sem conta irrompiam de cada um dos lados, somavam-se as aclamações: “Tu és o melhor, a vitória é tua”. O troféu, porém, não era nem um ramo de oliveira, nem frutos, nem um ramo de pinheiro; era a beleza suprema, que teria até, com justo motivo, levado os próprios deuses ao motim. O rei mandou chamar Artaxates, o eunuco, que ocupava o primeiro lugar junto do monarca e disse-lhe: “Em sonhos, os deuses protetores da casa real exigiram-me um sacrifício; por isso, antes de mais nada, tenho de executar esse ato piedoso. **3.** Proclama trinta dias de festa em honra dos deuses; durante esse período, na Ásia inteira estão suspensos julgamentos e negócios”. O eunuco tratou de anunciar esta decisão. Logo por todo o lado se amontoou gente a fazer sacrifícios, de cabeça coroada. **4.** Soavam as flautas, vibravam as siringes, ouvia-se a melodia dos cantos. Os pórticos enchiam-se do fumo das essências, as ruas viraram salas de banquete,



«nos rolos de fumo, em espiral, o odor das carnes subia aos céus<sup>70</sup>.

O rei oferecia, sobre os altares, sacrifícios opulentos. Pela primeira vez sacrificou também ao Amor e invocou, vezes sem conta, Afrodite, para que intercedesse por ele junto do filho. **5.** Enquanto todos se entregavam ao prazer, só três se afligiam: Calírroe, Dionísio e, mais que qualquer deles, Quéreas.

Calírroe não podia dar largas à sua aflição nos aposentos reais; mantinha-se serena, mas em segredo lamentava-se e amaldiçoava a festa. Dionísio maldizia-se a si próprio por ter deixado Mileto: “Aguenta, infeliz, a desgraça que arranjaste por tuas mãos. Só tu és o culpado de tudo. **6.** Podias ter Calírroe para ti, mesmo em vida de Quéreas; em Mileto eras tu o senhor, nem sequer a carta teria chegado a Calírroe contra tua vontade. Quem a poderia ver? Quem poderia abordá-la? **7.** Foste tu, por tua conta, que te lançaste para o meio dos inimigos. E ainda se tivesses sido só tu! Mas arrastaste contigo o tesouro que te é mais precioso do que a vida. Em resultado, vês-te atacado por todas as frentes. E agora, pateta? Quéreas, tem-lo por adversário no processo. E também do teu soberano fizeste um rival no amor. Até já o rei tem sonhos, em que lhe são pedidos sacrifícios, quando afinal ele os faz todos os dias. **8.** É um desaforo! Vai-se protelando o julgamento, mantém-se em casa a mulher alheia, e isto de quem se diz juiz».

Eram estes os lamentos de Dionísio. Quéreas, por seu lado, deixou de comer, num propósito inabalável de acabar com a vida. Ao amigo Policarmo, que tudo fazia para o impedir de morrer, dizia: «És o pior inimigo que eu tenho, sob a aparência de seres meu amigo. Mantens-me sob tortura, sentes prazer em ver o meu castigo. **9.** Se fosses um amigo a valer, não me recusavas a

---

<sup>70</sup> *Iliada* 1. 317.

liberdade, em vez deste despotismo de um deus cruel. Quantas oportunidades de ser feliz me tiraste? Afortunado tinha eu sido, se partilhasse com Calírroe o túmulo em Siracusa. Já então te opuseste ao meu desejo de morrer e me privaste de uma tão bela companhia. Talvez até ela nem tivesse saído do sepulcro, se lá deixasse o meu cadáver. **10.** Mas se o tivesse feito e eu ficasse lá, tinha-me poupado a tudo que se seguiu, a venda, a quadrilha, as cadeias e o rei, pior de suportar que a própria cruz. Ó morte maravilhosa, após ter recebido a notícia do segundo casamento de Calírroe. Que oportuna ocasião de suicídio me fizeste perder mais uma vez, a seguir ao julgamento! **11.** Vi Calírroe e nem me aproximei, nem um beijo lhe dei. Situação inédita esta, e incrível! Faz-se um julgamento para decidir se Quéreas é o marido de Calírroe. Mas nem mesmo esse processo, independentemente do resultado, o deus cruel permite que se consuma. Em sonhos, como na realidade, os deuses detestam-me”. Ao dizer estas palavras, atirou-se sobre a espada; mas Policarmo agarrou-lhe no braço e por pouco o não amarrou, para poder controlá-lo.

**III. 1.** O rei chamou o eunuco, que era, de entre todos, aquele em quem depositava maior confiança, ainda que a princípio se sentisse envergonhado mesmo perante ele. Artaxates viu que o seu senhor, todo ruborizado, queria falar e incentivou-o: “O que escondes, senhor, do teu escravo, que te é dedicado e capaz de guardar segredo? Que te aconteceu de tão terrível? Que angústia a minha à ideia de uma conspiração!...” “Conspiração! E das grandes”, exclamou o rei, “porque não foram homens a tramá-la, foram deuses. **2.** Quem é Eros, sabia-o eu de há muito, por lendas e por poemas, que se impõe a todos os deuses, inclusive a Zeus. Mas não acreditava que alguém pudesse pôr-se ao meu lado e tornar-se mais poderoso do que eu. Só que o deus está aí. Instalou-se-me na alma, forte e poderoso esse Eros. É duro reconhecê-lo, mas a verdade é que fui apanhado”. **3.** Ao

fazer esta confissão largou num pranto, que o deixou incapaz de pronunciar mais uma palavra que fosse. Apesar deste silêncio, Artaxates percebeu logo a origem daquela ferida. De há tempo que não era totalmente alheio à situação, já se tinha dado conta do fogo que se atiçava; era incontestável e óbvio que, enquanto Calírroe ali permanecesse, o monarca nunca amaria outra mulher. **4.** Fingiu, no entanto, que não sabia de nada e perguntou: “Que beldade é essa que se te apoderou do coração, senhor, tu que tens, como teus súbditos, tudo que há de belo: ouro, prata, roupas, cavalos, cidades, povos? Mulheres bonitas tens tu aos milhares, e sobretudo Estatira, mais bonita que qualquer outra à face da terra, e que te pertence em exclusivo. É certo que a posse destrói o amor. A não ser que, das alturas do céu, tenha descido uma deusa ou, do mar, se tenha elevado uma nova Tétis<sup>71</sup>. **5.** Porque também as deusas, estou convencido, desejam a tua companhia”.

Respondeu-lhe o rei: “Talvez tenhas razão quando dizes que é uma deusa essa mulher. A beleza que possui não é deste mundo, embora o não confesse e se faça passar por uma grega de Siracusa. Mas esta afirmação mesmo é indício da manha dela. **6.** Como não quer que haja possibilidade de comprovação, no caso de referir uma cidade do nosso império, situa a sua história para além do Iónio, do outro lado do mar. Veio procurar-me sob pretexto de um processo, mas foi ela que montou toda a encenação. Muito me surpreende que tenhas ousado considerar Estatira a mais bela das mulheres, perante Calírroe. **7.** É preciso ver como é que hei de escapar a esta tortura. Procura, por todas as formas, se é possível encontrar um remédio». «É conhecido, senhor, o remédio que pretendes, entre Gregos e entre bárbaros. Como remédio para o Amor não existe outro a não ser o objeto

---

<sup>71</sup> *Vide supra* p. 71, nota 27.

amado. É isso que diz também uma velha fórmula oracular: «Arma que fere, arma que cura». Envergonhado com estas palavras, o rei observou: «Não me dê semelhante conselho, que seduza a mulher alheia. **8.** Estou bem lembrado das leis que eu próprio instituí e da justiça que a todos aplico. Não me acuses de nenhum excesso. O meu enleio não chega a tanto”. Receoso de ter dito alguma inconveniência, Artaxates passou ao elogio: “Isso é o que se chama sensatez, senhor. Não dê ao Amor um tratamento semelhante ao do comum dos mortais, encara-o com superioridade, como é próprio de um soberano. Enfrenta-te a ti mesmo. Só tu és capaz de vencer um deus que seja. **9.** Distrai o teu espírito em prazeres de todo o género. A caça sempre te deu um gosto especial. Bem sei que, por esse prazer, és capaz de dispensar, um dia inteiro, comida e bebida. Pois mais vale passar o tempo em caçadas do que no palácio, ao pé do fogo”. **IV. 1.** O rei concordou e anunciou uma caçada formidável.

Desfilaram a cavalo, todos ornamentados, os nobres persas e a elite do resto do exército. Do espetáculo que proporcionavam, destacava-se, magnífico, o soberano. **2.** Montava um cavalo de Nisa<sup>72</sup>, um animal extraordinário e poderoso, de freios de ouro, como de ouro eram também os arreios, a testeira e os peitorais. O monarca envergava um manto de púrpura de Tiro (em tecido babilónio) e uma tiara cor de jacinto. À cintura trazia um sabre de ouro e empunhava dois dardos; ao ombro a aljava e o arco, trabalhos primorosos de origem chinesa<sup>73</sup>. **3.** Era a própria figura da opulência (é típico do amor a preocupação com o aparato). O rei queria ser visto, com todo o acompanhamento, por Calírroe.

<sup>72</sup> Nisa, região plana da Média e parte do império persa, era famosa pela criação de cavalos.

<sup>73</sup> Os Seres são “os homens da seda”, os chineses. Esta é uma das primeiras e raras referências que lhes são feitas na literatura grega. Cf. Pausânias 6. 26. 6-9.

Na hora de partir, ao atravessar a cidade inteira, procurava com os olhos se a jovem estaria a assistir ao cortejo. Num instante as montanhas encheram-se de gritos, de corridas, do latido dos cães, do relincho dos cavalos, da perseguição às feras. **4.** Toda aquela agitação e confusão de caçadores teria afastado até o próprio Amor. A animação era geral: a uma certa ansiedade, misturava-se a alegria, e, ao medo, uma sensação saborosa de perigo.

Mas o rei não via nem cavalos - embora houvesse cavaleiros sem conta a seu lado -, nem feras - e perseguiram-se em grande número. Não ouvia os cães, e eles latiam às centenas, nem os homens, apesar de a gritaria ser geral. **5.** Só via Calíroo, que nem presente estava, só lhe ouvia a voz, embora não falasse. É que o próprio Eros o acompanhou na caçada; como deus que ama os desafios, ao pressentir-lhe a reação e o propósito digno - no entendimento real -, deu-lhe a volta ao contrário, desviou-lhe o estratagema em sua vantagem e foi justamente servir-se das precauções tomadas para incendiar o coração do monarca. Penetrou-lhe no espírito e insinuou: «E veres aqui Calíroo, de túnica arregaçada e pernas à mostra, braços nus, rosto afogado, peito ofegante? **6.** Era como se

Ártemis, a lançadora de dardos, percorresse os montes,  
pelas alturas do Taígeto ou do Erimanto,  
entusiasmada com os javalis e com a agilidade dos veados»<sup>74</sup>.

**7.** Ao traçar esta cena, ao modelar-lhe os contornos, deixava o rei cada vez mais em brasas (...) <sup>75</sup>. Perante estas palavras, Artaxates retorquiu: “Estás a esquecer-te, senhor, da situação real: Calíroo realmente não tem marido, o julgamento continua de pé para se saber quem ela desposará. Lembra-te que é

<sup>74</sup> *Odisseia* 6. 102-104.

<sup>75</sup> Ocorre aqui uma lacuna de algumas linhas no texto original.

descomprometida a mulher que amas. Não temas as leis que respeitam ou a casamento, ou a adultério, porque é preciso haver primeiro um marido ofendido, para se falar de uma ofensa de adultério”. **8.** Estes argumentos agradaram ao rei (pois vinham ao encontro dos seus desejos); apertou então a mão ao seu eunuco, deu-lhe um beijo e disse: “É com justa razão que, de entre todos, te distingo com uma particular estima. A tua dedicação é absoluta e o teu interesse por mim devotado. Vai buscar-me Calírroe. Há só duas recomendações que te faço: não a tragas à força e sê discreto. Porque o que pretendo é que ela adira de livre vontade e que ninguém saiba». **9.** Deu-se logo o sinal de suspensão da caçada e todos voltaram. Animado por essa esperança, o rei regressou ao palácio tão contente como se tivesse caçado a mais bela das presas.

**10.** Artaxates, por seu lado, não estava menos radiante, por pensar que se encarregava de uma missão que lhe daria, no futuro, as rédeas do carro do rei. Ganharia a gratidão de ambos, sobretudo a de Calírroe. No seu entender de eunuco, de escravo, de bárbaro, a questão não punha dificuldades. Era-lhe estranha a nobreza de sentimentos de um grego, sobretudo a de Calírroe, mulher virtuosa e fiel ao marido. **V. 1.** Aguardou a hora própria de a abordar, e, numa altura em que a apanhou a sós, confidenciou-lhe: “É um tesouro de grandes venturas que te venho trazer, mulher; e tu não te esqueças dos meus bons ofícios. Confio que saibas ser reconhecida». Esta introdução encheu Calírroe de alegria. É próprio da natureza humana acreditar naquilo que deseja. **2.** O seu primeiro pensamento foi que a iam devolver a Quéreas e por isso apressou-se a ouvir; prometeu até ao eunuco recompensá-lo pelas boas notícias. Este retomou então o seu proémio e continuou: “Coube-te em sorte, mulher, uma beleza divina, de que ainda não colheste vantagem que se visse, digna de registo. **3.** Esse teu nome famoso

e apregoado pela terra inteira não te descobriu, até hoje, nem marido, nem mesmo um amante capazes. Pelo contrário, abalou apenas dois homens, um deles um pobre habitante das ilhas, o outro, um escravo do rei. **4.** Que resultado digno de nota e de registo tiraste deles? Que terra tens tu, que seja opulenta? Que adornos sumptuosos? Que cidades governas? Quantos escravos te fazem reverência? As mulheres da Babilónia têm servas mais ricas do que tu. Mas não estás totalmente abandonada, pelo contrário, os deuses interessam-se por ti. **5.** Por isso te trouxeram até cá, sob pretexto de um julgamento, para que o grande rei te visse. E aqui tens a primeira boa notícia: agradaste-lhe. De resto eu encarrego-me de te fazer lembrada e de te elogiar na presença dele”. Estes pormenores foi-os acrescentando por sua conta e risco. É costume de qualquer escravo, quando fala do patrão, fazer-se valer, convencido de que a conversa lhe possa trazer algum lucro. **6.** Calírroe sentiu de imediato um golpe no coração, como se aquelas palavras fossem punhais. Mas a fingir-se desentendida, exclamou: “Que os deuses protejam sempre o rei, e ele a ti, porque ambos se apiedaram de uma pobre mulher. Eu só peço que o rei me livre, logo que possível, desta angústia, que conclua o julgamento, para que eu deixe de ser um peso para a rainha”. O eunuco convenceu-se de que não tinha explicado bem o que queria e que a mulher o não teria entendido. Retomou então a sua pretensão de modo mais explícito: **7.** “A tua sorte reside no seguinte: em que vão deixar de ser escravos e pobretanas os teus apaixonados, para passar a sê-lo o grande rei, que te pode dar de presente Mileto, a Iónia inteira, a Sicília e outros povos ainda mais importantes. Trata de sacrificar aos deuses e felicita-te pela sorte que tens. Esforça-te por agradar cada vez mais ao rei e, quando fores rica, lembra-te de mim”. **8.** Calírroe teve ganas, primeiro, se pudesse, de arrancar os olhos ao sujeito, que procurava seduzi-la. Mas logo,

como pessoa educada e sensata que era, teve a percepção imediata do lugar em que se encontrava, da sua condição e da de quem lhe fazia a proposta. Dominou a cólera e passou a ironizar com o bárbaro. **9.** “Só se eu estivesse louca é que me ia considerar digna do grande rei. Não estou acima das escravas que servem as damas persas. Nem me voltes a fazer lembrada, é um favor que te peço, diante do teu senhor. Porque mesmo se, por enquanto, se não mostra irritado, ele vai acabar por se enfurecer contigo, por pensar que atiraste o soberano do mundo para os braços de uma escrava de Dionísio. **10.** Admiro-me como, com toda a tua perspicácia, te não dás conta da generosidade do rei; o que ele sente por esta mulher infeliz não é amor, é pena. Portanto ponto final nesta conversa, não vá alguém caluniar-nos junto da rainha”.

E desandou, deixando o eunuco boquiaberto. Criado sob um regime tirânico, este homem julgava que nada era impossível, nem à vontade do rei ou mesmo à sua própria. **VI. 1.** Ao ver-se abandonado, sem merecer sequer uma resposta, ficou atordoado no meio de mil sentimentos: raiva contra Calíroo, apreensão por si próprio e temor do soberano. Talvez este nem fosse acreditar que ele tivesse realmente falado, ainda que sem resultado. Poderia parecer que se tinha desleixado da missão de que fora incumbido, para fazer o jeito à rainha. **2.** Aliás receava que Calíroo confidenciasse à soberana a proposta que lhe fizera; e que Estatira, profundamente aborrecida, desencadeasse contra ele alguma maquinação, por o julgar não um simples executante, mas o autor daquele romance. Pôs-se o eunuco a refletir sobre o melhor modo de relatar ao rei o sucedido. Enquanto Calíroo, uma vez sozinha, comentava consigo própria: “Eu já estava a adivinhar esta situação. **3.** Tenho-te por testemunha, Eufrates; bem te dizia que não voltaria a atravessar-te. Adeus, meu pai, e tu, minha mãe, adeus Siracusa, minha pátria. Nunca



mais vos voltarei a ver. Agora é que Calírroe está morta de verdade. Do túmulo, ainda eu consegui sair, mas daqui, deste lugar, ninguém há de tirar-me, nem mesmo Téron, o salteador.

**4.** Maldita beleza, és a culpada de todos os meus males! Por tua causa fui roubada, vendida, por tua causa voltei a casar, depois da minha união com Quéreas, por tua causa me trouxeram para Babilónia, por tua causa compareci em tribunal. Em quantas mãos me entregaste? Aos ladrões, ao mar, ao túmulo, à servidão, ao tribunal. Mas o mais penoso de todos os sofrimentos que vivi é o amor do rei. **5.** Para não falar ainda da cólera do rei; mais temível imagino que será o ciúme da rainha, um sentimento que nem Quéreas, que é homem e grego, foi capaz de controlar. Que fará ela, que é mulher e rainha de bárbaros? Vamos, Calírroe, toma uma atitude nobre, digna de Hermócrates: enforca-te. Mas não, por enquanto não. Para já tudo o que temos é a proposta de um encontro feita por um eunuco. Se algo mais grave acontecer, é a altura de dares a Quéreas, na presença dele, a maior prova de fidelidade”.

**6.** Por seu lado o eunuco dirigiu-se à presença do monarca, mas tratou de lhe esconder a verdade sobre o sucedido. Pretextou falta de oportunidade e a vigilância rigorosa da rainha, como impedimentos para se aproximar de Calírroe: “Foste tu que me recomendaste, senhor, que me esforçasse por ser discreto. **7.** E foi um conselho avisado. Assumiste a máscara severa de um juiz, apostado em salvaguardares o teu prestígio entre os Persas. E por isso mereces o louvor geral. Os Gregos são gente dada a enredos e mexericos. Não deixariam de fazer propaganda do assunto: Calírroe, por fanfarronear, para se gabar do amor do rei; Dionísio e Quéreas, por ciúme. **8.** Não vale a pena estar a aborrecer a rainha por causa de uma estrangeira, a quem um processo mais não fez do que realçar a fama de beleza que tinha”. Procurava disfarçar a retratação a que fora forçado, ver

se conseguia desviar o monarca da paixão que o devorava e escapar ele próprio a uma missão difícil. **VII. 1.** No momento, conseguiu persuadi-lo. Mas quando a noite chegou, a paixão reacendeu-se; Eros recordava-lhe aqueles olhos que Calírroe possuía, a beleza do seu rosto. Elogiava-lhe os cabelos, o andar, a voz, a entrada no tribunal, a atitude, as palavras, os silêncios, a vergonha que a tomou, as lágrimas. **2.** Ficou acordado a maior parte da noite, mas adormeceu o tempo suficiente para ver Calírroe em sonhos; logo pela manhã chamou o eunuco e ordenou-lhe: “Vai lá, põe-te de guarda o dia inteiro, que hás de arranjar uma ocasião, por mais breve que seja, para falares com Calírroe em segredo. Porque se eu quisesse satisfazer o meu desejo às claras e pela força, não me faltavam homens armados”. **3.** O eunuco prostrou-se e acatou as ordens, pois a ninguém é lícito obstar às determinações reais. Ciente de que Calírroe não lhe daria oportunidade, mas que havia de evitar a entrevista mantendo-se de propósito junto da soberana, tentou ultrapassar esta dificuldade; voltou então as baterias não para a mulher vigiada, mas para quem a vigiava. Por isso propôs: **4.** “Se achares bem, senhor, manda chamar Estatira, sob pretexto de uma conversa particular com ela. Essa ausência vai-me dar ensejo de abordar Calírroe”. “Pois seja”, concordou o monarca. **5.** Artaxates partiu ao encontro da rainha, prosternou-se-lhe diante e disse: “O teu marido, senhora, manda-te chamar”. Face a esta mensagem, Estatira prostrou-se e apressou-se a ir-lhe ao encontro.

Ao ver Calírroe sozinha, o eunuco pegou-lhe na mão, em sinal de simpatia pelos Gregos e de compreensão humana, e chamou-a à parte da multidão das servas. **6.** A jovem, que o entendia muito bem, fez-se pálida e ficou sem fala; mesmo assim seguiu-o. Quando ficaram a sós, disse-lhe o eunuco: “Viste como a rainha, ao ouvir o nome do rei, se prosternou e saiu à

pressa? Enquanto tu, uma escrava, não sabes agarrar a felicidade e nem mesmo te alegras ao receberes um pedido de quem podia simplesmente mandar-te uma ordem. **7.** Mas eu (que te tenho na maior estima), não fui contar ao rei a tua loucura; pelo contrário, tomei o teu partido. Tens diante de ti dois caminhos, para escolheres o que quiseses. Vou-te explicar quais são: ou cedes à pretensão real e recebes presentes maravilhosos e o marido que preferires - porque é claro que não está nos projetos do soberano desposar-te, apenas lhe concederás temporariamente os teus favores. Se não cederes, tens ouvido falar do que sofrem os inimigos do rei: a eles só, até a morte por que suspiram lhes é negada”. **8.** Calírroe riu-se da ameaça e retorquiu: “Não será esta a primeira vez que passo por grandes sofrimentos. Experiência da desgraça não me falta. Que dores, piores do que aquelas por que já passei, me pode o rei infligir? Fui enterrada viva e não há prisão mais apertada do que um túmulo. Caí nas mãos de salteadores. **9.** E agora mesmo passo pela pior das provações: Quéreas está aqui e eu não o posso ver”. Estas últimas palavras traíram-na. O eunuco, que era dotado de uma finura natural, percebeu que ela estava apaixonada e exclamou: “Ó criatura, insensata entre todas, preferes ao rei o escravo de Mitridates?” Calírroe, picada por ouvir assim depreciar Quéreas, retorquiu: «Cuidado com o que dizes, amigo! **10.** Quéreas é homem de boas famílias, o primeiro de uma cidade, que não lograram vencer os Atenienses, os mesmos que, em Maratona e Salamina, venceram o teu grande rei”. E ao pronunciar estas palavras desfez-se em lágrimas. O eunuco voltou à carga: “A culpa destas demoras todas é tua. **11.** Que melhor forma poderias ter de pôr do teu lado o juiz, de modo a que te devolva o marido? Talvez que nem Quéreas chegue a saber do ocorrido, e, mesmo que saiba, nem ciúmes poderá ter de um homem tão poderoso. Tanto maior será o teu valor aos olhos dele, por teres agradado

ao rei”. **12.** E se argumentava assim não era só para a convencer a ela, mas porque era essa de facto a sua opinião. Não há bárbaro que não se deixe intimidar perante o seu rei e que não veja nele a encarnação da divindade. Calírroe é que não estava disposta a casar-se, com o próprio Zeus que fosse, nem a imortalidade aceitaria em troca de um só dia na companhia de Quéreas. **13.** Como não conseguia levar por diante os seus intuitos, o eunuco admitiu: “Dou-te tempo para pensar, mulher. Pensa não apenas em ti própria, mas também em Quéreas, que pões em risco de ter um fim terrível; porque o rei não vai tolerar ser preterido por um rival”. Dito isto foi-se embora, mas as últimas palavras que proferiu tocaram Calírroe.

**VIII. 1.** Qualquer reflexão ou qualquer entrevista amorosa depressa foram arredadas pela Sorte, que descobriu maneira de dar a volta aos acontecimentos: à presença do rei chegaram mensageiros a anunciarem que o Egito se tinha rebelado, dispondo de forças consideráveis. **2.** Diziam eles que os Egípcios tinham assassinado o sátrapa persa e eleito seu rei um dos deles. Este, saído de Mênfis, tinha já atravessado Pelúcio<sup>76</sup> e avançava contra a Síria e a Fenícia. As cidades estavam incapazes de oferecer resistência, como se uma avalanche ou um incêndio se tivessem, de repente, abatido sobre elas. **3.** Tais notícias perturbaram o rei e deixaram os Persas consternados. A Babilónia inteira mergulhou em depressão. Em tais circunstâncias, os criadores

---

<sup>76</sup> A cidade de Mênfis deteve um prestígio constante como residência real e capital do Egito durante o Império Antigo; posteriormente muitos faraós continuaram a ter aí um palácio. As fontes clássicas concordam em reconhecer Mênfis como um dos grandes centros administrativos, comerciais e políticos da antiguidade egípcia. Desde o tempo de Cambises (séc. VI a. C.) que Mênfis havia caído na alçada do império persa. De Mênfis, o exército egípcio fazia marcha por Pelúcio, cidade do Delta do Nilo no limite oriental do Egito, passagem para o deserto da Síria que se estende até à faixa de Gaza.

de boatos e os adivinhos fizeram constar que o sonho do rei predizia o que ia acontecer. Ao reclamarem sacrifícios, os deuses anunciavam o perigo, mas, ao mesmo tempo, a vitória. **4.** Procedeu-se como de costume: tomavam-se todas as medidas habituais na iminência de uma guerra inesperada. Uma agitação geral mobilizou a Ásia. O rei convocou, de entre os Persas, os seus pares e todos os chefes de outros povos que costumavam participar na discussão de assuntos de gravidade; numa reunião com eles, pôs o caso à discussão, mas cada um foi dando uma opinião diferente. **5.** Todos, porém, concordavam na urgência e em não adiar, se possível, nem um dia que fosse e por duas razões: para impedir os inimigos de reforçarem o seu poder e elevar o moral dos amigos, mostrando-lhes já próximas forças aliadas. Qualquer atraso só poderia produzir o efeito contrário: aos inimigos dariam uma impressão de medo, que lhes despertaria o desprezo, e aos amigos uma ideia de abandono, que suscita a rendição. **6.** Tinha sido, para o rei, um acaso feliz não se encontrar em Bactra nem em Ecbátana<sup>77</sup>, mas ter sido apanhado pela notícia na Babilónia, perto da Síria. Bastava-lhe atravessar o Eufrates para deitar a mão aos revoltosos. Decidiu então fazer avançar de imediato as tropas que tinha consigo e transmitir uma ordem geral para que o exército se reunisse junto ao rio Eufrates. O processo de mobilização de forças é, entre os Persas, particularmente fácil. **7.** Foi estabelecido no reinado de Ciro, o primeiro soberano persa, a que povos cabe fornecer, em caso de guerra, tropas de cavalaria e em que número, ou de infantaria e

---

<sup>77</sup> Sobre Bactra, *vide supra* p. 152, nota 61. Ecbátana, hoje designada por Hamadan, situa-se em território iraniano. Depois de ter sido capital da Média, funcionou de residência de verão da corte persa. Através de documentos encontrados, podemos reconhecer nesta cidade uma das várias capitais do império aqueménida, local de instalação de um importante arquivo e tesouro.

quantas; ou os archeiros, o número de carros, ligeiros e armados de esporão, ou os elefantes e em que quantidade, bem como a proveniência, natureza e montante dos tributos. O que significa que a organização geral leva praticamente o mesmo tempo de que necessita um só homem para se preparar.

**IX. 1.** Passados quatro dias sobre a notícia da revolta, o rei partiu de Babilónia, depois de ter proclamado uma mobilização geral de quantos estivessem em idade militar. Com esse exército partiu Dionísio, que era Iónio, porque a nenhum dos súbditos era permitido escusar-se da missão. **2.** Ia equipado com armas magníficas e recrutou, de entre os que o acompanhavam, um corpo de tropa, que não era para menosprezar. Ele próprio alinhou entre os primeiros e mais notáveis, com a disposição visível de cometer façanhas à altura de um homem que possui um natural sentido da honra, para quem a valentia não é um valor secundário, mas que a coloca entre as qualidades mais relevantes. **3.** Animava-o também uma leve esperança de que, se, no combate, a sua intervenção se tornasse de manifesta utilidade, pudesse receber do rei, sem recurso a julgamento, como prémio da sua coragem, a mulher. **4.** Quanto a Calírroe, a rainha não queria levá-la. Por isso nem sequer lembrou o assunto ao rei, nem lhe perguntou quais as instruções que tinha a dar sobre a estrangeira. Artaxates, por seu lado, calou-se também, por não se atrever, num momento em que o seu senhor defrontava o perigo, a vir recordar-lhe questões amorosas. Em boa verdade, encantava-o até ver-se livre dela, como se de uma fera selvagem se tratasse. Dava a impressão de que só tinha a agradecer a uma guerra que vinha quebrar a paixão do rei, que apenas a falta de ocupação alimentava. **5.** Só que o soberano não estava esquecido de Calírroe; pelo contrário, no meio daquela confusão indescritível, invadiu-o a recordação da beleza da jovem. Inibia-se de se referir a ela, para não dar a imagem de uma infantilidade

completa, ao fixar o pensamento, numa hora de guerra tão grave, na formosura de uma mulher. Com a paixão a condicioná-lo, não deu a Estatira qualquer indicação em relação à jovem, nem também ao seu eunuco, até porque lhe tinha confidenciado o amor que o dominava. Mas forjou o plano seguinte: **6.** existe o hábito, no rei persa e nos mais distintos dos seus súbditos, quando partem para a guerra, de levarem consigo as mulheres e os filhos, ouro, prata, roupas, eunucos, concubinas, cães, mesas, tesouros aparatosos - toda uma exibição de luxo. **7.** Assim, o rei mandou chamar o seu intendente e começou por lhe dar uma série de instruções sobre como proceder em cada um dos outros assuntos; só no fim mencionou Calírroe, com o ar desinteressado de quem não se empenha muito no caso: “Quanto à jovem estrangeira que aí está, de cujo processo eu me encarreguei, deve seguir juntamente com as outras mulheres”. **8.** Foi assim que Calírroe abandonou Babilónia, e não a contragosto, com a esperança de que Quéreas partisse também. Quem sabe os imprevistos que a guerra traria, ou as alterações que, para os infelizes, só podem ser para melhor! Até talvez o processo chegasse depressa ao fim, se se conseguisse uma paz rápida.

## LIVRO VII

**1.** Todos partiram com o rei para o combate contra os Egípcios, sem que qualquer ordem fosse dada a Quéreas. De facto ele não era súbdito do rei, mas, na altura, o único homem livre em Babilónia. Encantava-o a esperança de que Calíroo ficasse também. Dirigiu-se assim, no dia seguinte, ao palácio, à procura da mulher. **2.** Viu tudo fechado e montes de guardas à porta. Pôs-se a percorrer a cidade de uma ponta à outra, em busca de uma informação, enquanto repetia, como um obcecado, ao amigo Policarmo uma mesma pergunta: “Onde está Calíroo? O que lhe terá acontecido? Imagino que não tenha também partido para a campanha”. **3.** Como não encontrou Calíroo, passou a procurar Dionísio, o seu rival; dirigiu-se a casa dele. Alguém lhe veio ao encontro, para, como quem não quer a coisa, lhe dar o recado que lhe tinham ensinado. De facto Dionísio, que pretendia desiludir Quéreas de casar com Calíroo e fazê-lo desistir do processo, tinha engendrado a estratégia seguinte; **4.** ao partir para o combate, tinha deixado lá um dos seus homens com esta mensagem para Quéreas: que o rei persa, necessitado de aliados, tinha encarregado Dionísio de reunir um exército contra o Egito e que, para se garantir dos serviços leais e sinceros do seu súbdito, lhe tinha devolvido Calíroo. Ao ouvir semelhante notícia, Quéreas acreditou nela sem hesitar; é fácil enganar um infeliz. **5.** Pôs-se a rasgar as roupas, a arrancar os cabelos e a bater com a mão no peito enquanto se lastimava: “Babilónia traiçoeira, que desgraçado acolhimento dás aos estrangeiros! Para mim és como um deserto. Que belo juiz aquele! Um sedutor da mulher alheia, foi o que ele me



saiu. Fazer depender da guerra o casamento! E eu, com todo o cuidado, a preparar o julgamento, perfeitamente convencido da razão dos meus argumentos. Fui condenado à rebelia e Dionísio venceu sem precisar de falar. **6.** Mas de nada lhe valerá a vitória; porque Calírore não poderá viver afastada de Quéreas, que sabe próximo, ainda que no passado Dionísio a iludisse, fazendo-lhe crer que eu estava morto. De que estou eu à espera para me degolar diante do palácio, para verter o meu sangue diante da porta do juiz? Persas e Medos hão de saber qual é a justiça que o seu rei aqui pratica”.

**7.** Policarmo viu o amigo desolado perante a desgraça e, incapaz de salvar Quéreas, disse-lhe: “De há muito tempo que tento consolar-te, amigo, e vezes sem conta te impedi de morrer, mas, neste momento, parece-me acertada a tua decisão. Sinto-me mesmo tão alheio à ideia de te impedir de morrer, que eu próprio estou disposto a seguir-te na morte. Analisemos que tipo de morte nos poderá convir mais. Essa em que estás a pensar pode realmente desencadear alguma má vontade contra o rei e, no futuro, cobri-lo de opróbrio; mas não é uma reparação suficiente por tudo o que sofremos. **8.** Pretendo que a morte que, de uma vez por todas, determinarmos para nós, resulte no castigo do soberano. Seria bom infligir-lhe, com esse ato, sofrimento, para o obrigar a arrepender-se. Só nos traria prestígio se deixássemos aos vindouros a lenda de dois gregos que, vítimas de uma injustiça, devolveram o castigo ao grande rei e morreram como homens”. **9.** “Mas como é que nós os dois”, perguntou Quéreas, “sozinhos, pobres, estranhos, vamos conseguir atormentar o soberano de tais e tantos povos, o senhor do poder que presenciámos? Guarda-costas ou homens de armas não lhe faltam e, mesmo que lhe matássemos algum ou lhe incendiássemos alguma propriedade, ele nem se daria conta do prejuízo”. **10.** “Terias toda a razão”, contrapôs Policarmo, “se

não fosse a guerra. Mas, neste momento, sabemos que o Egito se sublevou, que a Fenícia está ocupada e que a Síria sofre uma invasão. O rei vai ter de enfrentar o combate, antes mesmo de atravessar o Eufrates. **11.** Logo não estamos sozinhos os dois, são nossos aliados todos aqueles que o Egito fez avançar, todas as suas armas, todos os seus recursos, todas as suas trirremes. Vamos usar da força alheia para nossa vingança pessoal”. Ainda nem tais palavras eram ditas e já Quéreas gritava: “Depressa, vamos partir! É na guerra que vou tirar desforra desse juiz!”

**II. 1.** Puseram-se rapidamente a caminho em perseguição do rei, com o pretexto de desejarem juntar-se às suas forças. Com este argumento, tinham esperança de atravessar o Eufrates sem problemas. Alcançaram o exército junto ao rio, misturaram-se com a retaguarda e seguiram com ele. **2.** Quando chegaram à Síria, desertaram para o lado egípcio.

As sentinelas prenderam-nos e procuraram identificá-los. Como não tinham ar de embaixadores, desconfiaram que seriam espíões. Iriam ver-se em sérios riscos, não fosse terem encontrado por acaso lá um grego que lhes compreendia a língua. Pediram então para serem levados à presença do rei, a quem, diziam eles, podiam fornecer uma ajuda preciosa. **3.** Quando os conduziram até ele, Quéreas declarou: “Nós somos gregos, da aristocracia de Siracusa. Este aqui, por amizade, acompanhou-me a Babilónia, por razões do meu interesse; e eu vim por causa de uma mulher, a filha de Hermócrates, se te diz alguma coisa o nome de Hermócrates, o general que derrotou os Atenenses no mar”. **4.** O egípcio acenou afirmativamente, pois em parte alguma era desconhecido o desaire ateniense, ocorrido durante a campanha contra a Sicília. “Somos perseguidos pela tirania de Artaxerxes” e contaram a história toda. “Vimos trazer-te o nosso apoio como amigos de confiança, predispostos à valentia, por dois motivos poderosos: o desejo de morte e de vingança.

Eu já devia ter morrido perante todos os infortúnios que me perseguem; mas daqui para o futuro a única razão da minha vida é torturar o inimigo.

“Que a morte me não leve, sem luta nem glória,  
mas em pleno apogeu, que deixe, entre os vindouros, viva a  
minha fama”<sup>78</sup>.

5. Depois de o ouvir, o egípcio rejubilou e estendeu-lhe a mão: “Vens na hora própria, meu rapaz, para ti e para mim”. Logo deu ordem para que lhes fornecessem armas e uma tenda, e não foi preciso muito tempo para admitir Quéreas como seu comensal e até seu conselheiro. Este evidenciava bom senso e coragem, a que não faltava lealdade, como homem de natureza nobre e de elevada educação que era. 6. A Quéreas iam-no impondo e distinguindo, cada vez mais, a rivalidade que alimentava para com o rei, o desejo de mostrar que mérito lhe não faltava e que, pelo contrário, era digno de consideração. Pouco tempo depois, aliás, pôde prová-lo com um feito notável que cometeu. De todas as empresas anteriores se tinha o egípcio saído bem, sem dificuldades de maior, o que lhe tinha dado, de um momento para o outro, o controle da Celesíria<sup>79</sup>; tinha também sob seu domínio a Fenícia, à exceção de Tiro. 7. Os Tírios são, por natureza, um povo belicoso, obstinados em conseguirem a glória através da bravura, de modo a não deixarem por mãos alheias os créditos de Hércules, o deus que mais veneram, a ponto de lhe terem consagrado, quase só a ele, a cidade. Confiam também na localização protegida que têm. 8. É que a cidade está construída no mar, ligada ao continente por uma passagem estreita, que é o único pormenor que a distingue de

<sup>78</sup> *Iliada* 22. 304-305.

<sup>79</sup> Celesíria era o nome de toda a região a ocidente do Eufrates, à exceção da Fenícia.

uma ilha. Parece-se com um barco atracado, em contacto com terra através de uma passadeira. **9.** É fácil aos habitantes fazerem frente a uma invasão, venha ela de onde vier; à infantaria pelo lado do mar, pois lhes basta defender uma única porta; a uma arremetida naval, graças às muralhas, dado que a cidade é uma praça forte, fechada pelos portos que possui, como uma casa. **III. 1.** Assim toda a região em redor estava ocupada, só os Tírios desafiavam os Egípcios, preservando a sua aliança e lealdade à Pérsia. Preocupado com a situação, o egípcio reuniu o conselho. Pela primeira vez convocou também Quéreas para a reunião e falou assim:

**2.** “Aliados - nunca eu chamaria súbditos aos meus amigos -, estão a ver a dificuldade em que nos encontramos; porque, como um navio que tivesse feito, durante muito tempo, uma navegação fácil, defrontamo-nos agora com ventos contrários: Tiro barra o nosso avanço como um obstáculo insuperável. Além do mais, pelas informações de que dispomos, o grande rei persegue-nos em marcha acelerada. O que havemos pois de fazer? Não podemos nem tomar Tiro nem passar adiante, sendo ela uma espécie de muralha no meio do caminho, que nos barra o acesso à Ásia inteira. Julgo que temos de partir daqui o mais depressa possível, antes que Tiro receba reforços persas. **3.** Há o risco de sermos apanhados em território inimigo. Pelúcio, pelo contrário, é um local seguro, onde não temos a temer as arremetidas de Tírios, de Medos, ou de quaisquer outros povos. O deserto é inacessível, a passagem apertada, o mar é nosso e o Nilo um amigo dos Egípcios”. Perante este discurso cheio de prudência, fez-se um silêncio geral, de desalento. Só Quéreas ousou falar: **4.** “Meu soberano, porque tu é que és realmente um soberano, e não o persa, um homem sem qualquer escrúpulo. Tortura-me essa tua proposta de retirada, quando se ouvem os cantos da vitória. Vitória que nos pertence, se os deuses assim o

quiserem; não só tomaremos Tiro como até Babilónia. Muitos são os obstáculos que surgem numa guerra, perante os quais é preciso, acima de tudo, não ceder. Há que enfrentá-los, de olhos postos na esperança de sucesso. **5.** Esses Tírios, que neste momento se riem de nós, eu os hei de atirar, nus, aos teus pés. E se não confias em mim, sacrifica-me antes de partires; porque, enquanto me restar um sopro de vida, não participo nessa fuga. Se, de todo em todo, persistes em partir, deixa-me meia dúzia de homens que aceitem ficar comigo.

“Nós dois, eu e Policarmo, vamos à luta,  
pois foi um deus que aqui nos conduziu”<sup>80</sup>.

**6.** Todos se acanharam de não aderirem à proposta de Quéreas. O rei, admirado perante a determinação que o animava, autorizou-o a escolher, de entre o exército, todas as forças de elite que quisesse. Mas Quéreas não fez logo uma escolha; primeiro misturou-se com as tropas ali estacionadas - Policarmo, por determinação sua, fez o mesmo - e, antes de mais, tratou de saber se havia Gregos no acampamento. **7.** De facto descobriram bastantes mercenários e Quéreas seleccionou os Lacedemónios, os Coríntios e Peloponésios em geral<sup>81</sup>. Encontrou também vinte Sicilianos. Formou um contingente de trezentos homens e dirigiu-se-lhes nestes termos: **8.** “Homens da Grécia, foi-me dada pelo rei autorização para escolher os mais bravos do exército e foi a vós que eu escolhi. Porque também eu sou grego, de Siracusa, dório de origem. Face aos outros, devemos distinguir-nos não só pela raça, mas pela coragem. **9.** Que ninguém se deixe abalar perante a empresa que vos proponho, que se revelará possível e fácil, mais difícil em teoria do que na prática. Os Gregos, nas Termópilas, em igual número que nós,

<sup>80</sup> *Iliada* 9. 48-49.

<sup>81</sup> Ou seja, povos de ascendência dórica, como ele próprio; cf. *infra* 8, o apelo que lhes é feito por Quéreas.

resistiram a Xerxes. Ora os Tírios não são cinco milhões, são poucos e anima-os a soberanceria dos fanfarrões, não a prudência de quem tem bom senso. **10.** Pois hão de constatar a diferença que existe entre Gregos e Fenícios. Não tenho pretensões ao comando, estou pelo contrário disposto a seguir aquele de vós que quiser assumir a chefia. Esse encontrará em mim um colaborador obediente, porque não é a glória pessoal que pretendo, mas partilhá-la convosco”. Ouvia-se um brado geral: “Comanda tu!”. **11.** “Se essa é a vossa vontade, eu aceito o comando de que acabam de me investir. Assim vou procurar agir de maneira que não se arrependam da simpatia e da confiança que em mim depositaram. No presente, com a ajuda dos deuses, vocês hão de obter honra e prestígio e tornar-se, entre os vossos aliados, os mais prósperos; daqui para o futuro, hão de granjear um título de mérito imortal; todos vos hão de celebrar como a Otriádes e aos seus trezentos homens ou aos de Leónidas<sup>82</sup> - elogio semelhante caberá aos guerreiros de Quéreas”. Ainda ele falava e já todos clamavam: “Conduz-nos!” e foi uma corrida geral às armas.

**IV. 1.** Depois de os equipar com as mais belas armaduras, Quéreas levou-os à tenda real. Ao vê-los o egípcio ficou espantado, convencido de que os homens que tinha diante eram outros, não os mesmos de sempre; prometeu-lhes então

---

<sup>82</sup> O nome de Otriádes, um lacedemónio, cobre-se da glória de um resistente em precária situação, que participa numa luta simbólica contra Argivos, onde a sorte das armas se decide entre dois batalhões de trezentos homens, um de cada uma das partes. Depois de encarniçado combate, o confronto reduziu-se a três últimos sobreviventes, dois argivos contra o nosso único lacedemónio. Por não se aperceberem da presença do inimigo, os dois argivos abandonaram o campo de batalha, dando assim de barato a vitória ao adversário. Este episódio é narrado com minúcia por Heródoto, I. 82. Por seu lado, Leónidas tem o seu nome ligado à resistência lacedemónia em Termópilas, apesar da enorme desproporção existente face ao número do invasor persa.

grandes recompensas. **2.** “Quanto a isso, estamos plenamente confiantes”, afirmou Quéreas. “Por tua parte, mantém o resto do exército de prevenção e não avances para Tiro antes de nós a termos tomado. Nessa altura, subiremos às muralhas para vos chamar”. “Que os deuses assim o consintam”, rematou o rei.

**3.** Quéreas conduziu para Tiro os seus homens em fileiras cerradas, de modo a parecerem muito menos numerosos; de facto, “comprimiam-se escudo contra escudo, elmo contra elmo, homem contra homem”<sup>83</sup>. A princípio os inimigos nem sequer se aperceberam da sua presença. Só quando se aproximaram, as sentinelas sobre as muralhas os viram e deram sinal para o interior da cidadela; tudo lhes passou pela cabeça menos que fossem inimigos. **4.** Quem iria imaginar que, sendo tão poucos, se propunham atacar a mais poderosa das cidades, contra a qual nem o poderoso exército egípcio completo jamais ousou avançar? Quando chegaram junto das muralhas, perguntaram-lhes quem eram e ao que vinham. **5.** Quéreas respondeu: “Somos mercenários gregos, a quem o rei egípcio deixou de pagar o soldo; mais ainda, projeta até livrar-se de nós. Por isso vimos ter convosco, para em conjunto repelirmos o inimigo comum”. **6.** Alguém passou palavra lá para dentro e o comandante veio abrir as portas com uma escolta pequena. Foi ele o primeiro que Quéreas liquidou, antes de se voltar sobre os restantes,

“num turbilhão de golpes. Gemidos terríveis se soltavam dos que caíam mortos”<sup>84</sup>.

Cada um matava um inimigo, como leões ao ataque de um rebanho de bois sem guarda. Gemidos e lamentos percorriam a cidade inteira, porque, apesar de as testemunhas desta ocorrência serem poucas, o pânico foi geral. **7.** Uma multidão

<sup>83</sup> *Iliada* 13. 131.

<sup>84</sup> *Iliada* 10. 483.

desordenada precipitava-se pela porta, a procurar ver o que se passava. E foi exatamente esta reação que liquidou os Tírios.

**8.** Uns procuravam sair à força lá de dentro, outros, cá fora, atingidos por golpes de lança e espada, tentavam fugir outra vez para o interior. Nessa confluência de uns e de outros num espaço estreito, era muito fácil chaciná-los. Realmente nem sequer era possível fechar as portas, com a pilha de cadáveres que nelas se ia amontoando. **9.** No meio de uma confusão indescritível, só Quéreas manteve o sangue frio. Rompeu à força por entre a multidão que vinha em sentido contrário, passou para o interior das portas, subiu às muralhas com nove companheiros e, lá de cima, fez um sinal de chamada aos Egípcios. Estes compareceram mais depressa do que custa a dizê-lo e Tiro foi tomada. **10.** Todos os outros festejaram a conquista da cidade, só Quéreas se manteve arredado dos sacrifícios e das coroas: “Que me interessam estes cantos de vitória, se tu, Calírroe, não estás aqui para assistir? Nunca mais voltarei a pôr uma coroa, depois daquela nossa noite de núpcias. Se tiveres morrido, é uma impiedade da minha parte, se estás viva, como é que eu posso festejar sem ti, para mais na triste situação em que te encontras?”

**11.** Entretanto o rei dos Persas tinha atravessado o Eufrates e apressava-se, o mais rápido que podia, ao encontro do inimigo. Ao saber da tomada de Tiro, temeu por Sídon e por toda a Síria, ao verificar que o inimigo se media com ele. **12.** Por isso entendeu não prosseguir caminho com todo o seu acompanhamento, mas com um grupo mais reduzido, para não criar obstáculos à velocidade. Selecionou as forças de elite e deixou para trás, com a rainha, as tropas de menor utilidade, juntamente com o dinheiro, as roupas e o tesouro real. **13.** Como o pânico e a confusão eram generalizados e até ao Eufrates todas as cidades estavam em guerra, entendeu o rei mais prudente instalar as



forças que deixava para trás em Arados<sup>85</sup>. **V. 1.** Trata-se de uma ilha afastada da costa cerca de trinta estádios, onde se situa um antigo templo de Afrodite. As mulheres instalaram-se aí com toda a segurança, nem que estivessem na própria casa. **2.** Quando Calírroe viu Afrodite, perfilou-se diante da deusa, primeiro silenciosa e lacrimajante, repreendendo-a com o pranto. Depois, a custo, lá articulou: “Aqui estou eu também em Arados, uma ilha minúscula se comparada com a extensão da Sicília, onde não tenho nenhum dos meus. **3.** Basta, senhora. Até onde vai a guerra que me fazes? Se, de todo em todo, te ofendi, já me fizeste pagar essa ofensa. Se achaste que a minha desgraçada beleza era um crime, foi ela a causa do meu sofrer. A única das desgraças por que ainda me faltava passar, a guerra, estou a experimentá-la agora. **4.** Em comparação com a crise atual, até Babilónia era um paraíso. Lá, tinha Quéreas perto de mim. Agora sem dúvida que morreu. Bastou o meu afastamento para lhe tirar a vida. Nem tenho a quem pedir uma informação sobre o que aconteceu. **5.** Todos me são estranhos, todos bárbaros, rivais que me detestam, e pior do que aqueles que me detestam são os que me amam. Revela-me tu, senhora, se Quéreas está vivo”. Ao dizer estas palavras, fazia menção de se retirar. Foi então que apareceu, disposta a consolá-la, Rodoguna, a filha de Zópiro e mulher de Megabizo, que tinha por pai e marido persas da maior distinção. Fora ela a primeira, de entre as mulheres persas, a encontrar-se com Calírroe, mal chegada a Babilónia.

**6.** O egípcio, entretanto, quando soube que o rei persa estava perto, bem equipado em terra e no mar, chamou Quéreas e disse-lhe: “Não tive ainda ocasião de te recompensar pelo teu sucesso anterior. Foste tu que me deste Tiro. Convido-te agora a continuares a meu lado, para não pormos em causa os trunfos

---

<sup>85</sup> Ilha fenícia, próxima da costa; cf. Estrabão 16. 766-784.

já ganhos, que eu quero partilhar contigo. **7.** A mim basta-me o Egito, a ti deixo-te a Síria. Vamos, avaliemos o que temos de fazer. É dos dois contingentes que depende a sorte derradeira das armas. Deixo-te total liberdade de escolha; são as forças de terra ou as navais que preferes comandar? **8.** Julgo que te sentes mais à vontade no mar. De facto foi lá que vocês, os Siracusanos, venceram os Atenenses. Hoje a luta que tens de enfrentar é contra os Persas, outrora derrotados pelos Atenenses. E tens à tua disposição as trirremes egípcias, que são maiores e mais numerosas do que as da Sicília. Imita o teu sogro, Hermócrates, no mar”. Ao que Quéreas respondeu: “Todo o perigo me atrai. É por ti que me vou encarregar deste combate contra o meu pior inimigo, o grande rei. **9.** Concede-me, para além das trirremes, os meus trezentos homens”. “São teus”, condescendeu o rei, “e mesmo outros, os que quiseres”. E logo juntou os atos às palavras, porque a urgência impunha-se. O egípcio, à frente da infantaria, avançou contra o inimigo, enquanto Quéreas assumia o comando das forças navais.

**10.** Este foi, antes de mais, um fator de desmoralização da infantaria, que Quéreas não combatesse a seu lado; gozava de facto da simpatia daqueles homens, que, com ele a dirigi-los, alimentavam as melhores esperanças. Era como se, a um corpo robusto, tivessem arrancado um olho. **11.** A armada, pelo contrário, encheu-se de expectativas e redobrou de ardor, por ter, como chefe, um modelo de coragem e beleza. Nem a mais leve apreensão os afligia, pois a todos igualmente, comandantes, pilotos, marinheiros e soldados, animava-os um único empenho: provarem a Quéreas quem era o primeiro em determinação.

**12.** Foi no mesmo dia que o combate se travou em terra e no mar. A resistência da infantaria egípcia a Medos e Persas foi longa, antes de, por fim, pressionada pelo número, ceder. O grande rei lançou a cavalaria em sua perseguição. O egípcio

tinha pressa de se refugiar em Pelúcio e o persa de o intercetar quanto antes. Decerto que aquele teria escapado, se Dionísio não cometesse uma proeza notável. **13.** Já no meio da refrega, tinha lutado com brilho, sempre a combater junto do rei, para dar nas vistas, e a ser o primeiro a pôr em debandada o inimigo em sua volta. A fuga prolongava-se sem fim, por dias e noites sucessivos, o que deixava o rei desalentado. “Não te apoquentes, senhor”, disse-lhe Dionísio. “Deixa comigo, que eu corto a retirada ao egípcio, se me deres um corpo de cavalaria de elite”. **14.** O rei aplaudiu e acedeu. Com cinco mil homens, Dionísio fez duas etapas num único dia e, de noite, caiu sobre os Egípcios de surpresa. Aprisionou muitos, mas matou mais ainda. O monarca egípcio, capturado com vida, suicidou-se e Dionísio ofereceu a cabeça dele ao rei. **15.** Ao vê-lo, o persa comentou: “Vou registar o teu nome como benfeitor real e, para começar, dou-te o prémio que te é mais caro ao coração, aquele por que mais anseias, Calírroe, a tua mulher. Foi a guerra que decidi essa causa. É teu o mais belo troféu devido à valentia”. Dionísio prosternou-se; sentia-se semelhante a um deus, convencido como estava de ser, em definitivo, o marido de Calírroe.

**VI. 1.** Eram estes os acontecimentos em terra. Entretanto no mar Quéreas vencia, sem que a frota inimiga tivesse oferecido resistência. De facto, o adversário nem chegou a receber a investida das trirremes egípcias, nem a ter de lhes fazer frente, proa com proa. Bem pelo contrário: uns navios deram logo meia volta, os outros, encalhados em terra, capturou-os Quéreas com tripulação e tudo. O mar encheu-se dos destroços da frota persa. **2.** Ora nem o rei sabia da derrota dos seus homens no mar, nem Quéreas da sofrida em terra pelos Egípcios; cada um estava convencido da sua vitória nas duas frentes.

No próprio dia do combate naval, Quéreas fez rumo a Arados; mandou então cercar a ilha e mantê-la sob vigilância.

(...)<sup>86</sup> para informarem o seu senhor. **3.** Os invasores reuniram eunucos, servos e toda a gente de mais baixa condição na praça pública, que era muito espaçosa. A multidão que lá se juntou era tal que teve de passar a noite nos pórticos e mesmo ao relento. **4.** As pessoas de certa distinção foram conduzidas para um edifício da praça, onde habitualmente os magistrados se reuniam. As mulheres sentaram-se no chão à volta da rainha, sem acenderem fogueiras nem tocarem em comida. Estavam convencidas de que o rei tinha sido capturado, o poder dos Persas abatido e que o egípcio vencera em todas as frentes. **5.** Foi essa a noite mais doce e mais cruel que jamais se viveu em Arados. Os Egípcios estavam radiantes por se verem livres da guerra e da escravatura persa; enquanto os prisioneiros persas só podiam esperar cadeias, chicotes, violências, mortes, e, na melhor das hipóteses, a servidão. Estatira escondeu a cabeça entre os joelhos de Calíroe e pôs-se a chorar. Pois esta, como grega que era, bem educada e não estranha à desgraça, era quem melhor podia confortar a soberana. **6.** Foi então que se deram os acontecimentos seguintes: um soldado egípcio, encarregado de guardar os alojados no edifício, tomou conhecimento de que a rainha estava lá dentro. E por uma espécie de fervor inato que se apodera dos bárbaros perante a simples palavra “real”, não ousou aproximar-se dela, mas disse-lhe da porta, que se mantinha fechada: **7.** “Coragem, senhora, que por enquanto o nosso comandante não sabe que também tu estás aqui fechada com os outros prisioneiros. Mas quando souber, vai tratar-te com todo o respeito. Não só é homem de coragem, mas também ...”<sup>87</sup>

... vai fazer de ti sua mulher. Porque tem uma atração natural por mulheres”. Ao ouvir tais palavras, Calíroe soltou

---

<sup>86</sup> Existe uma lacuna no texto original.

<sup>87</sup> Nova lacuna no texto grego.

um grito estridente e, a arrancar os cabelos, lamentava-se: “É agora que sou de facto uma cativa. Prefiro que me mates a que me faças semelhantes propostas. **8.** Casamento é coisa que não posso suportar. Antes a morte, por favor. Que me torturem a ferro e fogo. Mas daqui é que eu não saio. O meu túmulo é este lugar. Mas se, como dizes, o teu comandante é um homem bom, que me conceda este favor: o de acabar comigo aqui”. **9.** O homem voltou a insistir nos seus pedidos, mas ela não se erguia; pelo contrário, velou o rosto, caiu por terra e aí se deixou ficar estendida. O egípcio interrogava-se sobre o que havia de fazer. Não se atrevia a usar de violência, mas também não conseguia convencê-la. Por isso afastou-se e dirigiu-se a Quéreas, com ar abatido. **10.** Este, ao vê-lo, exclamou: “Aí anda coisa! Não me digas que roubaram o melhor do nosso saque! Não se vão ficar a rir, os autores desse roubo”. Mas o egípcio corrigiu: “O problema não é esse, senhor. É a tal mulher que eu encontrei a resistir no chão, que não quer vir; atirou-se por terra e pede uma espada para se matar”. Quéreas pôs-se a rir: “Isto é que tu me saíste um pateta alegre! Não sabes como se faz a corte a uma dama com súplicas, elogios, promessas e, sobretudo, protestos de amor? Se calhar usaste a força e o insulto!” **11.** “Não, meu senhor”, disse o outro, “fiz tudo o que estás a dizer, e até a dobrar; cheguei a inventar uma mentira por tua conta, que a pretendias para esposa. Aí é que ela se mostrou mesmo indignada”. **12.** Quéreas rematou então: “Estou a ver que encanto e sedução me não faltam, se, mesmo antes de me ver, já ela me recusa e me manifesta aversão. Parece uma questão de dignidade, própria de uma mulher de sangue azul. Que ninguém use de violência contra ela. Deixem-na sossegada, à vontade dela. Só me fica bem respeitar a honestidade. Quem sabe, talvez até ela chore o marido”.

## LIVRO VIII

**I. 1.** Como Quéreas, convencido de que Calíroë tinha sido devolvida a Dionísio e desejoso de se vingar do rei, se passou para o lado egípcio; como, ao comando da armada, obteve uma vitória naval; como, depois da vitória, ocupou Arados, onde o grande rei tinha instalado a mulher, todo o seu séquito e a própria Calíroë, foram assunto da narrativa anterior. **2.** Preparava então o Destino um golpe, não só extravagante, mas amargo: que Quéreas, que tinha em seu poder Calíroë, se não apercebesse desse facto e que, depois de fazer embarcar, nas trirremes, as mulheres dos outros, partisse e deixasse ali apenas a sua, não como uma Ariadne adormecida à espera do noivo, Dioniso<sup>88</sup>, mas como uma presa abandonada ao próprio inimigo. **3.** Entendeu Afrodite poupá-lo a este horror, quando já se reconciliava com Quéreas. Este tinha-a de facto irritado profundamente com o seu ciúme despropositado, no modo como, depois de receber dela a mais bela das dádivas, que nem Páris Alexandre<sup>89</sup>, correspondeu com violência a esse favor. Mas uma vez que Quéreas tinha pago toda a sua dívida para com o Amor, a vaguear de poente para nascente, por entre sofrimentos sem fim, Afrodite apiedou-se dele. Aquele laço com que, à partida, tinha unido aquelas duas criaturas perfeitas, que empurrou por terras e mares, quis a deusa reatá-lo. **4.** Julgo que este remate da história vai agradar em cheio aos meus leitores, pois vem desanuviar as tristezas dos episódios precedentes. Fim às piratarias, escravidões, processos, combates, tentativas de suicídio, guerras,

---

<sup>88</sup> *Vide supra* nota 34.

<sup>89</sup> *Vide supra* nota 63.

capturas; voltemo-nos agora para amores legítimos e casamentos legais. **5.** Como é que a deusa revelou a verdade e desvendou, um ao outro, dois seres que não mais se reconheciam, é o que passo a contar.

Era ao fim da tarde, em terra estava ainda a maior parte dos prisioneiros. Quéreas, estafado, dispôs-se a preparar a partida. **6.** No momento em que compareceu na praça, o egípcio disse-lhe: “Está ali, meu senhor, a mulher que se recusa a vir falar contigo e só quer morrer. Quem sabe poderás convencê-la a levantar-se? Porque há de tu abandonar a peça mais bela do saque?” Policarmo aderiu à sugestão, na ideia de arrastar o amigo, se pudesse, para um novo amor que o consolasse da perda de Calírroe. “Vamos lá, Quéreas”, animou ele. **7.** Este entrou no edifício e mal viu a moça estendida, oculta pelos véus, suspendeu-se-lhe a respiração, o rosto transtornado; o coração apertou-se-lhe e ficou em transe. Tê-la-ia certamente reconhecido se não estivesse de todo convencido de que Calírroe tinha sido entregue a Dionísio. **8.** Aproximou-se com cuidado e disse-lhe: “Ânimo, mulher, sejas tu quem fores, que não te vamos fazer mal. Terás o marido que quiseres». Ainda nem tais palavras eram ditas, já Calírroe lhe reconhecia a voz e descobria o rosto. Em unísono, ambos gritaram: «Quéreas!» «Calírroe!» Lançaram-se nos braços um do outro e caíram no chão, sem sentidos. **9.** Policarmo a princípio ficou sem fala, perante factos tão extraordinários. Algum tempo depois, porém, articulou: “Levantem-se, eis-vos finalmente devolvidos um ao outro. Os deuses atenderam as vossas preces. Mas não se esqueçam de que não estão na vossa terra, mas em terreno inimigo, e que importa antes de mais tomar todas as medidas para que vos não separem de novo». **10.** Ele bem insistia nestes apelos, mas eles, como se tivessem mergulhado num poço profundo, mal lhe ouviam a voz ao longe; aos poucos lá se foram recuperando, mas

ao darem com os olhos um no outro e ao voltarem a abraçar-se, de novo perderam a consciência; a cena repetiu-se duas e três vezes, sem que conseguissem dizer mais do que estas palavras: “Enfim pertences-me, se és realmente Calírroe, se realmente és Quéreas”.

**11.** Espalhou-se o boato de que o comandante tinha encontrado a mulher. Não houve um soldado que permanecesse na tenda, nem um marinheiro na trirreme, nem um guarda no seu posto. De todos os lados, acorriam e bradavam: “Mulher feliz, que tens por marido o mais belo dos homens!” Mas mal Calírroe apareceu, ninguém mais louvou a beleza de Quéreas; foi para ela que se voltaram todos os olhares, como se não houvesse ali mais ninguém. **12.** Ela caminhava imponente, com Quéreas e Policarmo a ladeá-la como uma escolta. Atiravam-lhes flores e grinaldas, derramavam-lhes aos pés vinho e perfumes, fundiam-se os prazeres da guerra e da paz: hinos de vitória e de himeneu. **13.** Quéreas costumava dormir na trirreme com os mil e um afazeres que lhe ocupavam noite e dia. Mas desta vez confiou todos os assuntos a Policarmo e, por seu lado, nem esperou pela noite; foi logo entrando para o tálamo real. É que em todas as cidades existe uma habitação destinada ao grande rei. **14.** Aí existia um leito incrustado em ouro, coberto de mantas de púrpura de Tiro, em tecido babilónio.

Quem seria capaz de descrever aquela noite? Quantas histórias a cruzaram, quantas lágrimas misturadas com beijos? Foi Calírroe que começou o relato: como tinha voltado a si no túmulo, o rapto por Téron, a viagem, a venda. **15.** Até este ponto Quéreas ouviu-a por entre lágrimas. Mas quando chegou à parte de Mileto, Calírroe calou-se, envergonhada. Quéreas deixou-se invadir por aquele ciúme que lhe era natural, mas confortou-o a história do filho. Sem ouvir até ao fim, pediu: “Conta-me lá como é que vieste ter a Arados, onde deixaste Dionísio e o



que aconteceu no caso do rei”. **16.** Ela fez logo questão de jurar que não tinha visto Dionísio depois do julgamento. Que o rei estava apaixonado por ela, mas que entre ambos nada se tinha passado, nem um beijo sequer. “Sou um tipo injusto”, confessou Quéreas, “com os nervos à flor da pele. Em que apuros eu fui meter o rei, sem que ele te tivesse feito nenhum mal! Depois de me ter separado de ti, vi-me forçado a desertar. **17.** Mas não te dei motivos de vergonha, porque enchi terra e mar de troféus”. E contou-lhe tudo em pormenor, não sem se envaidecer dos feitos cometidos. Quando esgotaram as lágrimas e as histórias, caíram nos braços um do outro

“e reataram o encanto de um antigo amor”<sup>90</sup>.

**II. 1.** Noite alta, apertou à ilha um egípcio, pessoa não sem distinção, que, mal saltou do barco, se informou do paradeiro de Quéreas. Levado à presença de Policarmo, declarou que a mais ninguém podia revelar a notícia secreta que trazia e insistiu na urgência da missão de que vinha encarregado. **2.** Policarmo durante muito tempo vedou-lhe o acesso a Quéreas, por não querer perturbá-lo tão a despropósito. Mas como o homem insistia, abriu a porta do quarto e comunicou-lhe que havia uma urgência. Como general que se preza, Quéreas ordenou: “Manda entrar! Que a guerra não se compadece com demoras”. **3.** Conduzido ao aposento, o egípcio, ainda no escuro, parou junto do leito e comunicou: “Venho avisar-te de que o rei dos Persas tirou a vida ao soberano egípcio. De resto já enviou até para o Egito uma parte do seu exército, para controlar lá a situação, e, com o restante, dirige-se agora para aqui, onde vai chegar a qualquer momento. Ao saber da tomada de Arados, ficou muito preocupado com o tesouro imenso que aqui deixou, mas é sobretudo a sorte de Estatira, sua esposa, que o angustia”.

<sup>90</sup> *Odisseia* 23. 296.

4. Ao ouvir tais notícias, Quéreas levantou-se de um salto, mas Calírroe deteve-o para lhe dizer: “Onde vais com essa pressa toda, antes mesmo de refletires sobre os acontecimentos? Se divulgares esta notícia, vais desencadear contra ti uma onda de contestação; ao corrente do que se passa, todos os prisioneiros se vão insubordinar. E se cairmos outra vez nas mãos dos nossos inimigos, vamos sofrer torturas ainda piores do que as passadas”.

5. Quéreas rapidamente se deixou demover por este conselho e saiu do quarto já com um plano. A puxar o egípcio pelo braço, convocou a multidão e disse: “Meus senhores, vencemos também a infantaria do grande rei. Foi este homem que nos veio trazer a notícia, juntamente com uma mensagem do soberano egípcio. Devemos partir o mais rapidamente possível e ir ao encontro dele no local que estabeleceu. Façam portanto os vossos preparativos e embarquem todos”. 6. Mal esta proclamação era feita, o trombeteiro deu sinal para o embarque nas trirremes. Já na véspera tinham embarcado o saque e os prisioneiros e na ilha nada mais tinha ficado do que meia dúzia de coisas pesadas e inúteis. 7. Logo de seguida soltaram as amarras e levantaram ferro, por entre os gritos e a confusão que encheram o cais, no meio da azáfama geral. Quéreas percorreu as trirremes para transmitir, em segredo, aos comandantes ordem para rumarem a Chipre, porque era necessário tomá-la enquanto não tinha ainda guarnição. Aproveitando um vento favorável, no dia seguinte acostaram a Pafos, onde há um santuário de Afrodite<sup>91</sup>.

8. Depois de terem atracado, Quéreas, antes que alguém desembarcasse das trirremes, mandou arautos à frente com uma

---

<sup>91</sup> Pafos situa-se na costa sul de Chipre e tornou-se um local de relevo no culto da deusa, consagrado num famoso templo que aí se construiu em sua homenagem. Em memória da aparição da deusa vinda do mar, todas as primaveras a sacerdotisa de Afrodite entrava nas águas, de onde saía outra vez, renovada. Para mais informações, cf. Graves 1977: I, 49 sq.

mensagem de paz e tréguas aos habitantes da região. Só depois de aceite esta proposta, permitiu o desembarque de todas as suas forças e honrou Afrodite com oferendas. Reuniu vítimas em quantidade e ofereceu uma refeição ao exército. **9.** Perante a sua inquietação com o futuro, os sacerdotes (que são também adivinhos) anunciaram-lhe que os augúrios lhe eram favoráveis. Encorajou-se então a convocar os comandantes, os trezentos Gregos e todos os Egípcios que sabia seus aliados e falou desta maneira: **10.** “Camaradas e amigos, companheiros de muitas horas de glória, é ao vosso lado que a paz se me torna mais bela e a guerra mais promissora. A experiência mostrou como a coesão nos deu a vitória no mar. Mas vivemos um momento crítico, em que é preciso tomar uma decisão séria sobre o futuro. Saibam que o rei do Egito morreu em combate e que o grande rei domina todo o continente; estamos portanto bloqueados no meio do inimigo. **11.** Será que algum de vós entende que devemos dirigir-nos ao grande rei e entregarmo-nos nas suas mãos?” Foi um clamor geral: “Tudo menos isso!” “Então onde havemos de nos dirigir? Tudo o que nos cerca nos é hostil, já nem no mar podemos depor a nossa confiança, uma vez que a terra foi tomada pelo inimigo. E voar é coisa de que não somos capazes». **12.** Fez-se um silêncio geral. Então um lacedemónio, parente de Brásidas<sup>92</sup>, exilado de Esparta por razões fortes, foi o primeiro que ousou falar: “Porque havemos de procurar para onde fugir do rei? Temos o mar e as trirremes. Ambos podem

---

<sup>92</sup> Brásidas ficou ligado à participação militar de Esparta na guerra do Peloponeso, sobretudo pelos sucessos obtidos na Trácia contra os Atenenses, em 422 a. C. Apesar de bem sucedido, acabaria por perder a vida no combate de Anfípolis, não sobrevivendo à vitória alcançada pelas hostes que comandava. Esta perda deixou, por um tempo, atónita a política espartana, permitindo ou mesmo impondo um período de tréguas no já longo conflito, que conduziu à chamada paz de Nícias, assinada em 421 a. C.

levar-nos à Sicília, a Siracusa, onde não temos de temer os Persas e nem sequer os Atenenses”. **13.** Todos aprovaram a proposta. Só Quéreas simulava não estar de acordo, pretextava a extensão da viagem, no fundo para testar a convicção deles. No entanto, perante a insistência dos seus homens e o desejo de partirem sem demora, Quéreas afirmou: “Pois quanto a vós, Gregos, é acertada a decisão que vos vejo tomar e agradeço-vos a dedicação e a lealdade. Não hei-de permitir que vocês se arrependam, assim os deuses me ajudem. **14.** Quanto aos Egípcios, são muitos e não é legítimo forçá-los contra vontade. A maior parte, de resto, tem mulher e filhos, de quem lhes não seria agradável separarem-se. Por isso, dispersem-se por entre a multidão e tratem de se informar das disposições de cada um, para reunirmos apenas os voluntários”.

**III. 1.** Assim se fez, de acordo com as suas ordens. Calíroo, porém, pegou na mão de Quéreas, chamou-o de lado e disse-lhe: “Qual é a tua ideia, Quéreas? Vais levar também Estatira para Siracusa e a bela Rodoguna?” Quéreas corou e respondeu: “Não é no meu interesse que as levo, mas como tuas servas”. **2.** Então Calíroo repontou: “Deus nos livre de semelhante loucura! Ter por escrava a rainha da Ásia, que ainda por cima foi minha anfitriã! Se me queres dar um gosto, devolve-a ao rei. Foi ela, aliás, que me guardou para ti, recebendo-me como se eu fosse a mulher de um irmão”. **3.** “Não há desejo teu que eu não satisfaça. Tu és a dona de Estatira, de todo o saque e, mais ainda, do meu coração”. Calíroo, radiante, deu-lhe um beijo; e logo ele ordenou aos seus guardas que a conduzissem a Estatira. **4.** Dá-se o caso que ela, com as mais distintas de entre as mulheres persas, se encontrava no convés de um navio, na ignorância completa dos acontecimentos, sem mesmo saber que Calíroo reencontrara Quéreas. A vigilância em torno delas era apertada, pelo que não era permitido que ninguém se aproximasse, as visse e lhes

relatasse os factos. **5.** Quando a jovem chegou ao navio, sob escolta do trierarco, gerou-se logo o pânico e a confusão geral. Era quem mais corria de um lado para o outro. Depois, à boca pequena, cada um foi soprando para o do lado: “É a mulher do comandante que está aí». Estatira soltou um suspiro sentido e profundo e, por entre lágrimas, disse: «Fizeste-me viver até este dia, Fortuna, para que eu, uma rainha, visse a minha senhora. Talvez ela venha ver a sua nova escrava». **6.** Com estas palavras provocou lamentos em sua volta e ficou a saber o que representa, para a gente da nobreza, a escravatura. Mas logo o deus provocou uma mudança súbita. Calírroe correu para Estatira e abraçou-a: “Saudações, senhora, pois senhora é o que tu és e continuarás a ser. **7.** Não são inimigas as mãos em que caíste, mas as de uma grande amiga, que te deve muitas benesses. O meu Quéreas é o almirante. E almirante se fez, entre os Egípcios, por ira contra o rei, por causa da demora em me restituir. Mas também ele esqueceu ressentimentos, mudou de disposição e pôs de lado qualquer inimizade para convosco. **8.** Levanta-te, minha amiga, e parte, feliz. Também tu vais recuperar o teu marido. O rei está vivo e Quéreas vai conduzir-te até ele. Levanta-te tu também, Rodoguna, a primeira amiga que tive entre as Persas, vai ter com o teu marido, e todas vós que a rainha deseje levar. E recordem-se de Calírroe”. **9.** Profundamente comovida, Estatira não ousava acreditar nem desconfiar do que ouvia. Mas Calírroe não tinha ar de quem brinca com coisas sérias. E de resto as circunstâncias impunham que se agisse sem perda de tempo.

**10.** Ora entre os Egípcios havia um tal Demétrio, filósofo, íntimo do rei, avançado na idade e que se distinguiu, entre o seu povo, pela educação e pelas qualidades que tinha. Quéreas chamou-o e disse-lhe: «Bem eu gostaria de te levar comigo, mas tenho de te incumbir de uma missão muito importante. É a ti que encarrego de conduzires a rainha ao soberano persa.

**11.** Essa missão vai tornar-te, aos olhos dele, mais digno e vai apaziguar os outros”. Com estas palavras, confiou a Demétrio o comando dos navios que voltavam para trás. Todos queriam acompanhar Quéreas, sacrificando por ele pátria e família. **12.** Ele, porém, escolheu apenas vinte trirremes, as melhores e de maiores dimensões, como quem se prepara para atravessar o mar Iônio. Mandou embarcar nelas todos os Gregos que lá se encontravam, com os Egípcios e Fenícios de que ele conhecia o vigor. Embarcou também muitos Cipriotas que manifestaram esse desejo. Os restantes mandou-os para casa, depois de distribuir por eles uma parte do saque, de modo que regressassem contentes à sua terra e cobertos de prestígio. Ninguém, que tivesse solicitado algo a Quéreas, o viu recusado. Calíroo, por seu lado, devolveu a Estatira todos os adornos reais. **13.** Mas esta não quis recebê-los: “Fica tu com eles”, respondeu. “Vão bem com a tua beleza esses adornos reais. Vão fazer-te falta, para presentearas a tua mãe e para os ofertares aos deuses da tua pátria. Quanto a mim, deixei muitos mais em Babilónia. **14.** Os deuses te dêem uma boa viagem e a salvação. Que te não afastem de Quéreas nunca mais. Em tudo que me diz respeito, a tua atitude foi impecável. Revelaste uma integridade de carácter equivalente à beleza que possuis. Foi um belo tesouro o que o rei me confiou”.

**IV. 1.** Quem poderia relatar aquele dia, com todas as peripécias que nele aconteceram, as mais diversas: votos, instruções, alegrias, tristezas, mútuas recomendações, recados à família? Quéreas escreveu também uma carta ao rei nestes termos: **2.** “Tu ias ser juiz no meu processo, mas eu antecipei-me a ganhar a causa diante do supremo juiz: pois é a guerra o melhor árbitro que existe, dos mais fortes e dos mais fracos. Foi ela que me devolveu Calíroo - e não foi só a minha mulher que me pôs nas mãos, como também a tua. **3.** Só que eu não imitei as tuas

delongas, mas, ato contínuo, mesmo sem a teres reclamado, devolvo-te Estatira, incólume e respeitada como uma rainha durante o cativeiro. Fica a saber que este presente te é mandado da parte de Calírroe, não da minha. Pedimos-te, em contrapartida, que te reconcilies com os Egípcios. É próprio de um rei, mais do que de qualquer outro, saber resignar-se. Terás nesses soldados homens de valor e amigos dedicados. Pois foi escolha deles, em vez de me acompanharem, permanecerem como amigos do teu lado”. **4.** Eram estes os termos da carta que Quéreas escreveu. Entendeu, por seu lado, Calírroe que era correto escrever também a Dionísio, a manifestar reconhecimento. Este foi o único segredo que guardou de Quéreas. Por lhe conhecer o ciúme natural, decidiu fazê-lo às escondidas. Pegou numa tabuinha e traçou estas linhas: **5.** “Calírroe apresenta a Dionísio, seu protetor, os melhores cumprimentos. Foste o meu libertador, dos salteadores e da escravatura. Por favor, não te zangues. Estou contigo pelo coração graças ao nosso filho, que te confio para que o cries e eduques de uma forma digna de nós. Não procures arranjar-lhe uma madrasta. Não tens só um filho, tens também uma filha. Dois filhos é quanto te basta. **6.** Trata de o casar, quando for homem. Nessa altura manda-o a Siracusa, para ver também o avô. Mando-te um abraço, Plângon. Escrevo-te estas palavras por minha própria mão. Adeus, meu bom Dionísio, lembra-te sempre da tua Calírroe”.

**7.** Depois selou a carta e escondeu-a no vestido. Quando enfim chegou o momento de partir e de todos embarcarem nas trirremes, ela própria, de braço dado com Estatira, a acompanhou ao barco. Demétrio tinha feito preparar, no navio, uma tenda real, coberta de púrpura e de tecidos babilónios bordados a ouro. **8.** Calírroe, com todas as atenções, fê-la reclinar no leito e disse-lhe: “Adeus, Estatira, lembra-te de mim e escreve-me muitas vezes para Siracusa. A um rei tudo é fácil. Quanto a mim, transmitirei a gratidão que te

devo aos meus pais e aos deuses da Grécia. Confio-te o meu filho, que acedeste amavelmente a ver. Considera-o como uma nova incumbência, no meu lugar”. **9.** Ao dizer estas palavras, desfez-se em lágrimas e despertou pena em todas as mulheres. No momento de sair do barco, Calíroo inclinou-se ao de leve diante de Estatira e, corada, entregou-lhe a carta com este pedido: “Entrega esta carta a Dionísio, coitado. Confio-to, a ti e ao rei. Tratem de o confortar. Receio bem que a nossa separação o leve ao suicídio”. **10.** E as mulheres teriam continuado a conversar, a chorar, a abraçarem-se umas às outras, se os pilotos não dessem o sinal da partida. Na altura de, por sua vez, embarcar, Calíroo prosternou-se diante de Afrodite e rezou: “Graças, senhora, pela felicidade presente. Fizeste enfim as pazes comigo. Permite que reveja também Siracusa. Vasto é o mar que me separa dela e terrível a travessia que me espera. Mas nada temo, se viajares do meu lado”. **11.** Nenhum dos Egípcios embarcou nas naus de Demétrio antes de se despedir de Quéreas e de lhe beijar o rosto e as mãos. Tão forte era a afeição que fizera nascer em todos. Quéreas deixou partir primeiro essa frota, de forma que, já de longe, ainda se ouviam elogios misturados com votos.

**V. 1.** Enquanto eles navegavam, o grande rei, depois de vencer os inimigos, mandou ao Egito alguém para restabelecer com firmeza a situação e ele, por sua vez, apressou-se a caminho de Arados, ao encontro da mulher. **2.** Estava já perto de Quios e Tiro, a fazer a Hércules sacrifícios pela vitória alcançada, quando se aproximou um mensageiro com esta notícia: “Arados foi arrasada e está deserta. Os barcos egípcios levaram tudo o que lá havia”. Grande foi a dor que causou ao rei esta comunicação, que significava a morte da rainha. Também os dignitários persas choravam,

“na aparência por Estatira, mas cada um deles pelos seus parentes”<sup>93</sup>,  
mulheres, irmãs, filhas, todos por alguém, da família de

<sup>93</sup> *Iliada* 19. 301 sq.



cada um. Os inimigos tinham partido, ninguém sabia por que mar. **3.** Passados dois dias, viram aproximar-se barcos egípcios. Não era claro o que estava por detrás daquela vinda, ficaram portanto espantados a olhar para eles; mais perplexidade lhes causou ainda o facto de o barco de Demétrio ostentar as insígnias reais, que só é costume içar quando o rei está a bordo. Este pormenor causou confusão, por pensarem que se tratava de inimigos. **4.** Correram a avisar Artaxerxes: “Se calhar vamos encontrar lá o novo soberano egípcio”. O rei saltou do trono, correu à beira-mar e deu sinal de alerta. Trirremes não tinha. Por isso todo o exército se dispôs junto ao porto, em linha de batalha. **5.** Já se distendiam os arcos e se preparava a investida das lanças, quando Demétrio se deu conta da situação e avisou a rainha.

Estatira saiu da tenda e mostrou-se. Imediatamente todos baixaram as armas e se prostraram. O rei não se conteve e, antes ainda de o navio encostar completamente, foi o primeiro a saltar para bordo; abraçou a mulher e, por entre lágrimas, disse-lhe: «Qual foi o deus que te trouxe até mim, minha querida mulher? Os dois aspetos da questão são incríveis: perder uma rainha e, depois de perdida, voltar a encontrá-la. **6.** Como é que te deixei em terra e me apareces vinda do mar?” Respondeu Estatira: “Aqui me tens de presente, da parte de Calírroe”. Ao ouvir aquele nome, foi como se o rei recebesse um novo golpe sobre uma ferida antiga. Olhou para Artaxates, o eunuco, e pediu: “Leva-me até Calírroe, para eu lhe agradecer”. **7.** Estatira, porém, contrapôs: “Sou eu quem te vai contar tudo” e, ao mesmo tempo, partiram do porto em direção ao palácio. Aí a soberana mandou sair toda a gente, menos o eunuco, e começou a relatar os acontecimentos em Arados e em Chipre. Por fim entregou ao marido a carta de Quéreas. **8.** O rei, ao lê-la, sentiu-se tomado por mil sentimentos. Irritava-o ver apreendido

o que tinha de mais caro, arrependia-se de ter forçado Quéreas a desertar, agradecia-lhe não poder mais ver Calíroo. Mas, acima de tudo, era a inveja que campeava, a ponto de dizer: “Felizardo do Quéreas, mais ditoso do que eu!” **9.** Esgotadas as histórias, disse Estatira: “Trata de confortar Dionísio, meu senhor. São as recomendações de Calíroo”. Artaxerxes voltou-se para o eunuco e ordenou: “Que Dionísio compareça no palácio”.

**10.** Ele veio logo, empolgado de esperanças, pois nada sabia da história de Quéreas; estava até convencido de que Calíroo se encontrava com as outras mulheres e que o rei o mandava chamar para lhe entregar a esposa, como prémio dos feitos que praticara. Mal entrou, o monarca contou-lhe em pormenor, desde o início, todo o ocorrido. Em tais circunstâncias, Dionísio deu mostras de um bom senso e educação fora do comum. **11.** Como quem vê cair-lhe um raio aos pés sem se perturbar, também ele ouviu estas palavras, mais terríveis do que uma tempestade - que Quéreas levava Calíroo de volta para Siracusa -, e se manteve imperturbável; não lhe parecia prudente mostrar pesar, quando a rainha se tinha salvado. **12.** Disse então Artaxerxes: “Se eu pudesse, tinha-te dado Calíroo, Dionísio, face a toda a dedicação e lealdade de que me deste provas. Mas uma vez que isso não é possível, dou-te o governo da Iónia inteira e o título de ‘grande benfeitor’ da casa real”. Dionísio prostrou-se, agradeceu e apressou-se a sair para dar largas ao pranto. No momento em que saía, Estatira passou-lhe discretamente a carta. **13.** De regresso a casa, fechou-se à chave; e ao reconhecer a letra de Calíroo, começou por cobrir a carta de beijos. Depois abriu-a, apertou-a contra o peito como se fosse a própria Calíroo ali presente e assim a manteve por muito tempo, incapaz de a ler por causa das lágrimas. Quando as esgotou, lá começou a ler e logo beijou o nome de Calíroo. Mas quando viu “a Dionísio seu protetor”, bradou: “Ai de mim, que já não sou o teu marido!

**14.** “Foste o meu libertador”: o que te fiz eu para merecer este título?” Agradou-lhe a justificação que era dada na carta, leu e releu aquela parte muitas vezes. Parecia-lhe provar que ela o tinha deixado contra vontade. O amor é impensado e facilmente nos convence de sermos retribuídos. **15.** Olhou para o filho, tomou-o nos braços e disse: «Também tu hás de partir um dia, meu filho, ao encontro da tua mãe. Foi o que ela deixou dito. Quanto a mim vou acabar os meus dias sozinho e a culpa de tudo terá sido só minha. Foi um ciúme tolo que me arruinou e tu, Babilónia». Após estas palavras, mandou fazer, o mais rapidamente possível, os preparativos da viagem de regresso à Iónia. Pensava que seria para ele um conforto a extensão da viagem, o governo de tantas cidades e os retratos de Calírroe deixados em Mileto.

**VI. 1.** Assim se passavam as coisas na Ásia. Entretanto Quéreas fez, até à Sicília, uma viagem tranquila (sempre com vento de popa); graças aos navios poderosos que tinha, navegava ao largo, por receio de sofrer de novo o ataque de algum deus cruel. **2.** Quando avistaram Siracusa, mandou os comandantes ornamentarem as trirremes e navegarem em formação. O tempo era realmente de acalmia. Logo que os avistaram da cidade, comentou-se: “De onde é que vêm aquelas trirremes? Será que são áticas? É melhor avisar Hermócrates”. **3.** Logo alguém o foi chamar: “Meu general, decide o que se deve fazer. Será melhor encerrarmos o porto ou fazermo-nos ao mar? Não sabemos se atrás virá uma frota maior e se o que vemos não é simplesmente a vanguarda”. Hermócrates apressou-se a ir do centro até à beira-mar e mandou um barco a remos ao encontro dos que chegavam. **4.** Quando o enviado se aproximou deles e lhes perguntou quem eram, Quéreas mandou que fosse um dos Egípcios a responder: “Vimos do Egito, somos comerciantes. Trazemos mercadorias que vão agradar muito aos Siracusanos».

«Não entrem no porto todos ao mesmo tempo, até nos certificarmos se dizem a verdade», foi a resposta. «Os navios que eu vejo não são de carga, são barcos grandes como os de guerra; mantenham portanto a maioria dos barcos ancorados fora do porto e que só um se faça ao cais». «Muito bem». **5.** Foi a de Quéreas a primeira trirreme a entrar no porto. Trazia em cima uma tenda coberta de tapeçarias babilónias. Quando atracou, o porto encheu-se de gente, de lés a lés. Por natureza a multidão é bicho curioso, mas desta vez tinha boas razões para acorrer em massa. **6.** Ao verem a tenda, não imaginavam que lá dentro houvesse pessoas, mas mercadorias preciosas, e punham-se a adivinhar; tudo lhes passava pela cabeça, menos a verdade. Era realmente incrível, depois de lhes ter chegado a notícia da morte de Quéreas, vê-lo desembarcar, vivo e no meio daquele aparato. **7.** Os pais de Quéreas nem se deram ao trabalho de sair de casa; quanto a Hermócrates, desempenhava as suas funções, embora de luto, e mantinha-se por ali, mas discretamente.

A expectativa era geral, os olhos atentos, quando de repente se afastaram as tapeçarias e Calíroe apareceu, reclinada num leito incrustado em ouro, vestida de púrpura de Tiro; a seu lado Quéreas, com as insígnias de almirante. **8.** Nem se um trovão estrondeasse aos ouvidos, nem se um raio ferisse os olhos que o viam, nem mesmo se alguém descobrisse um tesouro, se daria um grito tão forte como o que se soltou da multidão, perante aquela visão inesperada que ultrapassa quaisquer palavras. Hermócrates precipitou-se para a tenda e abraçou a filha, dizendo: “Estás viva, minha filha, ou será ainda uma ilusão?” “Estou viva, meu pai, viva de verdade, nesta hora em que te vejo também vivo”. Lágrimas de alegria rolaram em todos os rostos. **9.** Entretanto Policarmo entrou no porto com os outros navios. Era ele o responsável pelo resto da frota, desde Chipre, porque Quéreas não conseguia ocupar-se de mais nada senão

da sua bela Calírroe. **10.** Logo o porto ficou repleto, apresentando o mesmo aspeto que tinha no dia da batalha naval contra Atenas. Também estas trirremes voltavam da guerra em festa, sob o comando de um almirante siracusano. Misturaram-se os brados dos do mar para os de terra, em saudação. Destes para os do mar eram desejos, elogios, votos sem conta. Entretanto chegou também o pai de Quéreas, trazido em braços, prestes a desmaiar perante esta alegria inesperada. **11.** Atropelavam-se uns aos outros os companheiros de Quéreas e os seus camaradas de ginásio, todos desejosos de saudarem o amigo. Por seu lado as mulheres ansiavam por cumprimentar Calírroe. Pareceram-lhes que estava até mais bela ainda, de forma que, com propriedade, podiam dizer estar diante de Afrodite em pessoa, a sair das ondas<sup>94</sup>. Quéreas aproximou-se de Hermócrates e do pai e comunicou-lhes: “São vossos os tesouros do grande rei”. **12.** E logo mandou descarregar quantidades imensas de prata e ouro e, de seguida, ofereceu aos olhos dos Siracusanos marfim, âmbar, tecidos e toda uma série de preciosidades em material e em fabrico, além do leito e da mesa do grande rei, que bastavam para encher a cidade inteira. Nada que se parecesse com a miséria ática, ao tempo da passada guerra contra a Sicília; era afinal, coisa verdadeiramente extraordinária, o saque dos Medos em tempo de paz.

**VII. 1.** A multidão em unísono gritava: “Para a assembleia! Exigimo-lo!” Todos queriam vê-los e ouvi-los. Em menos tempo do que custa a dizer, o teatro encheu-se de homens e mulheres. Como Quéreas lá compareceu sozinho, todos, mulheres e homens, reclamaram: “Manda chamar Calírroe”. **2.** Hermócrates

---

<sup>94</sup> Afrodite, segundo o mito, surgiu, nua, da espuma do mar, cavalgando sobre uma concha; assim viajou à procura de um local apropriado para estabelecer o seu culto.

não recusou mais este pedido da multidão e ele próprio foi buscar a filha. A primeira reação popular foi erguer os olhos para o céu e agradecer aos deuses, dando graças por este dia nem que fosse um dia de vitória. Ora se dividiam, os homens a elogiarem Quéreas e as mulheres Calíroe, logo se juntavam a aplaudir ambos ao mesmo tempo; o que era, para o casal, o mais gratificante. **3.** Calíroe, ainda esgotada da viagem e dos sofrimentos por que tinha passado, depois desta saudação à pátria, levaram-na do teatro, enquanto Quéreas se deixou reter pela multidão, desejosa de ouvir a história completa das suas aventuras.

Começou então pelo fim, com a intenção de não chocar o povo com as tristezas por que primeiro passou; mas o auditório insistia: “Por favor, começa do princípio, conta-nos tudo sem omitir nenhum pormenor”. **4.** Quéreas hesitava, como que envergonhado por tantas peripécias que não tinham acabado bem; mas Hermócrates aconselhou: “Não te envergonhes, meu filho, se tiveres de contar algum episódio mais doloroso ou indigno de nós. Quando a história tem um fim feliz, esquecem-se todos os momentos passados. Pelo contrário, se nos calamos, o próprio silêncio dá azo a suspeitas muito desagradáveis. **5.** É à tua pátria e à tua família que diriges a palavra, cuja afeição se reparte igualmente pelos dois. De resto, o início dessa história já o povo o conhece bem, pois até foi ele que promoveu a vossa união. **6.** A conspiração dos pretendentes que te induziu a um ciúme injustificado e o pontapé que, por azar, deste à tua mulher, todos nós os conhecemos; como também que se pensou que ela tinha morrido e que lhe foi feito um funeral com toda a pompa; que tu foste acusado em tribunal de crime de morte e tentaste fazer, contra ti próprio, justiça por tuas mãos, disposto a acompanhares na morte a tua mulher. **7.** Mas o povo absolveu-te, por reconhecer o caráter involuntário do ato. Foi-nos também relatada

a sequência destes acontecimentos: que Téron, o arrombador de túmulos, durante a noite, violou o sepulcro, encontrou Calírroe com vida, a embarcou, juntamente com as oferendas fúnebres, no seu barco de pirata e a foi vender na Iónia. Tu partiste então à procura da tua mulher, sem a encontrares, mas, no mar, caíste em cima do barco pirata, **8.** onde capturaste, mortos de sede, todos os outros salteadores, menos Téron, o único sobrevivente, que conduziste à nossa assembleia. Esse foi torturado e crucificado. A cidade enviou então uma trirreme e uma embaixada em busca de Calírroe e, de livre e espontânea vontade, embarcou contigo o teu amigo Policarmo. Todos estes factos são nossos conhecidos. Trata portanto de nos relatar o que se passou depois de teres partido daqui”.

**9.** Quéreas retomou a história neste ponto e começou a contar: “Fizemos uma travessia tranquila do Iónio e fomos ancorar junto à propriedade de um homem de Mileto, de nome Dionísio, um cidadão distinto entre todos os Iónios, pela riqueza, linhagem e prestígio. Tinha sido ele que havia comprado Calírroe a Téron por um talento. **10.** Não se assustem, que ela nunca foi tratada como escrava. Pois desde logo Dionísio reconheceu nessa mulher, comprada a dinheiro, uma senhora. Apaixonado por ela, nunca ousou violentar uma mulher de sangue nobre, embora não se dispusesse a devolver a Siracusa a dona dos seus pensamentos. **11.** Quando Calírroe percebeu que ia ser mãe de um filho meu, empenhada em salvar esse pequeno cidadão que vos pertence, viu-se forçada a desposar Dionísio; inventou então uma história sobre a paternidade da criança, fazendo-a passar por filho de Dionísio, para que fosse criada como devia ser. **12.** Um cidadão vosso, portanto, está a crescer em Mileto, Siracusanos, criado na abundância por um homem de prestígio. De prestígio é também, de resto, a raça a que ele pertence, como grego que é. Não invejemos a herança avultada que lhe cabe.

**VIII. 1.** Tudo isto, só o vim a saber mais tarde. Porque na altura em que cheguei à tal propriedade, por ter visto um simples retrato de Calíroo num santuário, alimentei as melhores esperanças. Só que, de noite, salteadores frígios fizeram uma incursão até ao litoral, incendiaram a trirreme e chacinaram a maior parte da tripulação; a mim e a Policarmo aprisionaram-nos e venderam-nos na Cária”. **2.** Palavras que arrancaram um brado de dor à multidão. Quéreas então solicitou: “Deixem-me calar o que se segue, que é ainda mais triste do que o anterior”. Mas o povo gritou: “Conta tudo!”

Ele então continuou: “O homem que nos comprou, um escravo de Mitridates, governador da Cária, pôs-nos a cavar de grilhetas nos pés. E, no dia em que um grupo de prisioneiros matou o guarda que os vigiava, Mitridates deu ordem de nos crucificarem a todos. **3.** Levaram-me a mim também. Policarmo, no momento em que ia ser torturado, pronunciou o meu nome e Mitridates reconheceu-o. Como hóspede de Dionísio, em Mileto, tinha assistido ao funeral de Quéreas. É que Calíroo, ao tomar conhecimento da história da trirreme e dos salteadores, julgou-me morto e mandou erguer, em minha honra, um túmulo opulento. **4.** Logo Mitridates ordenou que me fizessem baixar da cruz, num momento em que o meu fim estava já próximo, e acolheu-me como a um grande amigo. Empenhou-se a fundo em me devolver Calíroo e por isso me incentivou a escrever-lhe. **5.** Por descuido do escravo encarregado de a entregar, a carta foi parar às mãos de Dionísio, que, por não acreditar na minha sobrevivência, se convenceu de que Mitridates pretendia seduzir-lhe a mulher. Tratou logo de enviar ao grande rei uma mensagem a denunciá-lo por adultério. O rei desencadeou um processo e convocou todos os interessados. Foi assim que partimos para Babilónia. **6.** Dionísio, ao levar Calíroo, tornou-a famosa e expô-la à admiração geral, por toda a Ásia, enquanto



Mitridates se fazia acompanhar por mim próprio. Uma vez lá, tivemos um julgamento formal presidido pelo rei. Mitridates foi logo inocentado, mas entre mim e Dionísio anunciou-se um litígio àcerca da nossa mulher. Entretanto Calírroe foi confiada a Estatira, a soberana.

7. Quantas vezes me dispus a morrer, Siracusanos, podem vocês imaginar? Separado da minha mulher, tê-lo-ia feito não fosse ter-me salvo Policarmo, o único amigo, entre todos, que se me manteve fiel. É que o rei desinteressou-se do processo, incendiado por uma paixão por Calírroe. 8. Mas não chegou a seduzi-la nem a violentá-la. É que, por sorte, o Egito revoltou-se dando origem a uma guerra violenta, que para mim se transformou numa imensa felicidade. Quanto a Calírroe, a rainha levou-a na sua companhia; e eu, iludido por uma informação falsa que me deu um sujeito qualquer - de que ela tinha sido entregue a Dionísio -, quis vingar-me do rei; passei-me então para o lado egípcio, em cujo serviço cometi grandes feitos. 9. Tiro, que era uma cidade inexpugnável, consegui conquistá-la; nomeado almirante, bati o grande rei numa batalha naval e tornei-me senhor de Arados, onde o soberano tinha instalado a rainha e o tesouro que vocês viram. 10. Teria conseguido mesmo fazer do rei egípcio o senhor da Ásia inteira, se, na minha ausência, ele não tivesse morrido em combate. Por fim, conquistei para vós a amizade do grande rei, ao dar-lhe de presente a mulher e ao devolver à aristocracia persa as mães, irmãs, esposas e filhas. 11. Eu próprio trouxe para cá a elite dos Gregos e os Egípcios que assim o desejaram. Da Iónia há de vir um dia outra armada, que vos pertence também. A conduzi-la virá o neto de Hermócrates”.

12. Perante tais palavras, de todos os presentes se ergueram votos. Depois de acalmar o burburinho, Quéreas proclamou: “Eu e Calírroe queremos agradecer, diante de vós, a Policarmo,

o nosso amigo, que sempre nos testemunhou uma simpatia e lealdade absolutas. Se vos parecer bem, demos-lhe por esposa a minha irmã. Por dote, receberá uma parte do saque”. **13.** O que o povo aplaudiu e aprovou: “A esse homem bom, que é Policarmo, um amigo leal, o povo manifesta o seu reconhecimento. Prestaste à tua pátria um serviço digno de Hermócrates e de Quéreas”. Após o que Quéreas retomou a palavra: “Quanto a estes trezentos homens, gregos, o meu valoroso exército, peço-vos, concedam-lhes a cidadania”. E o povo bradou mais uma vez: “Bem merecem partilhar connosco a cidadania. Que essa proposta seja aprovada”. **14.** Redigiu-se o decreto e logo eles tomaram assento e participaram na assembleia. Quéreas presenteou cada um com um talento; aos Egípcios, Hermócrates atribuiu a posse de um pedaço de terra para cultivarem.

**15.** Enquanto a multidão tardava no teatro, Calírroe, antes de voltar para casa, dirigiu-se ao templo de Afrodite. Abraçou-se-lhe aos pés, pousou neles o rosto, soltou os cabelos, beijou a estátua e disse: “Graças te dou, Afrodite. De novo me mostraste Quéreas em Siracusa, onde, por desígnio teu, o vi, ainda donzela. **16.** Não te censuro, senhora, pelo que sofri. Era o meu destino. Há só uma prece que te faço: nunca mais me separe de Quéreas. Concede-nos uma vida feliz e a graça de morrermos juntos”.

É esta a história que escrevi sobre Calírroe.

**VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES**  
**GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS**

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).





O romance de Cáríton, *Quéreas e Calíroo*, pertence ao género ‘romance de amor’, um modelo com grande difusão na literatura grega da época helenística. Apesar de todas as dificuldades de datação, há algum consenso sobre a ideia de que se trata do mais antigo dos textos conservados do mesmo género. Além da sobriedade de estilo e da importância de um texto que repercute toda uma tradição literária anterior, o romance de Cáríton tem, como sua particularidade, uma falsa patine histórica, que resulta da menção de alguns acontecimentos e personagens paradigmáticos.

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



**C**  
ECH

CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I  
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS  
U